FIRST IN A NEW SERIES

THE HERO

SONS OF TEXAS



"Grant is a force to be reckoned with."
—*RT BOOK REVIEWS*

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

DONNA GRANT

The Hero

SINOPSE

Quando sua tia e seu tio são assassinados, seu pai é sequestrado por uma perigosa facção russa e a vida de sua namorada do colegial está em jogo, o Navy SEAL Owen Loughman não irá parar de mantê-la segura.

O regresso do herói.

Owen Loughman é um Navy SEAL altamente condecorado que tem sede de ação. Mas há uma coisa que ele não conseguiu esquecer: sua namorada do ensino médio, Natalie.

Depois de mais de uma década fora, Owen corre para casa quando o perigo ameaça tudo o que ele ama. O que ele não espera é ficar cara a cara com Natalie novamente. Agora ele arriscará tudo para impedir que Natalie seja prejudicada - e conquistar seu coração.

Natalie Dixon teve uma vida inteira de mágoa desde que Owen foi implantado. Quatorze anos e um casamento ruim depois, ela se vê misturada aos Loughmans novamente.

Com sua vida em risco contra um inimigo que ela não pode lutar sozinha, são os ombros fortes de Owen, os olhos ardentes e o seu sorriso sensual. Quando o perigo se aproxima, quanto risco ela corre de ficar com o único homem que já amou.



Staff

Tradução: Astrid Wilkins

Revisão: Angie

Leitura Final: Tolola

Formatação: Macária Angels

PRÓLOGO

Final de Julho

Natalie alisou os cabelos soprados pelo vento quando entrou no restaurante no centro de Dallas. Dakota tinha bifes excelentes, e também era um dos lugares favoritos dela.

Ela estava sentada em uma mesa para duas pessoas perto das vastas janelas enquanto tentava conter sua ansiedade. Puxando um estojo de sua bolsa, ela checou sua maquiagem e cabelo para ver alguma coisa enquanto esperava.

Desde o telefonema de dois dias atrás, ela estava nervosa. Ela não tinha ideia de por que concordou com a reunião. Ou por que diabos ela era uma bola de nervosismo.

Mentiroso.

Natalie fechou os olhos brevemente e suspirou. Quatorze anos não haviam esgotado seus sentimentos. Todo mundo dizia que era apenas um caso do ensino médio que ela logo esqueceria.

Para ajudá-la a superar isso, sua mãe tentou forçá-la a se casar na sociedade de Dallas. A resposta de Natalie foi deixar o Texas completamente para a faculdade. Foi aí que sua vida deu uma virada drástica e abriu uma infinidade de possibilidades.

De alguma forma, ela se viu de volta a Dallas. Ainda a fez sacudir a cabeça, maravilhada. Embora ela adorasse seu trabalho. Era a única coisa em sua vida que ela gostava.

—Natalie.

Ela olhou para cima e encontrou um homem alto com botas de caubói, jeans engomados, camisa branca de botões e um casaco cinza de tweed em pé em sua mesa. No alto de sua cabeça, cabelos escuros, havia um chapéu preto. Ele apressadamente removeu o chapéu de cowboy e o segurou contra seu peito enquanto lhe lançava um sorriso encantador.

—Querida, você só ficou mais bonita, se isso for possível.

Ela sorriu e começou a se levantar quando ele deu um beijo em sua bochecha. Natalie apontou para a cadeira.

— Orrin Loughman, você ainda é um flerte. Por favor sente-se.

Ele puxou a cadeira e abaixou sua estrutura alta antes de se inclinar e descansar o chapéu, de colocá-lo no chão. Uma rápida olhada mostrou que, apesar de estar na casa dos cinquentas, Orrin parecia melhor do que a maioria dos homens na casa dos trinta. Quando ele se endireitou, seus olhos dourados capturaram e seguraram os dela.

A chegada do garçom interrompeu mais a conversa. Depois que o pedido de bebida foi feito, o garçom se afastou.

—Aposto que você está se perguntando por que eu queria conhecer,— disse Orrin.

O sorriso deslizou. Seu rosto bronzeado tinha mais linhas de tensão e preocupação do que ela lembrava. Seu cabelo, tão castanho escuro que era quase preto, agora ostentava cinza nas têmporas.

Mas não diminuiu. Na verdade, Orrin ficou ainda mais bonito.

Natalie assentiu com a declaração.

—Não era como se você estivesse muito no rancho. Raramente conversávamos no ano em que saí com Owen.

Orrin começou a falar, mas hesitou quando o garçom apareceu com as bebidas. Ele aceitou o Bourbon com um aceno de cabeça enquanto Natalie girava lentamente a haste do copo de vinho.

Ela odiava ter mencionado Owen. Ela jurou que não. Mas quando se tratava de Owen, sua mente e coração faziam o que queriam.

—Meu filho foi um tolo por deixar você ir, — afirmou Orrin.

Natalie tomou um gole do chardonnay e odiou a vibração de felicidade que sua declaração causou. A alegria

que ela encontrou há tanto tempo se foi. Ela precisava se lembrar disso.

—Mas não é por isso que eu queria te ver.

Claro que não era. Natalie realmente se enganou ao acreditar que Orrin estava tentando trazer ela e Owen de volta?

Ela não tinha visto ou ouvido falar de Owen desde a noite da formatura, quando ele a largou tão de repente. Depois de passar o verão em lágrimas, ela o deixou e tudo a ver com ele para trás.

Ou assim ela pensou.

Ela encontrou os olhos dourados de Orrin, determinados a esquecer Owen.

—Por que então?

—Eu aprendi recentemente que você trabalha para a Embaixada da Rússia.

Isso causou uma pequena hesitação antes que ela assentisse.

—Eu faço.

—No ano passado, você viu ou ouviu algo sobre Ragnarok?

Natalie franziu a testa enquanto inclinava os braços sobre a mesa.

—Você quer dizer o conto da mitologia nórdica sobre o fim do mundo?

—Eu gostaria. — Orrin passou a mão no queixo.

Ela nunca esqueceria quantas vezes Orrin tinha ido em alguma missão para os Navy SEAL, deixando seus três filhos para trás com a tia e o tio no maciço Loughman Ranch.

Ele nunca falou sobre suas tarefas, mas não era difícil adivinhar que, seja o que fosse Ragnarok, isso tinha algo a ver com um emprego.

—Não posso ajudá-lo se você não me der mais informações, — insistiu.

O olhar de Orrin se estreitou. Seu olhar era intenso, como se ele estivesse tentando ler sua mente.

—Por que a Rússia?

Ela piscou, surpresa com a pergunta.

—Aprendi que tenho uma afinidade natural por aprender idiomas. Russo e italiano são meus favoritos. Fiz tão bem que me ofereceram um emprego em São Petersburgo.

—E a embaixada? — Ele pressionou.

—Como ocidental, nem sempre fui vista favoravelmente na Rússia. Tornou-se cada vez mais desafiador trabalhar lá. Então, voltei para o Texas. Foi quando a Embaixada da

Rússia entrou em contato comigo. Eu estive lá nos últimos sete anos. Agora me diga do que diabos se trata.

Orrin afastou seu Bourbon.

—Você tem certeza que nunca ouviu falar de Ragnarok?

—Positivo.

—Faça-me um favor. Se o fizer, ligue para este número.

Ele pegou um cartão de visita com as insígnias do Loughman Ranch e o deslizou sobre a mesa.

Natalie pegou o cartão e o virou para ver um número de telefone.

—Eu preciso me preocupar?

Orrin soltou um suspiro profundo.

—Todos sabemos, querida.

Isso não ajudou. Na verdade, fez dezenas de perguntas surgirem em sua cabeça. Todos correram de uma vez e, enquanto ela os examinava, descobrindo qual ela queria perguntar, ele continuou como se não tivesse acabado de mencionar uma pista de algo que ela suspeitava ser altamente classificado.

Orrin bebeu seu bourbon.

—Conte-me mais — ela insistiu.

Ele abriu o menu, piscando para ela por cima.

—Estou faminto.

Essa era a maneira de Orrin educadamente dizer a ela que não receberia mais nada dele. Não se falava mais de Ragnarok, missões ou Owen. Durante a hora seguinte, Orrin fez perguntas suficientes sobre os últimos catorze anos para mantê-la falando sem parar.

Mas ela não parou de pensar em Ragnarok ou no que poderia ser.

Quando ele a acompanhou até o carro, ela desejou conhecer Orrin há 14 anos. O tempo com ele hoje fora além de agradável. Isso a ansiava pelo passado.

E se preocupe.

O que Orrin sabia era importante o suficiente para procurar a ex-namorada do filho do meio. Orrin não faria algo de ânimo leve.

* * *

Duas semanas depois, Natalie entrou no escritório de seu chefe para pegar uma pilha de arquivos quando viu um relatório aberto em sua mesa. Seu olhar pousou em uma palavra no meio da página - *Ragnarok*.

CAPÍTULO UM

Setembro

As lâminas do helicóptero cortaram o ar com um som de *whop, whop* que Owen Loughman havia achado reconfortante. Ele se recostou com os olhos fechados no assento do helicóptero Blackhawk, tentando descobrir por que ele foi retirado de sua missão com sua equipe do SEAL no Afeganistão.

Não é de surpreender que ele não tenha dito exatamente nada.

Ele abriu um olho e olhou para o cockpit. Os dois homens que pilotavam usavam preto sólido. Nenhuma designação militar. Nenhum adorno de qualquer tipo. Obviamente, a CIA.

Owen testemunhou - e experimentou - seu quinhão de loucura desde que se tornou um SEAL. Os agentes da CIA pensaram que se mantinham sob o radar. Foi a maior carga de merda. Todos os reconheceram imediatamente.

Não foi o fato de ele não ter conseguido detalhes de por que ele e sua equipe tiveram sua missão interrompida após uma semana no deserto. Não que ele tenha sido empurrado para um avião no Oriente Médio sem explicação. Não era nem o fato de ninguém ter olhado para ele desde que ele

desembarcou nos Estados Unidos e foi prontamente colocado no Blackhawk.

Ele era um SEAL da Marinha. Ele estava preparado para qualquer coisa - toda e qualquer surpresa. Não, o desconforto tinha tudo a ver com a CIA. Ele não confiava nos bastardos do governo.

O sentimento de inquietação que salvou sua vida inúmeras vezes começou a se agitar. Ele soltou um suspiro e abriu os olhos quando virou a cabeça para olhar pela porta aberta do helicóptero.

Texas.

Ele reconheceria seu amado estado em qualquer lugar. Ele não voltou... teve que parar e contar... dez anos. Ele não conseguia acreditar que fazia tanto tempo. Para onde foi o tempo?

A última vez que viu o Texas foi o dia em que se formou na Universidade do Texas e ingressou na Marinha. Desde que ele estava no ensino médio, ele sabia que faria sua vida nas forças armadas. Era quem eram os Loughmans, datando desde a Guerra Revolucionária.

Ele foi o único a seguir os passos de seu pai e escolher a Marinha, no entanto. Wyatt, seu irmão mais velho, escolheu os fuzileiros navais, junto com Cullen, seu irmão mais novo.

Ele não conseguia se lembrar da última vez que falou com seus irmãos. A família deles não era próxima. Ele culpou o pai deles, porque era fácil. Embora na verdade, a falha estivesse com cada um deles.

O helicóptero começou a descer. Seu olhar contemplou as colinas e o gado se dispersando para se afastar do barulho. Então ele viu a casa branca de dois andares com detalhes em preto que trouxe de volta uma enxurrada de lembranças.

Casa.

Ele descansou as mãos nas coxas, cobertas de margaridas, desejando que sua arma não tivesse sido retirada dele no Afeganistão. O que diabos ele estava fazendo em casa?

O Blackhawk pousou a cem metros da casa. O piloto virou-se e olhou para Owen através da tela colorida do capacete.

—Chegamos ao seu destino, tenente-comandante.

Ele soltou o cinto de segurança e pegou sua mochila antes de pular para fora das portas abertas, seu olhar examinando a área enquanto as memórias voltavam. Assim que seus pés atingiram o chão, o Blackhawk voltou a voar.

Ele olhou para cima, vendo o helicóptero desaparecer. Então seu olhar deslizou para a casa. Parecia... vazio,

desolado. O que não poderia estar certo, já que a tia e o tio moravam lá.

Owen respirou fundo o ar fresco do Texas. E parado. Ele cheirou a morte.

Ele correu para o lado da casa e agachou-se, apoiando as costas na grade da varanda. Silenciosamente, ele abaixou a mochila no chão antes de olhar cautelosamente ao virar da esquina.

As numerosas plantas penduradas da tia Charlotte que ela cultivou com amor ainda pontilhavam a varanda, balançando na brisa. Um balancim vazio balançou.

Foi silencioso. Muito quieto.

Ele silenciosamente se arrastou para os degraus da frente. Se alguém estivesse lá, eles estavam dentro de casa. Ele olhou para trás. A paisagem aberta lhe permitiu ver alguém chegando. As árvores espalhadas eram grandes o suficiente para esconder um inimigo, mas até estavam longe demais para alguém o surpreender.

Exceto pelo carvalho lá atrás. Ele teria que andar com cuidado lá.

Ele correu os cinco degraus para a varanda e se achatou contra a casa ao lado da entrada da frente. Lentamente, ele abriu a porta da tela. Bem a tempo, ele lembrou o guincho se aberto todo o caminho.

Afastando-se do vidro embutido na madeira, ele apoiou a moldura da tela no antebraço enquanto colocava a mão na maçaneta. Então, com uma respiração profunda, ele torceu e deu um leve empurrão.

A porta pesada se abriu silenciosamente. Quando nenhum tiroteio explodiu, ele espiou dentro da casa. Quando ele não viu nada, ele rapidamente entrou, sua mão pegando a tela para fechá-la sem um som atrás dele. Ele foi para o lado do saguão e ouviu algum barulho.

A casa permaneceu silenciosa e quieta como antes. Em silencio, ele caminhou para a esquerda. Ele olhou para as escadas, mas optou por olhar primeiro ao redor do térreo. A sala da frente, que sua mãe usara como sala de música, fora transformada em uma sala de estar formal por sua tia.

Seu olhar procurou o espaço. Como se puxado para eles, ele viu dois buracos na parede. Buracos de bala. Um sentimento afundando o encheu.

Por longos segundos, ele olhou fixamente para o drywall estragado, esperando que fosse sua mente brincando com ele. Mas não havia como negar a verdade que estava diante dele. O trabalho de seu pai mais uma vez o seguiu para casa? Ele ficou furioso por Orrin não ter tomado precauções para manter sua família segura, como ele havia prometido.

Movendo-se para a parede, ele tocou nos buracos. As balas foram removidas, mas pelo tamanho das aberturas, ele supôs que eram 7,62 mm. Grau militar.

Seus olhos deslizaram para o próximo quarto. Ele sabia o que encontraria. Sua mente gritou para ele se virar e ir embora. A casa tinha visto tanta morte e, como sempre, ele foi quem a encontrou.

Ele não fugiu quando menino. Ele não faria isso agora. Embora seus anos com os SEALs tenham mostrado maneiras inacreditáveis de uma pessoa matar - e ser morta -, nada se compara a saber que isso atingiu sua família.

Novamente.

Owen engoliu em seco e atravessou a porta para a ampla sala de estar com a lareira de pedra de dois metros e meio de largura. A primeira coisa que viu foi o sangue. Ele revestia a poltrona reclinável, que também estava cheia de buracos de bala.

Ele apertou a mandíbula, a raiva acesa em seu intestino. Seus medos foram confirmados. Tio Virgil e tia Charlotte estavam mortos. Enquanto estava na sala de estar onde ele e seus irmãos assistiam TV, abriam presentes de Natal, brigavam e brincavam, o lado primordial dele - a fera que a Marinha havia moldado e treinado - exigia justiça.

Justiça que sua mãe não havia conseguido.

Ele lentamente transformou a névoa de raiva e angústia em fúria fria que poderia ser dirigida com represália tão horrível que os gritos dos homens que haviam matado sua família reverberariam no inferno.

Afastando os olhos da poltrona, ele se moveu lentamente pela sala de estar. Detritos do tiroteio estavam espalhados pelo chão, fazendo com que ele tivesse que escolher com cuidado onde colocar os pés para não fazer barulho.

Ele alcançou a entrada dupla em arco da cozinha e sentiu o peito apertar com fúria. Os atiradores encontraram tia Charlotte lá. Pela massa ainda no balcão, ela estava fazendo seu famoso pão. A poça de sangue no chão era grande, assim como o padrão de respingos nas paredes.

Uma tábua do assoalho rangeu atrás dele. Ele virou-se, com o braço erguendo-se para trás e acertando o intruso. No último minuto, ele reconheceu os olhos dourados e parou o ataque.

—Wyatt.

Seu irmão mais velho deu um aceno firme em cumprimento.

—Owen.

Ele franziu o cenho enquanto olhava o rosto de Wyatt coberto por uma barba espessa. Seus cabelos escuros eram

despenteados e longos. Wyatt ficou parado como uma pedra, seu olhar se movendo de um lugar para o outro.

Tendo se disfarçado várias vezes, Owen reconheceu o motivo da aparição de Wyatt. Seu irmão sempre esteve quieto. Um solitário. Somente os Loughmans conheciam a causa.

E ninguém falou disso.

Agora, Wyatt parecia ainda mais sério, se isso fosse possível. Ele era mais magro do que Owen lembrava, mais letal e cruel. Wyatt usava camuflagem preta sem insígnias. Então é para onde o irmão dele desapareceu. Força Delta.

Apesar do comportamento gelado de Wyatt, nem mesmo ele conseguia esconder a raiva que chiava em seus olhos ou a maneira como suas mãos se apertavam ao seu lado.

Homens como ele e Wyatt conheciam apenas uma maneira de buscar vingança - sangue. Quem fez isso com a família estava prestes a ver do que os irmãos Loughman eram capazes.

Wyatt deu a volta na cozinha e parou ao lado da poça de sangue. Seu olhar permaneceu nele por um momento antes de encontrar o olhar de Owen.

—Não há nada lá em cima.

Ele abriu a boca para falar quando o som de outro helicóptero encheu o ar. Os dois irmãos correram para a

frente da casa. Deslizando contra a parede, eles espiaram pelas janelas e viram outro homem de uniforme verde aparecer na porta do Blackhawk.

—Eu serei amaldiçoado, — ele murmurou quando Cullen saltou do helicóptero antes de pousar.

O boné de Cullen estava puxado para baixo sobre seu rosto enquanto ele olhava para a casa. Ele não se mexeu quando o helicóptero decolou, o som desaparecendo rapidamente.

Owen olhou para Wyatt e encontrou uma careta no rosto de seu irmão. Nada nunca mudou. Ele se afastou da parede e saiu pela frente da casa. A visão de seu irmão mais novo trouxe um sorriso. Pena que a reunião foi manchada com a morte. Mas isso parecia ser a maldição dos Loughmans.

Cullen largou a mochila do ombro e sorriu quando o viu. Owen pulou da varanda e encontrou Cullen no meio do caminho, envolvendo-o em um abraço.

Eles bateram nas costas em saudação. Ele então segurou o irmão mais novo no comprimento do braço e olhou nos olhos castanhos tão parecidos com os da mãe deles quando Cullen tirou o chapéu. Se ele pensava que Wyatt havia mudado, não era nada comparado a Cullen.

O olhar de Cullen continha um tom cínico, mostrando suspeita de que apenas alguém que estivesse mergulhado na guerra entenderia. Seus cabelos eram mantidos no estilo típico dos fuzileiros navais - altos e apertados - com os lados raspados perto da cabeça e apenas um centímetro de polegada espetado em cima.

—Droga, já faz um tempo, — disse Cullen com um sorriso brilhante.

Ele deu um tapa divertido na bochecha de Cullen, mas ele não conseguiu segurar o sorriso. Não quando ele sabia o que os unira.

—Você cresceu, irmãozinho.

A risada de Cullen morreu quando seu olhar se moveu sobre o ombro de Owen. O sorriso se foi, a dureza voltou ao lugar.

—Wyatt.

Owen virou-se para encontrar Wyatt na varanda, observando-os. A vida como Loughman não foi fácil para nenhum deles, mas particularmente para Wyatt. Owen ainda se lembrava de ser um garoto, como as pessoas costumavam ter inveja de seu rancho. Por alguns anos, os irmãos viveram uma vida de admiração e alegria.

Mas tudo quebrou em um dia tempestuoso.

Nenhum dos meninos tinha sido o mesmo desde então. Owen olhou entre seus dois irmãos, odiando que a tensão já estivesse de volta.

—O que está acontecendo?

Cullen perguntou quando seu olhar afiado olhou em volta. Onde estão o tio Virgil e a tia Charlotte?

Wyatt se apoiou no poste.

—Morto.

Os olhos de Cullen ficam intensos.

—Quão?

—Eu diria pelo menos cinco homens, — disse Owen.

Wyatt acrescentou: —Seis.

Ele desceu os degraus e apontou para o chão.

—Dois vieram na frente. Mais dois na parte de trás e vi mais dois conjuntos de pegadas ao redor dos celeiros.

Owen passou a mão pelo rosto. Isso foi um sucesso. Puro e simples. Mas contra a tia e o tio, quem foram os melhores seres humanos que ele já conheceu? Não se tratava de Charlotte e Virgil. Isso era sobre outra coisa. Ele imediatamente pensou em seu pai. Mas pode ser por causa de um deles também. Ele e seus irmãos tinham inimigos próprios.

Isso azedou seu estômago. Ele não jurou que não permitiria que essas coisas tocassem sua família novamente?

Ele voltou para a casa e para a sala de estar, seguido por Cullen e Wyatt. Ele olhou para a poltrona reclinável onde o tio havia sido morto na lareira, onde estava pendurada uma das espingardas.

—Está intocado, — afirmou Cullen.

Owen olhou ao redor da sala.

—Virgil nunca chegou a isso.

—Ele não teve chance contra esse poder de fogo, — afirmou Wyatt.

Cullen caminhou até a cozinha e ficou em silêncio por alguns minutos. Quando ele falou, sua voz era baixa e cheia de fúria.

—Não vou parar até descobrir quem fez isso.

—Nós sentimos o mesmo, — disse Owen, entendendo completamente como Cullen se sentia.

Cullen soltou um suspiro e encarou seus irmãos.

—Eu estava no meio de uma missão quando minha equipe foi contatada. De jeito nenhum fui pego e imediatamente trouxe aqui só porque eles foram assassinados.

—Você não era o único garoto, — disse Wyatt. —Eu também estava em uma missão.

Owen cruzou os braços sobre o peito.

—Faça disso nós três. Não consigo pensar em nenhum dos meus inimigos que saberiam me rastrear aqui. —

—Eu também, — respondeu Cullen.

Wyatt sacudiu a cabeça.

A raiva de Owen ardeu intensamente.

—Isso envolve papai. Tem que ser.

Um músculo bateu na mandíbula de Wyatt. Owen ignorou o sinal revelador de que Wyatt estava furioso e franziu a testa quando ouviu o som de um automóvel se aproximando. Os três se espalharam instantaneamente. Cullen pegou a porta dos fundos enquanto Owen se posicionava na frente. Wyatt agachou-se atrás do sofá na sala de estar formal.

O motor desligou e, um momento depois, a porta do veículo se fechou. Owen olhou pela janela e avistou a frente de um BMW 6 Series cinza escuro.

Segundos se passaram sem o som de alguém se aproximando. Wyatt virou a cabeça para os fundos da casa quando a porta da frente foi aberta, e alguém entrou. Owen parou um segundo antes de pegar a forma esbelta.

Ele colocou o intruso de costas imediatamente. No momento seguinte, Owen se viu no chão, encarando o teto. Ele ficou de pé e tentou olhar por baixo do boné de beisebol da pessoa, mas não conseguiu entender nada.

Owen não perdeu tempo obtendo a vantagem e batendo a pessoa contra a parede. Houve um suspiro que parecia distintamente feminino quando o ar nos pulmões do invasor foi forçado a sair.

Isso chamou sua atenção. Com um empurrão, ele tirou o chapéu. Uma riqueza de cabelos castanhos claros caiu livre.

Todo o fôlego o deixou quando ele encarou os olhos verdes que temia nunca mais ver.

—Natalie?

—Oi, meninos, — disse ela, sem querer.

Ele franziu a testa, subitamente furioso por encontrá-la lá.

—O que diabos você está fazendo aqui?

—Ela está me procurando, — veio uma voz atrás deles.

—Callie?

Wyatt perguntou com uma voz estrangulada cheia de surpresa e aborrecimento enquanto se levantava.

Callie Reed olhou para cada um deles enquanto andava em torno de Owen e acenou com a cabeça para Natalie. Ele

soltou Natalie, e ela se moveu para ficar ao lado de Callie. Ele trocou um olhar com seus irmãos, embora Wyatt não parasse de encarar Callie.

—Alguém nos diga o que está acontecendo? — Owen exigiu.

Callie deu de ombros. —Eu trabalho aqui.

Olhos verdes encontraram os dele. —Vim ajudar.

CAPÍTULO DOIS

Natalie sabia que os helicópteros pretos que viu a caminho do rancho podiam ser transportes para os meninos Loughman. Deu-lhe um pouco de emoção pensar que Owen poderia estar em um.

Então ela lembrou que ele a havia deixado. De repente, ela não queria vê-lo novamente. Mas as coisas que ela não podia mudar foram colocadas em movimento - e estavam fora de suas mãos agora.

—Entendo, — disse Callie através dos alto-falantes no carro de Natalie. —É um helicóptero militar.

—Eu queria chegar ao rancho diante deles.

Callie grunhiu em concordância. —Você não quer vê-lo.

—Eu realmente não.

—Bem-vindo ao meu mundo, — Callie murmurou.

Ela sorriu, mas não comentou enquanto continuava dirigindo em alta velocidade. —Onde você está?

—Eu deveria chegar logo atrás de você. Merda. Espere.

Natalie fez uma careta quando ouviu o barulho de pneus através da conexão telefônica. Ela esperou até ouvir Callie soltar outra série de maldições antes de soltar um suspiro.

—Os idiotas não podem dirigir, — Callie declarou irada. —Se eu não dirigisse tão bem, isso poderia acabar matando alguém.

—Guarde isso para os responsáveis pelos assassinatos de Charlotte e Virgil.

Houve uma pausa antes de Callie dizer tristemente: — Sim.

Os dias de Natalie voltando para sua casa para tomar uma taça de vinho e assistir a episódios de Criminal Minds ou Doctor Who se foram há muito tempo. Desde o dia em que viu Ragnarok naquele relatório e ligou para o número que Orrin havia lhe dado, sua vida mudou.

Foi quando ela e Callie começaram a conversar várias vezes ao dia.

O som de outro helicóptero voando baixo fez com que ela olhasse para cima. Parecia outro helicóptero militar, que imediatamente a fez pensar em Owen. Novamente.

Ela suspirou. Depois de todos os anos perdidos, ela pensou que ele teria sumido de seus pensamentos. Parecia que ela estava para sempre errada quando se tratava dele.

—Há outro. Aposto que são eles, — disse Callie.

—Acha que há alguma maneira de eu olhar em volta sem que eles saibam?

—Você quer dizer sem Owen saber? Duvido.

Ela sabia que Callie estava certa, mas isso não significava que Natalie tinha que gostar.

—Como está o trabalho? — Callie perguntou.

Como ela trabalhou para a Embaixada da Rússia e não tinha certeza se eles ouviram suas conversas, ela e Callie nunca falaram sobre seu trabalho. O fato de Callie mencioná-lo significava que havia uma razão.

—Ocupado. Tive dificuldade para fugir.

—O tempo não está do nosso lado.

Sobre isso, ela estava claramente ciente.

—Quanto tempo você acha que temos?

—Eu não sei. Tudo depende de encontrá-lo.

Sendo Ragnarok - uma arma biológica.

Quão diferente seria sua vida se Orrin não a contatasse em julho. Ela não se envolveria em sequestro, espionagem e assassinato.

E, no entanto... parecia que este era o lugar exato que ela precisava estar. Então, novamente, esse poderia ser o coração dela tentando convencê-la de que tudo isso levou de volta a Owen. Para ela, os homens eram porcos. Ela já teve o suficiente das mentiras, trapaças e besteiras que sempre acompanhavam o namoro.

Ela estava feliz vivendo a vida de solteira, sem ter que se limpar depois de ninguém, dividir seu armário, se

comprometer sobre onde comer ou se ela podia assistir seus programas favoritos. Não havia ninguém se escondendo, roncando ou...

—Natalie?

—Desculpe, — ela disse a Callie. —Eu estava pensando.

—Sobre Owen?

—Sobre tudo isso. A merda está prestes a atingir o ventilador assim que os meninos souberem o que está acontecendo.

Callie bufou alto. —Então deixe. Onde eles estiveram nesses últimos dez anos? Eles se deram ao trabalho de enviar uma porra de texto? Não. Eles não têm ideia do quanto isso machucou Orrin.

—Duvido que eles pensem sobre isso.

Ela deveria saber. No ano em que esteve com Owen, nunca houve duas coisas discutidas: o assassinato de sua mãe e seus sentimentos sobre seu pai.

—O que me irrita, — disse Callie firmemente. —Se eu tivesse um pai como Orrin, nunca estaria longe.

—Eu sei. — Callie foi outra que não discutiu sua família. E com uma família tão famosa em Hillsboro quanto os Reeds, não era de admirar.

Os juncos eram bêbados e criminosos do pior tipo. Foi Orrin quem ajudou Callie a escapar de tudo isso. E por que ela pensava em Orrin como pai.

—Temos que encontrá-lo, — disse Callie.

Natalie diminuiu a velocidade do carro e colocou o pisca-pisca enquanto se preparava para entrar no rancho Loughman.

— Vamos, Callie. Nós vamos.

—Mesmo que tenhamos que fazer isso sozinhas. Se os idiotas que Orrin chama de filhos não ajudarem, assegurarei que eles não estejam por perto para interferir.

Isso fez Natalie sorrir. Se alguém poderia fazer isso, era Callie. O que faltava em altura, Callie compensava em inteligência e conversas em torno das pessoas. Poucos poderiam acompanhá-la.

—Acabei de entrar no rancho. — Ela sentiu uma palpitação no estômago.

Excitação ou pavor? Ela não tinha certeza de que sabia.

Não era a primeira vez que ela estava no rancho desde o rompimento com Owen. Na verdade, ela esteve lá várias vezes desde que descobriu Ragnarok, mas desta vez foi diferente.

Desta vez, Owen poderia estar lá.

—Estou perto, — disse Callie.

A linha desconectada. Natalie não viu a cerca preta que ladeava os dois lados do caminho, nem as vacas e cavalos que pastavam pacificamente.

Seu olhar estava fixo na casa branca que se aproximava a cada segundo. No momento em que ela estacionou em frente à casa de dois andares, com sua varanda ampla e envolvente, tudo em que ela conseguia pensar era no jantar que ela teve na semana anterior com Callie, Virgil e Charlotte.

Ela estacionou o carro e olhou em volta. Não havia sinal de que mais alguém estivesse lá. Como ela esperava que alguém saísse ao som do carro, ela assumiu que Owen e seus irmãos ainda não haviam chegado à casa.

Ou talvez, a sorte estivesse do lado dela, e esses helicópteros não estavam trazendo os irmãos.

Ela saiu do carro, mas era mais difícil do que ela imaginava subindo os degraus da varanda. Ela pode estar envolvida em tudo isso, mas nunca havia testemunhado uma cena de assassinato em primeira mão.

Francamente, ela não queria.

Mas a vida de Orrin estava em risco. Tudo o que ela e Callie puderam descobrir apenas ajudou suas chances de descobrir quem levou Orrin e onde Ragnarok estava.

Ela chegou à porta da frente. Pelo menos ela não precisaria ver os corpos de Virgil e Charlotte. Eles já haviam sido levados.

Esse foi seu último pensamento quando ela atravessou a porta e se viu deitada de costas. Natalie soube no instante em que as mãos grandes a agarraram que era Owen.

Seu coração pulou uma batida, mesmo quando ela reagiu instintivamente e usou seu impulso para puxar Owen sobre sua cabeça. Ela se levantou, mas no instante seguinte, ele a prendeu na parede.

O calor dele foi a primeira coisa que ela sentiu. Então foi o corpo duro dele a prendendo. Ela se sentiu amolecendo, precisando senti-lo depois de todos esses anos.

Ela pensou que ele a ameaçaria. Em vez disso, ele tirou o boné. Seus olhos castanhos escuros se arregalaram em choque.

Como ela desejou que seu coração não parecesse que estava prestes a explodir para fora de seu peito. Ele era... de tirar o fôlego. Ela ficou em choque ao vê-lo. Características afiadas e cinzeladas que pareciam ter sido feitas de granito a encaravam. Não havia mais nenhuma dica da adolescente que ela conhecia. Diante dela havia um homem em toda a sua glória masculina.

Ele sempre foi alto, seus músculos afiados desde tenra idade por trabalhar no rancho. Agora, no entanto, Owen preencheu seus ombros largos. Sua camiseta marrom clara esticava-se firmemente sobre o peito, moldando cada ondulação de músculo em seus braços e ombros. A camisa estava enfiada nas calças camufladas que ela imaginava serem para o deserto pela areia e cor cáqui. Seu cabelo era mais comprido, os fios escuros se afastavam do rosto em ondas longas.

Sua surpresa por ter Owen contra ela foi rapidamente escondida. Pelo canto do olho, ela viu mais duas figuras. Como ela desejou ter esperado por Callie.

—Oi, meninos, — disse Natalie. Era a única coisa que ela conseguia pensar.

Owen franziu a testa, a irritação clara em seu olhar sensual de chocolate.

—O que diabos você está fazendo aqui?

—Ela está me procurando.

Ao som da voz de Callie, a maior parte da apreensão deixou Natalie. Agora ela não precisaria enfrentar os homens Loughman sozinha.

Ela mal prestou atenção a qualquer coisa acontecendo ao seu redor. Ela estava muito concentrada em olhar nos

olhos de Owen. Era óbvio que ele estava irritado por encontrá-la lá, mas ele ainda tinha que libertá-la.

E ela não o lembrou desse fato.

Ela permitir que ele a mantivesse presa era uma indicação de quanto tempo ela levou para superá-lo. E como ela se odiava por isso. Depois de tudo o que ela sofreu, ela deveria empurrá-lo para longe.

Seu corpo tinha outras ideias, no entanto. Com o sangue queimando através dela e seus mamilos duros, ela doía por seu toque.

Ansiava por isso.

Os olhos dele caíram na boca dela. Sua respiração ficou presa, presa na garganta. Sim! Ela queria o beijo dele. Não importava onde eles estavam ou quem estava por perto.

Vagamente, ouviu Callie e Wyatt conversando. Para sua contrariedade, Owen a soltou. Ela estava mais magoada do que queria admitir.

Talvez tenha sido o melhor. Ela jurou todos os homens. Especialmente Owen. Ela rapidamente se moveu para ficar ao lado de Callie.

—Alguém nos diga o que está acontecendo? — Owen exigiu.

Callie deu de ombros. —Eu trabalho aqui.

Natalie olhou para Owen e disse: —Vim ajudar.

* * *

A respiração de Owen travou em seus pulmões enquanto ele olhava para os longos cabelos castanhos de Natalie, riscados com fios de cobre. Ele queria que aqueles profundos olhos verdes dela pousassem nele novamente, para se encher de desejo... de novo.

Ela era ainda mais bonita do que ele lembrava. Os anos a transformaram em uma sedutora que o deixou sem fôlego e necessitado.

A garota havia se tornado uma mulher e que mulher ela era. Ele sabia o peso do peito dela na mão, sabia como era afundar em seu corpo e ouvi-la gritar de prazer.

E, no entanto, a mulher à sua frente agora exibia uma pitada de cautela que não existia antes. O que aconteceu com ela para tirar aquela garota alegre que ele conheceu uma vez?

Ele olhou para a flanela verde escura de botão, enrolada nas mangas. A camisa abraçou seus seios antes de deslizar para dentro de sua cintura para cair, sem dobrar, contra o jeans azul claro.

Ele nunca resistiu a Natalie usando jeans e botas de cowboy. Ele reprimiu um gemido. Owen queria correr até ela, puxá-la contra ele e saquear seus doces lábios até o mundo desaparecer. Em vez disso, ele permaneceu onde estava,

percebendo tarde demais que estava ferrado seis vezes desde domingo.

—É uma merda ser você, — Cullen murmurou.

Ele não se incomodou em responder porque mal conseguia entender o fato de que ela estava realmente lá. Natalie linda, vibrante e confiante.

—O que diabos você quer dizer com você trabalha aqui? — Wyatt exigiu de Callie com uma voz insensível.

Owen observou os olhos azuis de Callie brilharem com raiva. Era sempre o mesmo entre eles. Desde Callie tinha treze anos e Wyatt dezessete quando veio trabalhar no rancho durante o verão. Eles atacaram a cabeça imediatamente e raramente estavam juntos quando não estavam brigando.

Ele entrou antes que Callie pudesse dizer a Wyatt para onde ir e como chegar lá. —Você acha que todos esses anos mudariam vocês dois. — Seu olhar então se voltou para Natalie, que agora não olhava para ele.

—Não sou eu quem tem essa atitude, — disse Callie com um olhar frio na direção de Wyatt.

Ele encostou um ombro na parede.

—Você voltou depois da faculdade para trabalhar no rancho?

—Não. — Callie balançou a cabeça e inclinou-se para pegar o boné de Natalie. Ela entregou a Natalie e se endireitou.

—Eu trabalho para o seu pai.

—Porra maravilhoso, — Wyatt murmurou enquanto passava por eles até a varanda.

Cullen balançou a cabeça quando se aproximou de Owen.

—Como assim, você trabalha para o papai?

—Orrin está dirigindo uma equipe de operações privada aqui, — disse Callie, olhando para Natalie.

—Cavalo branco. Ele realiza missões privadas e secretas para o governo nos últimos anos.

Owen ficou pasmo com a notícia. Seu pai não estava mais na Marinha? Isso não foi possível. Assim como parecia improvável que Natalie agora estivesse em sua sala de estar.

—Papai nunca renunciou à sua comissão.

—Ele fez. — Callie sentou no braço do sofá.

—Ele e seus homens estão realizando missões que o governo não pode enviar nenhuma de suas forças.

—Por quê? — Cullen perguntou com uma voz suave.

Callie encolheu os ombros, seu olhar baixando para o chão.

—Ele mandou capturar homens no Iêmen e, apesar de sua posição, suas ordens para enviar uma equipe do SEAL para tirá-los foram derrubadas. Os homens morreram e ele já teve o suficiente. Ele colocou a papelada para se aposentar. Ela olhou para Owen.

—Até que o Departamento de Defesa o procurou com uma oferta.

—O Departamento de Defesa? — Cullen perguntou. — Papai disse que nunca iria trabalhar com esses idiotas.

Callie levantou uma sobrancelha.

—As coisas mudam.

—Como você se envolveu? — Owen perguntou. Ele notou que, embora Wyatt tivesse saído, seu irmão mais velho estava perto da porta de tela, ouvindo.

O sorriso suave de Natalie quando Callie olhou para ela disse que ela já conhecia essa parte. Por quão amáveis as duas mulheres eram, ficou claro que Natalie fazia parte das coisas até certo ponto.

Quando ele descobrir, ele a mandaria direto para casa. Ele precisava de uma cabeça clara e não podia fazer isso com ela por perto.

—Seu pai me encontrou em Quântico, — explicou Callie. O FBI me recrutou. Eu estava prestes a entrar quando Orrin me disse o que estava montando.

Owen esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Ele não dormia em trinta e duas horas e não parecia que ele iria descansar tão cedo.

—Você vai em missões com o papai?

—Eu já participei de alguns. Principalmente, coleto informações, recebo os pedidos de decodificação de Washington e corro o caminho para o que for necessário.

Cullen, cansado, balançou a cabeça.

—Agora eu sei por que estamos aqui.

—Sim, — disse Owen firmemente.

—Algo deu errado. Onde está Orrin, Callie?

Ela lambeu os lábios e secretamente olhou para a porta e Wyatt.

Foi Natalie quem interveio.

—Nós não sabemos. A missão partiu sem problemas. Ele e seus homens desembarcaram em Delaware na Base da Força Aérea de Dover.

—O avião que os levaria de volta ao Texas esperou mais de uma hora, — disse Callie, com os olhos cheios de tristeza.

—Foi quando liguei para a base. Eles encontraram os corpos dos seis homens de Orrin. Eles foram baleados no estilo de execução.

—Merda, — Cullen murmurou, passando a mão pelo cabelo curto.

Callie se levantou. —Isso não deveria ter acontecido. Seu pai escolheu esses homens. Eles são a elite de todas as forças especiais.

—Onde estava a missão? — Wyatt perguntou da varanda.

Callie fez uma longa pausa. Mais uma vez, Natalie interveio.

—Rússia.

Owen queria exigir que soubessem como Natalie estava envolvida, mas isso teria que esperar o momento. Mas não por muito tempo. Ele encontrou o olhar de Wyatt pela porta da tela antes de se virar para Callie.

—Você já ouviu falar de nosso pai?

—Não. — Ela colocou as mãos nos quadris vestidos de jeans e respirou fundo.

—Acreditamos que ele foi levado, — disse Natalie.

Owen assentiu.

—Caso contrário, eles teriam deixado o corpo dele. Qual foi a tarefa?

O olhar de Callie rapidamente deslizou para Owen.

—Um novo bioquímico criado para o exército russo chamado Ragnarok.

—Papai recuperou? — Cullen perguntou.

Callie olhou para cada um deles antes de dizer: —Sim. Junto com a fórmula.

—Isso é o suficiente para matar, — afirmou Wyatt.

Owen virou a cabeça para olhar para os dois buracos de bala na parede da sala de estar formal.

—Os russos mataram Virgil e Charlotte.

—A única razão para eles fazerem isso é se tiverem papai, e ele não estiver falando, — disse Cullen.

Wyatt bufou.

—Ele escondeu a arma biológica. Essa é a razão pela qual não encontramos o corpo de Orrin e por que os russos vieram para cá.

—Todo governo tem armas biológicas. O que é tão importante sobre este? — Owen esperava que a distância ajudasse a tensão entre Wyatt e o pai. Obviamente tinha sido uma ilusão.

Callie deu de ombros.

—Eu não sei, mas há algo diferente nisso.

—Precisamos saber o que é isso, — afirmou Cullen.

Wyatt concordou.

—Se fosse apenas Ragnarok que nosso governo quisesse, não estaríamos aqui. Papai é a outra razão pela qual fomos levados para casa.

Owen apertou a mandíbula.

—Nosso governo quer que o encontremos.

Cullen cruzou os braços sobre o peito.

—Vamos encontrar papai e os filhos da puta que fizeram isso.

—Na verdade, suas ordens são para localizar e levar a fórmula para DC. Acho que trazê-lo para casa foi mostrar o que estamos enfrentando - disse Callie e estendeu um pedaço de papel escrito em um código.

Cullen pegou o papel enquanto Owen olhou por cima do ombro de Cullen para lê-lo. Ele o reconheceu como o código que seu pai havia criado e os ensinou anos atrás. Callie já o decodificou, escrevendo a mensagem abaixo.

—Filho da puta, — Cullen murmurou.

Owen leu a mensagem duas vezes. Não foi a primeira vez que o governo colocou um item antes da vida de uma pessoa. Mas ele não faria isso sem encontrar o pai também. Ordens sejam condenadas.

—Parece que estamos indo em uma missão.

—Você não pode estar pensando seriamente em encontrar essa fórmula, — disse Cullen. —É melhor ficar escondido, como o papai queria.

Owen desviou o olhar para Wyatt, sabendo que o que ele estava prestes a dizer não ficaria bem com seu irmão mais velho.

—Ragnarok poderia estar em qualquer lugar. Só existe uma pessoa que conhece a localização. Nós vamos encontrar o papai.

CAPÍTULO TRÊS

Natalie girou e começou a sair da casa quando a voz de Owen a deteve.

—Não deixe a propriedade.

Ela ficou de costas para ele, mas assentiu antes de abrir a porta de tela e entrar na varanda e passar por Wyatt. Não havia necessidade de estar dentro de casa, pois os irmãos começaram a discutir como encontrar Orrin.

Natalie tinha suas próprias opiniões sobre a família Loughman e elas mudaram drasticamente desde que se encontrou com Orrin e estabeleceu sua conexão com Callie.

Sair? Ele realmente pensou que ela iria embora? Isso não iria acontecer. Ela foi pega no meio disso, quer quisesse ou não. E não importava o que Owen ou os outros pensassem. Ela estava bem e verdadeiramente conectada.

Ela ficou na varanda e olhou para a beleza que era a fazenda. Tantos dias ela passou ali na varanda, bebendo chá doce e conversando com Charlotte enquanto Owen trabalhava.

Uma vez concluídas as tarefas, eles selavam cavalos e faziam passeios que duravam horas. Foi o mais livre que Natalie já sentiu. Havia algo no rancho que a chamava, um sentimento de que era onde ela pertencia.

O nome Loughman era bem conhecido por sua mãe, mesmo que eles escolhessem não fazer parte da sociedade de Dallas. A riqueza e a posição deles deram-lhe um alívio da mãe que interferia.

Mas não foi isso que a manteve namorando Owen todos esses anos atrás. Foi a paixão e o amor que floresceram velozes e intensas. Ele não parecia surpreso com isso, mas ela com certeza estava. Aquele ano com ele mudou tudo. Ela viu o mundo de maneira diferente, sentiu tudo mais profundo. As coisas tinham sido tão simples então. Os próximos anos pareciam brilhantes e alegres.

Ela olhou para o grande céu azul com um punhado de nuvens. Quantas vezes ela jazia no chão em algum lugar da fazenda e encarava Owen? Eles falaram de sonhos e desejos. E planos.

Cada um deles ela o incluiu. Nem uma vez ele deixou transparecer que se sentia diferente. Foi sob o mesmo céu cheio de estrelas que ele quebrou o coração dela - e quase quebrou o espírito dela.

O passado não importava mais. Faz catorze anos atrás, com muita água embaixo da ponte agora. Ela estava lá por causa de Orrin e Callie. Ela estava no rancho porque não seria capaz de viver sozinha.

Então, não importa o quanto estar perto de Owen tenha trazido essas lembranças dolorosas, ela não estava indo a lugar algum.

* * *

Owen saiu da casa e procurou um vislumbre de Natalie. O carro dela ainda estava lá, o que significava que ela também estava. Ele estava ao mesmo tempo aliviado e aterrorizado com isso.

Ela sempre teve uma maneira de fazê-lo sentir tudo profundamente - muito profundamente. Com ela perto, ele não conseguiria se concentrar em nada além dela. Sua mente precisava estar absorvida na missão, fixada em seus alvos e, a todo momento, totalmente alerta.

Quanto mais cedo ela se afastasse do rancho e continuasse com sua vida, melhor.

Ou foi?

Os passos de Owen vacilaram. A própria visão dela antes o deixou sem fôlego. Mesmo agora, suas mãos ainda podiam sentir o calor dela, a suavidade. Seu corpo estava pressionado contra o dela, cada respiração dele inalando seu perfume fresco que foi queimado em sua memória.

Ele estava feliz com sua vida, com sua carreira. Então Nat teve que aparecer e sacudi-lo até o seu âmago. Seu

sangue ainda latejava por segurá-la, seu pênis ainda estava semiduro.

Tudo por ela.

Ele sacrificou tudo uma vez para garantir a segurança dela. E ele estava prestes a fazê-lo novamente.

A primeira vez quase o matou. Mas ele estava mais forte agora, mais seguro de sua decisão. Isso não significava que não o cortaria em dois para deixá-la pela segunda vez.

Uma imagem de seus olhos verdes cheios de desejo brilhou em sua mente. Seus passos diminuíram com o peso esmagador da saudade de Nat que o atacou.

Ele respirou fundo várias vezes e se recompôs. Então ele caminhou até o pasto à direita da casa e parou na cerca. Lá, ele observou uma égua e seu potro de um dia. A potra ainda era um pouco estranha nas pernas, mas pelo jeito que ela saltava e galopava, ela seria um cavalo tão bonito quanto a mãe.

A visão do rancho trouxe de volta uma enxurrada de lembranças - a maioria envolvendo Natalie. Muitas vezes ao longo dos anos, ele pensou em pedir a um de seus amigos para encontrá-la. Mas ele nunca foi além do pensamento, porque sabia que ela provavelmente era casada.

Ele não precisava de confirmação disso. Além disso, as coisas estavam melhores como estavam. Pelo menos ele

sempre pensou isso até ficar cara a cara com ela e ver seu dedo anelar esquerdo nu.

Estar de volta ao rancho despertou sentimentos que ele desejava poder esquecer. Não havia chance de esquecer o quão feliz ele estava, como tudo se encaixara quando ele estava com Natalie.

Aos dezoito anos, ele sabia que ela era a mulher para ele. O único que poderia acalmar sua alma e lhe trazer a paz que ele não tinha desde o assassinato de sua mãe.

Agora aqui Natalie estava mais uma vez.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de passos na grama. Callie se aproximou e ficou no degrau inferior da cerca enquanto observava o potro.

—Ela é bonita, com certeza. Seu pai estava ansioso pela chegada dela.

—O que aconteceu na missão? — ele perguntou enquanto a encarava, apoiando um braço na cerca enquanto ele o fazia. Ele precisava de algo para afastar seus pensamentos de Natalie, e era exatamente assim que sua mente precisava estar.

O cabelo de Callie estava preso em um rabo de cavalo, a cor castanha surpreendente à luz do sol. Seus olhos azuis eram diretos, penetrantes quando retornaram seu olhar.

—Ele deveria ter retornado. Nenhum deles deveria estar morto. Quem quer que caia sobre eles é bom.

Ela estava preocupada, ele percebeu.

—Eu preciso de detalhes. Se foram os russos que mataram Virgil e Charlotte para obter informações, provavelmente virão atrás de nós.

—Eu acho que você é exatamente quem eles querem.

Ela suspirou e saiu da cerca. Com as mãos nos quadris, ela inclinou a cabeça para o lado e apertou os olhos para o sol.

— Orrin tinha planos de pedir a cada um de vocês para se juntar a ele eventualmente, mas ele sabia que você não estava pronto para perdoá-lo. Ainda não, de qualquer maneira.

Ele não respondeu. Não havia necessidade. A história entre Orrin Loughman e seus filhos não era agradável.

Callie deixou cair os braços, olhando para baixo.

Ele se endireitou da cerca e olhou para a casa. Wyatt estava no telefone, conversando com um de seus superiores na esperança de entender mais enquanto Cullen reunia evidências em casa. Esses foram os poucos momentos de silêncio antes que todos entrassem em ação.

E Natalie já estaria longe há muito tempo.

—Diga, Callie, — ele insistiu.

—Eram russos.

—Você sabe disso como?

—Quem mais viria?

Ela tinha razão. Mas como eles sabiam que foi Orrin quem roubou Ragnarok? Isso é o que o incomodava.

—Os russos encontraram nossa base.

Ele levantou uma sobrancelha, uma raiva lenta queimando subindo enquanto ele compreendia sua implicação.

—Você quer dizer que a base está aqui? Papai operou seu grupo aqui? No rancho?

Callie não podia olhar para ele enquanto assentia.

—Ele não aprendeu nada? — ele explodiu, não mais capaz de conter sua fúria.

—A morte de minha mãe não foi suficiente?

Pelo canto do olho, ele viu Cullen do outro lado da casa e Wyatt terminou a ligação. Ambos olharam para ele.

—O que está acontecendo? — Cullen chamou.

Ele começou a ir para seus irmãos quando Callie agarrou seu braço.

—Espere, — disse ela e lambeu os lábios. Seu olhar disparou, provavelmente procurando por Wyatt. —Prefiro contar apenas para você.

—Diga-me o que? — Ele demandou.

—Sim, diga a ele o que? — Wyatt perguntou por trás de Callie.

Owen o viu se mover rápida e silenciosamente para chegar atrás de Callie. Para surpreendê-la ou ouvi-la, Owen não tinha certeza.

Callie enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans e fingiu não ter ouvido Wyatt. Ela retirou um pedaço de papel e entregou a Owen.

—Isso acabou de chegar.

Ele olhou para Wyatt por cima do ombro dela quando pegou o papel e o abriu. Era uma impressão de um e-mail codificado. Owen leu e entregou a Wyatt quando Cullen os alcançou.

—Todas as informações sobre a fórmula ou Orrin Loughman devem ser compartilhadas com o Departamento de Defesa, — Wyatt leu em voz alta. Ele se moveu para poder ver Callie.

—Quando você conseguiu isso?

—Você não me ouviu dizer agora? — ela perguntou revirando os olhos.

—Estava nos e-mails codificados, — respondeu ela, mal poupando um olhar a Wyatt.

A carranca de Cullen se aprofundou.

—Quem enviou?

—A missão do pai não foi sancionada, — supôs Owen.

—É por isso que eles nos trouxeram aqui. Eles deixaram claro que querem a arma biológica mais do que o pai.

—Isso é besteira, — declarou Callie.

Owen tinha seus próprios pensamentos sobre esse assunto. Não foi um bom presságio quando o próprio departamento que enviou Orrin na missão o deixou balançando ao vento. Algo estava muito errado. E todos eles sabiam disso.

O problema estava tentando desembaraçar a bagunça. Owen já esteve em uma situação como essa antes. Quanto mais fundo eles cavassem, mais informações e mentiras encontrariam. É aí que fica quase impossível determinar em quem confiar ou em que acreditar.

—Todas as suas atribuições foram sancionadas? — ele perguntou a Callie.

Ela balançou a cabeça e olhou para o celeiro onde Natalie estava na abertura.

—Somente alguns. Orrin teve cuidado com os que ele aceitou.

Wyatt balançou a cabeça em frustração e olhou para a égua e a potranca enquanto o silêncio se prolongava.

—Callie, quem enviou o e-mail? — Cullen perguntou novamente.

Callie pigarreou.

—O assassinato de Virgil e Charlotte saiu no noticiário ontem à noite.

A cabeça de Wyatt virou para ela.

—Por quê?

—O departamento do xerife já fez sua investigação depois que uma equipe do governo entrou e coletou evidências e levou os corpos, — respondeu Callie.

—Mark ligou esta manhã para me informar que eles não voltarão desde que a investigação foi entregue a vocês três.

—Mark? — Wyatt perguntou com os dentes cerrados.

Callie levantou uma sobrancelha, mas não parecia à maneira de Wyatt.

—Mark Cooper é nosso xerife há alguns anos.

Owen lembrou-se de Mark. Ele tinha a idade de Callie e todos sabiam que ele sempre teve uma queda por ela. Cullen deu de ombros para Owen enquanto olhava para Wyatt.

—Por que publicar no noticiário e depois nos enviar? — Cullen perguntou.

Owen esfregou o queixo quando viu Natalie.

—Eu gostaria de olhar a cena antes das autoridades locais entrarem. E por que enviá-las?

—Uma formalidade, — disse Callie.

Wyatt bufou alto.

—Uma equipe do governo não é chamada para limpar as coisas, a menos que esteja escondendo alguma coisa. Então eles mandam os locais?

Cullen apertou as mãos em punhos.

Owen estava pronto e disposto a ir atrás dos bastardos pelo que eles fizeram. Tratava-se de uma arma que poderia afetar o mundo inteiro, o assassinato de sua família e uma equipe de operações especiais, bem como o aparente sequestro de seu pai.

Ele sentiu o olhar de ouro de Wyatt nele. Wyatt deu um único aceno de cabeça, uma afirmação de que seus pensamentos eram os mesmos. Owen virou-se para Cullen.

—Porra, sim, eu estou pronto para ir atrás desses idiotas, — afirmou Cullen.

O olhar de Owen deslizou para Callie. No furor, ninguém se incomodou em notar como ela estava chateada. O pai deles contratara Callie como mão de obra, não apenas porque ela era boa em gado e cavalos, mas porque Orrin via algo nela que ninguém mais viu.

O rancho e os Loughmans se tornaram uma família para ela. Orrin tornou-se uma figura paterna, afastando-a da vida que sua família tentou empurrá-la repetidamente. Callie ficou arrasada com a morte da equipe e o

desaparecimento de Orrin, mas como era habitual, Callie a manteve trancada.

Isso era algo que ela e Wyatt tinham em comum. Não que ele apontasse isso para nenhum deles, a menos que quisesse levar um soco.

Callie levantou uma sobrancelha para sua pergunta silenciosa.

—Como se você precisasse perguntar. Eu estava pronto para ir atrás de Orrin. Por que você acha que Natalie está aqui?

O olhar de Owen se estreitou em Natalie. Ele ainda não havia descoberto como ela fazia parte de tudo isso, e isso o perturbava de uma maneira que ele ainda não estava pronto para reconhecer. Com a maneira como Callie falou, no entanto, ela reportou que Natalie está envolvida.

Isso estava prestes a mudar.

Ele então olhou em volta para os prédios perto da casa. Parecia que cada um dos celeiros ainda estava sendo usado para os animais. Então, onde estava a base?

—Você disse que papai usava o rancho como base. A menos que ele tenha tomado parte de um dos celeiros, eu não estou vendo, — disse Owen.

Ele voltou a cabeça para Natalie. Certamente não. Certamente, seu pai não o colocaria tão perto da casa. Com todos os hectares de propriedade disponíveis, por que lá?

Callie fez um sinal para que eles a seguissem. A direção os levou direto para Natalie e o celeiro de cavalos. E sua ira cresceu.

Como se sentisse seus pensamentos, Callie disse:

— Só para você saber, Virgil e Charlotte sabiam disso. A ideia deles foi que Orrin usasse o rancho. Ele escolheu um lugar a quinhentos metros, mas Virgil pediu que ele usasse algo mais próximo.

Não surpreendeu Owen que Virgil quisesse que Orrin fica-se perto. Os irmãos brigavam com frequência, mas cada um fazia qualquer coisa pelo outro. Eles eram tão próximos quanto Owen e seus irmãos não.

Owen sentiu o ressentimento saindo de Wyatt em ondas. Era sempre o mesmo quando qualquer coisa era discutida com Orrin. Owen acompanhou Callie até chegarem ao celeiro. Então ele parou ao lado de Natalie quando eles entraram. Só então Callie afastou um fardo de feno e apertou um botão.

Cullen pulou para trás quando o chão emitiu um pequeno ruído por segundo antes que um pedaço de terra deslizasse para trás, revelando escadas estreitas de metal.

Owen olhou para Natalie para ver que ela não estava surpresa com nada disso. Ele suspirou e desceu as escadas atrás de Natalie. Ele correu para o fundo, absorvendo todos os computadores e eletrônicos, bem como várias salas que se ramificavam.

— Por aqui - disse Callie quando a trava se fechou acima e ela passou pelos quatro.

Wyatt a seguiu pela fila de computadores, passando por uma sala de conferências com paredes de vidro e uma grande mesa preta com muitas cadeiras ao redor, até o que parecia ser uma parede de metal.

Ela parou diante de uma porta de aço e digitou um código. É desbloqueado com um clique. Callie abriu e estendeu a mão para eles darem uma olhada.

Cullen soltou um assobio. Assim que Owen entrou e teve um vislumbre de todos os rifles, revólveres, granadas, balas e outras armas diversas, bem como óculos de visão noturna e dispositivos de comunicação, ele entendeu.

—Droga, — disse Cullen com um sorriso.

—Um sonho tornado realidade.

Callie passou por eles até um pequeno laptop no canto de trás, onde Natalie esperava.

—Pegue o que achar necessário. Preciso informar ao DOD que você está indo atrás de Orrin.

—Ninguém disse que vamos atrás dele, — declarou Wyatt com uma voz desprovida de calor.

—Ele é seu pai, — disse Natalie, consternada.

Wyatt deu de ombros.

—Ele matou mais dois membros da família. Ele deveria ter aprendido da primeira vez.

Owen se escondeu entre eles e sustentou o olhar de Natalie por um momento. Então ele olhou para Callie.

—Primeiro, Wyatt é um idiota, e vamos atrás de papai. Segundo, não envie nada. O que quer que façamos, não estamos recebendo ordens do governo sobre isso.

—Isso significa que também não obteremos a ajuda deles, — ressaltou Cullen.

Wyatt resmungou atrás deles.

—Talvez seja melhor assim. Não devemos confiar em ninguém agora.

Owen virou a cabeça para Wyatt.

—Acordado.

—Idem, — disse Cullen.

Wyatt se virou friamente e começou a reunir armas.

Owen respirou fundo e encontrou Natalie observando-o. Eles ainda tinham que ter uma conversa sozinhos. Ele não tinha certeza do que dizer. Desculpe, não foi o suficiente.

—Acho que é hora de Natalie explicar por que ela está aqui, — disse Cullen.

CAPÍTULO QUATRO

Owen queria que a conversa entre ele e Natalie fosse feita em particular, mas talvez fosse melhor que fosse agora na frente dos outros.

Dessa forma, ele não estaria tão envolvido em seus sentimentos conflitantes e ansioso para abraçá-la novamente.

Ele esperou, ansioso para ouvir como ela foi puxada para essa bagunça. Uma vez que ele soubesse, ele poderia descobrir uma maneira de tirá-la e voltar com segurança à sua vida - tão longe dele e do perigo que ele poderia levá-la.

—No final de julho, Orrin me pediu para encontrá-lo para o almoço, — começou Natalie.

Wyatt colocou um clipe em uma pistola e virou-se para ela.

—Isso é algo que ele fazia frequentemente?

—Nunca antes. Era tão estranho que eu quase não o conheci.

—Mas você fez. — E Owen queria saber o porquê.

Callie clicou em uma caneta várias vezes.

—Foi depois que recebemos o pedido de Orrin e sua equipe para assumir a missão na Rússia. Havia algo sobre as ordens e Ragnarok que não se encaixavam bem com ele.

—Como você sabe? — Cullen perguntou.

—Ele disse alguma coisa?

Callie balançou a cabeça.

—Foi assim que ele agiu. Perguntei o que estava errado, mas ele provavelmente não me disse nada. Eu o vi fazendo algumas pesquisas sobre russos na área. O nome de Natalie apareceu.

—Passei três anos em São Petersburgo trabalhando antes de voltar a trabalhar para a Embaixada da Rússia em Dallas, — explicou Natalie.

Owen não podia acreditar que ela tinha morado na Rússia. O que mais ela fez? E por que ele sentiu como se tivesse sido deixado de fora de algo importante.

Porque ele tinha. Ele voluntariamente se afastou dela.

Para mantê-la segura. Para mantê-la viva.

—Por que a Rússia? — ele perguntou.

—Orrin queria saber a mesma coisa, — disse ela com um pequeno sorriso.

—Expliquei que, durante a faculdade, aprendi que era capaz de aprender idiomas facilmente, o que me levou a mudar meu diploma para linguística. Eu preferia italiano e russo. Quando me ofereceram um emprego na Rússia, decidi aceitar.

Wyatt puxou o escorregador com uma pistola, deixando-o clicar de volta no lugar.

—Então você fala russo fluentemente?

—Sim, — afirmou.

Owen franziu a testa.

—Papai contou sobre sua possível atribuição?

—Nenhuma palavra.

Natalie afundou em um dos bancos.

—Ele me perguntou se eu tinha visto ou ouvido alguma coisa sobre Ragnarok.

Wyatt acenou com a cabeça enquanto apoiava as mãos na mesa.

—Mitologia nórdica.

—É um cenário de fim do mundo, — disse ela.

—Eu não tinha visto ou ouvido nada sobre Ragnarok. Assim que eu disse isso, o resto do almoço foi agradável, sem mais essa conversa. Então, algumas semanas depois, vi um relatório onde Ragnarok foi mencionado.

—Foi quando ela me ligou, — disse Callie.

—Naquela época, Orrin e a equipe já estavam na Rússia coletando a arma biológica.

—Então a arma biológica é Ragnarok, — afirmou Owen.

Natalie olhou para Callie antes de dizer:

—Sim. Depois de ver o relatório e ligar para Callie, tentei investigar. Quando não encontrei nada, decidi perguntar ao meu chefe. Ele ficou agitado e fechado. No dia seguinte, soube que não era permitido em seu escritório sem ele lá.

Cullen levantou uma sobrancelha.

—Ele tem algo a esconder.

O olhar de Owen não deixou Natalie. Ele viu o jeito que ela se mexia. Havia mais na história dela.

Mas Callie o venceu quando disse:

—Isso não é tudo. Diga a eles, Natalie.

—Eu descobri que eles estavam rastreando tudo o que fiz no meu computador na embaixada, — explicou Natalie.

—Minha autorização foi restrita e logo descobri que estava sendo seguida.

—Mesmo fora do trabalho? — Wyatt perguntou com uma carranca de preocupação.

Ela encolheu os ombros.

—Eu não sei.

—Isso é tudo? — Cullen perguntou.

Natalie torceu o nariz.

—Eu gostaria. Hoje quase não fui trabalhar depois que Callie me contou o que aconteceu com Virgil e Charlotte, mas decidi ir para lá e fazer uma última pesquisa por qualquer coisa relacionada a Ragnarok. Eu sabia que não

poderia ser coincidência que Orrin perguntasse exatamente sobre o que ninguém queria falar. Eu não sabia sobre a missão. Eu só sabia que ele se foi.

—Mas você colocou dois e dois juntos, — disse Owen.

Ela assentiu, seus olhos verdes encontrando os dele.

—Tenho a sensação de que não vou trabalhar por mais tempo. Voltei ao escritório do meu chefe para encontrar o relatório e ler mais. Não encontrei. Mas encontrei um pedaço de papel com meu nome e a palavra Ragnarock abaixo. Por baixo, havia outra coisa: os santos.

—Quem diabos são os santos? — Wyatt perguntou.

Callie deu de ombros.

—Não tive chance de cavar. Mas ela não pode mais parecer.

Owen não podia acreditar que Natalie tinha ido tão longe quanto ela foi. —Absolutamente não. Você encontrou algo em Ragnarok?

Ela engoliu alto.

—Antes de diminuir minha folga, só encontrei uma menção a Ragnarok referente a algo em que um cientista estava trabalhando na Rússia.

—Pena que não sabemos mais, — disse Cullen.

Natalie olhou para cada um deles.

—Eu tive que vir. Não porque a embaixada sabe que estou investigando Ragnarok, mas porque posso ajudar com os russos.

—Merda, — declarou Wyatt em voz baixa.

Cullen cruzou os braços sobre o peito.

—Papai sentiu que algo não estava certo, então ele conversou com Natalie. Os russos sabem que Natalie está olhando para Ragnarok. Nosso governo está deixando papai pendurado ao vento, além de ordenar que forneçamos a eles todas as informações que encontramos. É uma tempestade de proporções épicas.

—Não confiamos em ninguém, exceto em quem está nesta sala, — disse Owen.

Todos deram um aceno de concordância.

Natalie se afastou da parede.

—Se vocês terminaram a casa, Callie e eu podemos começar a limpar. Não demorará muito para que os visitantes comecem a prestar homenagem.

—E ver outro assassinato aqui, — Cullen murmurou.

Owen franziu a testa então.

—Onde estão os corpos?

—E o mais importante, onde vocês duas estavam quando Virgil e Charlotte foram baleados? — Wyatt perguntou às meninas.

Callie levantou o olhar para Owen, com o rosto frouxo.

—Levei o mestre Ben para passear, verificando algumas das cercas como fiz.

Owen não podia acreditar que o garanhão ainda estava por perto. Ele teria que trazer uma maçã para o cavalo.

—Eu ouvi os tiros, — Callie continuou enquanto se sentava ereta, com os olhos desfocados.

—Voltei correndo o mais rápido que pude, mas estava muito atrasada. Normalmente, cumpro um cronograma rigoroso, mas fiquei preocupada porque não recebi notícias de Orrin depois que eles chegaram a Delaware. Virgil sugeriu que eu desse um passeio para clarear minha cabeça.

Cullen caminhou para o lado de Callie.

—Não é sua culpa.

—Eu poderia ser capaz de detê-los se eu estivesse aqui.

Ela engoliu em seco, seu olhar sem foco direcionado para a parede.

—Se você estivesse aqui, eles também a matariam, — apontou Wyatt.

Owen assentiu lentamente.

—Estou feliz que você não estava. Sem você, não saberíamos metade do que sabemos.

Ele então olhou para Natalie. —E você?

—Na minha casa. Eu fui a segunda ligação que Callie fez.

—Gostaria de saber por que ela ligou para você,— disse Wyatt.

Owen também.

—Estávamos fazendo nossa própria pesquisa em Ragnarok aqui, — disse Natalie. —Tínhamos o cuidado de nunca falar sobre isso por telefone. Qualquer um ouvindo pensaria que estávamos apenas nos reunindo para tomar uma bebida.

Antes que ele pudesse perguntar, Callie disse:

—Orrin me deu um número para ligar se alguma coisa acontecesse com ele. O homem que respondeu me pediu para explicar a cena, além de contar sobre a última vez que ouvi Orrin. Ele ordenou que eu não tocasse em nada porque estava enviando uma equipe. Em trinta minutos, um helicóptero chegou.

—CIA? — Owen perguntou.

Callie deu de ombros.

—Eles não falavam comigo, exceto para me dizer para sair de casa. Eu os assisti pegar Virgil e Charlotte, bem como reunir cartuchos de balas e outras evidências. Então eles se foram. Uma hora depois, Mark e seus homens chegaram.

Embora eles não parecessem surpresos ao descobrir os corpos desaparecidos. Eu não perguntei o que ele sabia.

Owen olhou para seus irmãos.

—Nós vamos.

—Vamos precisar desse número de telefone, — disse Wyatt.

Callie piscou e deslizou o olhar para ele.

—Orrin disse que era apenas para emergências.

—Acho que isso constitui uma emergência.

O olhar de Wyatt se estreitou quando ele a olhou de cima a baixo.

—Você não?

No momento em que Callie estava prestes a iniciar uma discussão, Owen disse: —Vamos levar alguns dias para digerir tudo.

—E elaborar um plano, — acrescentou Cullen.

Natalie estava de pé em seu lugar no banquinho.

—Vou começar a limpar.

—Ajudarei já terminei de reunir as poucas evidências restantes, — disse Cullen, depois de olhar ansiosamente para a base.

Owen deu um tapa no ombro dele.

—Você voltará, garoto. Então você pode brincar aqui pelo tempo que quiser.

—Pare de me chamar assim — Cullen rosnou.

Depois que Owen e Wyatt deram uma olhada no centro de operações e passaram por e-mails, eles voltaram para casa para ajudar os outros.

Nas duas horas seguintes, os cinco trabalharam para remover qualquer vestígio de sangue da residência enquanto discutiam diferentes planos de ataque. A certa altura, Owen olhou para cima e viu Wyatt ajudando Cullen a levar a poltrona para atrás de um dos celeiros.

Ao mesmo tempo, um Chevy Suburban branco apareceu.

—Sra. Turnbill — disse Natalie quando foi até a porta.

CAPÍTULO CINCO

—Trouxemos comida, — disse a sra. Turnbill, enquanto entregava a Callie um prato grande e coberto.

As outras três damas seguiram Wanda e entregaram os pratos a Cullen, Wyatt e Owen, que foram forçados a sair para a varanda.

— Pegue o chá, Natalie - insistiu a sra. Turnbill.

Natalie se virou, sentindo as pernas de madeira e o estômago inseguro se deveria permanecer na garganta ou despencar. Era assim que ela se sentia desde que vira Owen pela primeira vez.

Era pior quando aquele olhar de chocolate dele pousou nela. Então ela não conseguia se lembrar de qual caminho estava direita e qual estava à esquerda.

Enquanto eles estavam limpando, ela teve uma tarefa em que se concentrar, algo a fazer além de tentar manter as mãos longe de Owen. Agora, havia companhia.

Mas essa empresa a fez pensar nos responsáveis pelas mortes de Virgil e Charlotte. Eles estavam à espreita em algum lugar, esperando atacar novamente?

Seu olhar pousou em Owen. Ela não queria que ele soubesse o quanto estava assustada até ele chegar. Perceber que ela foi seguida a deixou doente do estômago.

O que era esse Ragnarok pelo qual as pessoas matariam? Certamente está não era a única arma biológica que a Rússia possuía. Não. Isso significava que havia algo de especial em Ragnarok.

—Natalie?

Ela pulou, lembrando que não estava sozinha. A arma biológica foi rapidamente esquecida quando os olhos de Owen encontraram os dela brevemente. Ela deu um sorriso para a sra. Turnbill, depois a senhora idosa disse seu nome novamente.

Foi preciso tudo o que ela precisava para caminhar até os fundos do Suburbano. Suas mãos tremiam tanto que foram necessárias duas tentativas para abrir as portas. Owen foi o único homem que a deixou tão ansiosa. Mesmo depois de todos esses anos, ele ainda tinha o mesmo efeito nela.

Natalie pegou os dois jarros de chá doce e se virou. Ela parou quando encontrou Wyatt parado ali. Ele pegou sua barba grossa, que escondia a maior parte do rosto dele, e seus olhos dourados a encararam.

Houve um lampejo de aborrecimento naquelas profundezas douradas.

—O que você está fazendo aqui? — ele exigiu com uma voz suave que não fez nada para esconder sua raiva.

—Eu expliquei isso claramente.

O olhar dele permaneceu fixo no dela.

—Essa é a única razão?

—Eu sei que você nunca gostou de mim, Wyatt, mas você se foi quando Owen foi embora. Foi ele quem terminou. Eu não.

—Você acha que eu não gosto de você.

Ela piscou. Isso foi uma pergunta ou um comentário? E isso é tudo o que ele ia dizer sobre a declaração dela?

—Eu sei que você não gosta de mim.

—Eu nunca dei essa indicação.

Natalie mudou os jarros de galão. As alças estavam beliscando seus dedos.

—Não se preocupe. Eu não estou aqui por Owen.

—Realmente.

Mais uma vez, ela não tinha certeza se era uma pergunta ou não. Natalie se moveu ao redor dele.

—Realmente.

Ela subiu os degraus da varanda e tentou entregar o chá doce para Cullen, mas o Loughman mais jovem apenas sorriu e abriu a porta de tela para ela.

Natalie tinha certeza de que todos haviam enlouquecido. Ela só queria dar o chá para alguém e voltar a procurar Orrin e Ragnarok.

A sra. Turnbill estava colocando a louça na geladeira quando viu Natalie. Ela então olhou para Owen.

—Não fique aí parado, filho. Ajude ela.

A sra. Turnbill tinha uma maneira de influenciar sua voz que poderia levar qualquer pessoa a entrar em ação graças a seus anos como professora. Owen não foi diferente. Ele reagiu instantaneamente, pegando o chá.

As mãos deles se tocaram. Uma sensação de formigamento correu por seu braço e contra seu peito. Ela olhou para ele. Seus olhares se chocaram, mantendo-se, enquanto o calor e o desejo ferviam entre eles.

Quatorze anos não haviam esgotado a paixão. Apenas a intensificou.

Natalie esfregou as mãos nos jeans e deu um passo para trás. Ela se virou e encontrou Cullen e Wyatt bloqueando a saída da porta da frente.

—Sinto muito por Virgil e Charlotte. Eles eram pessoas boas — disse a sra. Turnbill aos meninos.

O sorriso de Cullen estava triste.

—Eles eram. Eles foram capazes de controlar os três como ninguém mais poderia. Eles faram muita falta.

—Espero que você encontre quem fez isso, — disse ela.

—Você viu alguém fora da cidade fora do comum? — Cullen perguntou a ela.

A velha balançou a cabeça de cabelos brancos antes de olhar para as amigas.

—Não, não temos. Você acha que quem fez isso ainda está por aí?

—Não sabemos, — respondeu Owen.

Então atingiu Natalie. Ela era jovem quando a mãe de Owen foi assassinada, mas havia sido o assunto da pequena cidade há meses. Todos especularam que era por causa do trabalho de Orrin com os militares, especialmente quando o FBI apareceu. Tanto quanto Natalie sabia, o caso de Melanie Loughman nunca havia sido resolvido.

Agora, houve mais dois assassinatos depois que Orrin voltou à cidade. Coincidência? Ela duvidou disso.

Ela a fez escapar de casa depois de alguns minutos. Ela atravessou o quintal até o piquete e estendeu a mão para o potro. O potro não chegaria até ela, mas a égua sim. Natalie esfregou a testa do cavalo. Owen tinha dado a ela um amor por cavalos. Ela sempre admirou as belas criaturas, mas não sabia o quanto era divertido cavalgar até Owen.

—Nat.

Sua mão parou e seu coração perdeu uma batida ao som da voz dele. Ela olhou por cima do ombro enquanto continuava acariciando a égua, o potro se aproximando antes de recuar no último minuto.

—Oi, — ela finalmente respondeu.

—Não tivemos a chance de conversar sozinhos.

Ela esfregou a bochecha na manga da blusa.

—Eu sei. — Ela virou-se para encara-lo. —Você parece bem.

O sorriso dele era quente.

—Você também. Pensei que você estivesse saindo desta cidade pequena e nunca mais voltando?

—Sim, — ela disse com uma pequena risada. —Não é tão ruim quanto eu pensava.

Olhos escuros a observavam.

Ela baixou o olhar para a pele beijada pelo sol. Ele sempre tinha um brilho dourado sobre ele, mas seu bronzeado era mais escuro, falando de muitos dias lá fora. Cor do deserto.

—Então, SEAL? — ela perguntou. Ela descobriu de Callie. Não a surpreendeu que ele fosse o único a seguir os passos de seu pai.

—Sim.

Isso explicava muito sobre ele, de seu comportamento ao corpo e a maneira como ele examinava as coisas como se estivesse avaliando tudo como uma avaliação de ameaças.

O silêncio se estendeu entre eles, tornando-se quase estranho. Ela estava procurando algo para dizer quando a sra. Turnbill e os outros saíram da casa.

— Cuide-se, Owen — chamou a sra. Turnbill quando entrou no SUV.

Natalie usou a partida como desculpa para voltar para casa. Qualquer coisa para fugir das emoções com as quais ela estava lutando em relação a Owen.

—Eu deveria ajudar Callie com toda a comida.

Ela não ficou surpresa quando Owen não a impediu. Embora uma parte dela realmente desejasse que ele tivesse.

Horas depois, ela teve um momento para si mesma. Seus nervos estavam em perigo pela proximidade de Owen e pela ameaça que pairava sobre eles.

Callie veio até ela enquanto se dirigia para a porta da frente.

—Os meninos estão na sala conversando.

Boa. Nat não conseguiu lidar com outro confronto com Owen naquele momento.

—Eu acho que vou voltar para a casa de minha mãe e tomar banho. Depois disso, vou pegar uma taça de vinho e tentar dormir.

—Fique aqui, — insistiu Callie.

Ela olhou ao redor da casa. —Acho que não.

—E o grupo que a atacou?

Ela caminhou para a varanda e desceu para o carro com Callie ao seu lado.

—É só por hoje à noite. Vou pegar minhas coisas e ficar no rancho depois disso. Eu apenas preciso.

—Ficar sozinha, — terminou Callie.

—Compreendo.

Natalie sentiu a tensão entre Callie e Wyatt, mas achou melhor mencionar.

—São apenas algumas horas.

—Muita coisa pode acontecer em algumas horas.

—Não estou tão longe e tenho minha arma.

Callie sacudiu a cabeça e pegou o celular. Ela discou um número e colocou o telefone no ouvido.

—Ei, Mark. Você pode mandar alguém para vigiar a casa de Diane Dixon hoje à noite? Callie fez uma pausa.

—Está certo. Natalie estará lá. Ótimo. Obrigado.

—Você só pode estar brincando, — disse ela.

Callie deu de ombros.

—Eu não vou perder mais ninguém. Precaução é a chave, minha amiga. Um policial deve estar lá quando você chegar.

Ela só podia sorrir quando entrou no BMW. Foi bom ter um amigo assim. Ela acenou para Callie enquanto se afastava.

* * *

Depois de uma longa noite de visitas, conversas e perguntas sobre quando seria o funeral para Virgil e Charlotte, Owen saiu para a varanda horas antes do amanhecer com uma xícara de café.

Em algum lugar fora da noite, Cullen vigiava. Owen olhou para a escuridão, lembrando o quão vasto era o rancho - e as muitas áreas que um inimigo poderia esconder.

Como tinha sido o caso desde o momento em que Natalie voltou à sua vida com toda a força de um tornado, ela entrou nos pensamentos dele e o consumiu.

Ele se perguntou se ela e Callie estavam juntas, conversando sobre ele. Isso foi uma ilusão da parte dele. Natalie fez o possível para não ficar sozinha com ele novamente.

Enquanto ele fazia tudo o que podia para deixá-la sozinha.

Havia tanta coisa que ele queria saber sobre os anos de separação. Ele queria todos os detalhes, ver todas as fotos e ouvi-la todos os pensamentos.

Depois que ele saiu da noite de formatura, ele fez tudo o que pôde para tirá-la da cabeça. Ele passou a ter uma vida. Na sua opinião, Nat havia permanecido em Hillsboro. Ele nunca a imaginou indo para São Petersburgo para trabalhar.

Isso o fez perceber que ela também continuará com sua vida. No fundo de sua mente, ele sempre soube disso. Mas ele não sabia o que ela estava fazendo. Agora ele fez.

E foi um lembrete de que ele não fazia mais parte da vida dela.

A porta da tela rangeu quando foi aberta e Wyatt saiu. Ele ficou ao lado de Owen, os dois olhando silenciosamente através da terra.

—Farei a próxima inspeção, — disse Wyatt.

Owen tomou um gole de café.

—Há muitas terras por aí para cobrir.

—Callie já pensou nisso. Ela estava murmurando algo sobre arrumar as coisas mais cedo.

—Esses bastardos estarão de volta.

—Sem dúvida, — concordou Wyatt.

—Não quero que ninguém nos espreite. Não sei o que Callie planejou, mas precisamos implementá-lo o mais rápido possível. Ela teve muita sorte de não estar aqui antes.

Owen estava balançando a cabeça quando se lembrou de Nat mencionando que ela sentia que alguém a estava seguindo. Havia uma alta probabilidade de que ela estivesse sendo seguida, e Owen descobriria amanhã.

A porta da tela bateu um segundo antes da luz acender no alto. Wyatt girou, xingando quando Owen deu um passo para trás nos raios de luz.

Ele olhou para encontrar Callie segurando uma bolsa de couro que parecia ser um cruzamento entre uma maleta e uma bolsa. O rosto dela não tinha cor.

—Callie? — Owen disse, subitamente preocupado.

Ela engoliu em seco e levantou a bolsa.

—É da Natalie.

—Então, leve para ela, — respondeu Wyatt.

Mas Callie já estava balançando a cabeça.

—Eu não posso. Ela não está aqui.

Owen sentiu uma pontada de faca de medo através dele.

—Como assim ela não está aqui?

—Ela foi buscar as coisas na casa da mãe. Natalie planejava passar a noite lá e voltar de manhã.

—Vocês duas perderam a cabeça? — Wyatt exigiu com raiva.

—Você esqueceu todo o sangue que limpamos antes?

Callie balançou a cabeça e lançou lhe um olhar fulminante.

—Claro que não, idiota. Liguei para Mark. Ele enviou um policial para vigiar.

Isso fez Owen se sentir um pouco melhor, mas ele ainda não estava feliz que Natalie partisse.

—O que você tem? — Ele perguntou, acenando para a pasta.

—Ela tinha alguns papéis espalhados mais cedo. Peguei-os para guardá-los quando vi o arquivo.

O olhar de Owen caiu para a bolsa e o vislumbre de páginas que ele viu foi rapidamente empurrado para dentro.

—O que você viu?

—As letras vermelhas em negrito me deram uma pausa. É algo em russo que eu procurei e estou feliz por ter pesquisado no Google. É um documento classificado que não é endereçado a Natalie.

Wyatt levantou um ombro.

—Poderia ser do trabalho dela.

—Ou pode ser que ela acidentalmente tenha pegado algo que não deveria ter.

A mente de Owen girou com possibilidades, e ele não gostou de nenhuma delas.

Callie disse: —Ela nunca deveria ter saído do rancho.

—Eu vou atrás dela, — disse Owen. Ele não precisava mais ouvir. Natalie estava com problemas.

Depois do que aconteceu com sua mãe, Owen não permitiu que o mesmo destino acontecesse com Natalie. Não se ele pudesse fazer algo sobre isso.

Ele a deixou para trás por esse motivo. Nada o impediria de chegar a ela a tempo. Ela não morreria por causa dele ou de sua conexão com a família dele.

Wyatt jogou o café para fora, um olhar sombrio no rosto.

—Eles podem estar vigiando a casa dela.

—Chegou a hora de usarmos nossas habilidades.

Owen girou nos calcanhares. Quer ele quisesse ou não, Natalie estava de volta à sua vida - pelo menos por enquanto.

Ele a manteria segura. Assim como ele acharia as pessoas responsáveis e acabaria com suas vidas miseráveis.

—Se vocês se apressarem, podem tirá-la de casa e voltar aqui dentro de uma hora. — disse Callie.

Wyatt sorriu.

—Meu tipo de missão.

CAPÍTULO SEIS

A última vez que Natalie olhou para o relógio, já passava das duas da manhã. Desde que ela deixou o Loughman Ranch, a imagem e as memórias de Owen do ano que passaram juntos não a deixaram.

Eles agitaram sua mente na repetição, lembrando-a de tudo o que tinha sido maravilhoso - e tudo o que tinha dado tão errado.

Pesquisa sobre Ragnarok - ou qualquer outra arma biológica - apenas confundiu sua mente, trazendo seus pensamentos de volta para Owen. Ela não encontrou nada útil de qualquer maneira. Tentar dormir provou ser igualmente ridículo. Fechar os olhos a colocou em foco ainda mais.

Ela pensou em quão perto ele estava dela apenas algumas horas antes.

Como ele a tocou, e seu corpo respondeu como se tivesse passado catorze minutos desde a última vez que ele a segurara e não catorze anos.

Quão profunda sua voz tinha sido. Aquele sotaque sexy e áspero do Texas sempre fez seu estômago palpitar. Quando eles se formaram, ele estava à beira da vida adulta. Um

homem em toda a sua glória poderosa e masculina tinha estado diante dela antes.

Owen não era como a maioria dos adolescentes. Ele sempre foi determinado e motivado. Ele sabia o que queria e o que não sabia. E, assim como seus irmãos, ele guardava quase tudo para si.

Enquanto ela se perguntava o que fazer com sua vida, Owen sabia o tempo todo o que seu futuro lhe reserva. E não tinha sido ela.

Ela pensou que eles estavam tão perto. Enquanto ela derramava todo segredo, desejo, Owen estava lentamente se fechando para ela. Ela estava tão absorta em se formar e cursar a faculdade que não o notou se afastando. Até que ele se foi.

Durante anos, ela o culpou. Foi só nos últimos cinco que ela percebeu que a falha estava com ela. Ela era cega demais para ver as mudanças. Talvez se tivesse, pudesse falar com ele.

Mas, no final, tudo acabaria exatamente como antes.

Owen não a amava o suficiente para ficar. Não como ele disse a ela que tinha. A obrigação de todos os Loughmans de servir seu país era mais forte do que qualquer outra coisa.

Até amor.

Natalie deve ter finalmente cochilado para dormir depois de se virar e virar. Ela estava sonhando com Owen. Ela sabia que era um sonho, porque ele estava com ela, sussurrando seu nome enquanto acariciava seu rosto.

Então eles estavam correndo pelo rancho no topo de cavalos com o luar em cascata ao seu redor, despreocupados e apaixonados. Rindo, com um futuro juntos esperando por eles.

Uma mão apertou sua boca. Os olhos de Natalie se abriram quando o medo a congelou no lugar.

—Nat.

Owen. Ela olhou para o rosto escondido nas sombras acima dela. Cada fragmento de luz se foi da luz noturna no corredor para o poste do lado de fora.

—Precisamos sair, — Owen sussurrou, a urgência em suas palavras a forçando a aceitar a situação.

Apesar de já ter passado anos desde que ela vira Owen, ela o conhecia o suficiente para saber que ele não teria invadido a casa dela por brincadeira. Ele estava aqui por um motivo.

E esse foi o motivo dos russos.

Ela sabia, sem ser informado, que eles deviam segui-la. Sem fazer perguntas, ela saiu da cama. A mão dele nas

costas dela a empurrou para o chão. Como ela deveria vestir alguma roupa?

Natalie descobriria algo. Ela rastejou em direção a sua mala, mas o braço de Owen envolveu sua cintura quando ele a levantou e a virou para a janela.

Ela parou, porque não estava saindo de camisola. Mas Owen teve outras ideias quando ele a pressionou firmemente. Ela olhou para ele, mas ainda não conseguia ver o rosto dele.

Havia um ar de perigo, de necessidade que ela não podia abalar. Natalie decidiu não falar e fez exatamente o que Owen queria.

Quando chegou à janela, sentiu uma brisa fresca. Essa janela geralmente estava trancada. Como Owen não apenas o abriu, mas também o fez para que ela não tivesse ouvido?

Ela ficou de joelhos e espiou pela janela. No segundo seguinte, ela estava de costas com Owen em cima dela. Seu peso a lembrava de noites agradáveis passadas sob as estrelas juntas.

De paixão sem fim e beijos sem fim.

De promessas sussurradas.

Do amor.

Ela fechou os olhos e memorizou o momento. Uma das pernas dele estava entre as dela. Ela lutou para permanecer parada, mesmo quando o desejo pulsava dentro dela.

Mas ele não se mexeu. Ela começou a se perguntar se ele estava respirando. O medo começou a aninhar-se desconfortavelmente em seu estômago. Algo estava muito errado.

Segundos se transformaram em minutos. Então ela ouviu o chamado de uma coruja Hoot. Exceto que não era uma coruja. Era um dos Loughmans. Ela lembrou como eles aperfeiçoaram os apelos de vários animais nativos do Texas enquanto caçavam.

Na ligação, Owen saiu de cima dela. No instante seguinte, ela estava mais uma vez nos braços dele quando ele a levantou pela janela. Natalie mordeu o lábio para se preparar para os pés descalços atingirem o chão cheio de pinhões e inúmeras outras plantas que estavam apenas esperando para perfurar a pele sensível na parte inferior do pé.

Exceto que seus pés nunca tocaram o chão. Ela se viu nos braços de Wyatt enquanto Cullen enfiava um par de botas nos pés. E eles não eram botas de caubói. Eles se sentiram mais pesados e muito grandes.

Então não importava, pois Owen estava de repente ao lado dela. Ela estava de pé quando os dedos de Owen envolveram seu pulso.

Eles não saíram correndo como ela esperava. Eles se moveram silenciosamente e lentamente de uma árvore para a outra. Embora a lua estivesse no céu claro, era apenas uma unha e não permitia muito na luz.

Mas Natalie ainda viu que era Wyatt quem os liderava, e Cullen quem subia pela retaguarda. Natalie estava colada ao corpo de Owen - de costas para a frente dele. A mão grande dele estava espalhada sobre o estômago dela, guiando-a.

De repente, uma sombra surgiu do nada com uma arma apontada para ela. Owen a empurrou para o lado. Natalie tropeçou nas botas muito grandes e caiu de joelhos e mãos, raspando a pele. Quando ela olhou por cima do ombro, Owen estava trancado em combate com um homem sem rosto.

Ela esperou os irmãos dele se juntarem, e foi quando ela percebeu que os três estavam brigando. Natalie ouviu um grunhido à sua esquerda. Então ela ouviu um estalo suave, que ela reconheceu como uma arma com silenciador, e a casca da árvore contra a qual ela estava lascada perto de seu rosto.

Alguém tentou atirar nela. Com o coração batendo forte, ela abaixou a cabeça e correu para outra árvore. Ela achatou as costas, o olhar percorrendo a área, tentando espiar a escuridão.

Cada respiração parecia uma eternidade, enquanto esperava que Owen ou seus irmãos terminassem e a encontrassem, mas os segundos se estenderam sem parar.

Ela ouviu algo à sua esquerda e percebeu que alguém estava vindo para ela. Natalie não ia sentar e esperar para ser morta. Eles teriam que trabalhar se a quisessem morta.

Tirando as botas grandes, ela usou a árvore para ajudá-la a se levantar e olhou para os Loughmans. Ela não conseguia tirar os olhos de Owen. Não importava quantos filmes ela assistiu, testemunhar esse combate nas proximidades era completamente diferente.

E levou para casa o perigo.

Natalie se inclinou e se moveu para a direita, em direção a Owen e seus irmãos. Ela veio para outra árvore e a usou como escudo. No entanto, ela não conseguia encontrar quem estava atrás dela.

O olhar dela voltou para Owen. Cada vez que um punho se conectava à pele, cada trituração de osso e todo gorgolejo de dor ela recuava.

Ela estremeceu quando Owen foi atingido e silenciosamente comemorou cada ataque que ele fez.

Então ela ouviu algo atrás dela. Seu coração bateu forte quando ela tentou se afastar, mas uma mão grande e carnuda agarrou seu braço.

Ela foi puxada e uma arma enfiada em seu rosto.

—Agora você morre, — disse uma voz com um forte sotaque russo.

Ela lutou com o homem com tudo o que tinha. Ele era alto, e suas mãos enormes a seguravam tão facilmente como se ela fosse uma criança. Ela chutou e arranhou até que ele bateu em sua bochecha, jogando o pescoço para trás.

Ela pensou ter ouvido alguém gritar seu nome, mas estava lutando para permanecer consciente enquanto a escuridão se infiltrava nos limites de sua visão. Então ela estava caindo, aterrissando com força no chão frio.

Alguém tocou seus cabelos e ela tentou se afastar. Eles a seguraram facilmente.

—Sou eu, Natalie, — disse Cullen.

Foi quando ela ouviu os grunhidos altos e o som dos ossos quebrando. Natalie levantou a cabeça para ver Wyatt ao lado de um cadáver enquanto Owen lutava com outro.

Não foi muita luta. Owen estava de pé sobre o homem que estava de joelhos tentando desviar os golpes de Owen sem sucesso. Então ela viu o brilho do luar de alguma coisa.

Uma faca.

Ela não conseguiu despejar um pingo de pena quando Owen mergulhou a lâmina no coração do homem. Se não fosse por Owen e seus irmãos, aqueles homens a teriam pego.

O policial! —Existe um….

— Eles o pegaram primeiro — Wyatt sussurrou. — Apenas o deixei inconsciente.

—Estamos saindo agora. — Cullen a ajudou a se levantar.

Owen estava ao seu lado novamente, levando-a para longe da cena. Cullen deve ter colocado as botas de volta nela, porque mais uma vez, ela lutou para mantê-las.

Ela perdeu a noção do tempo enquanto procurava na escuridão qualquer coisa para se lembrar de onde estavam enquanto tropeçava. Várias vezes, Owen parava enquanto Wyatt ou Cullen desapareciam, apenas para retornar alguns momentos depois.

Natalie estremeceu no ar da noite. Se ao menos ela ainda dormisse com seus pijamas de boxer, não estaria se sentindo tão... exposta. Embora ela pensasse que conhecia

bem o quintal de sua mãe e a floresta ao redor, Natalie se perdeu alguns minutos depois de sair de casa. Ela nem sabia em que direção estavam indo.

Claro, isso poderia ter algo a ver com ter a cabeça sacudida após um golpe.

Medo e ansiedade estavam cobrando um preço. Combinada com a falta de sono e o ataque, a única coisa que a mantinha de pé era adrenalina. E quando isso desapareceu, era provável que ela desmaiasse.

Parecia horas antes que ela sentisse os músculos de Owen relaxarem um pouco. Então ela viu o porquê quando eles chegaram ao topo de uma colina e ela olhou para o Loughman Ranch. Com um leve puxão, Owen a puxou para baixo enquanto se agachava. Ela caiu de joelhos exausta.

Durante todo esse tempo, nenhum deles falou uma palavra. Ela não deu um tapa nos mosquitos que a mordiam ou gritou quando se jogou contra um arbusto com espinhos que cortavam seus braços e pernas.

Cullen descansou a mão no ombro de Owen, e então ele se afastou, misturando-se na escuridão como se o engolisse inteiro. Com um aceno de cabeça, Wyatt fez o mesmo na direção oposta.

Ela e Owen permaneceram onde estavam. Durante todo o tempo em que andaram, Owen não a diminuiu. Ele a manteve firme contra ele.

Verdade seja dita, isso a fez se sentir segura.

Por outro lado, ela sempre se sentiu assim com ele, mesmo antes de ele ser um SEAL.

Com os sons da noite embalando-a contra o calor do corpo de Owen, ela se aconchegou mais perto e sentiu seus olhos queimarem. Ela os fechou por um momento.

* * *

Owen soube no instante em que Natalie adormeceu. Ele a manteve na posição vertical para que ela não caísse enquanto a cabeça pendia para o lado. Sem pensar, ele descansou o queixo sobre a cabeça dela.

Ele nunca ficou tão assustado como quando viu um dos russos com Natalie. Owen reagiu instantaneamente - e com força letal. Eles poderiam levá-la para estuprar, torturar ou matar.

E isso o desencadeou como poucas coisas podiam.

Mais tarde, ele teve certeza de que seus irmãos o perguntariam sobre isso. Agora, ele só queria Natalie no rancho, onde ele poderia mantê-la segura.

Estar com Natalie no escuro o lembrou dos momentos em que eles escaparam para fazer amor sob as estrelas. Não

importava quantas mulheres o perseguiam, ele só via o rosto dela.

Owen desejou que não fosse uma situação de vida ou morte que os colocasse em tal posição agora. Ele desejou voltar ao Texas mais cedo. Ele desejou não ter saído naquela fatídica noite há muito tempo.

Mas ele foi embora porque Natalie era a única coisa que poderia fazê-lo ficar. Ele sabia que o que eles compartilhavam era algo especial, algo que só acontecia uma vez na vida.

O som do primeiro, depois um segundo apito de cada um de seus irmãos lhe disse que estava claro. Ele hesitou. Ele não queria acordar Natalie. Uma vez que ele fez, a realidade da noite desabaria ao seu redor.

—Nat, — ele sussurrou.

Levou um momento antes que ela levantasse a cabeça e se lembrasse de onde estavam. Ele olhou para ela e assentiu. Somente quando ela devolveu o aceno, eles ficaram de pé, os dedos entrelaçados enquanto caminhavam das árvores.

Suas costas estavam retas, seu olhar para frente, mas ela segurou a mão dele como se sua própria vida dependesse disso. Independentemente do passado deles, pelo menos ela sabia que ele a protegeria.

A única coisa que Owen sempre quis ser era um herói aos olhos dela. Esta noite, ele conseguiu seu desejo. Foram as circunstâncias que fizeram seu estômago revirar. Natalie nunca deve se envolver em algo assim.

Era vida e morte daqui em diante.

O que significava que a vida dela estava em suas mãos. Era um peso pesado que ele carregava, mas ele fez com prazer. Porque era Natalie.

Porque ela significava tudo para ele.

Eles correram pelo quintal em direção à casa. Quando eles se aproximaram, Owen viu uma forma sair das sombras. Callie abriu a porta para que ele e Nat pudessem entrar correndo.

—Eu estava ficando preocupado — disse Callie.

Owen olhou pela janela antes de se virar para Natalie. Sua boca ficou seca quando ele a olhou pela primeira vez. Ela usava um vestido acanhado que caía na parte superior das coxas, preso nos ombros por tiras finas. Era de seda preta com renda creme na parte superior e inferior.

Suas bolas se apertaram quando ele percebeu que era nisso que ela dormia. Esse era o material que ele sentiu contra sua mão a noite toda. Não dava mais proteção que um sussurro.

Owen não tinha pensado no que ela estava vestindo. Seu único objetivo era tirá-la de casa antes da chegada dos russos.

O olhar dele viu os numerosos arranhões e mordidas no peito, braços e pernas. Natalie colocou os braços em volta de si mesma e estremeceu.

Antes que Owen pudesse afastar sua mente de imaginar tirá-la do vestido, Callie colocou um cobertor em volta dos ombros.

Natalie agarrou-a com força, trazendo-a para esconder a seda preta da vista. —Obrigado, — disse ela à Callie.

—Sem problemas. — Callie então lançou um olhar sombrio para Owen.

Ele apontou o queixo para a cozinha. —Tenho certeza que Natalie poderia tomar um café.

— E roupas — Callie murmurou enquanto passava por ele.

Embora Callie fosse brusca com ele, sua mão era gentil quando se virou para Natalie e a guiou para a cozinha. Ele o seguiu, parado na porta quando Natalie se sentou em uma cadeira à mesa e Callie serviu duas xícaras de café. Owen recusou a xícara, que Callie guardou para si mesma.

Natalie olhou para a mesa depois de tomar o café. Callie encostou as costas no balcão enquanto segurava a caneca entre as duas mãos, olhando entre ele e Natalie.

—Eles estão todos mortos? — ela perguntou e levantou seus profundos olhos verdes para os dele.

Ele não queria nada além de lhe contar uma mentira. Ele não queria que ela fosse arrastada para a bagunça que Orrin havia criado, mas não havia como contornar isso agora. O pai dele a colocou lá, e ela entrou de bom grado em tudo.

Em situações como essa, a pior coisa que uma pessoa poderia fazer era mentir. A vida de Natalie estava em risco, e ela precisava entender isso.

Por haver uma mudança drástica, ela provavelmente lutaria.

—Sim, eles estão todos mortos, — Owen disse a ela.

Natalie tomou um gole de café e assentiu.

—Obrigado.

—É o que eu faço.

—Como você sabia que eles estavam lá?

Callie falou antes que ele pudesse.

—Encontrei um arquivo em seus documentos.

—Um arquivo? — Uma carranca franziu a testa de Natalie.

Callie puxou a pasta da bolsa de Natalie e deslizou-a sobre a mesa. Ele viu o rosto de Nat empalidecer quando ela abriu e leu as páginas.

—Oh meu Deus.

—Eu sei que está marcado como classificado. Essa é a única palavra que procurei, —disse Callie.

Owen mudou-se para ficar ao lado de Natalie para ver o arquivo.

—O que diz?

—Não é à toa que eles vieram atrás de mim. Eu peguei isso por engano, mas se eu soubesse que estava lá, eu aceitaria mesmo assim.

Ele respirou fundo e soltou-o lentamente. —O que é isso exatamente?

—Eu.

Os olhos verdes dela se ergueram para ele.

—Este é essencialmente tudo sobre mim.

Por um batimento cardíaco, Owen só podia olhar para ela, seu cérebro digerindo as notícias. Isso não poderia estar acontecendo. Ele deixou Natalie para garantir que nada como isso a tocasse e aqui estava ela, bem no meio de uma pilha de merda alta demais para passar por cima.

—Ele lista meu endereço, o endereço de minha mãe e todos os associados conhecidos, — continuou ela.

Callie assentiu. —É claro que eles queriam saber para onde você poderia ir caso passasse por eles.

—O rancho também está listado.

—Porque você e Callie estavam conversando, — disse ele.

—Você acionou alarmes por toda a embaixada que escavava Ragnarok. — Owen só podia imaginar as coisas que os russos tinham visto e ouvido Natalie fazendo cada vez que falava com Callie.

Callie passou a mão pelos cabelos, puxando o rabo de cavalo para fora.

—Eu não gosto disso. Tínhamos o cuidado de não discutir detalhes por telefone.

—Isso não importa, — disse ele, afastando as palavras dela.

—A espionagem de Nat fez dela um alvo. Eles a deixaram viver apenas porque esperavam que ela os levasse à arma biológica.

Natalie olhou dele para Callie e voltou para ele.

—E agora?

—Agora que meus irmãos e eu estamos aqui, você está no caminho. Eles reuniram que você não sabe de nada.

Callie torceu o lábio.

—Eu realmente quero acabar com esses idiotas.

—Nós vamos, — ele prometeu.

Não havia outra maneira. Tinha que ser feito. E eles não poderiam perder mais um segundo.

—No entanto, também podemos usá-los.

Callie balançou a cabeça. —Esse é um jogo perigoso.

—Nós temos uma escolha? — Perguntou Natalie.

Uma imagem do idiota que retrocedeu Natalie surgiu em sua mente.

—Não, nós não. Não temos ideia de onde Orrin está ou como encontrá-lo. Os russos são a melhor chance que temos.

—E Ragnarok? — Callie perguntou.

Ele fez um encolher de ombros.

—Encontramos Orrin, encontramos a arma.

Callie sentou sua caneca ao lado da pia.

—Vamos nos ocupar, então.

Owen não conseguia desviar o olhar de Natalie. Ela ainda não havia percebido o impacto do que havia acontecido hoje à noite, mas logo perceberia.

O primeiro passo foi isolá-la de tudo. Se o grupo russo a quisesse, eles teriam que passar por ele para buscá-la. E isso nunca aconteceria.

Era certo que ela estava agora no rancho. Ela pertencia lá.



Ela pertencia a ele.

Sempre tive. Sempre faria.

CAPÍTULO SETE

Natalie só podia olhar para o jornal que tão casualmente pedia que ela fosse morta. Isso a deixou... abalada. Frio.

Aterrorizado.

Se Owen não tivesse vindo, ela estaria morta agora. Tudo porque ela procurou Ragnarok. Fosse o que fosse essa arma biológica, ela estava contente por Orrin a ter escondido para mantê-la fora das mãos da Rússia ou dos EUA.

Ela ouviu Owen falando atrás dela. Natalie não precisava se virar para saber que ele estava falando com seus irmãos. Agora que ela estava segura em casa, os horrores que ocorreram antes voltaram para ela.

O som da arma, o jato da casca. A visão do cano da pistola que apontou para o rosto dela. Sua bochecha doía com o golpe, mas não era nada comparado a correr por sua vida.

Sua mente se voltou para Owen. Ele estava calmo, como se experimentasse essas coisas diariamente. E foi isso que salvou a vida dela.

Ela lembrou como ele lutou sem piedade e sem um pingo de compaixão. Natalie nunca poderia fazer isso, mas, novamente, ela não era um soldado como os Loughmans.

Owen e seus irmãos fizeram o que tinham que fazer por seu país e por aqueles que amavam. Eles não pararam para pensar nas consequências ou se isso poderia matá-los. Eles reagiram instantaneamente.

—Oh, garota, —disse Callie, sentando-se ao lado de Natalie na mesa.

—É bom que Owen não esteja vendo essa sua cara agora. Ele a colocaria na cama dele no próximo segundo.

Na cama dele. Em seus braços. Sob o céu noturno. Ela aceitaria isso. Estar vivo depois de chegar tão perto da morte.

—Ele fez uma escolha. Não fui o que ele escolheu, —disse ela.

Callie olhou para ela.

—Mas você ainda tem sentimentos por ele.

—Já tive homens suficientes e em segundo lugar.

Com isso, Callie bufou.

—Homens são porcos.

—Amém. Quão diferente seria minha vida se eu não tivesse casado com meu ex.

—Não teria, não poderia ter, e não deveria ter. É mais seguro deixar as pessoas fora das conversas. Você não pode mudar o passado. Está feito. Olhar para trás apenas mantém você lá.

Ela sabia que Callie estava certa, mas era difícil não passar por suas memórias de Owen porque houve momentos verdadeiramente maravilhosos.

—Eu estaria morta se não fosse por Owen.

—Você se arrepende de seu envolvimento com a coisa toda de Ragnarok?

Natalie lançou lhe um olhar irônico.

—Eu te disse desde o início, não.

—Eles não estavam te seguindo ou tentando matá-lo.

Verdade. Isso também foi antes de ela compreender o quão importante era a missão de Orrin.

—Isso não muda nada. Estou nisso agora, quer queira ou não. E eu não quero sair. Eu quero encontrar esses caras e aqueles que dão as ordens. Alguém tem que pagar pelos assassinatos que cometeu.

—Essas pessoas não têm ideia de quem são os Loughmans. Quase sinto pena deles — disse Callie. Então ela sorriu. —Quase.

Natalie devolveu o sorriso de Callie. Não demoraram muito tempo para estabelecer uma amizade. Mesmo que Natalie se lembrasse de Callie de antes, eles não tinham saído exatamente.

Quando jovem, Callie era linda. O tipo de beleza que você viu nas capas de revistas ou nos filmes. Mas a de Callie

era totalmente natural. Ela não usava maquiagem e sempre mantinha o cabelo comprido para poder puxá-lo para trás ou trançá-lo.

Natalie se enterrou mais fundo no cobertor.

—Os russos podem estar em qualquer lugar.

—Eles não vão tocar em você, confie em mim.

Owen perdeu sua mãe por tanta brutalidade. Ele acabou de perder as duas pessoas que o criaram de maneira hedionda.

—Você não será adicionada à lista.

—Eu sei que ele não deixará nada acontecer comigo ou com você, mas eu vou ajudar. É melhor ele se acostumar com essa ideia.

Callie riu. —Tenho certeza que você não terá problemas para convencê-lo disso.

—Vou precisar de algumas roupas. Minhas malas ainda estão na casa da minha mãe e não tenho tempo para uma viagem a Dallas.

—Por enquanto, há algumas roupas nas minhas coisas que vão funcionar.

—Não é exatamente o meu estilo, mas será melhor do que o que estou vestindo. Eu gostaria de ter mais cobertura na próxima vez que falar com Owen.

Callie riu enquanto caminhava da cozinha.

—Você pode repensar isso se tivesse visto a expressão de Owen.

Agora Natalie desejava ter visto o olhar de Owen. Flertar com esse tipo de paixão novamente estava se preparando para o coração partido, mas ela não conseguia evitar quando se tratava de Owen Loughman.

Ele teve o coração dela desde o momento em que a convidou para sair.

Natalie se levantou e seguiu Callie, olhando para ver que os irmãos haviam se mudado para a varanda.

—Você sabe, eu me segurei ele e nosso amor por um longo tempo e, no processo, arruinei vários relacionamentos porque não podia admitir que ele se foi.

Callie subiu as escadas, olhando para trás quando alcançou o patamar. Ela parou perto de uma porta fechada do quarto.

—Como você conseguiu?

—Com dificuldade, — admitiu Natalie. Ela parou, as memórias a inundando.

—Pensei que Owen fosse com quem me casaria, o homem com quem passaria o resto da vida. Sua necessidade de servir era mais forte do que qualquer amor que tivéssemos. Descobrir isso e permitir que ele afundasse em meu cérebro foi como eu fui capaz de me soltar lentamente.

Callie desviou o olhar para uma das portas mais abaixo no corredor - o quarto de Owen.

—E agora?

Natalie torceu os lábios.

—É como se eu nunca tivesse aprendido a desistir. Todos esses sentimentos estão de volta.

—Droga, — disse Callie suavemente.

Natalie deu de ombros.

—Aprendi minha lição, no entanto. Eu não vou por esse caminho novamente.

—Boa sorte com isso. — Callie abriu a porta e acenou para Natalie segui-la.

—Mudei alguns dos meus equipamentos para cá ontem à noite.

—Mudou-se? Você quer dizer que não mora na casa?

Callie riu quando abriu uma das gavetas da agência.

—Sim, os irmãos assumiram a mesma coisa. Eu moro no rancho, só que não em casa. Há algumas antigas casas de beliche que reformamos.

—Os caras não gostavam de você sozinha, não é?

—Eu não queria estar lá sozinha.

Ela pegou algumas coisas e fechou a gaveta antes de se levantar.

—Eu posso gostar de estar sozinha, mas eu gosto de estar vivo.

Natalie sorriu para ela. —Inteligente.

—Eu sou. Um dia os caras saberão disso também.

Havia mais na história, mas Natalie sabia que não ia ouvir naquele momento. Talvez mais tarde ela possa perguntar a Owen.

—Aqui está, — disse Callie e entregou a pilha de roupas. Callie saiu e desceu para o próximo quarto, abrindo a porta para Natalie.

—Somos apenas nós aqui. Os caras estão guardando o lugar, então se você quiser dormir, vá em frente.

Natalie não conseguiu responder quando Callie saiu com um sorriso. Natalie entrou no quarto e fechou a porta atrás dela. Depois que ela colocou as roupas de lado, afundou na cama com um suspiro.

Ela recuou, seu olhar indo para o teto. Em um ponto, quando ela e Owen estavam profundamente envolvidos em seu relacionamento e conversando sobre o futuro, ela realmente pensou que a casa seria dela.

Quanto Wyatt odiava o rancho, todos sabiam que ele iria embora e nunca mais voltaria. Owen era o próximo mais velho, então herdaria. Natalie imaginara os filhos correndo,

aprendendo a andar a cavalo e ajudando a trabalhar no rancho.

Quão ingênua ela tinha sido. Sua mãe até a advertiu para não ter muitas esperanças enquanto empurrava Natalie para homens ricos de Dallas.

Natalie sentou-se e jogou fora o cobertor. Então ela tirou o vestido e começou a se vestir. A única coisa que faltava era um sutiã, mas não era como se ela realmente precisasse de algo. Ela nunca teve muito em termos de seios. Formiga morde sua mãe costumava chamá-los.

Era uma vez que ela não se importava de não precisar de um sutiã. Ela deixou a camisa fora da calça e olhou para si mesma. Os uniformes e a camisa pretos eram exatamente como os que Owen usava.

As botas que eles colocaram nos pés eram muito grandes, então ela as deixou, mas calçou as meias. Um rápido olhar para si mesma no espelho e os dedos passando pelos cabelos, depois Natalie saiu da sala.

Ela dobrou o cobertor e o trouxe de volta para baixo. Ela encontrou Callie em pé na sala com as luzes apagadas, olhando pela janela.

—Três homens não podem vigiar todo o rancho, — disse ela.

Callie lançou um olhar para ela.

—Eles não vão fazer isso sozinhos.

Com todo o treinamento que Callie passou com o FBI enquanto treinava para ingressar e depois trabalhar com Orrin, Natalie podia imaginar como Callie era proficiente para ajudar os irmãos.

O mesmo não pôde ser dito para Natalie. Ela sabia o que fazer, graças às lições de Owen. Desde então, Natalie fez questão de continuar seu treinamento.

Ela também participou de algumas aulas de autodefesa. Uma mulher que vive sozinha - em qualquer país - precisava ser capaz de se defender. Mas nenhum de seu treinamento significava muito com o que estava acontecendo. No entanto, ela não estava sentada e não fazia nada.

* * *

Owen permaneceu em seu posto no alto de uma árvore como vigia, enquanto seus irmãos terminavam de dar os retoques finais no plano que elaboraram quando o céu se iluminou. Ele estava mais longe da casa, mas sabia que Wyatt e Cullen não deixariam ninguém chegar perto das meninas.

Ele não parava de ver Natalie deitada no chão com o grandalhão sobre ela. Em todas as missões de Owen e em todas as pessoas que ele protegeu, nenhuma vez ele perdeu o controle como antes.

Tudo o que Owen queria era o sangue do russo, sentir a vida drenando dele por ameaçar Natalie. Não importa o fato de que o homem provavelmente fazia parte da equipe que matou sua tia e tio.

A morte era algo que Owen se acostumara como SEAL. Era parte de sua vida, parte do que ele foi treinado. Ele nunca teve prazer em matar. Até a noite passada.

Sabendo que havia mais no grupo lá fora, ele estava em alerta máximo. Eles haviam entrado no rancho sem serem detectados antes. Isso não iria acontecer novamente. Não importava que ele e seus dois irmãos estivessem vigiando vários milhares de acres.

Ele faria o que precisava ser feito como sempre fazia.

Seus pensamentos então se voltaram para Orrin. O que fez seu pai procurar Natalie? Algo levantou uma bandeira vermelha e Owen desejou que ele soubesse o que era.

Não havia dúvida de que seu pai era bom no que fazia. Várias missões de Orrin foram usadas como exemplos no treinamento dos SEALs sobre como concluir uma operação com sucesso.

Se havia algo que Owen sabia acima de tudo, era ouvir seus instintos. Eles não mentiram. Por alguma razão, Orrin não a ouviu e assumiu a missão de qualquer maneira.

Custou a vida de sua equipe, assim como de Virgil e Charlotte.

Isso acabaria custando a Orrin?

Inevitavelmente, os pensamentos de Owen retornaram a Natalie. Nos anos que se afastaram dela, ele se convenceu de que o que sentia havia estado em sua mente.

Então ele ficou cara a cara com ela novamente, e ele percebeu o quão profundamente havia mentido para si mesmo. Seu amor só estava adormecido, esperando vê-la novamente antes de explodir, consumindo-o.

Esse amor provocou-o com vislumbres de como poderia ser sua vida com Natalie ao seu lado. Quanto mais ele via, mais ele queria. E quanto mais Natalie estava com ele, mais ficava claro que ele era meio homem sem ela.

Foi um inferno perceber quatorze anos depois de deixar alguém. A única coisa boa é que ela não era casada. Isso não significava que ela não foi levada.

Ciúme rugiu dentro de Owen. Natalie era para ser dele. E ele estava preparado para lutar por ela.

Então ele lembrou por que a deixou na noite da formatura. Tudo voltou ao assassinato de sua mãe e a parte de Orrin.

Natalie sempre foi cheia de vida e risadas. Ela merecia um futuro com um homem que estava com ela, não em casa ocasionalmente entre as tarefas.

Um apito soou, invadindo os pensamentos de Owen. Ele se virou, agradecido por ver Cullen caminhando em sua direção com uma mochila preta por cima do ombro.

Owen deu mais uma olhada ao redor em busca de intrusos e saiu da árvore. Ele pousou ao lado de seu irmão e acenou com a cabeça para a bolsa.

—O que é isso?

—Algo para ajudar depois que partimos. Este é apenas o começo da sacola de truques de Callie — disse Cullen, enquanto abaixava a bolsa e desabotoava.

Owen ficou impressionado quando olhou para dentro e viu várias câmeras sem fio. —Gostaria de saber sobre isso ontem.

—Isso manterá você alerta se os visitantes aparecerem.

—Boa.

—Vamos configurar isso, — disse Cullen.

Owen pegou um punhado.

—Wyatt disse a Callie?

—Ainda não. — Havia um sorriso no rosto de Cullen.

—Acho que ele está adiando.

—Ele provavelmente está esperando por mim para que possamos contar às duas garotas ao mesmo tempo.

Cullen assentiu.

—Provavelmente. Natalie está na base esperando que eu passe um rádio quando as câmeras estiverem ligadas, para que possamos testá-las.

Ele parou com a menção do nome de Natalie. Ele atirou a alça da espingarda por cima do ombro enquanto caminhavam para a esquerda.

—Tudo certo.

—Eu dei uma olhada no diário de bordo que papai mantinha nas missões. Merda, Owen. Eles fizeram tudo. Alguns dos quais eu gostaria de ter participado.

Owen sorriu. Se havia uma coisa que Cullen gostava, era perigo. Quanto mais havia, mais ele queria se envolver. Algumas coisas nunca mudaram.

—Onde está Callie? — ele perguntou.

—Cuidando do gado com Wyatt a observando secretamente.

Owen riu da imagem.

—Isso não vai acabar bem.

—Contará que Callie não o veja. E ela não vai.

Não, Callie nunca veria Wyatt a observando, assim como Natalie nunca tinha visto os russos. Natalie. Sempre voltava para ela.

Pelos próximos quarenta minutos, ele e Cullen colocaram as câmeras em locais escondidos na área ao redor da casa, celeiros e vários piquetes. Embora eles se revezassem na patrulha por um perímetro maior. As câmeras foram configuradas para enviar um alerta para seus telefones, bem como para os computadores na base, se alguém se aproximasse.

Havia o potencial de receber uma tonelada de alertas com toda a vida selvagem e os animais da propriedade, mas valia a pena saber se o grupo russo se aproximava novamente.

—Eles estão prontos para trabalhar, — a voz de Natalie apareceu no walkie-talkie. —Esse último precisa ser virado para a esquerda e levantado apenas um fio de cabelo.

Owen fez como solicitado. Um momento depois, Natalie deu a eles tudo bem.

Ele e Cullen então voltaram para o celeiro. Ele se viu imaginando o que Natalie pensava sobre o que havia feito na noite anterior. Ela não parecia indignada ao vê-lo matar o russo.

Quando chegaram ao celeiro, desceram até a base. Owen fingiu ouvir enquanto Cullen falava de sua emoção por algumas das armas disponíveis para eles.

Ele assentiu, murmurando *Sim* quando Cullen parou de falar.

—Então você quer usá-lo para atirar no Wyatt na bunda?

Owen levantou a cabeça de limpar a arma.

—O que?

—Eu sabia que você não estava ouvindo. Sua resposta acabou de provar isso.

—Desculpa. Meus pensamentos estão em outro lugar.

—Você quer dizer com outra pessoa, — disse Cullen com um sorriso.

— Você estava tão decidido a entrar no celeiro que não a viu com Callie. Eles estão a caminho daqui agora, com comida na mão.

Assim que Cullen disse isso, Owen sentiu o cheiro de bacon. Ele se virou quando as meninas desceram os degraus até a base. Seu olhar correu pelos cabelos longos de Natalie contra a camiseta preta, e ele sorriu. As roupas pretas foram moldadas em seus quadris e a bela bunda com perfeição. E ele podia dizer honestamente em todos os seus anos nas

forças armadas que ninguém - homem ou mulher - jamais havia preenchido um par de roupas como Natalie.

Ela colocou um prato de biscoitos ao lado do prato de bacon, sorrindo para Callie. Ele esqueceu como era ter Natalie o tempo todo.

Ele lutou contra um gemido quando o olhar dela colidiu com o dele. Era o que ele via todos os dias até que Orrin fosse encontrado.

Deus o ajude, porque nada parecia tão certo em muito tempo.

CAPÍTULO OITO

—Bom Dia.

Natalie nunca pensou que ouviria a voz sexy de Owen dizer essas palavras novamente. Quantas vezes ele a acordou de madrugada depois de uma noite sob as estrelas com a mesma voz sedutora? Demais para contar.

—Bom dia, — disse ela e se remexeu em algo para fazer.

—Não é muito, mas é comida.

Houve uma batida de silêncio.

—Obrigado.

Ela olhou para Owen. Ele ficou acordado a noite toda, mas não parecia tão cansado quanto ela. Ela estava em sua quarta xícara de café e estava pensando seriamente em mudar para o descafeinado. Então ela sorriu, porque se havia algo que Virgil Loughman não podia tolerar, era café descafeinado.

Como ela sentia falta dele e de Charlotte. A tia e o tio de Owen eram sal da terra. Eles eram o tipo de pessoa que tirava a camisa das costas. E Charlotte sempre tinha comida para quem precisava.

Ela saiu do caminho para Cullen chegar à comida, e quando Natalie olhou para cima, Owen se foi. Enquanto

mordiscava um biscoito, ela ouviu a voz dele. Um momento depois, ele saiu da sala dos fundos com Wyatt.

Owen vestiu uma calça jeans e uma camisa branca. O desejo de passar os dedos por suas longas ondas escuras era quase demais para resistir. Ela rapidamente colocou uma mordida de biscoito na boca.

—Isso é muito bom, — disse Cullen em torno de uma boca cheia de comida.

—Obrigado.

Owen levantou sua caneca de café para ela enquanto ele mastigava e engolia. Então seu olhar mudou para Callie.

—As câmeras são uma adição muito necessária.

Callie cortou pela metade um biscoito e o envolveu com manteiga que ela havia tirado de uma pequena geladeira debaixo da mesa.

—Ninguém estará se aproximando sem um alerta.

Owen assentiu e engoliu.

—Com essas câmeras tão pequenas, fomos capazes de escondê-las em lugares que ninguém jamais saberia procurar.

—Isso significa que vocês três não terão que ficar fora a noite toda novamente, certo?

Perguntou Natalie.

Cullen olhou para Owen antes de olhar para Wyatt.

—Uh, huh.

—O que está acontecendo? — Callie exigiu.

Natalie tinha visto os olhares passarem entre os irmãos. E a maneira como Wyatt bateu o relógio enquanto ele e Owen se entreolharam era uma mensagem silenciosa.

—Há uma chance de o grupo atacar durante o dia, mas provavelmente será à noite, — disse Owen.

Cullen limpou a mão na calça enquanto engolia a última mordida do bacon e biscoito. —Os russos não vão desistir de encontrar Natalie.

—Eu vou ficar bem, — disse Natalie.

—Somos cinco agora. E ainda sou boa em atirar.

Quando Owen simplesmente ficou lá, ela respondeu:

—Você me ensinou a atirar, lembra?

—Eu lembro, — ele disse suavemente.

—Você precisa de mim. Estou aqui e disposta a ajudar.

A única coisa que ela fez bem foi ser uma mulher forte e independente. Isso enfureceu sua mãe, que constantemente lhe dizia que precisava bancar a mulher fraca e indefesa para conseguir um homem. Sua mãe fez o papel com perfeição, e isso fez Natalie engasgar.

Esse era um dos muitos argumentos que impossibilitavam qualquer tipo de relacionamento com a mãe. Antes da breve conversa no mês passado, um ano e

meio se passaram desde que ela e a mãe haviam se falado pela última vez. Com os russos e Orrin desaparecidos, ela estava feliz por sua mãe estar em uma viagem com sua última vítima / namorado.

—Ainda sou melhor com um rifle, — disse ela à Owen.

—Mas eu melhorei muito com armas de fogo.

—Fico feliz em ouvir isso. — O peito de Owen se expandiu quando ele inalou.

—Mas…—

Callie bateu a caneca de café de forma que a parte restante caísse sobre a borda e sobre a mesa.

—Desembucha. Nós não somos crianças.

—Esses homens depois de Natalie na noite passada são apenas o começo, — disse Owen.

—Vai ter mais.

Wyatt cruzou os braços sobre o peito. —Eles não param até que ela esteja morta.

Natalie ficou tonta. Ela ouvira rumores sobre o quão cruel os russos podiam ser, mas nunca havia visto ou experimentado algo assim na década em que trabalhou para eles em São Petersburgo ou na embaixada.

Mas não havia como negar a verdade agora.

—Esse grupo na noite passada não eram simples bandidos. Eles eram assassinos treinados — acrescentou Cullen.

Nada disso a fazia se sentir melhor. Ela afundou na cadeira mais próxima e agarrou as laterais para se manter em pé.

—Precisamos dividi-los, — disse Owen. —Fazendo os pensar com quem Natalie está.

Callie suspirou. —O que significa que estamos nos separando.

—É a única maneira. — Wyatt assentiu depois, para enfatizar suas palavras.

O estômago de Natalie agitou-se. —Eu pensei que estava ajudando. Eu só piorei as coisas.

O olhar de chocolate de Owen segurou o dela.

—Você ajudou tremendamente. Você fez isso sabendo que sua vida poderia estar em perigo. Isso exigiu muita coragem.

E onde isso a deixou agora? Assustado e encurralado. Muita sorte que suas —tripas— lhe deram.

—Então, o que vocês três planejaram? — Callie perguntou, uma sobrancelha levantada.

—Natalie e eu vamos ficar aqui onde conheço o terreno e podemos mantê-la segura, —disse Owen.

Natalie olhou para os outros ao redor da sala. Cullen e Owen estavam olhando para Wyatt, que aparentemente deveria falar a seguir.

—E eu? — Callie perguntou.

—O que eu estou fazendo?

O som de bipes encheu a sala quando três das câmeras os alertaram para uma presença.

CAPÍTULO NOVE

Orrin acordou em um instante quando água fria foi derramada sobre sua cabeça. Ele respirou fundo enquanto a dor irradiava de vários ferimentos em seu corpo. Com os dentes cerrados, ele abriu os olhos.

De sua posição no chão ao lado, ele podia ver que a sala ainda estava escura e úmida. O sangue cobriu um de seus olhos com os espancamentos anteriores. Suas mãos estavam amarradas nas costas, dificultando a sessão. Mas Orrin conseguiu.

Ele olhou para o homem diante dele. Major-general Yuri Markovic. O bastardo. Orrin não conseguia se lembrar de sentir tanto ódio antes. Era bom que suas mãos estivessem atadas porque ele teria atacado de outra maneira.

Em seu uniforme de camuflagem, Yuri encarou Orrin. O fato de Yuri se sentir seguro o suficiente para usá-lo significava que eles não poderiam mais estar na América. O que seria uma coisa muito ruim para Orrin.

Atrás de Yuri havia dois homens e mais dois esperando do outro lado da porta - todos vestindo o mesmo uniforme de camuflagem e fortemente armados.

Houve poucas vezes na vida de Orrin em que alguém o venceu e Yuri fez exatamente isso. Doeu o orgulho de Orrin

mais do que ele queria admitir. Principalmente porque Yuri era um amigo - ou melhor, costumava ser um amigo.

—Você parece o inferno, — Yuri disse maliciosamente, seu sotaque russo grosso.

Foi Orrin quem ajudou Yuri a aprender inglês há dezessete anos atrás. Yuri foi um estudo rápido, mas houve ocasiões em que ele ainda misturava palavras.

Orrin encolheu os ombros.

—São as acomodações e comida de merda.

—Eu posso melhorar. Um bife, talvez? Uma cama macia com um cobertor.

Orrin sorriu, abrindo seu lábio rachado.

—Eu sou velho, Yuri, mas não tão velho que uma cama macia me faça rachar.

—Você vai quebrar. Eu tenho certeza disso.

Pela primeira vez desde que Orrin assistiu todos os homens de sua equipe serem executados, seu intestino se apertou. A única coisa que o mantinha sã era saber que, não importa o quê, Yuri nunca seria capaz de chegar aos filhos.

Eles eram tudo o que Orrin havia deixado.

Yuri se virou e puxou um laptop de uma bolsa que Orrin viu sentado atrás de Yuri. Ele abriu e ligou o computador para que Orrin pudesse vê-lo.

Silenciosamente, ele assistiu ao vídeo dos feeds anexados aos capacetes dos homens de Yuri quando chegaram ao rancho e invadiram a casa. Ele não permitiu que nenhuma emoção aparecesse em seu rosto quando os homens mataram sumariamente Virgil e Charlotte. Ele reprimiu o luto por seu irmão e cunhada quando percebeu que seus filhos tinham acabado de ser puxados para essa bagunça.

—Oh, você vai quebrar, estraga-prazeres, velho amigo, — Yuri disse enquanto se agachava ao lado dele, tomando cuidado para não encostar nada nas calças.

—Você vai me dizer onde está Ragnarok, ou eu começo a matar seus filhos. O que acontece primeiro?

Velho amigo. Foi assim que Orrin pensou em Yuri uma vez. Não mais.

Ele assistiu foto após foto de seus meninos chegando ao rancho preencherem a tela. Mas se ele fez uma coisa por seus filhos, ele os ensinou a sobreviver.

Ele ergueu o olhar para o captor.

—Foda-se, Yuri.

O soco veio do lado, batendo com a cabeça na parede.

CAPÍTULO DEZ

Owen ficou parado na porta do celeiro e observou Natalie na varanda enquanto um velho correio chegava. Um momento depois, Callie se juntou a Natalie.

As duas ficaram lado a lado, enquanto Gertrude, a mulher do correio que entregou correspondência no rancho por tanto tempo quanto ele conseguia se lembrar, saiu do veículo com um sorriso amigável.

Mesmo à distância, ele ouviu o —olá— de Gertrude. Ele sorriu porque a mulher tinha um sussurro que podia ser ouvido por quilômetros. E ela poderia felizmente falar com você se você deixasse.

Gert estava mostrando sua idade. Seu cabelo estava todo branco agora e com um permanente perpétuo - achatada na parte de trás de onde ela dormira na noite anterior. Sua largura se espalhou, e ela não era tão esperta. Mas o sorriso nunca vacilou.

Owen se perguntou como as pessoas viviam assim. Eles nunca experimentaram dor ou mágoa? Eles poderiam superar as coisas mais facilmente do que ele, isso era certo. Ou talvez eles tenham enterrado com seus sorrisos.

Ele observou Gert estendendo a correspondência. Natalie desceu as escadas e aceitou o pacote - um sorriso inclinando os lábios.

Deus, ela era linda.

—Eu já te disse que você era um idiota? — Cullen perguntou quando se aproximou de Owen.

—Pelo menos você terá algum tempo a sós com ela.

—Cale-se.

—Todo mundo queria Natalie. Ainda não tenho certeza de como sua bunda feia a pegou.

Owen também não. Ele ficou tão feliz que ela aceitou quando ele a convidou para sair. Isso se transformou em um segundo encontro, e antes que qualquer um deles soubesse, eles estavam apenas se vendo.

Aqueles foram os meses mais felizes que Owen já conhecera. Quando ele partiu para a Universidade do Texas, ele costumava pensar sobre como seria a vida se ele tivesse permanecido e casado com Natalie.

Teriam acabado como a maioria dos namorados do ensino médio e se divorciado? Não. Ele e Nat. Mesmo nessa idade, ele sabia que ela era a outra parte dele, sua alma gêmea.

Sua mãe havia lhe dito que havia uma pessoa para todos. Ela o alertou para ser paciente e manter seu coração aberto, porque quando acontecesse, ele saberia. E ele tinha.

—Se não houver mais nada entre você e Nat, eu gostaria de dar em cima dele, — disse Cullen.

Owen tomou um gole de café, sem tirar o olhar de Natalie.

—Pare de pensar nela. Agora, ou eu vou cortar suas bolas.

Cullen riu e cruzou os braços sobre o peito.

—Você teve sua chance. Eu vou pegar a minha. Ela é apenas três anos mais velha que eu.

Ele estava se preparando para dar um soco em Cullen quando Gertrude foi embora. Havia algo na maneira como Natalie segurava a pequena caixa que alertou Owen.

Jogando a caneca para baixo, ele foi em direção a casa. Ele estava no meio do caminho quando Natalie olhou para ele. O rosto dela estava pálido. Callie estava conversando com ela, mas Natalie não desviou o olhar dele. Finalmente, Callie pegou o pacote das mãos.

—Oh, merda, — disse Callie.

Owen alongou seus passos e rapidamente alcançou a varanda. Ele procurou o rosto de Natalie antes de se virar para Callie. Ela estendeu a caixa para ele.

Ele pegou e olhou para o rótulo. Mesmo sem um endereço de retorno, ele sabia dessa letra. Letras perfeitas, espaçamento preciso.

—É de Orrin, — disse Callie.

Owen voltou olhar para Natalie.

—Como você sabia que era do meu pai?

—Eu não, — ela disse. —Eu notei o carimbo do correio. É de Delaware.

—É melhor vocês duas virem comigo.

Ele voltou ao celeiro com as meninas atrás dele. O sorriso arrogante de Cullen se foi. Seu rosto estava impassível quando ele olhou para a caixa. Não havia necessidade de palavras. Cullen viu a caligrafia e sabia exatamente como Owen.

Os quatro então desceram para a base onde Wyatt esperava. Callie pegou a caixa e foi para sua área de trabalho, onde a examinou em busca de qualquer tipo de explosivo.

Todos pareciam ansiosos para abrir, mas Owen não estava. Enquanto procurava Natalie, ele a notou em pé na escada. Seus braços estavam em volta de si mesma, como se

ela não pudesse se aquecer. Então seus olhos verdes encontraram os dele. Ele queria ir até ela, puxá-la contra ele e simplesmente abraçá-la.

Sozinho. Com Natalie. Por dias, possivelmente semanas. As ideias que surgiram à mente sobre o que ele gostaria de fazer com ela eram muitas - e diversas. Então ele lembrou por que ela estava lá e o quão perto ela chegou da morte.

—Hmm, — disse Callie, invadindo seus pensamentos.

Ele voltou sua atenção para Callie. Ela segurava uma pequena ferramenta semelhante a uma varinha e a passou lentamente pela embalagem enquanto olhava para a tela do computador e a imagem que aparecia.

—Isso é um frasco, — disse Wyatt, olhando perto do monitor.

Callie pousou o instrumento e pegou um cortador de caixa.

A mão de Wyatt no braço a acalmou.

—O que você está fazendo?

Sem olhar para ele, ela se livrou dele.

—Isso é de Orrin. Não há nada lá dentro que possa nos prejudicar.

—Exceto esse frasco, — Cullen apontou.

Owen concordou com Callie. Estava na hora de abrir o pacote. —Papai é muitas coisas, mas ele não mandaria um pacote para nos matar.

—Não, ele nos coloca em perigo apenas por permanecer vivo, — Wyatt murmurou.

Cullen imediatamente se ofendeu.

—Já chega.

—O que você vai fazer, garoto? — Wyatt exigiu enquanto se virava.

—O suficiente! — Owen berrou quando ficou entre os dois, uma mão em cada um dos peitos. Ele olhou para Cullen e depois para Wyatt.

—Seja o que ele for, ele não é o tipo de homem que nos mataria.

Wyatt levantou uma sobrancelha.

—Realmente? Ele matou a mãe.

No segundo seguinte, Cullen empurrou Owen para chegar a Wyatt. Owen fez o possível para manter seus irmãos separados, mas os socos foram acertados. Quando ele foi atingido pela segunda vez, Owen já tinha o suficiente. Ele bateu o ombro em Cullen e o jogou no chão.

Owen se virou, pronto para fazer o mesmo com Wyatt, apenas Callie o venceu. Ela se levantou e bateu com a perna nas costas de Wyatt.

—Droga, isso foi bom, — disse Callie enquanto olhava para Wyatt com a bota na garganta.

Owen desejou poder sorrir, mas estava muito chateado.

— Vocês dois querem brigar, depois subam para o quintal. Aqui não.

Callie retirou o pé. —Estamos aqui para trabalhar. Se você não vai ajudar, então vá embora.

Owen ficou surpreso ao ver que, durante a comoção, Natalie tinha andado ao redor deles e aberto a caixa. Ela tinha uma carta na mão que estendeu a Owen.

Ele pegou e abriu. Havia apenas cinco palavras.

—O que diz? — Wyatt perguntou quando se levantou.

Cullen endireitou a camisa e caminhou até ele.

—Leia, Owen.

Ele desintegrou o papel.

—Você sabe o que fazer.

—Com licença? — Cullen perguntou com uma risada.

—O que isso significa?

Wyatt balançou a cabeça e desviou o olhar.

—Esse frasco é o Ragnarok. Orrin enviou o bioquímico para nós. Ele quer que consertemos sua bagunça.

—Não. — Todas as cabeças se voltaram para Callie. Seu rosto estava definido em linhas determinadas.

—Quando foi a última vez que algum de vocês falou com Orrin?

Houve um longo período de silêncio. Então Cullen disse:

—Faz dois anos desde o meu último telefonema com ele.

Callie virou-se para ele, mas Owen não conseguiu encontrar seu olhar.

—São cerca de cinco para mim.

—Eu nem me incomodo em perguntar à Wyatt porque eu sei, — afirmou Callie em uma voz áspera.

—Faz dez anos desde a última vez que ele se deu ao trabalho de reconhecer que tinha um pai.

Wyatt cruzou os braços sobre o peito.

—Então não nos damos bem com nosso pai. Onde você quer chegar?

—Meu ponto é — disse Callie, olhando diretamente para Wyatt — é que nenhum de vocês o conhece. Você não sabe como ele pensa ou como ele opera. Você certamente não sabe que tipo de agente ele é. Nenhum de vocês tem o direito de pensar que sabe quais são os motivos dele.

—Hum ... só para apontar algo, — disse Natalie enquanto segurava a caixa.

Owen viu Nat com a caixa em uma mão e o frasco na outra.

—O que é isso?

Natalie entregou a pequena garrafa para Callie antes de levantar a caixa para eles verem.

—Percebi o carimbo quando vi a caixa pela primeira vez. Tudo o que vocês notaram foi a escrita. Acho que há apenas uma pessoa que realmente viu a quem foi direcionada.

Owen leu o nome. Então seu olhar deslizou para Callie.

—Por que você não nos disse que isso foi enviado a você?

—Eu posso pensar nele como meu pai, mas ele não é. Ele é seu. — Callie pousou o frasco suavemente.

—O governo obviamente queria vocês três aqui, então era apenas correto que o conteúdo pertencesse a todos vocês.

—Mas não. — Wyatt deu uma longa olhada no frasco.

—Isso pertence a você.

Foi a primeira vez desde que Callie chegou ao rancho que Wyatt falou com o que alguns poderiam descrever como uma voz terna. Não havia um osso delicado no corpo de Wyatt, então o fato de ele cuidar de Callie dizia muito.

Callie engoliu em seco e desviou o olhar.

Ele passou a mão pelo rosto.

—Papai sabia que você estaria aqui, Callie. Ele reconheceu que você entenderia o que fazer.

—Owen está certo, — disse Natalie.

—O que precisamos identificar é se o pai sabia que algo estava errado antes de enviar o frasco, — disse Cullen.

Natalie colocou a caixa em cima da mesa.

—Essa nota pode ir de qualquer maneira. Isso poderia significar que Callie segurasse apenas para o caso, ou poderia significar que algo deu errado e ela precisa dar o próximo passo.

—De qualquer maneira, papai queria que ela escondesse, — disse Owen.

O lábio de Wyatt levantou um sorriso de escárnio.

—Assim como ele colocando os outros em perigo.

Owen lançou lhe um olhar de aviso, assim como Callie, mas Wyatt não viu nada disso. Ele tinha o frasco na mão e estava olhando para ele. O líquido era claro e inocente.

Mas algo que dois países estavam dispostos a matar significava alguma coisa. Eles só seriam capazes de esconder Ragnarok por tanto tempo antes que o tempo acabasse para eles também.

—Nos fale sobre trabalho,— disse Cullen a Callie.

Ela assentiu e franziu a testa enquanto pensava.

—O trabalho chegou em nossas mensagens codificadas, como sempre acontecem. Eu decodifiquei e dei para Orrin.

—Quando? — Owen perguntou.

Callie olhou para o calendário na parede atrás dela.

—Era domingo à tarde. Pesquisei esse bioquímico para ver se era real, mas não encontrei nada substancial. Enquanto isso, Orrin reuniu a equipe e fez sua própria pesquisa.

—Onde estava o time? — Wyatt perguntou.

—Eles moram na área,— respondeu Callie.

—Fazia parte de concordar em trabalhar com Orrin. Eles tiveram que permanecer próximos apenas para essas missões sensíveis ao tempo.

Cullen assentiu. —Continue.

—Três dias depois, eu trouxe o que aprendi para Orrin. Foi quando notei que algo estava errado. Ele não me disse o quê. No dia seguinte, ele foi a Dallas almoçar com Natalie.

—Era normal papai guardar coisas de você? — Owen perguntou.

Callie balançou a cabeça, os olhos indo para a porta fechada que era o escritório de Orrin por um segundo.

—Ele geralmente me dizia o que estava pensando. Quando ele voltou de Dallas, ele concordou em aceitar o trabalho. Dois dias depois, de madrugada, um helicóptero chegou para levá-los à Base da Força Aérea Shepard, em Wichita, onde um avião esperava para levá-los à Base Aérea de Dover, em Delaware.

Owen ouviu com interesse. —E de Dover?

—Um voo particular de um ex-piloto da Força Aérea que os levou a Moscou por um breve pouso em Dublin para combustível, — explicou Callie.

—Quem é o piloto? — Wyatt perguntou.

Callie deu-lhe um olhar duro.

—Alguém que Orrin considera família e confia implicitamente. Eu estava em contato com Orrin quando eles deixaram Moscou com o frasco. Ele me enviou uma mensagem rápida para me informar que eles estavam de volta em Delaware. O voo de volta para o Texas seria apertado, então esperei até saber que eles deveriam pousar em Wichita antes de ligar.

Callie pigarreou e virou a cabeça.

—Quando não consegui encontrar Orrin ou qualquer outra equipe, entrei em contato com Carter, o piloto, mas minha ligação ficou sem resposta. Eu estava prestes a ligar para o nosso contato em Washington DC quando meu telefone tocou.

—E? — Natalie perguntou quando Callie parou.

Callie colocou o cabelo atrás das orelhas.

—Carter encontrou a equipe executada no hangar.

—Onde estava Carter durante tudo isso? — Cullen exigiu, seus braços cruzados sobre o peito.

—Houve um problema com o motor. Carter levou o avião ao hangar dos mecânicos para que eles olhassem para ele. Carter notificou a polícia militar de Dover quando os corpos foram encontrados. Todos os membros da equipe estavam lá, menos Orrin. Com base no tipo de munição usada, foram os russos.

—Isso, juntamente com o sequestro de Orrin, fez o governo nos enviar, — afirmou Wyatt com uma careta.

Natalie então perguntou: —Então, onde isso nos deixa?

—Isso significa que alguém precisa conversar com esse Carter, — disse Owen.

Cullen olhou para o frasco. —Eu irei.

CAPÍTULO ONZE

Natalie fez o possível para manter os olhos abertos, mas a falta de sono estava dificultando. Enquanto os meninos e Callie discutiam o piloto, Natalie encontrou uma cadeira e sentou-se.

—Eu já falei com Carter, — disse Callie.

Wyatt levantou uma sobrancelha escura.

—Agora queremos conversar com ele. Carter viu Orrin e os homens caminharem do avião para o hangar depois que retornaram a Delaware. É isso aí — argumentou Callie.

O olhar de Cullen se estreitou um pouco.

—Por que você não quer que conversemos com ele?

—Não há necessidade. Eu já fiz isso — ela insistiu.

Owen mudou seus pés quando ele ampliou sua posição.

—Isso é verdade, mas podemos ouvir algo diferente. Ou faça outra pergunta que você não fez.

—Você está dizendo que eu não posso fazer o meu trabalho? — Callie exigiu quando ela se levantou.

—Orrin não teve nenhum problema em aceitar minha palavra.

—Oh, pelo amor de Deus, — Wyatt disse enquanto se virava.

Até para Natalie parecia que Callie estava se esforçando muito para que os irmãos não falassem com o piloto. Por quê?

Orrin era como um pai para ela. Callie não esteve envolvido nas mortes do time ou no sequestro de Orrin. Embora quando algum dos garotos Loughman questionasse seu julgamento ou suas habilidades, Callie tendia a ficar na defensiva.

Não que Natalie a culpasse.

Eram meninos do Texas criados para tratar as mulheres com o maior respeito, para honrá-las e apreciá-las sempre. A superproteção na maioria das vezes andava de mãos dadas com essa educação.

Os Loughmans não achavam que Callie ou Natalie eram capazes. Eles apenas sentiram que era o trabalho deles fazer, bem... tudo.

Eles eram o tipo de homem que apoiava suas mulheres, apoiando-as em tudo. Eles não eram do tipo que consideravam sua masculinidade ameaçada se suas mulheres ganhassem mais dinheiro ou tivessem um emprego melhor, porque o casamento era uma parceria em todas as coisas.

Natalie piscou os olhos arranhados enquanto olhava para Owen. Ele nunca a seguraria em qualquer coisa que ela

quisesse. Ele a incentivou a aceitar o emprego em São Petersburgo e, em seguida, encontrou uma maneira de estar com ela.

Assim como ela o apoiou em sua necessidade de servir seu país. Independentemente das dificuldades, da luta, ela sabia ao fundo de sua alma que ele apoiaria a ir atrás do que quisesse.

E ele estaria lá para enraizá-la.

— Calma, Callie - disse Owen às pressas.

—Ninguém está dizendo que não acreditamos em você. Isso é chamado de verificação dupla. É tudo o que estamos fazendo.

Houve um longo silêncio em que ela viu que até Wyatt estava assistindo Callie. O olhar de Wyatt era intenso, como se estivesse prendendo a respiração para ver se Callie cederia.

—Desculpe, — disse Callie e sentou-se no banquinho.

Natalie esfregou a nuca e a esticou. Então ela rapidamente escondeu o bocejo no braço enquanto levava as pernas ao peito.

Com cada piscar de olhos, tornava-se cada vez mais difícil levantar as pálpebras. Ela permitiu que seus olhos permanecessem fechados e, em segundos, ela estava

dormindo. Então ela estremeceu quando sua cabeça caiu para trás.

Ela olhou para o grupo para ver se alguém notou. Felizmente, eles estavam muito preocupados em assistir Callie discar o telefone.

—Alto falante, — Wyatt ordenou.

Callie suspirou dramaticamente e apertou o botão para colocar a ligação no viva-vos. Em dois toques, a chamada foi atendida. Callie pediu para falar com Carter. Depois que ela foi colocada em espera, Wyatt pegou o celular da mão.

—Que diabos? — Callie murmurou em descrença.

Cullen se moveu na frente dela.

—Nós queremos conversar com Carter. Checagem de fatos, lembra?

Callie revirou os olhos. Natalie sentiu por ela. Uma garota não tinha chance com três homens como os Loughmans. Eles se comunicaram sem falar em voz alta, então uma garota teve que ficar na ponta dos pés para permanecer à frente deles.

Embora isso não fosse realmente possível.

Os homens Loughman eram uma marca própria. Eles eram tão acidentados quanto a zona rural do Texas, tão ferozes quanto o clima do Texas e tão constantes quanto o

sol nascendo no leste. Eles também eram tão teimosos quanto mulas.

—Carte, — veio uma voz muito feminina por telefone.

Natalie cobriu a boca enquanto ria dos olhares de choque nos rostos dos três homens. Callie virou-se para Natalie, com um sorriso largo no rosto.

Owen foi o primeiro a falar:

—Meu nome é Owen Loughman, — ele começou.

Mas Carter rapidamente falou sobre ele.

—O filho de Orrin. Você descobriu mais alguma coisa?

—Na verdade não, — disse Cullen.

Houve uma pequena pausa.

—Acho que você é outro dos filhos?

—Cullen.

—Certo,— disse Carter.

—Deixe-me facilitar as coisas. Como tenho certeza que Callie já lhe disse, não vi nada. A viagem de ida e volta para Moscou partiu sem problemas. Quase com muita facilidade, na verdade.

—Orrin comentou sobre isso? — Wyatt perguntou.

Carter disse:

—Você deve ser Wyatt. De fato, Orrin fez. Ele mencionou isso depois que deixamos Dublin no caminho de volta aos Estados Unidos. Eu perguntei o que ele quis dizer, mas ele

apenas balançou a cabeça. Havia algo o incomodando, no entanto.

Natalie viu os três meninos trocarem um olhar silencioso para a afirmação de Carter.

Houve um suspiro alto por telefone de Carter.

—Devo a Orrin uma dívida que nunca pode ser paga. Ele é um dos melhores homens que conheço e quero ajudar.

—Você poderia ter participado, — disse Owen.

Natalie quase podia ouvir Carter revirar os olhos com o bufar que se seguiu.

—Se eu quisesse matar o time, poderia fazê-lo na Rússia ou mesmo em Dublin. Por que esperaria para voltar a Dover?

—Ela tem razão, — admitiu Cullen.

—Maldito seja. Normalmente, saio com a equipe, mas houve um problema com um dos motores recebendo combustível suficiente. Eu tive outro voo em poucas horas, então peguei o avião no hangar dos mecânicos para que outro par de mãos me ajudasse a prepará-lo a tempo. Essa foi a única razão de eu não estar com Orrin.

O olhar de Callie estava no chão enquanto ela brincava com uma caneta.

—É por isso que ela está viva.

—Muito provavelmente, — admitiu Wyatt.

Carter continuou:

—Esta não foi minha primeira vez trabalhando com Orrin, e analisamos todos os cenários possíveis em que as coisas poderiam dar errado para se preparar.

—Parece o pai, — Cullen sussurrou para seus irmãos.

—Mantivemo-nos longe das zonas militares e garantimos toda a documentação necessária. O governo russo pensava que éramos uma equipe de notícias que vinha fazer uma matéria sobre o Kremlin. Eu nunca deixei o avião. Levou seis horas para a equipe retornar de sua missão. Decolamos trinta minutos depois e retornamos à Base Aérea de Dover.

—Nos diga o que aconteceu depois, — insistiu Owen.

—Orrin estava com pressa de voltar ao Texas. Deixei-os sair e peguei o avião para o hangar, como mencionei antes. Vi o avião pronto que deveria levá-los de volta para o Texas, então assumi que eles estavam nele. Foi a última vez que vi ou ouvi Orrin.

—E o resto da equipe? — Cullen perguntou.

Houve um longo período de silêncio antes de Carter continuar.

—Foi quase uma hora depois quando voltei ao meu hangar e descobri os corpos. Não havia dúvida de que eles foram executados.

—Em uma base militar. — Wyatt balançou a cabeça, uma pequena carranca no lugar.

—A base foi bloqueada assim que eu os avisei, mas os culpados já se foram, — disse Carter.

Owen passou a mão na mandíbula enquanto ele balançava sobre os calcanhares.

—A base encontrou alguma coisa?

—Não é uma coisa maldita, — afirmou Carter com raiva.

—Eles estão me mantendo fora disso, já que não sou mais militar.

Callie puxou o telefone das mãos de Wyatt.

—Obrigado, Mia.

—Você está indo atrás deles? — Ela perguntou.

Callie soltou um suspiro quando os três Loughmans assentiram.

—Sim.

—Deixe-me saber quando. Eu quero estar lá quando os idiotas que fizeram isso forem derrubados.

Wyatt então falou e disse:

— Os russos podem muito bem te encontrar. Fique alerta.

—Sempre, — respondeu Mia. Sua voz ficou suave quando ela disse:

—Eu devo a ele, Callie.

—Nós dois sabemos, — disse Callie no mesmo tom abafado.

Mia pigarreou.

—Mantenha-me informada.

Então a linha ficou morta.

Natalie não podia imaginar ser um piloto. Ela não gostava de voar, mas Mia parecia que se encaixava bem com Callie e os homens.

—Se acreditarmos em Mia, ela escapou da morte certa, — disse Cullen.

Callie ficou boquiaberta.

—E se? E se? Claro, eu acredito nela. Você não tem ideia de quão perto ela e Orrin estão.

Os olhos dourados de Wyatt se estreitaram um pouco.

—Nos diga.

—Não é a minha história para contar, — Callie respondeu com um olhar sombrio dirigido a Wyatt.

—Basta saber que Mia levaria uma bala por Orrin. Ela é um ativo que vamos precisar.

Owen assentiu lentamente, o rosto marcado por pensamentos.

—Eu concordo com Callie sobre Mia Carter ser um trunfo. Tenho a sensação de que vamos precisar dela. Ela foi a última que viu papai.

—E ela estava lá na Rússia, — destacou Callie.

Wyatt não parecia totalmente convencido, mas Natalie não conseguiu decidir se era apenas porque era um hábito seguir o caminho oposto de Callie ou não.

—Vou para Dallas e pegarei um voo para Delaware para visitar Mia, — disse Cullen.

—Eu posso chamar um helicóptero, — disse Callie.

Cullen balançou a cabeça.

—É melhor manter as visitas aqui no mínimo.

—Concordo, — disse Owen.

—Bem. O que vou fazer? — Callie perguntou.

Natalie fechou os olhos, querendo descansá-los enquanto ouvia ideias diferentes sendo trocadas. Ela poderia ficar acordada. Só que seus olhos doíam tanto.

—Precisamos saber onde estão os russos, — disse Owen.

A próxima coisa que ela soube foi estar flutuando. Os dedos do sono a puxaram mais fundo, mesmo que ela soubesse que deveria acordar. De alguma forma, ela conseguiu abrir os olhos e viu uma mandíbula firme e uma sombra de barba.

Sua cabeça descansava confortavelmente contra um ombro grosso enquanto braços fortes a seguravam. Ela sabia, sem precisar olhar, que Owen a carregava.

O quarto em que ele entrou estava escuro, quando a luz dos outros quartos mal se infiltrou. Ele sentou-se, segurando-a. E ela não tinha pressa de fugir.

Como ela sentia falta de seu calor, sua força. Ele ficou calado. Natalie podia ouvir os outros conversando, então sabia que ainda estava na base.

A camisa dele era macia contra a bochecha dela, os músculos incrivelmente firmes. Ele a segurou como se ela não pesasse nada. O aperto dele era suave, mas seguro, enquanto o batimento cardíaco enchia seu ouvido. Ela viu a mandíbula forte e o cabelo dele.

Ela respirou fundo, deixando o perfume masculino dele a encher. Ele cheirava ao ar livre, ao Texas e a todos os homens.

—Senti sua falta.

Natalie não tinha certeza se ele queria uma resposta ou não. Ela não se mexeu, para que ele pudesse pensar que ela ainda dormia, o que poderia ser a única razão pela qual ele falou. Então ele se mexeu e olhou para ela. Seus olhares se chocaram, mantidos.

—Eu nunca me desculpei. Deixando você do jeito que eu fiz, Nat, foi horrível. Eu sinto Muito.

—Esqueça isso. Faz muito tempo e éramos jovens.

—Não é tão jovem. — Ele tocou sua bochecha com ternura.

—Eu nunca esperava vê-la novamente.

Ela olhou brevemente para a boca dele, depois voltou a olhar. Porque encarar aqueles lábios era um empreendimento perigoso.

—Presumi que, quando você partisse, nunca mais voltaria.

—O destino nos trouxe de volta juntos.

Seria tão fácil permitir que seu coração se enroscasse na teia de Owen mais uma vez. Ela queria alguém que nunca a deixaria, que a amava e somente ela. E quem nunca se perderia.

Mas um homem assim existia?

Porra, era difícil resistir a Owen. Ele sempre teve poder sobre ela. Não diminuiu ao longo dos anos. De fato, parecia como se tivesse se intensificado.

Os dedos dele acariciaram o pescoço dela antes de deslizar a mão até a nuca, mergulhando em seus cabelos. Natalie sabia que ele estava prestes a beijá-la. Ela poderia parar tudo saindo do colo dele.

No entanto, ela permaneceu. Esperando ansiosamente por seus lábios tocarem os dela.

—Nat, — ele sussurrou e abaixou a cabeça.

Seu coração perdeu uma batida quando a boca macia dele roçou contra a dela. Então seus lábios estavam sobre os dela, firmemente, sua língua deslizando contra eles.

Ela suspirou e achatou a mão no peito dele. Ele a beijou suavemente, sensualmente. Ele a beijou sem piedade, sem piedade.

Foi um beijo que reivindicou sua respiração.

Um beijo que roubou de volta qualquer pedacinho do seu coração que virou contra ele. Ele gemeu e aprofundou o beijo quando ela passou os braços em volta do pescoço dele. Era como se os últimos quatorze anos não tivessem acontecido, como se ele não a tivesse deixado para trás.

A paixão aumentou, o fogo reacendeu rapidamente. Ela adorava como ele poderia parar seu mundo com apenas um beijo. E ela o odiava por isso também.

Por que ela ainda o queria? Por que o coração dela não o esqueceu como tentara desesperadamente? O que havia nele que não lhe permitia seguir em frente? Nenhum outro homem jamais a segurou.

Ele a beijou como se fosse um homem faminto e ela um banquete. E foi glorioso. Ela o abraçou, sabendo profundamente em sua alma que seu coração iria doer em breve.

Mas deixar passar algo tão maravilhoso foi um pecado. Qualquer que fosse o passado e o futuro, a única coisa que Natalie sabia era que ela ainda se importava com Owen.

Mesmo quando ela se afundou mais no beijo, ela sabia que não valia a pena a angústia inevitáveis que ela suportaria quando ele a deixasse novamente.

Foi quando ela jurou que seria o único a deixá-lo. Desta vez, ela seria a única no controle. O beijo terminou muito cedo. Ele olhou nos olhos dela, mas ela não conseguiu discernir os pensamentos dele. Ele sempre os escondia bem, mas agora havia uma parede ali, impedindo até mesmo um vislumbre.

—Há tristeza em seus olhos verdes, — ele sussurrou.

—Por favor, diga-me que não tenho culpa.

Ele era, mas não por tudo isso. E não seria justo culpar apenas ele. Sua vida foi moldada por causa das decisões que ela tomou - tão difícil quanto tomar uma pílula para engolir.

Havia muito em sua vida que ela se orgulhava, mas havia algumas partes que ela desejava que nunca tivessem acontecido.

Natalie colocou a mão na bochecha dele, sentindo a nuca de seus bigodes.

—Você tem os mais lindos olhos de chocolate, mas eles estão mortos. Não sei onde você esteve ou o que fez, mas levou sua alma.

—Você está feliz? — ele perguntou, ignorando a declaração dela.

Nenhum dos dois queria responder a uma pergunta, razão pela qual continuavam mudando de assunto.

—Você está?

—Estou fazendo a diferença no mundo.

Ela sorriu.

—Isso não é uma resposta.

—Eu te dei mais do que você me deu.

Natalie engoliu em seco e passou o polegar sobre o lábio inferior.

—Felicidade é um estado de ser. Trabalhei muito tempo para encontrar o meu.

—Mas alguém te machucou.

Incapaz de ajudar a si mesma, Natalie deslizou a mão nos cabelos dele e deixou os fios grossos e sedosos passarem por seus dedos.

—Passado é passado.

—O passado nos molda.

Ela teve coragem de sair do colo dele antes de tirar a roupa preta naquele momento. Ela o encarou com sua

decisão tomada. O rosto dele estava sombrio, mas os olhos dela estavam ajustados ao escuro. Ela viu a maneira como ele a observava cuidadosamente.

—Estou aqui com você porque liguei para Callie naquele dia em que vi Ragnarok. Orrin sempre foi gentil comigo, fazendo-me sentir bem-vinda, assim como sua tia e seu tio. Mesmo que os russos não estivessem me seguindo ou vindo atrás de mim, eu gostaria de ajudar.

—Eu sei. Você é muito parecida com minha mãe nesse aspecto. — Owen levantou-se lentamente e deu-lhe um beijo suave na bochecha.

—Descanse um pouco.

Ela o viu sair da sala. Depois de um minuto, ela subiu na cama onde ele se sentou e se aconchegou ao lado dela. Dormir era a coisa mais distante de sua mente, no entanto.

CAPÍTULO DOZE

Owen comeu um pouco de carne seca e examinou a área circundante a partir de seu posto. Levou todos os seus anos de treinamento para parar de repetir seu beijo com Natalie e foco. Lembrar que a vida dela estava em risco o colocou em marcha.

—Owen, — seu nome apareceu no ponto em seu ouvido.

Quanto mais ele encontrava na base de seu pai, mais ele se impressionava. Se o equipamento foi financiado pelo governo (o que não era provável) ou se o pai o comprou, foi o melhor.

—Sim, — ele respondeu Wyatt.

—Acabei de ouvir falar de Cullen. Seu voo para Delaware está prestes a decolar.

—Bom saber. Papai ainda pode estar lá, você sabe.

—Eles não o levaram de volta para a Rússia. Callie não apenas checou, mas também pedi um favor a um velho amigo. Nenhum avião particular ou militar partiu da costa leste para a Rússia.

Owen considerou as palavras de Wyatt por um momento.

—Você sabe tão bem quanto eu que eles poderiam sair de uma maneira ou de outra.

—Isso é verdade. Callie continuará verificando os voos que aterrissaram em Moscou e até em São Petersburgo.

Essa foi uma boa notícia, pelo menos.

—Será mais fácil chegar ao papai aqui do que na Rússia.

—Eles querem o frasco. Eles o usarão como alavanca se ele ainda estiver nos Estados Unidos.

Owen franziu a testa porque a voz de Wyatt estava passando pelo fone, mas também ao redor dele. Ele olhou para baixo de seu lugar na árvore para ver seu irmão.

—Está na hora, — disse Wyatt a título de explicação.

Owen desceu do seu poleiro.

—Você tem tudo?

—Callie se certificou disso. Se eu não a tivesse lembrado de comprar roupas, acho que ela teria saído sem elas.

Owen sorriu com isso. Eles voltaram para o celeiro. Apesar de não ter visto seus irmãos há anos, depois que se reuniram, foi bom tê-los por perto. E embora tenha sido ideia de Owen dividir todo mundo, ele não ficou feliz em ver seus irmãos partirem. Não havia dúvida de que todos poderiam cuidar de si mesmos, mas se ele fosse honesto, sua hesitação seria porque eles se sentiram como uma família novamente.

Algo que ele não percebeu que sentia falta.

—O grupo que atingiu aqui provavelmente voltará, — disse Wyatt.

—É o que eu faria.

Ele assentiu.

—Coloquei armas em vários locais para esse evento.

—Você acha que seria melhor tirar Natalie daqui?

—Brevemente, — ele admitiu.

—Pensei na cidade onde existem milhares de pessoas, mas qualquer uma delas poderia ser a assassina dela. Estaríamos presos em um espaço pequeno. Aqui, eu tenho a vantagem.

Wyatt checou sua pistola - uma Beretta M9 - e a devolveu ao coldre no quadril.

—Eu posso voltar a qualquer momento.

—Eu sei.

—Somos a única defesa das meninas.

—Nós somos. Você vai ficar bem sozinho com Callie?

—Por que eu não estaria?

Ele olhou para Wyatt. Então hesitou porque ele não tinha certeza do que dizer. Mesmo se ele mencionasse, Wyatt refutaria qualquer coisa que dissesse.

—Eu sei que você não quer que Natalie veja nada disso, mas não há escolha,— disse Wyatt.

—Vai ficar desagradável. Não quero que ela veja a violência, o sangue e a morte que estão vindo bem para nós. Ela não está envolvida em nossa vida, e eu quero que continue assim.

—Você?

Wyatt perguntou tão suavemente, que Owen olhou para o irmão, franzindo a testa. —Com licença?

—Owen, você sempre foi inteligente. Você constantemente conseguia manter o foco no que quer que fosse. Você não se atrapalhou ou mudou de ideia. Poucos entendem a necessidade de nossa família de servir nosso país e isso nunca o incomodou. Você tinha o plano certo o tempo todo. Você acabou de estragar uma área.

Ele olhou para o irmão porque sabia no que Wyatt estava se metendo.

—O que?

—Natalie. Desde a primeira vez que vi aquele seu sorriso bobo depois que você a convidou para sair, eu sabia que vocês dois estavam destinados a ficar juntos. Ela entendeu e aceitou você como ninguém nunca. Ou sempre — acrescentou ele após uma breve pausa.

Owen desviou o olhar. Ele não conseguia pensar nisso. Agora não.

—Ela não teria gostado dos lugares que eu tinha que ir. Ela ficaria sozinha mais do que comigo.

—Você nunca saberá. Você a deixou para trás sem lhe dar uma escolha.

—Eu não queria repetir a história.

Vários minutos se passaram enquanto caminhavam em silêncio antes de Wyatt responder.

—Você não deixaria isso acontecer. Orrin nunca pensou que seu trabalho o seguiria até em casa. Você se prepararia para essa ocorrência.

—Você me dá muito crédito.

Ele tirou o boné e passou a mão pelos cabelos enquanto eles se aproximavam da casa e dos celeiros.

—Não podemos fazer nada se não estivermos lá, agora podemos?

—Você sabia que ela se casou?

Ele apertou a mandíbula. Natalie não era o tipo de mulher que passava a vida sozinha. Ele sempre soube que ela encontraria alguém. Ele simplesmente não esperava que doesse tanto.

—O divórcio aconteceu cerca de dois anos atrás, — continuou Wyatt.

—Ela foi casada por quatro anos e vive em Dallas. Parece que o idiota teve vários casos.

Então era por isso que ela tinha essa pitada de tristeza nela. Quão vaidoso da parte dele pensar que ele era a causa. Agora ele se sentia um completo tolo.

—Ela ainda te ama.

Ele não queria mais ouvir.

—O suficiente. Apenas deixe em paz.

—Eu vi o beijo.

Ele não respondeu. O que havia para dizer? Ele não esperava ceder à sua necessidade de provar os doces lábios de Natalie novamente. Ele simplesmente não conseguia controlar o desejo de ver se ela tinha um gosto tão bom quanto ele se lembrava.

O pior foi que ela tinha um gosto ainda melhor.

—Não a deixe ir uma segunda vez, Owen.

Ele olhou com raiva para o irmão.

—Você realmente quer me dar conselhos? Aquele de nós que não namorou ninguém? Aquele que rejeitou toda e qualquer mulher?

—Estou dando conselhos. Pegue — declarou Wyatt com uma voz muito parecida com a do pai.

Owen não mencionaria isso. Se o fizesse, provavelmente levaria um soco na boca. Chegaram à casa onde três veículos aguardavam. O Dodge Challenger vermelho de Callie, o

caminhão Chevy verde de Virgil mais velho que Owen e o novo Chevy de Orrin.

Esta foi a parte que ele não gostou. A hora que ele teve que deixar Natalie sozinha. Não demorou muito, mas um segundo foi muito longo quando alguém a queria morta.

Ele percebeu por que Wyatt havia lhe dado essa orientação enquanto seu irmão observava Callie.

—Você desejou que alguém lhe desse esse conselho.

Wyatt olhou em sua direção e depois virou a cabeça novamente. Mas a verdade pairava entre eles. Enquanto Cullen flertava com qualquer coisa de saia, e Owen estava apaixonado por Natalie, Wyatt colocava todos os momentos em seus estudos, no rancho e aprimorando suas habilidades de tiro.

A única mulher que ele já tolerou foi Callie, mas isso só durou pouco tempo. Então Wyatt a tratou pior do que qualquer outra pessoa.

O ódio que Callie sentia por Wyatt era profundo e agudo. Esse tipo de aversão significava que algo tinha acontecido entre eles. Ele estreitou o olhar em Wyatt, enquanto tentava recordar memórias da infância deles.

Tudo voltava para Callie.

Owen sabia que não receberia nada de Wyatt. Ele se virou e foi para a base. A volta inteira, ele procurou suas

memórias sobre Callie. Ela adorou Wyatt, seguindo-o como se ele fosse o centro do mundo dela.

Wyatt ficou irritado, para dizer o mínimo. Owen parou quando uma imagem de Wyatt ensinando Callie a jogar uma faca brilhou em sua mente. Callie estava rindo. E Wyatt... ele estava sorrindo, seu olhar fixo nela.

Como ele poderia ter esquecido isso? Wyatt nunca sorriu. E, no entanto, seu irmão estava sorrindo como um homem ferido.

Ele teria que prestar mais atenção a Wyatt e Callie para ver se suas suspeitas estavam em jogo. Wyatt não era exatamente o tipo de homem que os outros gostavam de estar por perto. Ele estava de mau humor e fechado para qualquer pessoa e qualquer coisa.

De onde veio isso? Owen estava ao lado dele quando encontraram a mãe. Ele estava sentado ao lado de Wyatt quando o pai deles chegou em casa. Owen tinha uma cicatriz em sua alma que nunca desapareceria com o assassinato de sua mãe. E sim, de várias maneiras, ele culpou o pai.

Mas ele não o desprezava como Wyatt.

Ele o odiava por um tempo, mas era difícil manter essa raiva por seu pai quando Orrin estava perdido sem a esposa. Orrin esqueceu seus filhos enquanto lutava para encontrar o caminho.

Owen, junto com Wyatt, manteve Cullen longe da maior parte disso. Eles não podiam protegê-lo de tudo porque estavam todos na mesma casa, mas o protegiam de ver o pior.

Owen foi para o celeiro. Lá, ele verificou os dois rifles escondidos em cada entrada. Natalie foi um tiro certeiro. Se ela precisasse deles, eles estariam próximos.

Seu olhar foi para a casa. Tanta tragédia ocorrera dentro daqueles muros que lhe era difícil recordar os tempos de riso e felicidade.

Mas aqueles tempos existiram. A mãe dele se certificara disso. Toda a sua vida estava centrada no marido e nos filhos. Ela sempre teve um talento especial para tornar uma ocasião comum especial, sem sequer tentar.

Memórias há muito esquecidas vieram à tona. Talvez estivesse voltando ao rancho depois de tantos anos. Talvez tenha sido por causa da morte de Virgil e Charlotte.

Virou-se para a esquerda e olhou para o carvalho da colina, com os galhos grossos e estendidos em todas as direções. Lembrou-se de ajudar o pai e os irmãos a montar um cobertor e fazer um piquenique como uma surpresa de aniversário para a mãe.

Um sorriso se formou quando ele se lembrou de como ele, Wyatt e Cullen estavam encarregados dos fogos de

artifício. Eles quase perderam o sinal porque estavam espionando seus pais se beijando, rindo e se abraçando juntos.

Enquanto Melanie olhava para os fogos de artifício com um enorme sorriso, batendo palmas, surpresa Orrin só tinha olhos para ela.

Owen não se lembrava de como a noite terminara. Muito provavelmente, ele e seus irmãos fugiram desde que seus pais estavam preocupados. Era uma boa lembrança, que ele desejava que se lembrasse mais cedo. Como ele poderia ter esquecido o quanto Orrin amava Melanie?

—O que você está pensando?

Ele se virou ao som da voz de Natalie. Ele não a ouviu subir. Ele apontou para a árvore na colina.

—Papai surpreendeu a mãe no aniversário deles com um piquenique lá uma vez. Nós estávamos encarregados dos fogos de artifício.

—Isso parece tão romântico.

—Sim. Sim.

Natalie riu e caminhou para ficar ao lado dele, olhando para a árvore.

—Você parece surpreso.

—Nunca pensei que fosse romântico até agora. Embora eu me lembre de como papai não conseguia tirar os olhos

dela. Olhando para trás, ele se deu ao trabalho de tornar essa noite especial.

—Ele a amava.

Owen virou a cabeça para ela quando ela olhou para ele.

—Todo mundo costumava dizer o quanto Melanie amava Orrin. Ela fez. Sem dúvida. Mas ele a amava tanto. Houve momentos em que juro que esqueceram que estávamos em casa.

Natalie sorriu e cruzou os braços sobre o peito.

—Quão?

—Papai voltava para casa para sair. Nós jantávamos em família e conversávamos. Foi depois, quando deveríamos estar em nossos quartos, que nos sentamos nas escadas e os observamos.

—Fazer o que?

—Dança. Papai tocava música e a impedia de lavar a louça. No meio da cozinha, eles se abraçavam, balançando ao som da música.

—E o mundo se apaixonaria por eles, — ela terminou.

Ele olhou para a casa e engoliu. —Sim.

—Essa é uma lembrança que espero que você sempre lembre.

Ele assentiu.

—Eu também. Como está chegando lá? — ele pediu para mudar de assunto.

Ela olhou para dentro do celeiro onde a escotilha estava aberta na base abaixo.

—Ah, que bom. Callie pode executar várias tarefas como ninguém. E ela dá ordens como um general.

Eles compartilharam uma risada.

Ele engoliu em seco quando o silêncio caiu entre eles.

—Não vou demorar.

—Eu sei,— disse ela, encontrando seu olhar. —Ficarei trancada na base esperando. Nada vai acontecer.

—Não abra para ninguém além de mim. Se os russos chegarem...

Ela o interrompeu, dizendo:

—Eles não vão. E se encontrarem, não encontraram a base na primeira vez. Wyatt e Callie estão esperando por você. Mexa-se.

—Não até você estar dentro.

Ela sorriu e deu meia-volta. Ele esperou até ela descer os degraus e a porta fechar, escondendo a entrada, antes de correr para a caminhonete de Orrin.

Em questão de minutos, os três veículos percorreram a entrada da garagem, indo em direções diferentes quando chegaram à estrada principal.

Se os russos estivessem assistindo, eles não saberiam qual automóvel segurava Ragnarok ou Natalie.

CAPÍTULO TREZE

Sklad (Armazém)

Orrin estava deitado de lado, a bochecha pressionada contra o frio e úmido piso de concreto. Seus braços estavam dormentes por serem amarrados atrás das costas. Ele tinha certeza de que pelo menos três costelas estavam quebradas desde a última surra. Havia também uma chance de seu pulso esquerdo também.

Havia duas coisas que os russos fizeram bem: beber e lutar.

O som de vozes o alcançou através da porta de metal. Eles estavam abafados, e as palavras em russo foram ditas rapidamente, mas ele conseguiu entender a essência da conversa.

Um dos guardas queria matá-lo. Imediatamente.

Outro dos guardas ficou muito feliz em passar o tempo usando Orrin como saco de pancadas.

Foi Yuri quem, com uma palavra, os silenciou. Interiormente, Orrin sorriu. Ele conhecia bem o velho amigo para saber que as batidas não estavam perto de serem feitas. Ele sofreria muitos, muitos mais.

Mas Yuri estava subestimando-o. Yuri assumiu que desistiria da localização de Ragnarok e da fórmula por causa

da dor. Exceto que nenhum deles percebeu que ele estava sentindo o pior tipo de dor nos últimos vinte e dois anos.

Nada havia apagado o assassinato de Melanie, a maneira hedionda que sua vida tinha acabado. Não houve um segundo de dia em que ele não sentiu a perda, o desamparo de não estar lá para impedir seu assassino. Nem mesmo dormir era uma fuga.

Nos seus sonhos, Melanie ainda estava viva e eles eram felizes. Os meninos estavam no rancho, e o amor que mantinha a família unida era mais forte do que nunca.

Então ele acordava e a realidade fria e dura se intrometia. Seu coração se despedaçando novamente. O fato de seus filhos o odiarem só piorou as coisas. Eles o culparam pelo assassinato de Melanie.

Estava tudo bem. Ele se culpou.

—Você está pronto para conversar, amigo?

Droga. Ele estava tão perdido em seus pensamentos que nunca ouviu Yuri entrar? Ele não podia pagar algo assim. Ele estava vivo porque mantinha o juízo sobre ele.

—Não, — ele mordeu.

O sangue ainda tapava um olho, então ele teve que mudar a cabeça um pouco para ver Yuri. O general olhou para ele com desprezo nos olhos azuis. Foi-se o uniforme

camuflado. Em seu lugar, havia um casaco e calças esportivas.

Ele se perguntou onde estava o uniforme. Orrin sentiu falta da sua. Ele superou Yuri antes de se aposentar. Como Yuri era tão competitivo quanto eles, eles já tiveram uma rivalidade amigável de quem poderia ser promovido mais rapidamente.

Pelo menos, ele sempre assumiu que era amigável. Agora ele sabia a verdade. Ele odiava ser pego de surpresa. Foi a segunda vez em sua vida e não foi tão ruim quanto a segunda rodada.

Yuri olhou em volta da cela.

—Você parece um inferno, *starik*[1].

—Velho? Não sou eu que tenho cabelos grisalhos, — disse ele. Ele queria se sentar, mas isso exigiria muita energia para esconder a dor de seus ossos quebrados.

—A fórmula que você roubou não é Ragnarok, como você foi levado a acreditar. É um novo fertilizante.

Ele deu uma risada, enviando dor de suas costelas que ele ignorou.

—Boa tentativa.

—Você não testou, não é? — Yuri sorriu quando se abaixou para ver o rosto de Orrin. —Você não teve

[1] *Starik – velho em russo*

tempo. Uma pena. Se você soubesse que escolheu o laboratório errado.

—Então por que matar meu time e me levar? Por que continuar pedindo o frasco? É porque eu tenho a arma biológica que seu país pretende usar.

Yuri estremeceu e caiu de joelhos.

—Orrin, seu problema sempre foi seu orgulho. Você nunca gostou de considerar que estava errado. Seu time foi morto e você foi levado não porque roubou Ragnarok, mas porque invadiu o Kremlin. E eu aceitei sua palavra.

—Nós dois mentimos um para o outro quando se trata de nossos países.

Yuri deu de ombros.

—Isso foi antes de você colocar meu trabalho em risco.

Ele acompanhou o cenário porque sabia que havia roubado Ragnarok. Havia um anel de verdade na história de Yuri, no entanto, o que significava que seu trabalho provavelmente estava em risco.

—Se eu não roubei a arma biológica, por que você continua pedindo?

Yuri deu a ele um olhar sem graça.

—Você sabe quanto nossos países gastam em coisas assim. É um avanço que precisamos para nossas colheitas, estraga-prazeres. Você entende isso, *da*[2]?

Ah, ele entendeu. Ele entendeu o quão mentiroso Yuri era. Desgraçado. Quando ele saísse, ele teria prazer em derrubar Yuri.

—O que há de tão importante em Ragnarok? É apenas mais uma arma biológica que você pode refazer.

Os lábios de Yuri se comprimiram.

—Seu governo envia homens para me encontrar por causa de fertilizantes? Não entendo.

—Pense como quiser. Eu sei a verdade.

Ele sorriu para Yuri quando a realidade afundou. Havia muitos anos sob seu cinto na Marinha, muitas missões como um SEAL para desconsiderar uma desculpa tão lamentável por uma explicação. Adubar sua bunda.

Foi Ragnarok que ele e seus homens roubaram, mas, mais importante, ele suspeitava que a arma biológica fosse uma que acabaria com todos eles.

A menos que alguém tenha o antídoto.

Enviar o frasco para Callie pode ter sido a pior coisa que ele poderia ter feito. Yuri e seu grupo não parariam até que tivessem, o que significava mais mortes.

---

[2] *Da – sim e m russo.*

Havia o fato de que o frasco poderia matar Callie e seus filhos porque ele não se preocupou em procurar um antídoto enquanto estava na Rússia.

Ele sabia que não deveria assumir a missão. Tudo o havia dito para deixar passar, mas a ideia de que ele poderia salvar seus filhos de encontrar uma arma dessas foi o que o levou a aceitar o emprego.

Quão errado ele estava. Agora eles o odiariam mais do que nunca.

—Se você não falar, não me deixa outra opção a não ser pedir outra surra. — Yuri ficou de pé, suspirando alto.

—Isso não me traz prazer.

—Vamos em frente, — afirmou Orrin.

—Te vejo em breve.

—Sim. Te vejo em breve.

Assim que Yuri saiu da pequena sala, dois homens entraram. Puseram Orrin em pé e o empurraram para uma cadeira. Ele respirou fundo e segurou-o, logo antes do primeiro soco cair em suas costelas quebradas.

CAPÍTULO CATORZE

—Isso deve ser divertido, — disse Owen a si mesmo quando um Ford F-250 preto parou na frente dele no meio da floresta na parte traseira do rancho Loughman.

As árvores eram grossas o suficiente para dificultá-lo, a menos que alguém conhecesse a área. E não havia como alguém aparecer sem Owen saber.

O que o tornou um ponto de encontro perfeito.

Owen desejou que Wyatt estivesse lá. Ele e Mark nunca se gostaram muito, e Owen suspeitou que Callie fosse o motivo.

O xerife saiu do caminhão. Mark Cooper olhou para ele por um momento antes de fechar a porta do caminhão e caminhar em direção a Owen.

Owen olhou o homem alto de cima a baixo. Todos na cidade conheciam Mark. Ele era o quarterback e, no Texas, todo mundo conhecia futebol - especialmente o futebol do ensino médio.

—Esperando problemas? — Mark perguntou enquanto acenava com a cabeça para a pistola que Owen amarrava na perna e no rifle que ele carregava.

Para ver o quanto Mark sabia, ele disse:

—Parece que você sabe.

—Eu realmente sei muito pouco.

Mark removeu o feltro, chapéu de cowboy cor de camurça e coçou a cabeça de cabelos loiros antes de substituí-lo.

—Eu esperava ouvir de um de vocês antes.

—Tínhamos alguns problemas para resolver, — disse Owen.

Mark olhou para ele com olhos azuis inteligentes.

—Suponho que isso não envolva meu assistente inconsciente e o sangue na casa de Diane Dixon, não é?

—Pode ter. — Ele não admitiria nada. —Como ele está?

—Teve uma concussão, mas é bem diferente disso. O único motivo pelo qual não enviamos o relatório de uma pessoa desaparecida para Natalie foi porque Gert a viu no seu rancho. Foram os mesmos filhos da puta que mataram sua tia e tio?

—Possivelmente.

Mark apoiou a mão na coronha da arma no quadril.

—Não encontramos impressões que pudéssemos igualar e o sangue também não apareceu. Como não há corpos, é difícil ter um crime.

Como Owen já estava em casa, ele sabia que os homens mortos haviam sumido. Nenhum grupo tão bem treinado quanto aqueles russos deixariam seus homens para trás.

—Você recebeu um telefonema de Washington — disse ele.

—O que você disse?

Mark desviou o olhar, olhando as árvores. Ele inclinou o quadril e suspirou.

—A ligação foi breve. Foi-me dito que houve um incidente no rancho, e eu deveria trazer cinco homens e fazer um relatório.

—Você sabia que os corpos se foram?

Mark assentiu bruscamente e olhou para ele.

—O homem com quem falei divulgou que o governo estava enviando para você e seus irmãos, mas, enquanto isso, eles estariam coletando os corpos e as evidências.

—Mas por que? O governo poderia manter isso quieto sem envolver você.

—Eles não tiveram escolha. Alguém entrou em contato com uma estação de notícias — Mark admitiu.

Owen não precisava se perguntar quem era o responsável. Os russos. Eles queriam criar desordem, conscientizar o governo e garantir que cada um dos Loughmans entendesse o que estava em jogo. Como se já não tivessem.

—Como está Callie? — Mark perguntou.

—Ela está bem.

Mark soltou um suspiro, mexendo-se desconfortavelmente.

—Nenhum de vocês deve saber disso, já que você optou por não voltar e visitar, mas Callie é tudo para Orrin e ele para ela.

—Nós sabemos. Estamos cuidando dela.

Isso pareceu acalmar Mark.

—Há muitos em Hillsboro que se preocupam com ela.

—Você me contou tudo?

Como se lembrando o que o trouxe lá fora, Mark piscou.

—Meu relatório estava vazio. Callie não estava lá para ver nada. Como não havia testemunhas, não tinha nada para largar. Independentemente disso, no dia seguinte, o arquivo desapareceu do escritório.

Tinha que ser o governo novamente. Ainda não o fez se sentir melhor com isso. —Obrigado, Mark. Agradeço por você ter vindo aqui.

— O assassinato de sua mãe nunca foi resolvido. Não quero adicionar sua tia e seu tio a essa pilha. Ou Callie.

—Nós cuidamos de nós mesmos, — afirmou Owen.

Mark assentiu e deu um passo para trás.

—Vocês fizeram um bom trabalho nisso. — Ele se virou e caminhou até sua caminhonete. Quando ele abriu a porta, ele hesitou.

—A propósito, onde está Orrin?

—Fora, — respondeu Owen.

Mark bufou. —Certo.

Ele esperou até o xerife ir embora antes de dizer:

—Merda. Vocês ouviram isso? — Ele perguntou a Wyatt e Callie, que estavam ao telefone.

—Claro que sim, — disse Callie.

—Os russos conversaram com a estação de notícias, — disse Wyatt, irritado.

—Mas por que?

Callie bufou.

—Para dizer ao governo que não deixariam Ragnarok ir tão facilmente.

—Temos mais fatos agora. Não muito, mas mais do que tínhamos, — disse Wyatt.

Owen passou a mão pelos cabelos.

—Vamos manter o plano. Estou voltando para o rancho. As chaves estão na lanterna traseira se precisar de um caminhão.

—Fique seguro, — disse Callie.

—Não deixe Natalie sozinha por muito tempo.

—Faça o check-in em breve, — disse Wyatt.

Owen encerrou a ligação e enfiou o telefone no bolso quando ele começou a caminhar em direção a casa.

* * *

Eles pareciam maiores quando os outros estavam lá, mas Natalie havia visitado cada quarto várias vezes para manter a ansiedade sob controle.

Era estranho estar lá sozinha. E foi tão silencioso que ela teve que ligar uma música quando encontrou um rádio. Ela manteve o volume baixo, mas as músicas ajudaram a acalmá-la.

Várias vezes, as câmeras a alertaram para algo, mas acabou sendo um pássaro ou gado no rancho. Mas cada vez fazia seu coração bater forte e o medo envolvê-la em suas garras.

Quando ela viu Owen em uma das câmeras, soltou um suspiro de alívio. Não demorou muito para que a porta se abrisse e ele descesse as escadas até a base.

Ela sorriu para ele, feliz por não estar mais sozinha. E ainda mais feliz ao ver que ele tinha a bolsa de roupas dela. Ela não sabia que ele estava passando pela casa mãe dela.

—Tudo correu como planejado?

—Sim, — ele respondeu. —Você?

—Apenas fantástico.

Ele largou o rifle e sorriu.

—Chegou até você, não foi?

—Sim, caramba. — Ela soltou um suspiro e soltou a fachada feliz.

—Louco, hein?

—Acontece com todos.

—Até você? — Ela perguntou com uma sobrancelha levantada.

O sorriso dele aumentou.

—Até eu.

Quando a conversa acabou, ela ficou desconfortável. Como ela iria sobreviver a um tempo sozinha com Owen, tentando tanto ignorar a atração?

Ela teve que dizer alguma coisa porque o silêncio era muito perturbador.

—Eu estava pesquisando através da base. Não acho que Callie jogue fora algo que ela acredita que possa ser útil. Eu achei isto.

Ela ergueu o tubo de 15 cm de comprimento com 15 cm de diâmetro.

—O frasco encaixa perfeitamente.

—Bem pensado. — Ele pegou o tubo e o examinou, batendo no vidro.

—Eu já vi algo assim antes. Se é o que eu acho que é, o vidro é inquebrável. É um ótimo lugar para guardar a arma biológica.

Ela não conseguia desviar o olhar quando ele girou o tubo várias vezes, os músculos de seus braços ondulando e se movendo. Sua expressão ficou contemplativa, um leve sulco na testa demonstrou que ele estava profundamente pensativo.

—O que é isso? — ela perguntou.

—Não temos ideia do que isso é feito.

—É uma arma. Isso é o suficiente para mim.

O olhar sombrio dele levantou para o dela.

—Não é para mim. A maioria dos países possui seus próprios estoques de armas biológicas, assim como as armas nucleares. É para mostrar nossa força e alertar os outros países de que temos essas capacidades.

—OK. Seu ponto?

—O que há de tão importante nisso? — Ele levantou o tubo.

—Por que a Rússia arriscaria uma guerra enviando seus militares depois disso? Porque, não se engane, aqueles homens que lutamos na outra noite eram militares. Eu conheço esse tipo de treinamento.

Ela engoliu em seco e de repente desejou que Callie tivesse levado o frasco com ela. —Deve haver algo diferente sobre essa arma biológica.

—Cada arma biológica é projetada para matar.

—Talvez eles tenham feito algo diferente com este.

—Talvez. Se houver um frasco, pode haver mais. Mesmo se não houver, o que acontece se alguém conseguir isso? Precisa haver um antídoto.

—Bom ponto.

Ela estava tão preocupada com sua própria segurança e com Orrin que não pensara tão longe.

Owen tamborilou com os dedos na mesa.

— Callie disse que papai roubou Ragnarok e a fórmula. Ele não enviou a fórmula para nós, o que significa que poderia estar em qualquer lugar.

—Ou com alguém.

—Nenhuma pesquisa que fiz sobre o Ragnarok me disse do que poderia ser feita.

Ela cruzou uma perna sobre a outra. Então ela se lembrou de sua amiga Emily.

—Eu tenho uma conexão na Baylor que pode ajudar.

—Universidade de Baylor?

—Na verdade, ela é professora de biologia, mas pode ser capaz de nos ajudar a encontrar alguém que possa descobrir o que há nesse frasco.

—Ligue para ela,— disse Owen.

Ela hesitou.

—Meu telefone foi deixado em casa.

—Não estava lá quando peguei suas roupas.

Ela virou-se para o computador de Callie.

—Isso dificulta as coisas, mas não é impossível.

Natalie digitou Emily Ashcroft na Baylor University. Em segundos, vários links foram abertos, incluindo o número de Emily. Não era sua linha particular, mas não importava desde que Natalie pudesse contatá-la.

Ela aceitou o telefone celular de Owen, ela estendeu a mão e discou o número. A ligação estava no quarto toque quando finalmente atendeu.

—Olá?

—Emily? Ei, aqui é Natalie Dixon.

—Natalie, — disse Emily, um sorriso em sua voz.

—Faz anos. Como você está?

—Bem. Escute, tenho um problema sério com o qual preciso da sua ajuda. Não posso contar muito, mas é importante.

Emily fez uma pausa.

—Parece você, mas sua voz está diferente, tem certeza de que está bem?

—Sim.

—Você precisa aprender a mentir melhor. O que você precisa?

Ela lambeu os lábios e decidiu colocar tudo lá fora.

—Acesso ao laboratório de ciências e a um professor de química.

—Quando?

Ela olhou para Owen e murmurou —quando.—

—Amanhã, — ele respondeu.

—Amanhã é cedo demais? — Perguntou Natalie.

Emily soltou um suspiro pelo telefone.

—Deixe-me fazer uma verificação. Eu deveria conseguir. Ligo de volta com detalhes.

Ela enviou uma oração silenciosa de agradecimento.

—Use esse número. Não chame meu antigo.

—Ok. Mas estou preocupada com você, Natalie.

A preocupação na voz de Emily a fez abaixar o olhar para o chão.

—Vou explicar mais quando chegarmos ai.

—Você é melhor.

CAPÍTULO QUINZE

—Você tem certeza disso? — Perguntou Natalie.

Owen olhou para o frasco que havia começado toda essa bagunça sórdida. Algumas onças que tinham o potencial de acabar com o mundo. Não foi a primeira vez que ele mergulhou de cabeça, mas foi a primeira vez que ele esteve com Natalie e sua família.

Depois havia os russos. A facção do caralho que era implacável em seu objetivo. Eles não tinham ideia de onde estava o grupo, mas com Callie olhando, não demoraria muito para encontrá-los.

—Owen?

Ele levantou o olhar para Natalie. Seus olhos verdes eram claros e sem medo. Era assim que ele queria mantê-lo. Ir a Baylor poderia trazer a referida tempestade de merda diretamente para o caminho deles. E provavelmente faria. Mas é assim que alguém tem respostas.

Ela soltou um suspiro.

—Você foi quem mencionou um antídoto. E você estava certo. Nós precisamos de um. Isso não pode acontecer até que saibamos o que Ragnarok realmente é.

—Deixando a segurança desta base, a fazenda. É um risco, Nat.

—Um risco que temos que correr. Você sabe. A única razão pela qual você está hesitando agora é por minha causa.

Ele a olhou.

—Claro, é por sua causa. Esses russos virão novamente. Aqui, estamos prontos.

—Podemos estar preparados lá fora.

Ela estava certa, mas isso não o impediu de agonizar. Se algo acontecesse com Natalie porque ele não estava preparado... Ele nem conseguia pensar nisso.

Antes que ele pudesse responder, seu celular tocou.

—É Emily, — disse Natalie antes de atender a ligação.

Ele esperava demais que Emily tivesse conseguido arrumar tudo, porque, se não o fizesse, levaria mais tempo para encontrar outro lugar para fazer os testes - tempo que eles não tinham.

Ele sabia - assim como Cullen e Wyatt - que o tempo de Orrin estava passando rapidamente. Callie poderia fingir o contrário, mas ela estava ciente disso também. Ela não podia fazer o trabalho que fazia e não sabia disso.

—Ok — disse Natalie, um sorriso puxando seus lábios. Ela deu um polegar para ele. —Podemos estar lá sim. Que horas?

Ele começou a planejar como iria levar Natalie de um lado para outro de Waco sem qualquer interferência daqueles atrás dela. O grupo iria querer vingança por seus camaradas mortos. Quanto tempo antes de receberem o pagamento?

—Vejo você amanhã, — disse ela e desligou a ligação.

—Precisamos estar lá às dez da manhã.

Ele passou a mão pelo rosto. Então ele pegou o telefone e discou para Wyatt, colocando-o no viva-voz

—Sim, — respondeu Wyatt.

—Estamos viajando para Waco.

—Para?

Houve um bufo alto que veio pelo telefone. Então Callie disse:

— Deve ter algo a ver com essa bagunça. Se você reduzi-lo, não há nada em Waco que eles não possam entrar em Dallas. A menos que... Nat, você conhece alguém na Baylor?

Ele compartilhou um olhar com Natalie, que estava balançando a cabeça enquanto ela sorria. Quanto mais Owen ficava com Callie, mais ele entendia por que seu pai a trouxe para sua equipe.

—Sim, — respondeu Natalie.

—Emily é professora de biologia, mas conseguiu um laboratório e um químico que estão dispostos a olhar para o frasco.

Ele se apressou a acrescentar:

—Eles não sabem o que estão vendo, e não vão até chegarmos lá.

—Owen apontou que precisamos ter um antídoto, — disse Natalie.

Ele não conseguia tirar os olhos dela. Trabalhar ao lado de Natalie foi um lembrete de quão bem eles se encaixaram. Era mais uma indicação do que poderia ter sido sua vida ao lado dela.

—Estou feliz que vocês ligaram, — disse Callie.

—Eu tenho rastreado o grupo que atacou. Nat, encontrei seu telefone em Dallas na embaixada.

Natalie fez uma careta.

—Eles não estão mais tentando esconder isso.

—Não há motivos para eles, — disse Wyatt.

Owen afundou no banquinho mais próximo dele.

— Você encontrou mais alguma coisa, Callie?

—Encontrei mais alguma coisa? — Callie disse, sua voz cheia de sarcasmo.

—Isso seria um inferno definitivo, sim. Eu me coloco no lugar de Orrin. Se ele tivesse essa missão, enviaria apenas alguns de seus homens para irem atrás de Natalie.

Owen assentiu.

—O resto seria para uma segunda ou terceira rodada.

—Exatamente, — exclamou Callie.

Wyatt disse:

—Havia seis homens na casa de Natalie. Foi um trabalho para não mais que duas.

—Eles queriam ter certeza de que a pegaram, — respondeu Owen.

Natalie ficou quieta, seu olhar no chão enquanto ouvia. Owen não era um estranho em ter inimigos atrás dele, mas o que Natalie estava passando era diferente.

—Vocês devem ter perdido um deles, — disse Callie.

—Porquê de que outra forma o telefone de Natalie chegaria a Dallas?

Owen apoiou o braço na mesa.

—Droga.

—Eu fiz uma varredura. Eu não vi ninguém, — afirmou Wyatt.

O que significava que os bastardos eram tão bons. Eles não podiam subestimar o grupo novamente.

— Me dê um segundo — disse Callie.

Owen podia ouvir os sons dela digitando em um teclado. Não demorou muito para ele ouvir Callie suspirar.

—Ok pessoal. Eu procurei voos para a área que tinha alguém da Rússia a bordo, — disse Callie.

Natalie inclinou-se para o telefone.

—Você realmente acha que eles teriam desembarcado em Dallas?

—Sim, — disse Callie. —Ninguém quer dirigir pelo país.

Ele desejou poder ver o que ela estava fazendo. Foram pessoas como Callie que salvaram vidas enquanto pessoas como ele estavam no chão.

—Você está assumindo que eles sabem que a base de Orrin está aqui, — apontou Owen.

Callie não parou de digitar quando disse:

—Diga-me, Owen. Quantas vezes você viajou - pelo mundo e até nos Estados Unidos - e todo mundo sabia que você era do Texas assim que falou?

—Merda, — disse Wyatt.

—Ela está certa.

Natalie encontrou seu olhar e assentiu.

—Todos os três se foram por um tempo, mas Orrin não. O sotaque dele é tão grosso quanto sempre foi.

—Então eles sabem que ele é do Texas, — disse Wyatt.

—Eles não sabiam que a base dele está aqui.

Owen soltou um suspiro.

—Não demoraria muito tempo para descobrir o rancho e os parentes de papai. Embora eu não ache que a unidade russa sabia que a base estava aqui. Acho que eles queriam entregar uma mensagem.

—Para quem? — Nat perguntou.

A voz de Wyatt era sombria. — Para Orrin. E nós.

—Entendi, — Callie gritou através do telefone.

—Havia oito russos que embarcaram em um avião de Moscou que pousou em Los Angeles. Quatro desses oito entraram no mesmo avião para Dallas. No dia seguinte, os quatro restantes embarcaram em um voo para o DFW.

Natalie apoiou a mão na mesa.

—Pode ser coincidência.

—Cada grupo sentou-se juntos, — respondeu Callie.

—Ah, — disse Nat com uma torção de seus lábios.

—Talvez não.

Owen tamborilou com os dedos na mesa.

—Oito desembarcaram em Dallas durante dois dias. Um fugiu com o celular de Nat e está na cidade. Temos cinco deles. Torna as probabilidades um pouco melhores.

—Precisamos nos preparar para o caso de haver mais, — acrescentou Callie.

Wyatt resmungou.

—Parece sempre haver um suprimento deles. Espere. Callie está fazendo uma careta. Não tenho certeza o que isso significa.

—Isso significa que temos um problema, — disse Callie.

Natalie sentou-se ereta, a preocupação alinhando sua expressão.

—Problema?

As dificuldades faziam parte do que Owen cuidava diariamente. Mas, novamente, esses —problemas— nunca haviam sido direcionados a alguém com quem se importava profundamente.

—O que é? — Owen perguntou.

Callie soltou um suspiro alto.

—Expandi minha pesquisa. Adicione mais quatro às oito originais. Tenho as fotos dos passaportes deles e vou mandar uma mensagem para você, Owen.

—Wyatt está certo. Há um suprimento infinito deles, — disse Natalie.

Owen a odiava estar assustada. Ele não a queria assustada, porque as coisas estavam apenas começando. Estava prestes a ficar muito pior muito em breve.

A voz de Wyatt desapareceu por um segundo enquanto ele falava com Callie. Então ele afirmou mais perto do telefone.

—Callie descobriu que os quatro primeiros desembarcaram em Dallas uma semana antes de Orrin e o time partirem.

—Não há como eles saberem sobre a missão, — disse Callie.

—Claro que sim, — declarou Wyatt severamente. —As pessoas compartilham segredos o tempo todo.

A voz de Callie baixou em ressentimento.

—Isso nunca aconteceu antes.

—Eu aposto que Orrin nunca roubou uma arma biológica da Rússia antes, — Owen comentou. —Estou certo, Callie?

—Sim, — ela respondeu de má vontade.

Wyatt disse:

—Vamos supor que alguém disse aos russos que Orrin estava vindo buscar a arma.

—Se eu fosse informado, eu o teria mudado para um local diferente, — respondeu Owen.

—Exatamente. Se a Rússia soubesse que estava sendo roubado, eles a moveriam para outro lugar ou substituiriam o bioquímico por algo diferente para permitir que Orrin pensasse que roubou a coisa certa.

—Algo não está somando.

Owen esfregou o queixo quando ele ampliou sua postura.

—Se o pai não roubou Ragnarok, por que matar Virgil e Charlotte? Por que matar seu time e sequestrá-lo?

—Então Orrin roubou a arma biológica, — disse Natalie.

Wyatt soltou um suspiro.

—Não necessariamente. Precisamos conversar com o contato de Orrin, mas esse também é outro motivo pelo qual precisamos saber com certeza o que está nesse frasco.

—Eu sou a único que lida com a comunicação com eles, — disse Callie sobre o contato de Orrin.

Houve um momento de silêncio em que Owen podia imaginar Wyatt e Callie se encarando.

Finalmente, Wyatt disse:

—Não é mais. Nosso governo tirou os três de nós da missão e nos levou ao Texas. Se eles querem que consertemos essa bagunça, precisamos de detalhes.

—Todos eles, — acrescentou Owen.

Callie cedeu com relutância. —Eu os informarei.

A linha desconectada. Owen olhou para Natalie.

—Você deveria descansar. Amanhã vai começar cedo.

Ele pensou que seria mais fácil se ela estivesse fora de vista, mas o conhecimento de que ele estava sozinho com Natalie só o fez sentir ainda mais por ela.

Como diabos ele iria mantê-la segura? Sem mencionar, como ele iria manter as mãos longe dela?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Na manhã seguinte, Natalie ficou na frente do espelho no pequeno banheiro da base e olhou para seu reflexo. Ela não dormiu muito. Nem tudo era porque poderia haver homens esperando assim que ela e Owen deixassem o rancho.

Não, o principal motivo foi o próprio Owen.

Depois daquele beijo, ela e ele ocuparam a maioria dos pensamentos dela. Sozinho. Eles estavam sozinhos. Não importava por quanto tempo. O simples fato era que seriam apenas os dois.

Mais ninguém com quem conversar ou ajudá-la a afastar o desejo crescente que ameaçava separá-la.

Ela engoliu em seco, o café que ela conseguiu beber rolando no estômago. Quatorze anos foi muito tempo. Por que então parecia que ela ainda tinha dezoito anos e era o dia após a formatura?

Ele continuou com sua vida. E ela também.

Ela descansou as mãos em ambos os lados da pia e abaixou a cabeça. A verdade era que ela não havia continuado sua vida - pelo menos sua vida amorosa. Ela estava presa, esperando perpetuamente por um homem que nunca poderia ser dela.

O que a levou? Nada além de mágoa. Nos últimos anos, ela mostrou que não precisava de um homem em sua vida para ser feliz. Ela gostou bastante por conta própria.

Alguém bateu na porta do banheiro. Então a voz de Owen perguntou:

—Você está pronta? Há uma tempestade vindo por aqui.

Natalie respirou fundo e virou-se para a porta. Ela abriu para encontrar Owen ainda lá. Ele segurou o olhar dela por um momento antes de se virar para o lado para permitir que ela passasse.

Ela estava agradecida pelas roupas que Callie havia lhe emprestado, mas se sentia mais confortável agora que estava com suas próprias roupas - um jeans e um suéter creme com fios dourados. Ela fechou as botas de camurça marrom, adicionou um longo colar de ouro, brincos e um conjunto de pulseiras, além do relógio. Os uniformes podem ser práticos, mas não eram o estilo dela.

—Você pode querer trazer essas botas para mais tarde. Use as botas de combate que Callie lhe deu.

Natalie levantou uma sobrancelha.

—Por quê? O que você não me contou?

—Temos uma caminhada pela frente.

—Um passeio? — ela perguntou confusa.

Ele assentiu. —O caminhão está estacionado na parte de trás da propriedade. Ninguém nos verá saindo do rancho.

Ele não era nada se não fosse cuidadoso. Ela trocou as botas de combate e segurou as botas. Quando ela se levantou, seus olhares se chocaram.

Ela olhou nos olhos de chocolate dele e se perguntou o que ele pensava dela. Ele achou que ela havia mudado tanto quanto sabia que ele tinha mudado?

—Pronta? — Ele perguntou enquanto ajustava a mochila que vestia e pegava um rifle.

—Como eu sempre estarei.

Ele sorriu antes de abrir a porta da base e subir lentamente as escadas. Ela esperou, olhando as câmeras.

—Vamos lá, — Owen chamou.

Natalie pegou a .9mm deixada na mesa e subiu as escadas. Quando ela chegou ao topo, Owen fechou e trancou as portas da base.

—Aqui, — ele disse e entregou-lhe um rifle.

Ela reconheceu como a pessoa com quem ele a havia ensinado a fotografar. Ela colocou a pistola na bolsa e pegou a arma maior.

—Obrigado.

Eles rastejaram do celeiro e atravessaram o campo correndo em direção a um bosque de árvores enquanto o

amanhecer riscava o céu. Ela ficou agradecida por ele ter dito para ela trocar de botas. Embora ele não tivesse feito isso para ser gentil com seus pés. Ele fez isso porque era a coisa mais racional a se fazer.

Eles não disseram nada enquanto seguiam pela propriedade do Loughman Ranch. Ela havia esquecido o tamanho do rancho. Parecia muito diferente na parte de trás de um cavalo em relação à caminhada.

Quando estavam na densa floresta de árvores, ela disse:

—Parece que há mais gado.

—Acredito que exista. Virgil deve acompanhar a demanda por boa carne bovina do Texas.

Owen ficou alguns passos à frente em alerta constante. Ela aprendeu rapidamente a notá-lo o tempo todo. Se ele parou, ela imediatamente o fez também.

Quando ela viu o caminhão entre as árvores, ela soltou um suspiro. Os pés dela a estavam matando. Não havia como negar que fazia muito tempo desde que ela caminhava para outro lugar que não fosse uma loja de departamentos.

Owen levantou a mão. Ela parou e observou enquanto ele se aventurava lentamente das árvores, com o rifle erguido e pronto. Ele deu a volta no caminhão duas vezes, verificando pneus, portas e até debaixo do caminhão.

Finalmente, ele abaixou a arma e apontou para a frente. Natalie correu para o veículo enquanto Owen pegava as chaves e a destrancava.

Uma vez lá dentro com o cinto de segurança amarrado, Natalie descansou a cabeça no banco. Uma provação terminada - um milhão pela frente.

Ela tentou acalmar os pensamentos em sua cabeça. Impossível com um homem tão imponente e lindo quanto Owen sentado a alguns metros dela.

Natalie sorrateiramente olhou em sua direção. Ele parecia tão descansado e revigorado quanto ela desejava. Por outro lado, ele estava acostumado a esse tipo de vida. E graças a Deus por isso.

O motor rugiu para a vida. A mochila estava no assento atrás deles, segurando o frasco. Ela nunca imaginou semanas atrás que estaria sentada ao lado de Owen, tentando resgatar seu pai, salvar a si mesma e salvar o mundo de uma arma biológica.

Era a sinopse do filme. Exceto que não havia garantia de que os mocinhos vencessem ou que ela ainda estaria viva no final.

—Você está bem? — Owen perguntou enquanto dirigia.

Ela virou-se para a frente. —Acho que sim.

Pelo canto do olho, ela o viu olhar para ela. Ela forçou as mãos a relaxar e afrouxar o aperto no cinto de segurança.

—Vai ficar tudo bem, Nat.

—OK.

Logo eles saíram das árvores para o que poderia passar por uma estrada. A única indicação eram os trilhos de outro veículo.

Ela virou a cabeça para encontrá-lo inclinado para a frente, as mãos dele cobrindo o volante enquanto a olhava enquanto a caminhonete rolava lentamente pelo caminho.

—O que? — ela perguntou.

—Você não acha que eu posso mantê-la segura?

Ela estremeceu.

—Desculpa. Eu estou nervosa. Claro que sim, Owen. O mais próximo que eu já estive desse tipo de situação foi ler um romance de Steve Berry.

Owen de repente sorriu, fazendo os cantos dos olhos enrugarem.

—Você nunca gostou de nada remotamente assustador. Não consegui levá-la em um passeio durante o festival de Halloween. Você nem chegaria na roda gigante na feira.

Ele se lembrou disso? Um sentimento curioso começou a se espalhar através dela. Maldito seja. Ela havia esquecido o quão charmoso ele poderia ser, mas nenhuma conversa

doce a faria esquecer como ele a deixara casualmente para trás.

Mesmo que ele partisse para seguir seus sonhos e um código que apenas os Loughmans entendessem.

Ele recostou-se com um suspiro, uma expressão resignada no rosto.

—Você está desconfortável sozinha comigo.

—Um pouco.

Não adiantava negar ou mentir. Se eles passariam algum tempo juntos, ele precisava saber como ela se sentia.

E foi um lembrete para si mesma também.

—Eu suspeitava disso.

Não houve calor em suas palavras. Apenas demissão.

O rádio estava ligado, tocando George Strait. Ela não ouvia música country há anos e era mais um lembrete de seu tempo com Owen. Como não poderia ser? Ela estava com ele, no rancho, no caminhão de seu pai. Onde as memórias terminaram?

Natalie esqueceu como era bom andar de caminhão. Ela encostou a cabeça no banco novamente e olhou pela janela pelos próximos vinte minutos enquanto ele navegava por um labirinto de —estradas— até que finalmente encontraram o asfalto.

Era uma estrada secundária com tráfego mínimo. Owen se afastou e apontou para Waco. Ela olhou para ele e sorriu quando o viu dirigindo com a mão direita no topo do volante, enquanto o cotovelo esquerdo estava apoiado na porta.

Ele olhou duas vezes na direção dela.

—O que?

—Você está dirigindo exatamente na mesma posição quando tínhamos dezoito anos.

Ele sorriu largamente, rindo como ele fez.

—Eu nunca notei.

Mas ela tinha. Ela virou a cabeça para a frente. Por que ela disse alguma coisa? Distância, lembre-se, Nat. Ela precisava de distância.

—Você não precisa ficar nervoso, — disse ele.

—Eu não estou.

Ele resmungou.

—Você está. Você está olhando pela janela e mexendo no cinto de segurança. Sempre foi um sinal de que você estava ansiosa.

Natalie só podia olhar para ele. Ele nunca disse a ela que havia notado essas coisas no passado.

—São todas as memórias, — confessou.

—Sim, — ele admitiu. Ele ficou quieto por um segundo. Então ele disse:

—Sabe, ao longo dos anos, eu me perguntava o que você estava fazendo e se você era feliz.

—Serio?

Ela queria dizer que não tinha pensado nele, mas seria uma mentira. Ela já mentira o suficiente ao longo da vida. Não havia necessidade de mais.

Ele olhou para ela, seu olhar de chocolate intenso e cheio de arrependimento.

—Deixar você naquela noite foi uma das coisas mais difíceis que já fiz.

—Então porque você fez isso?

As palavras saíram de sua boca antes que ela percebesse. Ela jurou que não perguntaria. Acabou, água debaixo da ponte e tudo mais.

Mas estar com ele trouxe tudo de volta com clareza cristalina.

Ele soltou um suspiro, um músculo pulsando em sua mandíbula quando ele cerrou os dentes.

—Eu pensei que era o melhor. Eu sabia que se você me pedisse para ficar e não tinha certeza se poderia negar.

—Eu não sei o que eu faria. Você não me disse nada antes da formatura sobre ir para a Universidade do Texas. Você nem me disse que se inscreveu ou foi aceito. Como

pensei que tivéssemos compartilhado tudo, não posso dizer o quanto isso doeu.

—Eu sinto Muito.

—É tarde demais para desculpas.

Suas palavras duras silenciaram mais alguma conversa. Ela ficou bem com isso por um tempo. Até que ela reconhecesse, eles não poderiam continuar. Eles precisariam conversar para passar os próximos dias ou semanas.

—Está feito e acabado — disse ela.

—Não adianta reviver os erros do passado.

Owen assentiu, mas não respondeu.

Ela terminou a conversa, então era sua responsabilidade recomeçar novamente.

—A Marinha foi tudo o que você pensou que seria?

Por vários minutos, Owen não agiu como se a tivesse ouvido. Então ele disse:

—De certa forma. Não tanto nos outros. Essa é a minha vida. Eu sirvo meu país, protegendo a terra e os cidadãos.

—Sempre o herói, — ela sussurrou.

Ele lançou lhe uma careta. —Eu não sou.

—Eu poderia listar tudo, mas você negaria tudo e diria que estava apenas sendo um cavalheiro. A verdade é, Owen,

você cuida das pessoas. É parte de você, assim como seguiu a necessidade de servir seu país.

Owen continuou dirigindo sem comentar.

Natalie se mexeu na cadeira. Ela revirou as palavras dele em sua mente. Ela teria tentado convencê-lo a ficar? Definitivamente.

Owen tinha sido sua vida, o próprio fundamento que moldou seu futuro. Quando ele saiu, ela não tinha certeza do que fazer. Não havia dúvida de que, se ele tivesse ficado, ela não teria ido para Wheaton ou para a Rússia trabalhar nesses anos.

Ela gostou da vida que levou, exceto por se casar com o cara errado. Então, novamente, quem teve a vida perfeita?

—Eu tinha novidades para você na noite da formatura, — disse ela.

—Encontrei minha carta de aceitação da Southern Methodist University que mamãe escondeu. Ela me disse que nunca veio nada e me mostrou a carta de aceitação da Wheaton College a qual ela se candidatou.

—Sua mãe, — disse Owen com um bufo alto.

Era tudo o que precisava ser dito. Ele sabia que tipo de mulher Diane Dixon era. Não havia necessidade de entrar em sua loucura.

—Então você foi para a SMU? — Owen perguntou.

Natalie escondeu o sorriso e o observou por sua reação.

—Não. Eu decidi pelo Wheaton.

Seus olhos se arregalaram quando ele a lançou um olhar surpreso.

—Sério?

—Eu tenho meu MBA em línguas estrangeiras.

—Eu sempre soube que você faria grandes coisas.

Ela levantou os ombros até as orelhas e manteve a pose por um segundo enquanto esticava as costas.

—Foi bom estar tão longe da mamãe e sair sozinha. Eu acho que é exatamente o que eu precisava.

—Você definitivamente precisava sair de Diane.

Natalie riu.

—Ficar longe da mamãe teve algo a ver com a minha decisão. Ninguém conhecia o meu negócio, no entanto. Eu poderia me perder entre todas as pessoas. Não precisava esconder nada ou temer que alguém me visse e corresse de volta para contar à mamãe. Eu era verdadeiramente independente.

Ela sorriu, lembrando como aquilo havia sido.

—Eu tinha pavor de estar sozinha, mas ao mesmo tempo, era tão emocionante.

—Eu sei o que você quer dizer.

Havia algo em sua voz que chamou sua atenção. Ele parecia triste, mas a emoção desapareceu rapidamente.

—Tudo isso, incluindo uma temporada na Rússia, e você ainda voltou para Dallas.

Ela percebeu onde isso estava indo. Ela também adivinhou que Owen já sabia sobre Brad. Mas ele estava sendo seu eu habitual e deixando-a decidir se ela queria falar sobre isso.

—Estranho como as coisas acabam, — ela respondeu.

—Eu não pretendia permanecer no Texas. Eu estava procurando um emprego na Itália que um amigo me contou quando a embaixada russa em Dallas entrou em contato comigo. O dinheiro era bom e eu gostava de trabalhar em estreita colaboração com outras embaixadas e governos.

—Isso é bom, — ele disse com um leve aceno de cabeça.

Ela hesitou por um segundo.

—Eu também me casei. E divorciada.

CAPÍTULO DEZESSETE

Owen segurou o volante com força. Toda vez que pensava no idiota que ousara machucar Natalie, ele queria causar danos físicos a ele.

Então ele lembrou que também a machucou.

—Sinto muito, Nat.

Ela forçou uma leve risada.

—Fiquei arrasada no começo. Eu não podia acreditar que ele me traiu várias vezes, mas então percebi que não estava feliz. Eu casei com ele porque parecia o próximo passo, não porque eu estava loucamente apaixonada por ele. É tanto minha culpa quanto dele.

Owen olhou para ela, encontrando seus profundos olhos verdes.

—Isso é uma bosta. Você não o fez te trair.

—Eu sei. Cuidado com a estrada.

Ele voltou sua atenção para dirigir.

—Não se atreva a se culpar.

—Eu me culpo pelo casamento. Eu poderia ter cancelado. Eu deveria ter, mas realmente pensei que poderia ser feliz com ele.

—Se ele não tivesse te traído, você ainda estaria com ele? — Ele rapidamente olhou para ela para ver sua reação.

Natalie assentiu lentamente.

—Eu nunca acreditei em divórcio. Você sabe disso. Você se casa por amor e trabalha para manter o casamento. Então, sim, eu teria ficado com ele. Mas... ele quebrou minha confiança com a traição. Foi só depois que eu pedi o divórcio que compreendi o quanto eu queria sair do casamento. Talvez eu o tenha pressionado a ter esses casos.

—Não. Não — ele repetiu com mais força.

—As pessoas se casam por todos os tipos de razões. Não importa o que um cônjuge faça ou não, nada disso justifica um caso. Nada disso.

Ela estendeu a mão e a colocou gentilmente no braço dele.

—Obrigado.

—Apenas falando a verdade.

Ele realmente queria quebrar os dois braços do bastardo. E possivelmente as pernas dele.

—E se você? — ela perguntou.

—Você é casado?

—Não. — Ninguém jamais poderia comparar com a melhor coisa que já havia entrado em sua vida - Natalie.

—Você chegou perto?

Ele olhou para ela.

—Uma vez. Quatorze anos atrás, para minha namorada do ensino médio.

Ela não sorriu. Seus olhos verdes eram perspicazes quando o encararam.

—Você queria se casar comigo?

—É por isso que saí sem falar com você. Eu sabia que se eu visse você, eu proporia.

—Hã.

Isso é tudo? Ele esperava mais dela. Mas se ele quisesse ver algum tipo de compaixão ou até - ousa dizer isso? - amor, ele esperaria muito tempo.

Ele realmente a machucou. E ele não tinha sido o único.

Ele não pôde continuar essa conversa enquanto dirigia. Ele saiu do acostamento e estacionou o caminhão. Então ele se virou para ela.

—Eu sabia no que estava me metendo, Nat. Eu conhecia a vida pela frente na Marinha. Eu também sabia que seria um SEAL. Vi em primeira mão que tipo de vida minha mãe tinha como esposa de um SEAL. A preocupação, a espera. Eu não queria fazer você passar por isso.

Os olhos verdes de Natalie olhavam para ele como se ele fosse de outro planeta.

—Essa foi minha decisão, não sua.

—Não, — ele disse com firmeza, balançando a cabeça.

—Você tomou sua decisão com base em seus sentimentos. Você nunca ouviria os fatos sobre a vida militar.

—Ainda seria minha decisão.

—E minha.

Ele passou a mão pelo rosto.

—Um casamento leva duas pessoas. Você acha que eu queria voltar para casa e te achar amarga por estar em mais uma missão? Ou exigir que eu desista da vida porque fui ferido ou fui mandado embora depois de voltar?

Ela levantou a mão para impedi-lo de falar.

—Sua mãe já exigiu que seu pai desistisse?

Ela fez uma pausa enquanto examinava as memórias.

—Não que eu me lembre.

—Mas você esperava que eu fosse o tipo de mulher que faria isso?

—Eu não disse isso.

—Você certamente fez.

—É uma vida difícil, Nat!

—Mas nós estaríamos juntos!

Foi quando o acertou no peito, como uma bala de 50 mm. Ela estava certa. Eles estariam juntos. Ele não estaria sozinho todos esses anos.

Sim, eles podem ter brigado, mas trabalharam para manter vivo o amor e o casamento.

—Não há sentido em revisar isso. Nós dois seguimos em frente — disse Natalie e olhou para frente.

Ele não tinha tanta certeza depois daquele beijo. Ele olhou pelo para-brisa e sentiu como se a tivesse perdido de novo. Isso não foi possível, no entanto. Ele a deixou ir pela primeira vez e, desta vez, ela nem tinha sido dele.

Mas ele tinha esperança.

Uma esperança que ele não tinha entendido crescia dentro dele até que ela apagasse isso de maneira tão indiscutível.

Ele ligou a caminhonete e puxou de volta para a estrada. O resto do caminho foi feito em silêncio. Embora a conversa deles continuasse tocando repetidamente em sua cabeça.

Quando estavam na estrada, ele havia notado um carro bege que ficava à mesma distância dele, independentemente de ele ter desacelerado ou acelerado. Ele suspeitava que algo assim pudesse acontecer.

Quando ele dirigiu para o campus de Baylor, ele estava pronto para sair do caminhão e continuar sua tarefa. Ele encontrou um lugar de estacionamento e checou o celular. Nada.

Não era como se ele esperasse alguma coisa, mas esperava que Callie e Wyatt tivessem algumas notícias. Ou até Cullen, que deveria ter chegado à Dover AFB ontem à noite.

Owen mandou para Cullen um texto rápido antes de seu olhar ir para o espelho retrovisor.

—O que foi? — Perguntou Natalie.

—Três fileiras atrás e à direita está um Ford Taurus bege.

Ela se virou e olhou.

—Eu o vejo.

—Eu os vi na estrada há algum tempo.

Natalie balançou a cabeça para ele.

—Os russos?

—Possivelmente.

—Devemos sair?

Ele balançou sua cabeça.

—Não. Isso é importante. Entrar e sair sem incidentes.

—Então qual é o plano?

—Ação normal. Coloque o recipiente na sua bolsa. Depois, entraremos no prédio.

As sobrancelhas dela se ergueram.

—Que simples?

—Que simples. Olhar em volta. Há muita gente. Esses homens vão se destacar.

Contanto que eles não tivessem alguém no campus se misturando com os alunos, mas ele manteve essa preocupação consigo mesmo.

Não havia necessidade de colocar mais ansiedade em Natalie do que já havia. Ela soltou o cinto de segurança antes de se virar e se inclinar entre os assentos. O som de uma abertura com zíper encheu o caminhão. Então Natalie estava olhando para frente, colocando o recipiente na bolsa. Owen estava feliz por ela ter uma bolsa grande.

—Pronta, — disse ela com um aceno de cabeça.

—Vamos sair e, sem pressa, chegar ao prédio da ciência.

Ela respirou fundo.

—Parece fácil o suficiente.

—Isto é. Pronta para descobrir do que se trata?

—Sim, — ela disse enfaticamente.

—Não olhe para o carro, — ele a advertiu enquanto sua mão descansava na maçaneta.

Ele abriu a porta e ela o seguiu um segundo depois. Eles saíram do caminhão e deram a volta para a frente. Juntos, eles fizeram a caminhada até o edifício da ciência.

Várias vezes, ele olhou pelas janelas e portas de vidro quando eles passaram e avistou os dois homens grandes que saíram do Taurus no reflexo.

Somente quando eles estavam na escada subindo o segundo andar, ele pegou o telefone e enviou uma mensagem para Callie, Wyatt e Cullen que os russos os haviam rastreado até Waco.

—Eles ainda estão nos seguindo, não estão? — Natalie perguntou em um sussurro.

Ele enfiou o telefone no bolso de trás e assentiu.

—Eles estarão nos procurando, mas estão mantendo distância.

—Mas eles sabem que estamos aqui por uma razão e não por uma visita social.

Ele sorriu.

—Isso é verdade. Provavelmente, eles acham que viemos para ver se alguém tem alguma informação sobre o bioquímico.

—Eu pensei que eles mantinham a confidencialidade.

—Eles fizeram. Isso significa que alguém deixou a informação vazar para o nosso governo.

Os olhos dela se arregalaram. Ela colocou um longo fio de cabelo castanho claro atrás da orelha.

—Eles não sabem quem os traiu, sabem?

—Provavelmente não. Eles procurarão alguém que pareça suspeito. Geralmente, se eles não conseguem descobrir o culpado rapidamente, a limpeza da casa é feita.

—Então inocentes são mortos.

Ele assentiu solenemente.

—Isto é errado.

—Isso é vida.

Eles andaram por um longo corredor e viraram à esquerda. Pelo canto do olho, ele viu a postura de Natalie mudar. Seu sorriso era enorme quando ela se apressou em encontrar uma mulher pequena com olhos negros.

Emily Ashcroft não era como Owen imaginara. Ela não era a professora típica que se poderia encontrar em uma universidade. Emily tinha mechas roxas no cabelo curto da meia-noite, espetado em todo o corpo.

Ela usava uma camisa do AC / DC cortada e um tanque vermelho embaixo. Isso foi combinado com uma minissaia de couro preto, meias pretas que tinham desenhos de caveiras pouco visíveis e botas altas e pretas.

O penteado combinava com seu rosto e corpo estreitos. Com grandes olhos negros, lábios carnudos e um corpo que teria seu irmão mais novo de joelhos, Emily foi uma surpresa agradável.

Ela se afastou de Natalie e olhou para ele. O olhar sombrio dela subiu e desceu, observando a camiseta preta dele, jeans e botas pretas.

—Militar, — disse Emily.

Owen sorriu.

—FOCA.

—Claro.

Uma fina sobrancelha negra se levantou quando ela olhou para Emily.

—Natalie, onde você o escondeu?

—Ele é quem está se escondendo.

Ele olhou para Natalie, mas ela estava sorrindo para Emily. Então foi isso que ela pensou? Que ele estava se escondendo?

—Venha para dentro, — Emily disse enquanto fazia sinal para ele segui-lo.

Ele esperou até a porta do laboratório fechar atrás de Natalie, depois olhou para o corredor, esperando pelos homens. Depois de cinco minutos sem um sinal deles, ele entrou no laboratório.

CAPÍTULO DEZOITO

Natalie sorriu enquanto Emily falava um milhão de milhas por minuto. Não era porque Emily estava nervosa. Isso se devia principalmente ao fato de ela estar altamente cafeinada, o que era normal.

—Senti sua falta na festa neste fim de semana. Eles simplesmente não são os mesmos sem você. —

Emily deu a volta nas mesas e bancos para a frente do laboratório.

—Brad parecia horrível. Ele ficava perguntando se eu ligaria para você. Recusei, porque francamente, querida, é melhor sem ele.

Emily então olhou para Owen e meneou as sobrancelhas enquanto sorria. Ela deveria saber que Emily traria seu ex-marido. Emily nunca foi fã de Brad.

—Agora ele, por outro lado, —

Emily disse e apontou para Owen, que estava parado na porta.

—É uma história diferente. Ele é um pedaço.

As palavras não passavam por sua garganta. Tudo o que ela pôde fazer foi assentir. Porque ele era exatamente isso.

—Ele é solteiro? — Emily se aproximou para perguntar em um sussurro.

—Eu acredito que sim.

O olhar de Emily se estreitou quando ela a encarou.

—Há uma história entre vocês dois.

—Como você pode saber disso?

Agora ela se perguntava se estava escrito em todo o rosto. Ela pensou que estava fazendo um trabalho melhor para esconder seus sentimentos.

Emily deu de ombros.

—Pela maneira como ele fica olhando para você, é óbvio. Agora derrame. Eu quero todos os detalhes suculentos. Porque, querida, não tenho certeza de como você poderia deixar isso acontecer.

—Eu não fiz. Ele me deixou.

Ela se encolheu quando saiu mais alto do que ela esperava.

Ela não se incomodou em olhar para trás. Ela podia sentir a presença de Owen se aproximando pela maneira como sua pele formigava com a consciência.

—Sim, — disse ele em seu profundo barítono.

—Foi minha culpa.

Ela pensou que já havia passado por toda a mágoa e ressentimento, mas aparentemente estava enganada. Ter

Owen com ela, beijá-la, tocá-la, estava trazendo de volta sentimentos que ela não estava preparada para lidar.

—Interessante, — Emily disse com um sorriso largo.

—Muito interessante. Agora, vamos ao trabalho, sim?

—Por favor, — ela murmurou.

Ela começou a se afastar quando a mão de Owen agarrou seu pulso e a manteve no lugar. Ele se inclinou tão perto que ela podia sentir a respiração dele em seu pescoço, o que fez seu coração acelerar com antecipação e prazer.

—Olhe para mim, Nat. Eu não vou morder.

Houve uma longa pausa antes que ele dissesse: —Forte.

Ela parou o gemido antes que passasse por seus lábios. Maldito seja por tentá-la dessa maneira. Mas ela manteve as costas para ele.

—Olhe para mim, — ele exigiu suavemente.

Ela nunca poderia recusá-lo quando ele usava aquele timbre suave, cheio de sensualidade e a promessa de prazer requintado.

Ela olhou nos olhos escuros dele e se derreteu sob o flagrante desejo que via ali. A mão dele lentamente acariciou seus dedos. Respirar tornou-se difícil quando seu sangue bateu em seus ouvidos.

Ela tentou engolir. Não importa como ela tentasse, ela não conseguia desviar o olhar dele. Uma grossa linha negra

envolvia sua íris e suas pupilas estavam dilatadas. Seus corpos estavam se tocando, de modo que cada pedacinho do calor dele penetrava em suas roupas e em sua pele.

Incapaz de ajudar a si mesma, ela agarrou os dedos dele.

—Não faça isso, — ela implorou.

Ela não era forte o suficiente para negá-lo. Ela não podia fazer isso na adolescência - e certamente não podia fazer isso agora. Não com o homem imponente e comandante que a mantinha imóvel com a promessa de êxtase que ela sabia que ele poderia cumprir.

—Eu não tenho escolha, — ele sussurrou.

—Eu nunca tive uma escolha com você. Eu vejo você e tenho que ter você.

O desejo de ceder, derreter em seus braços era esmagador. Ela sonhava com isso tantas vezes. Agora, ele estava se oferecendo.

Como ela poderia recusar?

Como ela pôde aceitar?

Levou anos para superar Owen - se ela realmente o fez. Ela estava começando a duvidar seriamente disso. Mas ela sabia que não havia futuro juntos. Ele tinha a vida dele onde pensava que ela não pertencia, e ela a dela.

Concedido, ela estava agora sem emprego, mas uma vez que os russos não a quisessem mais morta, encontraria outra coisa. Um trabalho pode ser substituído. A vida dela não podia. Portanto, ela não daria muita atenção à sua posição na embaixada no momento.

Owen, por outro lado, estava diante dela. Seria tão fácil se apoiar nele e deixá-lo abraçá-la, deixá-lo cuidar dela. Ele fez isso sem esforço.

Mas por quanto tempo? Foi isso que a impediu de ceder, mas esse argumento estava se esgotando quando o calor e as palavras dele a puxaram para mais perto.

De alguma forma, ela encontrou os meios para puxar sua mão da dele. Então ela deu um passo intencional para trás para guardar seu coração.

—Pensei que você tivesse dito que não me encaixava na sua vida.

—Eu estava errado.

—Você ainda acha que está errado quando encontrarmos Orrin e parar o grupo depois disso? — ela perguntou, segurando sua bolsa.

—Sim. E eu gosto da sua fé em mim — ele respondeu sarcasticamente.

—Estou baseando-o em experiências anteriores.

Ela não deu tempo para ele responder. Ela se virou e foi em direção a Emily, que ficou observando com curiosidade descarada.

Emily disse quando Natalie a alcançou. Havia uma pitada de tristeza e até um pouco de inveja em seus olhos negros.

—Procurei esse tipo de paixão a vida toda. Não seja tolo e deixe isso para lá.

—Ele quase me destruiu uma vez. Eu não vou passar por isso de novo.

Emily tocou seu braço com conforto. O momento foi interrompido quando uma das portas no fundo da sala se abriu e um homem de jaleco branco entrou.

Seu cabelo loiro sujo estava preso em um rabo de cavalo. Olhos azuis vívidos por trás de óculos de aro preto entraram no quarto. Ele segurou o olhar de Owen por mais tempo.

Ela notou como Owen permaneceu onde estava, mais próximo das portas. Os homens estavam lá fora? Ela esperava que eles seguissem, mas duvidava que fosse esse o caso. Owen saberia. Mas ela não perguntou. Às vezes, o não saber dava a uma pessoa uma medida de paz desesperadamente necessária.

Foi uma ilusão. Ela sabia disso. No entanto, ela pegou o pouco que podia e segurou firmemente. Porque o pior ainda estava por vir.

O sorriso acolhedor de Emily quando o homem se aproximou era genuíno e refletia em seus olhos negros.

—Simon. Obrigado por concordar em fazer isso.

—Não sei o que estou fazendo e, até ter certeza, não farei nada.

Ela não ficou ofendida. Ela seria a mesma no lugar dele. Ela estendeu a mão para ele. —Olá. Sou Natalie Dixon e estamos um pouco confusos. Sua ajuda seria muito apreciada.

—Simon Moore, — disse ele, pegando a mão dela e apertando-a.

Natalie colocou a bolsa na mesa entre eles e pegou o recipiente que continha o frasco.

—Por mais que gostemos de contar a história toda, ela é classificada.

—Você fala como se trabalhasse para o governo, — disse Simon, olhando para Owen.

Owen cruzou os braços sobre o peito.

—Nós estamos. Eu sou um Navy SEAL. Os poucos fatos que posso lhe dar são que um frasco foi roubado de outro

país porque nosso governo o queria e essas pessoas o querem de volta.

—Nem precisa dizer que esse país está furioso, — acrescentou Natalie.

Simon apoiou as mãos na mesa, olhando o tubo e o frasco dentro.

—Quão bravo?

—Eles mataram minha tia e tio, — afirmou Owen.

—Eles vão atrás de alguém associado ao que estiver dentro desse frasco.

Simon virou-se para Owen.

—O que há nele?

—É isso que queremos que você nos diga.

Simon bufou e balançou a cabeça enquanto olhava mais uma vez para o cilindro.

—É perigoso, não é?

—Achamos que sim, — respondeu Callie. —É por isso que eu coloco neste tubo.

—Pensamento inteligente, — ele disse a ela. Então ele estendeu a mão.

O coração dela deu um pulo.

—Você vai nos ajudar?

—Sou químico, — ele disse, girando o cilindro várias vezes nas mãos.

—Minha curiosidade não me permite ir embora sem saber o que é.

—Mesmo que isso coloque sua vida em perigo? — Owen perguntou.

Simon olhou para Owen.

—Mesmo então. Alguém machucou sua família por isso. Diga-me, por que não pedir ajuda ao governo?

—Tempo, — ela respondeu.

Com um aceno de cabeça, Simon voltou pela porta pela qual entrou. A parte superior era de vidro. Havia também várias janelas de vidro temperado que davam para a sala.

—É o laboratório dele, — explicou Emily. Ela então virou a cabeça para Natalie.

—Eles estão atrás de você também, não estão?

—Estou apenas ajudando alguns amigos, — ela mentiu.

Emily levantou uma sobrancelha negra e inclinou a cabeça para o lado.

—Boa tentativa. Há algo que eu possa fazer?

—Quanto controle você tem aqui? — Owen perguntou.

Emily disse: — Bastante. O que você tem em mente?

—Há dois homens grandes nos procurando. Eles entrarão no prédio, se ainda não o fizeram. Acha que pode se livrar deles?

Emily piscou. —Me dê um segundo, querida.

—Não, — disse Natalie. —Não quero mais ninguém envolvido.

—Eles não saberão que eu sou, — Emily assegurou a ela e saiu por uma porta dos fundos.

Ela puxou um banquinho de outra mesa e sentou-se. Seu olhar se voltou para Owen. Ele observou a porta caso os homens passassem.

Ela costumava brincar que ele tinha olhos na parte de trás da cabeça. Ninguém foi capaz de chegar atrás de Owen e assustá-lo. Ele sempre sabia quando alguém tentava.

E ela havia tentado de várias maneiras diferentes.

De repente, seus olhos deslizaram para ela. Ela lembrou as palavras dele, e calafrios percorreram sua pele. Ela o queria com um desespero que era familiar demais. Nem mesmo os longos anos separados podiam fazer seu corpo esquecê-lo.

Uma vez que Orrin fosse encontrado - porque sabia que eles o encontrariam - Owen retornaria à sua unidade dos SEALs. E tudo voltaria ao que era.

Ele tinha tanta certeza de que ela não gostaria da vida militar. O que a irritou foi que ele estava certo. Ela queria um tempo com ele, e reduzi-lo a apenas algumas semanas por ano não era muito um relacionamento.

Como ela poderia ficar brava com ele por proteger seu país? Ele arriscava sua vida todos os dias pela liberdade deles. Ele era um herói de todas as maneiras possíveis.

Ele a queria. Estava lá para o mundo ver. Ele não estava escondendo. Mas ela se recusou a permitir que ele voltasse à sua vida - e ao seu coração.

Mesmo que estar com ele fosse uma felicidade pura e sem adulteração.

—O que Simon está fazendo? — Disse Owen.

Ela piscou e desviou o olhar dele.

—Eu não sei. Eu sempre odiei a química.

Ele se moveu para ficar perto de uma das janelas e olhou para dentro.

—Ele está tentando descobrir os compostos dentro do líquido.

Ela olhou para a roupa de proteção que Simon usava e se perguntou como eles estavam seguros no laboratório ao lado dele. Paredes e vidro pariam Ragnarok?

Provavelmente não com um nome assim.

A porta se abriu e Emily entrou.

— Os homens que seguem você estão fora do prédio, mas eles não deixaram o campus. Eles estarão esperando.

CAPÍTULO DEZENOVE

—Eles não vão nos seguir de volta, vão? — Perguntou Natalie.

Owen olhou para o relógio.

—Não.

—Suponho que isso significa que você vai cuidar deles?

—Sim.

Ele estava esperando por isso desde que eles decidiram ir para Baylor. Estava na hora de ele ter cara a cara com os russos.

E tirar mais dois da lista.

Isso deixaria apenas os quatro restantes. Um alvo fácil de tirar.

Fácil.

—Fácil demais, — ele murmurou.

—O que você disse? — Perguntou Natalie.

Ele balançou sua cabeça. —Nada.

O que eles estavam perdendo? Callie tinha verificado. Havia doze homens da Rússia. Só doze. Mas por que eles se colocariam em posição de deixar apenas quatro para encontrar o frasco?

Eles não.

—Tem mais, — disse ele, encarando Natalie.

A testa dela franziu.

—Mais? Mais o que?

—Homens.

—Mas Callie olhou.

Ele assentiu enquanto caminhava até ela.

—Eu sei. Talvez eles já estivessem aqui.

—Precisamos de Callie.

Seus lábios se comprimiram quando ele enviou um texto codificado para Wyatt.

Enquanto isso, Natalie virou-se para Emily.

—Existe um computador que eu possa emprestar?

Emily saiu do laboratório e voltou quase imediatamente com um laptop.

—É o meu computador pessoal. O campus não pode rastrear o que você fará.

Natalie abriu o laptop e começou a apertar as teclas enquanto ele olhava para ver o que ela estava fazendo.

—Há um grupo de russos expatriados em Dallas. Eu nem pensei neles ontem. Eu deveria ter — ela disse a ele.

—Tínhamos muita coisa acontecendo.

Os olhos de Emily se arregalaram quando ela os juntou.

—Natalie, você trabalha para a Embaixada da Rússia.

—Trabalhei. Tenho certeza de que não tenho mais emprego, — disse ela.

Segundos depois, um site foi aberto para o grupo de expatriados russos. Natalie foi a todos os links, mas não havia como saber o tamanho do grupo.

—Eu não sou um hacker, — disse ela ao encontrar o olhar de Owen.

—Callie poderia descobrir tudo o que há para saber com pouco esforço.

—É um bom lugar para começar. Tem que haver um nome de contato, — ele disse.

Ele olhou por cima do ombro para o Dr. Simon Moore, que ainda estava examinando os ingredientes do frasco. Ele provavelmente ficará lá por algum tempo. E não havia como dizer quanto tempo levaria Callie para obter suas informações.

Tudo o que eles tinham agora era tempo em suas mãos. O que deixou Owen desconfortável.

—Umm, — disse Emily.

—Talvez eu conheça alguém que possa entrar no site.

Natalie estava balançando a cabeça antes que Emily terminasse.

—Não. Você já está fazendo muito.

Ele apontou para o nome do contato na tela.

—Talvez seu amigo hacker possa nos dar informações sobre Irina Matveev?

CAPÍTULO VINTE

Sklad

Orrin não fazia ideia de que dia era ou que horas eram. A pequena sala não tinha janelas. Depois, havia o fato de ele ter ficado inconsciente tantas vezes que dormia por dias e não sabia disso.

Yuri estava ficando impaciente. As sessões de tortura aconteciam com mais frequência, mas ele podia tomá-las. Ele não disse nada a Yuri.

Ele ouviu algo vagamente. Ele abriu o olho bom e viu que a porta não estava fechada completamente. Ele viu as botas de um de seus guardas.

Mas essa rachadura permitia o som. Os dois guardas estavam conversando. Ou melhor, um estava dando pensamentos não tão agradáveis sobre alguém no poder, enquanto o outro apenas resmungava em resposta.

Ele estava prestes a desconsiderá-los quando ouviu menção dos santos. Esse nome chamou sua atenção anos atrás, quando ele estava em outra missão. Ele não aprendeu nada sobre a facção e, infelizmente, logo se esqueceu.

Mas, aparentemente, a seita havia trabalhado silenciosamente nos bastidores.

Um fio de inquietação passou por ele. As organizações-sombra sempre foram as mais difíceis de derrubar, porque encontrar o chefe de um grupo tão nefasto era quase impossível.

Orrin fechou os olhos e se concentrou, bloqueando as vozes mais próximas. Até que ele pegou outra voz, uma que ele reconheceu - a de Yuri. Yuri estava falando em russo e, pelo discurso profanado, as coisas não estavam indo bem.

—O que eles estão fazendo na Baylor? — Yuri exigiu, metade em russo e a outra metade em inglês. Era um hábito de Yuri quando ele ficava chateado.

A pergunta chamou a atenção de Orrin. Então os meninos estavam em Baylor. Muito provavelmente, eles estavam tentando descobrir o que havia na bioquímica. Foi a coisa mais inteligente a fazer.

Ele sabia, sem ter que se perguntar, que Callie estava certa na mistura de coisas também. Ela era como uma filha, e ele se preocupava sem parar com ela. Callie era forte, mas ela tinha um coração mole e um desejo forte de ser desejada e necessária. Ela era mais do que competente no campo, mas ele sabia em primeira mão o que poderia acontecer com as pessoas em sua profissão.

Ele não queria isso para Callie. É por isso que ele a afastou do FBI. Foi também por isso que ele a manteve na base, longe do perigo.

Agora não tanto.

Yuri estava falando de novo, mas era muito rápido e desaparecia, como se estivesse andando, para Orrin ouvir tudo. Ele pegou algumas coisas, no entanto.

Quem quer que Yuri tenha falado deve estar no Texas. Ele também ouviu algo sobre Dallas e russos morrendo. Ele interiormente soltou um grito. Seus meninos estavam danificando o grupo e os matando um a um.

Foi só quando ele ouviu Yuri dizer o nome Natalie Dixon que Orrin esboçou. Ela deve ter encontrado algo sobre Ragnarok. Essa é a única razão pela qual ela estaria envolvida.

Ele sabia que os meninos e Callie cuidariam dela, mas era em outra vida que ele tinha que se preocupar. Ainda assim, ele se perguntou como Owen estava levando isso. Talvez isso forçasse seu filho do meio a perceber um de seus maiores erros e corrigi-lo.

Os homens estavam vindo para seus meninos de todos os ângulos. Não que isso atrasasse seus filhos. Se ele pudesse estar lá, ajudando-os a chutar um traseiro russo.

Seus filhos estavam preparados, no entanto. Todos os três eram os melhores de seus ramos. Eles não chegaram lá por acaso. Eles fizeram isso porque estava no sangue deles - e porque nenhum Loughman sabia como falhar.

Yuri encerrou a ligação e começou a gritar com alguém perto dele. Aquele temperamento dele o pegaria um dia. No entanto, Yuri tocou a dança política no meio militar excelente, o suficiente para levá-lo aonde estava.

Orrin já havia gostado dessa dança. Agora isso o deixaria doente. Todo o engano e punhalada nas costas deixaram um gosto amargo em sua boca.

Um telefone tocou. Yuri parou de gritar no meio da frase. O silêncio disse à Orrin que quem estava ligando não era alguém com quem Yuri queria conversar.

—Da? — A voz de Yuri estava cheia de reverência. E uma dose pesada de ansiedade.

—Eu entendo senhor. Está perfeitamente claro. Eu sei o quanto é importante. Vou encontrar Ragnarok.

Orrin desejou que soubesse quem era do outro lado da ligação. Ele fez uma lista mental de todos os policiais que superaram Yuri. Ao longo dos anos, houve alguns que não eram exatamente como Yuri.

Mas qual deles?

—Ele não está falando, — disse Yuri. Houve uma longa batida de silêncio antes de Yuri responder:

—Vou tirar dele de uma maneira ou de outra.

Se Orrin tivesse energia, ele bufaria. Yuri foi bom no que fez, mas a família de Orrin estava em jogo. Ele não tinha sido capaz de proteger sua esposa, mas garantiria que seus filhos, Natalie e Callie fossem poupados.

A porta do quarto se abriu e bateu na parede. Os passos pesados de Yuri pararam a centímetros de seu rosto, mas Orrin não vacilou.

—Acorde ele, — ordenou Yuri.

A água foi derramada sem cerimônia sobre sua cabeça mais uma vez. Orrin soprou, borrifando água. Ele rolou a cabeça para poder olhar para Yuri com seu bom olho.

—Eu fui legal, — disse Yuri.

—Isso para agora. Eu sei que você está machucado. Sei que várias costelas estão quebradas, assim como seu pulso.

Orrin não se incomodou em dizer a ele que seu ombro direito estava deslocado por cair no último golpe. Não teria acontecido se suas mãos não estivessem atadas.

—Eu posso acabar com sua miséria. Apenas me diga onde está o frasco — insistiu Yuri.

Orrin fechou os olhos. Ele não podia estar muito ansioso, para que seu plano não funcionasse. Yuri teve que

pensar que conseguiu obter as informações por conta própria.

—Não importa quão bons sejam seus filhos, Orrin, eles não serão capazes de suportar o que estou enviando para eles. Três homens podem fazer tanto contra uma dúzia dos meus homens.

Ele tinha fé em seus filhos. Ele os viu em situações de combate. Ele os viu treinando e os viu em missões. Ele sabia o quão bom eles eram. Eles eram dez vezes melhores que ele no seu melhor - o que tinha sido malditamente bom.

—Mais um soco nas costelas e você pode ter um pulmão perfurado, — disse Yuri.

—Não saia assim. O frasco não pertence ao seu país. É nosso. Devolva e deixarei sua família em paz.

Ele sabia disso pela mentira, mas abriu os olhos e encontrou o olhar de Yuri.

—Você jura que ninguém virá atrás dos meus filhos?

—Eu te dou minha palavra.

Quantas vezes Yuri disse aquelas palavras para ele? E quantos deles foram atados com a mesma mentira? Ele não queria pensar nisso agora. Ele consideraria isso depois que Yuri estivesse morto.

—Diga-me, — disse Yuri. Ele se agachou ao lado dele e sorriu.

—Nós compartilhamos muitas boas lembranças, amigo. Sejamos amigos novamente. Você estava apenas seguindo ordens, como eu. Não há razão para que isso termine mal para qualquer um de nós. Isso é para os nossos países discutirem, não nós.

Orrin hesitou, desviando o olhar de Yuri. Ele tinha que fazer parecer convincente. Porque a única coisa que Orrin não era um traidor de seu país ou de sua família.

Ele já havia sofrido bastante espancamento antes e estava preparado para suportar muito mais da tortura que Yuri já havia praticado. Mas se ele pudesse dar a seus filhos mais algumas horas, valeria a pena o que essa pequena mentira lhe custaria.

—Venha, Orrin. Seus filhos serão poupados.

Ele soltou um longo suspiro. —Eu tenho sua palavra, certo?

—*Da.*

Ele engoliu em seco, depois deixou uma longa pausa entre eles. Finalmente, ele disse: —Enviei o frasco para Mitch Hewett no Pentágono.

O sorriso de Yuri era tenso. —Veja? Isso não foi tão difícil.

—E agora?

—Agora eu verifico o que você me disse.

CAPÍTULO VINTE E UM

Se Natalie se sentiu impotente no rancho, foi pior enquanto eles esperavam no laboratório. Embora Owen não andasse, sua impaciência encheu a sala como uma nuvem negra esperando para desencadear sua fúria.

Ele caminhava das janelas para a porta a cada poucos minutos, verificando se os homens atrás dela não estavam lá.

Seus pensamentos mudaram com a mesma rapidez de se perguntar o que Simon poderia estar descobrindo sobre Ragnarok e como Orrin se sairia com Owen.

Cada vez, sua mente parava em Owen. Apesar de dizer a si mesma que não, ela pensou no futuro - um futuro com ele. E um sem.

Ela o observou quando ele não estava olhando, tentando imaginar como seria a vida de sua esposa enquanto ele se juntou à Marinha e se tornou um SEAL.

Ela tentou imaginar todas as missões nas quais ele havia sido enviado. Então ela se perguntou se ele havia sido ferido e, em caso afirmativo, quão gravemente. Natalie viu em primeira mão o que a vida como um SEAL fizera à sua alma.

Isso o mudou, mas não o núcleo dele. Ainda não, pelo menos. Orrin conseguiu ter uma esposa e filhos durante um SEAL mas, por algum motivo, Owen se sentiu diferente.

Ela esfregou os olhos, abafando um bocejo. O silêncio do laboratório a estava deixando louca. E o banco duro não estava melhorando as coisas. Ela nem tinha o celular para jogar. Tudo o que ela podia fazer era olhar para as paredes, tentando pensar em outra coisa que não fosse Owen.

E falhando epicamente.

Uma hora depois, Emily finalmente voltou. Natalie quase a abraçou, estava tão feliz por ter uma distração. O estresse da situação atual estava lhe dando dor de cabeça na base do crânio.

—Bem, — disse Emily. —Consegui informações sobre Irina Matveev.

Os passos de Owen comeram a distância até que ele ficou ao lado de Natalie.

—E?

Emily colocou uma pilha de papéis diante deles.

—Veja por si mesmos.

Natalie pegou as páginas uma a uma. Foi quando ela viu um selo estrangeiro em um dos papéis.

—Seu amigo invadiu o Kremlin?

—Parece que sim, — Emily respondeu com um sorriso.

Natalie viu uma foto de Irina Matveev. A mulher estava na casa dos cinquentas e poucos anos, com cabelos pretos começando a mostrar sinais de prata.

A mulher não estava sorrindo. Nem os olhos dela. Ela parecia um soldado com seu olhar duro e o conjunto rígido de sua mandíbula. Irina era atraente e Natalie imaginou que ela era uma beleza quando era mais jovem.

Uma análise de suas finanças mostrou que Irina era rica, com fortes laços na Rússia. Ela era ativa na comunidade de Dallas, servia no conselho de sua igreja e era voluntária em várias instituições de caridade.

Tudo parecia normal até Natalie chegar aos papéis com selos russos. Ela leu um após o outro. Quando ela terminou, ela levantou o olhar para encontrar Owen a observando.

Owen apontou o queixo para os papéis.

—O que você achou?

—Irina Matveev, — disse Natalie.

—Ela era uma agente da KGB de baixo escalão.

Ele deu de ombros enquanto deixava de lado os papéis que estava olhando.

—Não estou surpreso.

Ela colocou as mãos em cima da pilha.

—Eu não sou uma especialista em forças armadas, muito menos um de outro país, mas diz que Irina era de

classificação baixa. No entanto, com todas as suas credenciais, as missões para as quais ela foi enviada - incluindo uma passagem na Alemanha Oriental antes da queda do muro - e suas acomodações, ela não deveria ter uma classificação mais alta.

—Ela é uma mulher. Isso provavelmente explica as discrepâncias.

—Exceto que ela de repente desapareceu por um curto período quando a KGB foi desmontada.

Owen franziu o cenho enquanto pegava o papel e o estudava.

—Desapareceu? A KGB aposentou muitos de seus agentes em um esforço para dar o melhor de si quando colocou o Serviço de Segurança Federal da Federação Russa - ou FSB - em funcionamento.

—O FSB assumiu alguém da KGB?

—Tenho certeza que sim, mas aposto que não foram muitos. Deixe-me adivinhar. Irina era uma delas.

—Ela estava, — disse Natalie, impressionada.

—Irina passou de um agente da KGB de baixo escalão para um oficial da FSB de alto escalão.

Ela entregou os papéis a Owen para que ele pudesse ver as evidências.

Owen passou a mão na parte inferior do rosto.

—Depois de dez anos no FSB, ela desistiu abruptamente e se mudou para o Texas.

—Estranho, não é?

Ele assentiu.

—Muito. Especialmente com todos os elogios e avanços. Há algo estranho, com certeza. Me deixa curioso.

—Precisamos de mais informações.

Emily apontou para o conjunto de papéis.

—Meu amigo encontrou tudo o que havia. O que quer que tenha acontecido na vida de Irina Matveev, não está registrado em nenhum lugar.

Enquanto Owen continuava relendo os papéis, Natalie não parava de pensar que havia uma conexão com Irina de alguma forma. O que quer que o ex-agente da KGB e FSB estivesse escondendo, a única maneira de conseguir isso era conversando com ela.

Foi uma aposta arriscada, que poderia ser a última parada de Natalie. Mas não era como se eles pudessem ligar para um dos amigos de Irina para descobrir o que eles queriam saber.

—Acho que precisamos interrogá-la.

—Nós não temos autoridade. Ela não tem motivos para falar conosco. Eu certamente não estaria no lugar dela.

Esse era um ponto que Natalie não havia considerado. Ela girou os ombros, tentando descobrir as dobras no pescoço.

—Há um caminho que posso tentar. Um conhecido na CIA — disse Owen.

Ela arregalou os olhos.

—Um conhecido?

Ele fez uma careta.

—Eu não o chamaria exatamente de amigo. Eu o ajudei alguns anos atrás. Ele disse que me faria um favor em troca. Eu esqueci tudo até agora.

—Se você usaria esse favor, agora parece a hora, — afirmou Emily.

Natalie deu a Owen um aceno de concordância. Ele não perdeu tempo, puxando o telefone e discando um número quando se virou e saiu do alcance da voz.

Este foi apenas mais um exemplo de como a vida de Owen era clandestina e perigosa. Ela sentia que a imagem que ela tinha das missões de assistir filmes não era nada comparada à coisa real.

E isso a assustou. Enquanto ela estava estressada ao máximo sobre sua situação, a arma biológica e Orrin, Owen foi capaz de ver tudo objetivamente. Foi assim que ele foi treinado e como ele viu o mundo.

Mais uma prova de que eles viveram vidas muito diferentes. Ele estava certo mais cedo. Ela odiava qualquer coisa que perturbasse seu pedido. Ela detestava qualquer coisa assustadora.

No entanto, ela entrou na situação porque sabia profundamente em sua alma que era a coisa certa a fazer. Ela não sabia que um golpe seria atingido nela, ou que Orrin seria sequestrado.

Ela não sabia que um grupo de assassinos viria atrás dela. Ou que ela teria que fugir por sua vida com Owen a protegendo.

Ela não sabia que seria jogada em um mundo de intrigas, segredos e decepções que a fizeram questionar tudo.

Mas ela nunca se sentiu mais viva.

Não havia dúvida de que ela estava com medo de morrer, mas havia uma imagem maior que ela viu. Ragnarok. Essa arma biológica - independentemente do que ele fez - poderia ser usada contra outra nação. Esse sangue estaria em suas mãos se ela não fizesse todo o possível para mantê-lo escondido.

A mão de Emily descansou em seu ombro.

—Esta é uma tempestade de merda em que você se meteu, Natalie.

—Eu sei, — ela respondeu com uma ruga do nariz.

—Mas se alguém pode mantê-lo segura, é ele,— Emily disse enquanto olhava para Owen.

—Ele já faz isso.

Owen voltou-se para elas quando ele abaixou o telefone, a ligação obviamente terminada.

—Eu suspeitava que a CIA estivesse assistindo Irina. A ex-agente ainda tem contato com o FSB, embora ela não esteja mais trabalhando tecnicamente para eles.

—Como isso é possível? — Emily perguntou.

Ele levantou os ombros em um encolher de ombros.

—Meu contato foi capaz de me dizer que Irina deixou o FSB logo após a morte do marido em circunstâncias misteriosas. Foi também quando ela deixou a Rússia.

—Eles obviamente não tentaram impedi-la, — disse Natalie.

—É isso, depois que o marido foi enterrado, Irina se escondeu. Ninguém a viu por um mês. A próxima vez que ela apareceu, ela estava nos Estados Unidos.

Os olhos de Emily se arregalaram.

—Muito segredo envolvido.

—Embora meu contato não tenha confirmado, há suspeita de que a CIA a tenha ajudado a escapar. Ele estava

hesitante em me dar muito, o que significa que Irina pode estar trabalhando para eles de alguma forma.

—Isso explicaria por que os russos não enviaram alguém para matá-la, — disse Natalie.

—Ou tudo pode ser um truque e Irina ainda trabalha para o FSB, — apontou Owen.

Natalie olhou para a foto de Irina Matveev e se perguntou se era ela quem controlava os russos que tentaram matá-la. Ela poderia enfrentar a mulher que - potencialmente - a queria morta?

—Ainda acho que precisamos conversar com Irina, — disse ela.

Owen soltou um suspiro e caminhou até ela.

—Eu acho que você está certa. No entanto, não gosto da ideia de nada disso.

—Se for ela, ela conhecerá meu rosto, — apontou Natalie.

—Não há dúvida de que será perigoso. Se for ela, ela conhecerá todos os nossos rostos.

Emily apontou para um pedaço de papel no topo da pilha.

—O endereço dela está aqui, bem como o itinerário para a próxima semana.

Natalie olhou a agenda de Irina. A mulher estava em movimento constantemente. Mas houve um almoço em dois dias que Irina havia planejado, logo após uma reunião no centro.

—Eu conheço este lugar, — disse ela à Owen.

—Eu sei o caminho que ela seguirá. O prédio para a consulta dela fica a apenas uma quadra do restaurante.

—Então ela vai andar, — disse Owen com um aceno de cabeça.

Natalie olhou para os papéis.

—Poderíamos tentar pegá-la no caminho para o horário do almoço e conversar um pouco.

—Se você fala russo, ela fala com você.

—E possivelmente matá-la. — Emily apontou.

O olhar de Owen se estreitou.

—Ela pode tentar.

* * *

Horas de nada. Pelo menos a última hora foi preenchida com algo para fazer. Owen se concentrou no arquivo de Irina. Havia algo nela indo da KGB para a FSB e os anos perdidos.

Ele virou as páginas que listavam o arquivo KBG e olhou para Natalie.

—Algo está faltando. O arquivo KGB dela não inicia no recrutamento como deveria. Ele pega no meio depois que ela

já esteve em várias tarefas. Há uma razão pela qual alguns dos arquivos dela estão ausentes.

—O que causaria algo assim? — Perguntou Natalie.

Seu olhar deslizou para Emily antes de voltar para Natalie.

—Isso significa que alguém queria esconder alguma coisa. Eu fiz algo semelhante para um dos meus homens. Ele mudou seu nome e eu ajudei a Marinha a enterrar qualquer documento com sua antiga identidade para que ele pudesse se disfarçar.

—Então Irina tem algo a esconder, — disse Nat.

Ele encolheu os ombros.

—Ela ou o governo. Seu recrutamento no FSB e sua classificação me dizem que ela esteve no meio das coisas por muitos anos.

—Por que mudar para o Texas? — Emily perguntou.

Natalie levantou a foto de Irina.

—Essa é uma pergunta que eu gostaria de responder.

Quanto mais ele pensava em Natalie conversando com Irina Matveev, mais ele sentia que era uma má ideia.

—Diga que Irina está comandando os russos. Você não será capaz de mudar de ideia sobre cancelar o golpe.

—O golpe? — Emily repetiu, sua voz mais alta.

—Natalie?

Natalie colocou a mão no braço de Emily.

—Olha com quem eu estou, Em um SEAL. Como você disse, ele vai me manter a salvo.

Emily não disse mais nada, mas não estava tão convencida quanto Natalie. Pelo menos Nat acreditava que ele a manteria viva, e foi exatamente isso que ele planejou.

—E se não for Irina? — Perguntou Natalie.

—E se ela souber algo que poderia nos ajudar?

Ele admitiu que ela tinha razão, mas não valia a pena colocá-la tão perto do perigo. —São muitos ‘ e se ’.

—Quanto mais cedo descobrirmos quem está controlando o grupo, mais alavancagem teremos. E agora, precisamos de um pouco disso. Estamos voando às cegas e, embora eu possa não ser um SEAL, até eu sei que isso não é bom, — disse Natalie.

Eles precisavam saber quem estava encarregado dos assassinos russos. Ela estava certa, alavancagem era algo que eles precisavam para recuperar Orrin. Ele simplesmente não gostou do fato de que Nat iria falar com uma mulher que poderia decidir terminar sua vida.

—Se vamos fazer isso, precisamos ter um plano e várias rotas de fuga.

Ela sorriu. —Claro.

Ele voltou a examinar a vida de Irina Matveev no papel. Ela parecia ser uma cidadã normal, mas a aparência podia enganar.

Ele pegou Natalie olhando para ele. Quando ele encontrou seu olhar, havia algo em seus profundos olhos verdes. Ele a sentiu observando-o com frequência e desejou saber o que ela estava pensando.

Natalie sempre encobriu seus sentimentos, e o tempo só a fez dominar isso. Ela o desligou rápido o suficiente antes, mas a lembrança do beijo deles ainda estava na língua dele.

Se ele soubesse o que dizer para ultrapassar os muros que ela ergueu para mantê-lo fora. Às vezes, ele sentia que estava perto, mas principalmente parecia que ela nunca mais seria dele.

Ele sabia o que pediu. Pelo menos, ele pensou que sim. Ele a desejava. Não havia como negar, mesmo que ele quisesse. Vê-la, tocá-la, inalar seu perfume inebriante lembrava todos os motivos pelos quais ele se apaixonou por ela em primeiro lugar.

Ele não se importava com o que tinha que fazer, mas queria Natalie com ele. Sempre. Owen não tinha certeza de como isso funcionaria com a parte dele nos SEALs ou no trabalho dela, mas ele estava disposto a descobrir.

Ele desviou o olhar de Nat e através do vidro em direção a Simon, enquanto fazia uma lista mental de tudo o que precisava fazer para se preparar para Natalie falar com Irina - e também para fugir.

Para sua surpresa, Natalie ficou ao lado dele. Ela se mexeu, mostrando seu nervosismo.

—Nós podemos estragar tudo.

Ele assentiu. —Mas não vamos.

—Irina pode ser a chave.

—Espero que ela esteja. Também espero que ela nos dê algo, mas com toda a probabilidade, ela não vai.

—Obrigado por estourar minha bolha, — disse ela enquanto o encarava, sorrindo.

Ele agarrou seus ombros e olhou nos olhos dela.

—Você quer saber por que eu acho que isso vai funcionar?

—Isso seria muito útil, porque estou começando a duvidar de mim mesma.

—Você tem uma gentileza sobre você, Nat. Uma abertura para a qual as pessoas gravitam sem nem perceber. Podemos usá-lo para nossa vantagem.

Uma pequena carranca se formou em sua testa.

—Abertura?

—Se Irina estiver controlando as coisas, você a surpreenderá com uma visita. Se ela não estiver, podemos pegar algumas informações. De qualquer forma, eu vou estar assistindo. Nada vai acontecer. Eu juro.

—Onde você estará?

Ele sorriu, incapaz de se ajudar.

—Em algum lugar eu posso ter um tiro certeiro em qualquer alvo que pareça estar vindo atrás de você, e em algum lugar que eu possa sair rapidamente para chegar ao seu lado.

Ela fez uma pausa, considerando as palavras dele.

—Isso soa como um bom plano.

—É o que eu faço.

Ele se perguntou se ela percebeu que havia se aproximado dele. Ele gentilmente esfregou os polegares em círculos nos braços dela.

Sua guarda foi abaixada. Ele não sabia o porquê, nem questionou. Ele esqueceu que Emily estava no quarto quando ele inclinou a cabeça. Ele estava desejando outro beijo desde o primeiro. A fome de prová-la novamente estava deixando-o louco de desejo.

As pálpebras de Natalie baixaram lentamente e a cabeça inclinou-se para o lado. O coração dele saltou quando ela se

inclinou para ele. Seus lábios estavam prestes a tocar quando Simon abriu a porta do laboratório.

Natalie pulou de seus braços. Ele cerrou os dentes e encarou o Dr. Moore, cujos cabelos não estavam mais arrumados. Pendia frouxamente em seus ombros em ondas.

—Acho que descobri o que há no frasco, — anunciou.

Owen o encarou. —O que é isso?

—É novo, — disse Simon. Ele passou a mão pelos cabelos.

Emily deu de ombros, os braços cruzados sobre o meio.

—Eu pensei que poderia ser, com base no que Natalie me disse.

—Normalmente, nós da comunidade científica ouvimos através da videira quando alguém está trabalhando em uma nova arma biológica, mas eu não ouvi nada.

Simon balançou a cabeça enquanto olhava para o chão em óbvio sofrimento.

Owen cruzou os braços sobre o peito.

—Dissemos que não era deste país.

—Não importa.

Simon passou a mão pelos cabelos novamente quando ele levantou a cabeça para olhar para eles.

—Por mais secreto que o empreendimento seja, ele vaza. Nada fica quieto. Leva anos para desenvolver uma arma dessa magnitude, e nada foi dito. Isso não é normal.

Natalie se aproximou de Simon.

—Alguns países são mais secretos que outros?

Simon deu-lhe um olhar irônico.

—Ninguém quer que ele vaze, mas os cientistas falam. Eles gostam de divulgar suas descobertas e criações. É difícil nos manter calados.

—Um governo deveria ser capaz, — respondeu Emily.

Simon encolheu os ombros indiferentemente.

—Não necessariamente.

Owen guardou essa informação.

—Então o que é?

—Os agentes biológicos são compostos de micro-organismos, bactérias, fungos e vírus. Junto com suas toxinas. Eu testei o líquido no frasco contra todos os agentes conhecidos, como antraz, Ebola e até a peste. Não corresponde a nada no banco de dados do CDC.

Natalie trocou um olhar com Owen.

—O que isso significa?

—Isso significa, Srta. Dixon, que tudo o que foi criado é totalmente novo.

Ele parou e balançou a cabeça.

—Não tenho como saber o que essa arma faria se usada.

Não foram boas notícias. Owen esperava que eles descobrissem o que Ragnarok faz. Em vez disso, eles estavam saindo exatamente como chegaram em relação à arma.

Pelo menos eles tinham alguma coisa - Irina Matveev.

—Que tal uma cura? — Natalie perguntou a Simon.

—Eu precisaria saber o que faz primeiro, — respondeu ele.

As notícias estavam indo de mal a pior. Owen observou Simon passar a mão pelo cabelo mais uma vez, um tique nervoso. Ele então perguntou:

—Você pode fazer um antídoto?

—Se eu tivesse alguns anos, — Simon respondeu meio azedo. Ele apontou para o laboratório atrás dele.

—Parece que nenhum de vocês entende o que está lá.

Owen deu alguns passos mais perto de Simon.

—Nós sabemos exatamente o quão potencialmente perigoso é. O que precisamos saber é o que foi necessário para projetar uma arma assim e como ela pode ser usada.

—Eu... eu não tenho essas respostas.

Simon balançou a cabeça enquanto abaixava os braços para os lados.

—Eu teria que fazer testes extensivos. Como é, coloquei todo o campus em risco analisando o frasco sem os protocolos de contenção adequados.

—Você usava um traje de segurança, luvas e uma máscara, — disse Natalie.

Simon afastou as palavras dela.

—Não sei se o líquido deve ser administrado por ingestão, toque ou através do ar. Eu preciso...

—Para fazer mais testes, — disse Owen sobre ele. —Nós entendemos.

Simon se moveu contra a parede e apontou para o frasco através da porta.

—Por favor, pegue isso e vá embora.

Natalie recolheu os papéis enquanto Owen recolhia a arma e o cano. Ele saiu do laboratório e verificou o corredor para os homens.

—Obrigado, Emily, — disse Natalie enquanto guardava os papéis na bolsa.

Emily sorriu e deu-lhe um abraço rápido.

—Fique segura. E deixe-me saber se posso ajudar com mais alguma coisa.

—Você já fez o suficiente.

Owen olhou para Simon.

—Vocês dois. Obrigado.

Ele entregou o recipiente a Natalie, que o colocou na bolsa dela. Natalie olhou para cima, acenando que estava pronta.

—Como sairemos daqui? — Ela perguntou.

Ele apontou para o mapa do prédio na porta.

—Vê aquelas saídas?

—Sim. E estamos estacionados aqui — ela disse, apontando para o estacionamento.

—Se encontrarmos os homens, e eu disser para você correr, faça o seu caminho através do prédio e contorne a caminhonete.

Ela achatou os lábios.

—Gostaria de saber isso antes. Eu poderia estar estudando um mapa do campus.

—Tudo o que você precisa saber é este prédio. Olha para o mapa. Lembre-se de onde estão as saídas.

Ele lhe deu alguns segundos para memorizá-lo. Então Owen abriu a porta e olhou primeiro para um lado, depois para o outro. Natalie estava logo atrás dele quando ele saiu do laboratório.

Embora ele não dissesse isso em voz alta, ele estava pronto para chutar alguns traseiros russos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O estômago de Natalie estava cheio de nervos. Agitou-se violentamente até o ponto em que ela pensou que poderia estar doente. O medo agarrou-a no punho de ferro, recusando-se a afrouxar o aperto enquanto desciam as escadas.

Direto para os assassinos.

—Lembre-se das saídas, — disse Owen.

—Isso é apenas se encontrarmos os homens.

Então ela entendeu. Eles definitivamente estariam enfrentando os idiotas.

—Se eles nos abordarem lá fora, corra para a caminhonete. — Ele entregou-lhe as chaves.

Caminhonete. Ele queria que ela fosse a caminhonete. Direto. Ela poderia fazer isso.

Enquanto ele lutava com os homens. Os mesmos que tentaram matá-la. A mesma facção que assassinou Virgil e Charlotte. O mesmo grupo que sequestrou Orrin e matou seu time.

Natalie manteve o olhar em frente. Era tudo o que ela podia fazer para colocar um pé na frente do outro. Pela primeira vez, ela realmente entendeu a coisa toda de *brigar ou fugir*.

Porque ela lutou contra o desejo de virar e correr para o outro lado.

Owen estava confiante de que iriam fugir. Não havia razão para ela não pensar que ele estava certo. Exceto pela coisa toda russa que quer matar ela. E para pensar, ela fez um lobby para falar com Irina Matveev.

Ela interiormente balançou a cabeça. O que ela estava pensando? Estar com Owen lhe deu uma falsa coragem, mas a realidade estava bem diante dela. E ela estava assustada.

Os olhos dela se fixaram na bela bunda de Owen enquanto ele caminhava à frente dela. Ele lutou com convicção e confiança, sabendo que venceria. Nem uma vez ele demonstrou um pingo de medo.

Isso a fez pensar quantas pessoas ele salvou como um SEAL. Quantas vezes ele esteve nesses cenários em que teve que passar por outros tentando matá-lo?

Provavelmente muitos para contar. Mas ele ainda estava de pé. Ele era o único a seu lado. Ela respirou fundo, seu terror aliviando seu aperto sufocante. Tudo o que ela tinha que fazer era seguir as instruções dele para chegar a caminhonete. O resto estaria com ele.

A mão dela foi para a alça da bolsa. Cabia a ela garantir que ninguém colocasse as mãos em Ragnarok. O queixo dela se levantou. Ela poderia fazer isso. Ela faria isso.

Quando eles passaram por um corredor, ela olhou para cima e viu as câmeras. Eles estavam por toda parte. Sem mencionar as pessoas sobre o campus. E para que ela não esqueça, os homens atrás deles provavelmente tinham armas. Tudo isso apontava para a possibilidade de Owen se machucar.

Owen era um indivíduo imponente, com seus ombros largos, olhar intenso, e não brinque comigo. Sua educação o tornou forte, honrado e resistente.

Seus anos no SEAL o temperaram como um pedaço de aço. Havia uma ferocidade que não existia antes. Um lado selvagem e brutal afiado na guerra.

Estava em sua caminhada, do jeito que ele pensava. No seu próprio ser. Ele era um guerreiro completamente. Um homem que lutou por seu país e sua família sem hesitar ou pensar por si mesmo.

Foi quem a salvou dos assassinos russos. Era isso que a levaria com segurança de volta ao rancho. Ele parou nas portas do prédio de ciências e virou-se para ela.

—Vá para a caminhonete enquanto eu seguro eles.

—Você quer minha arma?

Ele sacudiu a cabeça.

Ela continuou esquecendo que Owen era uma arma. Mas ele ainda não conseguiu parar uma bala.

—Olhar em volta. Estamos em um local público. Eles terão que se vigiar para não chamar atenção.

Ela assentiu com a cabeça que ele estava esperando. — Certo.

—Pronta? — Ele perguntou.

Ela pode não ter visto fotos da equipe de Orrin sendo executadas. Ela não tinha visto os homens cercando a casa de sua mãe antes de Owen vir buscá-la.

Mas um dos brutos tinha colocado as mãos nela. Eles mataram Virgil e Charlotte.

Eles tinham ordens para matá-la.

O grupo faria o que fosse necessário para encontrar o frasco. Isso significava que as chances de alguém se machucar - ou mesmo morrer - eram elevadas, não importando o quão altamente treinado Owen fosse.

Ela se sentiu segura no rancho. Desde que eles saíram, ela estava olhando por cima do ombro, esperando os homens a encontrarem.

Não havia nada como ter sua vida ameaçada de colocar as coisas em perspectiva. Como admitir o que ela ansiava.

Anos atrás, Owen se afastou sem explicação. Não importava o que havia entrelaçado suas vidas novamente. Ele estava arriscando sua vida para protegê-la, em vez de encontrar seu pai.

A vida poderia ser exterminada tão facilmente. Ela não iria sair por aquelas portas até que cedeu ao que seu coração mais desejava.

Ela pegou a camisa dele com as duas mãos. Ele franziu o cenho para ela, seu olhar de chocolate procurando o dela. Antes de mudar de ideia, ela apertou os lábios contra os dele.

No instante seguinte, seus braços a envolveram, segurando-a com firmeza. Ele inclinou os lábios sobre os dela. Ela poderia ter começado, mas ele rapidamente assumiu.

Ele gemeu e aprofundou o beijo. O gosto dele era erótico. Seu corpo ganhou vida em um instante, abrindo e preparando-se para ele. Seus seios incharam, doendo por seu toque. Seu sexo palpitava com a necessidade enquanto seu sangue esquentava.

Foi a vez dela de gemer quando a mão dele mergulhou em seus cabelos, segurando sua cabeça enquanto o beijo esquentava. Excitação queimou através dela. Suas mãos grandes correram pelas costas dela até a cintura e os quadris antes que ele a puxasse contra ele. A excitação dele pressionou seu estômago, causando paixão a chiar através dela.

O beijo ficou ardente, chamuscando-a com a fome que ela provou - e sentiu. Ele era tudo o que ela sempre quis.

Era isso que eles deveriam ser. Owen sempre deveria ser seu final feliz.

Foi o destino que os enviou por caminhos diferentes apenas para reuni-los novamente? Ele terminou o beijo e olhou para ela com ternura e paixão.

—Não recue agora. Não depois disso.

O olhar dele caiu nos lábios dela.

—Senti falta dos seus beijos e do seu gosto.

Ela passou as mãos sobre os ombros grossos, sem vontade de falar. Ele queria o que ela não podia dar, e ela não podia dizer isso a ele agora.

—Não pense. Sinta o que há entre nós. Está me engolindo inteiro, Nat, e não posso seguir por esse caminho sozinho.

Ela puxou seus braços, mas ele não a deixou ir longe. Ele segurou sua bochecha. Um instante depois, ele largou os braços e encarou a saída.

Então ele abriu as portas sem outra palavra sobre o beijo ou seus desejos. Eles saíram do prédio lado a lado. Ela viu as portas do carro do Touro abertas e dois russos desdobrando seus grandes corpos do veículo. Eles eram altos e assustadores, com os olhos fixos nela e em Owen.

Owen apertou a mão dela em busca de encorajamento.

—Deixe-os chegar perto.

Fingindo não saber que os homens estavam caminhando, ela e Owen continuaram em direção a caminhonete. Quanto mais perto eles chegavam do veículo, melhor ela se sentia. Até que viu outro homem dar a volta na caminhonete.

Ele era mais alto que os outros, com cabelos loiros e olhos pretos. Ela imaginou que ele era cortado de granito, havia tantos músculos inchados.

Enquanto seus passos vacilaram, os de Owen não. Ele continuou andando como se nada estivesse fora do comum.

—Posso ajudar? — Owen perguntou ao terceiro homem.

Ele sorriu friamente e apontou o queixo quadrado para o prédio.

—Você teve uma longa visita.

Ela esperava que o homem fosse apenas alguém do campus, mas o sotaque russo pôs um fim cruel e brutal nisso. Ela olhou em volta e descobriu que estavam sozinhos com os homens.

—Fique calma, — Owen murmurou baixinho.

Ela quase bufou com o absurdo do comentário dele. Não havia nada relaxado sobre a situação, ou qualquer maneira de ela permanecer assim, pois nunca tinha estado calma no início.

Ela usava alfinetes e agulhas desde que viu Ragnarok mencionado no relatório. A calma parecia tão distante quanto à lua no momento.

—Posso ajudá-lo?

Owen perguntou quando ele parou a três metros da caminhonete. Ela parou ao lado dele, seu coração batendo tão alto que ela tinha certeza de que todos podiam ouvir. Ela olhou para trás e viu os outros dois homens se aproximando.

—Não jogue inocente, — afirmou o gigante com um olhar de aviso em sua direção.

—Dê-nos o que queremos. Talvez os santos permitam que seu pai viva.

—Não sei do que você está falando, — respondeu Owen.

A menção dos santos chamou sua atenção. Ela não teve tempo de pensar mais nisso, quando sua atenção se voltou para Owen quando ele apertou sua mão. Ele não parecia intimidado pelo gigante ou por suas perguntas.

—Ragnarok. Agora

Owen estendeu as mãos antes de deixar os braços caírem ao lado do corpo.

—Eu não sei do que você está falando. O que é o Ragnarok? Foi por isso que meu pai desapareceu?

Ela queria aplaudir. Ela ficou tão emocionada com a facilidade com que Owen virou as perguntas para o homem

e se fez parecer inocente e ignorante dos fatos ao mesmo tempo.

Mas isso enfureceu o gigante. Seu rosto ficou vermelho e seus lábios torceram.

—Três filhos foram trazidos para o Texas.

Owen assentiu lentamente.

—Nossa tia e tio foram mortos e nosso pai está desaparecido. Obviamente, você tinha algo a ver com isso.

Com oito pequenas palavras, toda a atitude de Owen mudou. Ele passou de despretensioso para durão. A mudança aconteceu enquanto ele falava, chocando até o gigante.

O sorriso que Owen usava era frio e mortal.

—Eu estive esperando por você.

Essa foi a sugestão dela. Ela deu alguns tropeços para trás enquanto Owen apressava o gigante. Ela arriscou um olhar por cima do ombro para ver os outros dois homens correndo para ajudar o camarada.

Era uma confusão de punhos, cotovelos, chutes e grunhidos. O barulho de osso ecoou em seus ouvidos. Ela deu a Owen e ao gigante um amplo espaço.

Owen foi rápido e seus socos acertaram com precisão, mas o russo era um bem mais alto com um alcance

estendido. Ela estremeceu quando o punho do gigante se conectou com o rosto de Owen.

Os outros dois se juntaram à luta. Ela queria ajudar, mas não adiantaria. Ela colocou as mãos em volta do punho da pistola na bolsa. Mas ela não desenhou.

Em vez disso, ela correu em direção a caminhonete, como Owen havia dito, clicando no botão de desbloqueio no chaveiro. Ela abriu a porta e pulou para dentro. Só então ela olhou para Owen e o viu se defender contra os três grandes russos.

Para sua surpresa, o som de sirenes tocou no ar. Os homens se separaram e, sem dizer uma palavra, correram para seus respectivos veículos.

Natalie deu partida no motor e dirigiu-se para Owen, que entrou com o veículo ainda rodando.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Sklad

Yuri entrou na sala com um rosto vermelho, irradiando raiva que quase fez Orrin sorrir. Ele observou Yuri de sua posição no chão, encostando-se na parede. O espancamento subsequente valeu a pena mentir.

—Não foi entregue nenhum pacote a Mitch Hewett! — Yuri berrou.

Orrin manteve o olhar de Yuri por um minuto longo e silencioso.

—Mesmo se você perguntasse ao próprio Hewett, ele não diria. Este é o Pentágono, amigo.

—Como você acha que sabíamos que você estava vindo para a Rússia?

Isso o parou. Ele suspeitava, mas confirmar isso o deixou furioso. E frio. Havia um traidor no escritório de Mitch. Orrin de alguma forma teve que avisar Mitch para que ele pudesse cuidar disso.

Se Orrin escapou de Yuri. A probabilidade disso acontecer diminuía rapidamente. Se ele não pudesse entrar em contato com Mitch, teria que encontrar uma maneira de deixar pistas para seus filhos. Eles seriam os únicos a descobrir a toupeira e trazê-lo antes de Mitch.

Não compensaria a execução de sua equipe ou os assassinatos de Virgil e Charlotte, mas ajudaria. Era realmente muito ruim que ele não estivesse lá para ajudar seus filhos.

—Você não tem nada a dizer?

Ele estava realmente cansado de ouvir o sotaque russo cortando sua língua.

—Você poderia estar mentindo. Por que gastar tempo discutindo com você, amigo?

—Porque você sabe que eu falo a verdade. Eu poderia te dizer quem me contou.

Os lábios de Yuri apareceram em um sorriso triunfante.

—Enviei o frasco para Mitch Hewett, — repetiu Orrin. Ele teve que se perguntar por que ninguém mencionou a fórmula. Yuri não sabia disso? Essa era certamente uma possibilidade.

Yuri fez sinal para seus homens saírem. Ele olhou furioso para Orrin até que estivessem sozinhos.

—Foi uma boa tentativa, caipira. Tenho homens prontos para matar um de seus filhos. Agora eles o têm.

—Boa sorte com isso.

Isso levou Yuri a curvar-se.

—É um homem contra três.

—Pode ser trinta e ainda não importa.

Ele sorriu até sentir a ferida aberta em seus lábios.

—Seus homens não são páreo para nenhum dos meus filhos.

—Vamos ver sobre isso. Eu me pergunto se você ficará tão confiante quando ouvir os gritos dos seus filhos quando ele morrer — disse Yuri e ergueu o celular.

Orrin manteve o sorriso até a porta se fechar atrás de Yuri. Então ele soltou um suspiro e levantou os olhos para o teto.

—Deus, eu sei que você está ai, eu não falo desde que Melanie morreu, mas esses são meus filhos. Eu já perdi minha esposa, meu irmão e minha cunhada. Por favor, não leve meus filhos também. Por favor. Cuide deles.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Owen estava feliz por estar de volta ao rancho. Ele pegava o caminhão e o escondia novamente mais tarde, mas, por enquanto, ele queria Natalie na base onde os russos não podiam pegá-la.

Ela dirigiu o caminho todo de volta, silenciosa com as duas mãos no volante. Ele não perturbara a solidão dela, principalmente porque estava chateado por ter tido uma chance no grupo e não ter eliminado nenhum deles.

Por outro lado, ele não esperava o terceiro homem. Os russos acertaram socos com a força de uma bola de demolição. Ele testou a mandíbula, espantado por não ter quebrado.

A menção dos santos também o deixou tenso. Ele enviou uma mensagem rápida para Callie para ver se ela ainda havia descoberto alguma coisa, mas não foi por coincidência que foi a segunda vez que encontraram esse nome.

Eles precisavam descobrir o elo entre os santos e Ragnarok - e rapidamente.

Quando a caminhonete parou no rancho, Natalie estacionou na frente da casa. Ela desligou o motor e ficou sentada lá.

—Você fez o bem, — ele disse a ela.

Ela girou a cabeça para ele.

—Eles poderiam ter matado você.

—E eu poderia matá-los. Nós Fugimos.

—Eles saberão que voltamos aqui.

Ele olhou para a casa.

—Vamos entrar e acender algumas luzes. Então eu vou te esgueirar até o celeiro e descer até a base. Depois de saber que você está lá, vou levar a caminhonete de volta para onde estava hoje de manhã.

Natalie abriu a porta e deslizou do caminhão. Ele chegou à varanda primeiro e levantou a mão para ela esperar. Somente depois que ele checou a casa, ele a permitiu entrar. Ela acendeu as luzes da cozinha enquanto ele ligava o interruptor na sala de estar.

Quase imediatamente, ele a conduziu pela porta dos fundos para a escuridão crescente. Eles se mantiveram baixos e correram para o celeiro. Em questão de minutos, eles estavam trancados dentro da base.

Ele decidiu ficar por algumas horas. Enquanto o café preparava, ele esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Tinha sido um dia longo e seria uma noite ainda mais longa.

Especialmente depois de outro beijo de Natalie.

Isso tinha sido completamente inesperado. Isso o abalou profundamente e ele ansiava por mais.

—Você realmente mataria aqueles homens ali? — Perguntou Natalie.

Ele derramou café em duas canecas e entregou uma para ela.

—Eles acham que temos a arma biológica. Se eles nos pegam, eles pegam o frasco. Nossa única opção é nos livrar deles.

—Na frente de alguém que olhou pela janela?

—Eu só estava pensando em protegê-la.

Ela sorriu tristemente e balançou a cabeça.

—Não me use como desculpa. Você queria vingança por Virgil e Charlotte, a equipe e seu pai.

—Isso fazia parte, mas não tudo.

Ele flexionou os dedos, trabalhando as contusões nos nós dos dedos.

—Eu vi o que esses homens podem fazer. O pensamento deles colocando as mãos em você novamente me deixa louco.

—Você já me salvou uma vez.

—Até que o frasco esteja em outras mãos, Orrin estar de volta e o grupo de assassinos se for, você ainda está em perigo.

Ela colocou as mãos em volta da caneca antes de tomar um gole.

—Conseguimos uma vitória hoje.

Ele sorriu. Ele gostava de ter Nat no rancho. Havia um formigamento de alegria toda vez que ele pensava nela lá. Isso o fez perceber o que havia perdido ao deixar Natalie.

E quanto ele queria mudar as coisas entre eles.

—Você me beijou.

Todos os pensamentos dos russos e da arma biológica desapareceram quando ele se lembrou de como ela o puxara contra ela. O desejo de fazê-la dele se intensificou quanto mais tempo ele estava ao seu redor.

Ela segurou o olhar dele.

—Eu fiz.

—Não negue a paixão entre nós.

—Eu não estou, — ela respondeu.

—Mas não faz sentido falar sobre isso.

—Por quê? Você queria o beijo.

Foi um beijo. Deixe assim, Owen.

Ela se levantou e foi embora. Ele pensou em todas as coisas que desejava ter dito que poderiam tê-la em seus braços. Mas mais uma vez, ele era tarde demais.

Ele queria segui-la, levá-la para um quarto e fazer amor com ela até o sol nascer. Ele estava desesperado para deixar o passado para trás e se perder em tudo o que era Natalie.

Ter um futuro que consistisse em mais do que morte e solidão.

Isto seria tão fácil. Ela tornou tão fácil amá-la. Ele queria, com fome, senti-la em sua alma, saber que eles estavam juntos mais uma vez.

Foi quando ele decidiu que não iria desistir tão rapidamente.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Natalie soltou um suspiro no banheiro cheio de vapor. Ela tomou um banho extra longo após um dia tão cansativo. Ela deixou a camisola de seda deslizar sobre seu corpo enquanto a vestia. Depois de pentear os cabelos molhados, ela juntou as roupas e voltou para a área de beliche.

Natalie parou na cama que reivindicou e largou os sapatos. Havia apenas uma luz acesa na mesa de cabeceira, porque ela gostava do brilho suave dela.

Ela sentiu uma pontada de consciência na parte de trás do pescoço antes que o calor se espalhasse sobre ela. Ela sabia, sem se virar, que era Owen.

E Deus a ajude, mas ela estava feliz por ele estar lá.

Houve passos suaves quando ele atravessou o chão de concreto. Ela deixou as roupas deslizarem dos dedos para o chão. Sua respiração travou em seus pulmões quando o sentiu surgir atrás dela.

Ela achou difícil formar um pensamento enquanto esperava pelo toque dele. Ele ficou tão perto que sua camisa roçou o braço dela. O calor dele a cercou, envolvendo-a em desejo e expectativa. Seu sangue bombeava mais rápido, e a consciência chiou ao seu redor.

Dedos longos moveram os cabelos para um lado. A cabeça dele inclinou-se, os lábios deslizando ao longo de sua pele. Ela inclinou a cabeça para o lado para lhe dar um melhor acesso.

Um braço envolveu sua cintura, logo abaixo dos seios. Ele a segurou com força enquanto seus lábios e língua atormentavam sua pele. Os olhos dela se fecharam, mesmo quando ele moldou seu corpo no dela.

Ele provocou uma mancha no pescoço dela que a deixou selvagem. Um suspiro passou pelos lábios entreabertos enquanto ele beliscava gentilmente. Seu sexo palpitava com a necessidade - uma necessidade que apenas Owen poderia satisfazer.

Calafrios percorreram seu braço quando os dedos dele acariciaram do pulso até o pescoço. A cabeça dela rolou para o ombro dele. Ela mordeu o lábio quando um dos dedos dele prendeu a tira fina do vestido e puxou-a do ombro.

Ele continuou a puxar até o vestido agarrar seu mamilo. Ela ofegou quando a seda raspou o pico túrgido. Então seus dedos estavam lá, rolando o mamilo entre os dedos.

Ela colocou os dedos em torno de seu pulso enquanto o prazer a percorria tão rápido quanto um raio. Suas mãos estavam por toda parte. O pescoço, a bochecha, os cabelos.

Ele acariciou seu quadril, segurou sua bunda e massageou seu seio exposto.

O tempo todo, a boca dele estava na pele dela, beijando, beliscando e usando a língua para lamber e rir. As pernas dela dobraram, mas ele conseguiu mantê-la na posição vertical.

De repente, ele a virou para encará-lo. Ela se agarrou aos ombros largos dele. Seus olhares se fixaram e seguraram enquanto ele deslizava a outra alça do ombro dela. A camisola de seda caiu em uma poça a seus pés.

Owen se ajoelhou diante dela. Ele segurou um seio em cada mão, provocando seus mamilos. Então seus lábios envolveram um pico. Natalie gemeu, enfiando os dedos nos cabelos grossos dele.

Ele se moveu de um mamilo para o outro, tocando apenas em seus seios, mas seu corpo inteiro estava em chamas. Para ele. A fome misturada com o desejo a inflamava.

Quando ele se levantou, ele a levantou nos braços. Ela colocou as pernas em volta da cintura dele e passou as mãos pelo rosto dele. Ela olhou nos olhos dele, deslizando os dedos pelas mechas escuras mais uma vez.

Ele foi até a cama e depois a abaixou lentamente. A sensação de seu peso nela novamente era deliciosa,

intoxicante. Ela os queria pele a pele, com nada além da noite ao seu redor.

Ela suspirou quando os lábios dele encontraram os dela e a beijou como se não houvesse amanhã, como se fossem as duas únicas pessoas no planeta. Owen estava no céu. Ele sabia porque já tinha estado lá uma vez e tinha ido embora tolamente. Agora que ele tinha Natalie em seus braços novamente, ele nunca mais a deixaria ir.

Seus dedos longos e finos deslizaram sob a camisa dele. Um gemido o deixou quando suas unhas roçaram suas costas. Ela sempre soube como tocá-lo de maneiras que aumentavam seus sentidos e o imploravam por mais.

Ele quebrou o beijo por tempo suficiente para tirar sua camisa antes de voltar aos braços dela. Owen apoiou os cotovelos em ambos os lados dela enquanto segurava o rosto dela entre as mãos.

Enquanto ele olhava nos olhos dela, ele foi levado de volta a uma época em que o futuro se estendia diante deles, inexplorado e inexplorado. Ele queria isso de novo.

Ele precisava disso.

Ele abaixou a cabeça e a beijou gentilmente. As mãos dela percorreram as costas e os ombros dele. Ansiava por estar dentro dela, sentir seu calor o cercando mais uma vez. Mas ele se recusou a se apressar.

Ele não aceitaria nada como garantido. Esta poderia ser sua única noite com Natalie, e ele faria amor com ela como ela merecia.

Beijando o pescoço dela até o peito, ele deslizou pelo corpo dela, tocando-a com as mãos, lábios e língua, de modo que seu perfume era marcado nela.

Ele se moveu para um cotovelo e achatou a palma da mão na barriga dela antes de acariciar a junção de suas coxas. Ele separou os cachos loiros e deslizou os dedos nela.

Ela gemeu, arqueando as costas. Seu pênis saltou, exigindo que ele a pegasse naquele momento. Ele segurou seu controle e fechou os olhos ao sentir o calor úmido e escorregadio dela.

Ele colocou o dedo lentamente dentro dela. Seu peito arfava e suas mãos apertaram as cobertas. Ele nunca viu algo tão bonito.

Ele ainda se lembrava da primeira vez que a levou ao orgasmo. Tinha sido uma visão deslumbrante, mas não era nada comparado à mulher impressionante que agora estava em seus braços.

Ele tirou o dedo do corpo dela e o girou em torno de seu clitóris. Um grito caiu de seus lábios quando suas pernas se abriram. Ele olhou para cima para vê-la observando-o com

os olhos encobertos. Suas pernas tremiam quando seus mamilos endureceram sob o olhar dele.

Ela balançou, apertando-se contra a mão dele. Ele gemeu, suas bolas apertando.

—Owen, — ela chamou sem fôlego. —Eu preciso de você.

Ele se estabeleceu entre as pernas dela e sorriu. —Ainda não, querida.

Natalie não foi capaz de juntar um pensamento coerente quando a língua dele a tocou. Ele sabia exatamente onde lamber para fazê-la chorar e fazer seus quadris balançarem.

Ele sabia a quantidade certa de pressão a ser aplicada para fazê-la tremer. Com apenas alguns golpes daquela língua incrível dele, Natalie sentiu o aperto na barriga. O clímax subiu, engolindo-a rapidamente. Ela gritou o nome de Owen quando seu corpo ficou tenso, depois empurrou com a força do orgasmo.

Ela abriu um olho quando sentiu a cama mergulhar, e viu Owen puxar sua calça jeans. Natalie estendeu os braços para ele, seu corpo ainda em convulsão por um clímax tão forte.

—Eu adoro assistir você gozar, — ele disse enquanto dava um beijo no mamilo.

Ela sorriu para ele. Deus, como ela sentia falta de estar em seus braços. Mesmo em tenra idade, Owen era um bom amante. Mas ele aperfeiçoou suas habilidades em seus anos separados.

Ela empurrou seu ombro enquanto se sentava, rolando-o de costas. Ela montou nele. Seu sorriso era sexy, seu olhar escurecendo. Como se ela esquecesse uma de suas posições favoritas.

Ela ficou de joelhos e pegou o pau dele na mão. Natalie colocou os dedos em volta dele confortavelmente. Então ela acariciou seu longo eixo até que ele gemeu. Assim que ele fez, ela parou. Seus olhos se estreitaram, mas um lado de seus lábios ainda estava curvado em um sorriso.

—Provocação.

Foi a vez dela de sorrir. Ela o guiou até sua entrada, de modo que a cabeça de seu pênis deslizou dentro dela. Suas mãos grandes estavam subitamente em ambos os lados dos quadris dela.

Ele tentou empurrá-la para baixo, mas ela recusou. Ela levantou uma sobrancelha e depois balançou a cabeça para ele. Ela faria isso na sua velocidade, porque muito em breve, Owen assumiria. É o que ela queria. Ela ansiava por seu domínio na cama, para ele mostrar a ela que estava no controle.

Mas, por enquanto, ela era toda dele.

Gradualmente, ela o levou mais fundo dentro dela. Ela sentiu seu corpo se esticando por ele, e isso fez suas pernas tremerem. Quando ela levou metade dele para dentro, ela se endireitou até que apenas a ponta dele permanecesse.

O único aviso que ela teve foi um leve aperto de seus dedos antes que seus quadris subissem e ele mergulhasse dentro dela. Sua cabeça caiu para trás quando seus olhos se fecharam.

Ele se sentiu tão bem. Ela queria parar o tempo e saborear o momento. Então ele começou a empurrar, e ela mais uma vez perdeu toda a linha de pensamento.

Owen a observou, seu desejo aumentando a cada segundo. Os longos cabelos loiros de Nat caíam atrás dela em uma cortina grossa. Seu pescoço exposto o fez coçar para beijar e lamber. Suas mãos estavam apoiadas atrás dela na cama, para que seus seios fossem empurrados para fora.

Ele segurou os quadris dela enquanto mergulhava mais fundo. Seus gritos suaves estavam ficando mais altos a cada minuto. Seu olhar baixou para a visão de seu pênis entrando nela. Era uma imagem erótica que quase o derrubou.

A visão de seus seios saltando o fez gemer. Ele as segurou, apertando seus mamilos. Isso a fez gemer baixo na garganta.

Ele se negou a ter qualquer tipo de relacionamento ao longo dos anos, mas em seus sonhos e fantasias sempre fora Natalie. Agora que ele a tinha em sua cama, ele queria saborear cada segundo.

Ele a jogou de costas e se levantou sobre ela. As mãos dele estavam apoiadas em ambos os lados da cabeça dela. Ele puxou para fora e empurrou de volta, duro e profundo.

Os olhos dela reviraram na cabeça e as unhas afundaram nas costas dele. Isso o fez sorrir. Ele estabeleceu um ritmo de condução que o suor brilhava sobre a pele em pouco tempo. Suas respirações eram duras, seus gemidos altos. Os tornozelos dela estavam presos firmemente em volta da cintura dele. Ele mergulhou mais, mais fundo.

Natalie abriu os olhos. Ele se perdeu nas profundezas verdes quando seus corpos se juntaram em uma dança tão antiga quanto o tempo. Tudo o que ele queria estava em seus braços. Nunca ficou mais claro do que naquele momento o quanto Natalie fazia parte de seu passado, presente e futuro.

Não adiantava negar. Ele fez isso por tempo suficiente. Se ele não entendeu o que estava diante dele, acabaria sozinho e sozinho.

Esse pensamento fez seu coração pular uma batida. A ideia de que a tragédia que os uniu poderia ser a última vez que a viu foi preocupante.

Ele parou de se mover. Ele tocou o rosto dela antes de beijá-la apaixonadamente. Os braços dela o envolveram, segurando-o com força. Só então ele começou a se mover novamente.

Ela arrancou os lábios dos dele em um grito quando ele se enterrou profundamente. Seus corpos balançaram, um deslizando contra o outro. Ele sentiu as pernas dela apertarem ao redor dele e soube que ela estava perto de atingir o pico pela segunda vez.

Ele começou a mergulhar em impulsos longos e duros que ele sabia que sempre a enviavam para o limite. Quando seus gritos ficaram mais altos, ele viu o prazer atravessar seu rosto.

Assim que seu corpo se apertou em torno de seu pênis, seu orgasmo correu através dele. Ele empurrou mais uma vez, enterrando-se profundamente quando sua semente esvaziou dentro dela.

Ele a pegou nos braços e rolou para o lado com os corpos ainda unidos. Ele podia sentir o coração dela batendo no peito, combinando com a batida selvagem dele. Com as pernas entrelaçadas, uma bolha de êxtase os cercou. O tempo era deles. Nada e ninguém iria interrompê-los.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Natalie estava determinada a não fazer grande parte de sua noite com Owen. A coisa era, era enorme. Ela não conseguia se lembrar da última vez que esteve tão nervosa. Foi bobo. Especialmente porque essa não era a primeira vez que dormiam juntos. Mas foi a primeira vez em anos.

Ela ficou feliz por ter acordado ao encontrá-lo fora pegar a caminhonete para escondê-lo novamente. A ausência dele permitiu-lhe tempo para pensar. Infelizmente, esse pensamento só piorou as coisas.

Um pouco de emoção encheu seu estômago quando ela o viu em uma das câmeras. Ele deixou o alerta soar, o que significava que ele não havia se escondido das câmeras como antes. Ele estava dando tempo para ela se preparar para seu retorno.

Ela passou as mãos pelos cabelos e deu um salto, olhando em volta. Um olhar para os jeans e a blusa a fez desejar ter escolhido algo diferente, algo... mais sexy, talvez. Ela olhou impotente para a mochila de roupas.

—Está tudo bem, — ela disse a si mesma.

—Estou bem. Não há razão para estar ansiosa.

Nenhum mesmo.

Exceto que ela dormiu com o homem que queria manter a distância.

—Caminho a percorrer, — ela murmurou.

A porta da base se abriu e Owen desceu os degraus. Ele parou quando a viu, um sorriso sexy inclinando os cantos dos lábios. —Ei.

—Ei. — Ele poderia ser mais lindo?

—Eu peguei comida, — disse ele e levantou a sacola.

Ela pegou a bolsa, subitamente faminta. Só então ela percebeu que não comia nada desde ontem ao meio-dia. Ela sorriu quando viu os burritos do café da manhã e devorou rapidamente o primeiro burrito de ovo, bacon e queijo ensopado com molho picante antes de chegar um segundo.

—Eu não queria te acordar quando saí, — disse ele depois de engolir sua mordida.

Ela deu de ombros e colocou mais molho picante em seu burrito.

—Está bem.

—Eu não queria sair daquela cama.

Apesar de dizer a si mesma para não olhar nos olhos de chocolate dele, ela fez exatamente isso. Mas ela não sabia como responder, não quando ainda estava tão confusa com tudo isso.

—Você se arrependimentos?

Ela engoliu em seco e desviou o olhar antes de se levantar.

—Não. Temos necessidades que precisam ser atendidas.

—Precisa? É assim que você vai lidar com isso? — Ele perguntou, uma mordida dura em suas palavras.

—Não há nada para lidar. — Ela esperava essa reação, mas não melhorou.

—Somos adultos e consentimos isso.

— Adultos e consentimos isso.

Ele repetir as palavras dela não era um bom sinal. Especialmente quando seus olhos começaram a se estreitar. Um sinal claro de que ele estava ficando frustrado ou com raiva - ou ambos.

—Está certo. Você não precisa se preocupar que eu tenha expectativas, — ela respondeu.

—Expectativas.

Ela interiormente estremeceu. Não havia como negar o fio de raiva em sua voz agora.

— Quero mais do que ontem à noite. Eu quero você - ele afirmou.

Merda. Lá se foi o apetite dela. Estava tudo sobre a mesa agora. A mesma coisa que ela tentou evitar. Ela deveria ter conhecido melhor com Owen.

Ele era o Sr. Confronto. Se havia um problema, ele queria que fosse discutido naquele momento. Não havia como adiar. O problema era que ela não tinha certeza de como se sentia em relação à noite que passaram juntos.

Foi ótimo? Foi maravilhoso. Lindo.

Mas isso não significava que ela queria um relacionamento com ele. Não importa o quão grande fosse estar em seus braços, foi o que aconteceu fora do sexo que a lembrou como as coisas seriam.

Ela jogou a última metade do segundo burrito no papel e o enrolou.

—Por favor, não.

—Isso é porque eu deixei você depois da formatura?

—Tem algo a ver com isso, sim. — Natalie soltou um suspiro. Confronto, aqui ela veio. —Estou em um bom lugar.

Seus olhos endureceram uma fração.

—E você não me quer nisso.

—Levei anos para superar você, e então veio o meu casamento desastroso e o subsequente divórcio. Não quero homem nenhum — declarou ela.

Ela limpou a garganta, dando um momento para se acalmar. As palavras saíram mais fáceis do que ela esperava.

Ela apressadamente - e brutalmente - reprimiu qualquer emoção que favorecesse Owen.

Não importava que ele a tocasse com tanta ternura ou lhe trouxesse tanto êxtase. Owen Loughman era ruim para ela em todos os sentidos. Ele destruiu o mundo dela com um ato. Isso a deixou com uma cicatriz. Era uma só que ela podia ver, mas havia moldado sua vida e todas as decisões.

Pela primeira vez, ela estava sendo egoísta - até insensível - ao pensar em si mesma. Ela não colocaria seu coração lá fora novamente para ser pisoteada como se não quisesse dizer nada.

Ela não confiava no amor ou nos emaranhados que surgiam nos relacionamentos. Ela não mentiu. Ela estava em um bom lugar, e pretendia permanecer lá. Nenhuma quantidade de charme, fala sedutora ou beijos entorpecentes mudariam isso.

Ele poderia saber como interpretar seu corpo com perfeição, mas Owen era horrível em lidar com assuntos do coração. Ele já foi egoísta, pensando apenas em si mesmo, sem se importar com como suas ações a afetariam.

Parecia justo que ele estivesse experimentando o próprio remédio.

—Talvez voltemos a esse assunto em outro momento. Irina Matveev — ele disse firmemente.

Ela estava animada por mudar de assunto. Não era como se ela pudesse se afastar dele. Agora não, pelo menos. A vida dela dependia dele. Era melhor se eles pudessem passar das coisas.

—O que você tem?

Ele apontou para a sala de conferências.

—Mapas da parte do centro de Dallas em que estaremos.

Ela se levantou e entrou na sala para ver a mesa coberta por mapas e planos detalhados de várias rotas de fuga.

A que horas ele acordou?

—Como eu disse ontem, teremos vários meios alternativos de fugir se os russos atacarem. Se eles trabalham para Irina ou não, precisamos estar preparados — explicou ele, aproximando-se dela.

—Entendo, — disse ela, observando as diferentes rotas em várias cores.

—Aprenda os mapas por dentro e por fora. Você precisa saber qual deles deve ser levado a qualquer momento. — Ele levantou um pequeno dispositivo cor de carne.

—Isso estará no seu ouvido e eu conversarei com você por meio dele.

Natalie pegou o fone de ouvido.

—Eu vou poder falar com você também?

—Ouvirei você e aqueles que estão perto de você, então sim, poderei responder.

Isso a fez se sentir um pouco melhor. Ela olhou para os mapas.

—Onde você estará?

Ele circulou uma área com o dedo.

—É aqui que você se cruza com Irina. Estarei aqui.

Ela seguiu a linha do dedo até um edifício que teria uma linha de visão direta para ela.

—O décimo sexto andar está em reforma para um escritório de advocacia que está se mudando. Vou me instalar lá e vigiar.

—Parece um bom ponto de vista. Se tivermos que tomar as rotas de fuga vermelhas, azuis ou roxas, você estará lá.

Owen tocou no mapa onde ele estaria assistindo.

—Mesmo se precisarmos usar as rotas amarela, verde ou laranja, ainda poderei chegar até você aqui, — disse ele e apontou para um local a dois quarteirões de distância.

Se houvesse mesmo um pouquinho de dúvida sobre Owen estar qualificado para mantê-la viva, isso agora se foi. Ela ouviu enquanto ele explicava como ela se afastaria de Irina ou de qualquer outra pessoa, onde pudesse se esconder, e os lugares onde poderiam se encontrar, dependendo do plano de fuga usado.

Uma estratégia os fez entrar nas valas de drenagem. Outra usava o transporte público para —se misturar.— Havia vários outros que ela precisaria memorizar também. O caminhão estaria esperando que eles saíssem de Dallas e retornassem ao rancho.

Quando Owen terminou de revisar as coisas trinta minutos depois, ela puxou uma cadeira e sentou-se.

—O que Wyatt e Cullen pensam disso?

—A Wyatt não acha que devemos fazer isso sozinhos. Não consegui falar com Cullen.

Ela balançou de volta na cadeira.

—E você acha que todos nós precisamos ficar separados?

—Callie confirmou que Cullen foi visto na Base de Dover em Delaware. Ele já deveria ter se encontrado com Mia e estar rastreando os assassinos. Wyatt está tentando acompanhar Callie, que está seguindo uma pista que ela ainda tem que compartilhar com ele.

Ela soltou um suspiro, assentindo.

—E nós temos a nossa coisa. Todos nós vamos encontrar Orrin.

—E parar o ataque contra você,— acrescentou.

Como ela poderia esquecer isso?

—E isso também.

Ele ficou olhando o mapa por um longo momento. Justo quando ela pensou que ele não tinha mais nada a dizer, ele levantou um dos mapas e puxou uma moldura escondida embaixo.

Ela se inclinou para frente para ver que era uma foto de família dos Loughmans quando Melanie ainda estava viva. Deve ter sido levado meses antes de sua morte, e pelos sorrisos genuínos que todos usavam, eles eram uma família feliz.

—Papai manteve isso aqui em seu escritório, — disse Owen.

Ela levantou os olhos para ele.

—Por que ele não faria isso? É a família dele. Apesar de perder a esposa e os filhos ignorando-o, foi um tempo em que tudo estava indo bem.

—Você quer dizer quando éramos felizes.

—Sim.

Ele respirou fundo e soltou-o lentamente enquanto olhava ao redor da base.

—Ainda me lembro do dia em que chegamos da escola em uma tempestade torrencial. Havia um cheiro que eu não reconhecia sobre o lugar. Está queimado na minha memória, no entanto. Era o cheiro da morte.

Seu intestino apertou porque Owen nunca falou sobre o assassinato de sua mãe. Nenhum dos Loughmans fez. Era proibido e completamente proibido para todos. Então ela não sabia por que ele estava dizendo a ela agora.

—Wyatt correu para o celeiro e pegou os rifles enquanto eu escondia Cullen. Mesmo aos dez anos, eu sabia que algo não estava certo. Tudo estava quieto demais. Sei que parece estranho, mas parecia que os elementos estavam em tumulto.

Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. Ela lutou para impedir que caíssem enquanto ouvia.

Owen olhou para a mesa.

—Eu levantei a espingarda e segui Wyatt para dentro de casa. Seguimos o cheiro pelas escadas. A tempestade cessou repentinamente e o silêncio foi misterioso.

Ele fez uma pausa e ela viu as mãos dele agarrarem a borda da mesa com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Era tudo o que ela podia fazer para não alcançá-lo e tocá-lo, para oferecer conforto.

—Encontramos mamãe no quarto dela, deitada na cama. A princípio, pensamos que ela estava dormindo. Então nos aproximamos e vimos os olhos dela abertos, encarando o teto.

Ela juntou as mãos no colo. Então respirou estremecendo, piscando rapidamente. Seu coração doeu ao pensar em Owen, de dez anos, encontrando sua mãe dessa maneira.

—Eu ainda vejo as contusões vívidas em seu pescoço do estrangulamento em meus sonhos, às vezes.

Os olhos dele deslizaram para ela.

—Fiquei de guarda com mamãe enquanto Wyatt verificava o resto da casa e os celeiros. Depois, impedimos Cullen de ver qualquer coisa, enviando-o aos vizinhos em busca de ajuda.

Os —vizinhos— eram uma casa a quilômetros de distância.

—Ele montou em um dos garanhões, que era um punhado, mas o cavalo mais rápido do rancho. Cullen não discutiu sobre preparar o cavalo para ele. Ele segurou com um aperto mortal e olhos arregalados. O garanhão parecia saber que algo estava errado. Ele não lutou nem na sela, como costumava fazer. Ele ficou parado como uma pedra enquanto Cullen usava a cerca para subir nele. Então eles decolaram rapidamente.

Uma lágrima escapou e rolou por sua bochecha. Todos na cidade pequena sabiam do assassinato de Melanie, mas tudo que ela já ouvira eram rumores. Ela supôs que os

únicos que conheciam essa parte da história eram os irmãos.

Por um longo momento, Owen olhou para ela em silêncio. Então ele piscou, como se lembrando o que estava fazendo.

—A polícia finalmente chegou. Wyatt e eu fomos rapidamente empurrados para fora do caminho. Cullen permaneceu na casa dos vizinhos, o que foi o melhor. Eu ainda acho que foi estranho todo mundo que entrou na casa sussurrar. Pensei que fosse por nossa causa, mas agora sei que foi por causa da mãe.

Natalie conheceu a sra. Loughman várias vezes nas funções da escola. Melanie tinha sido uma mulher bonita e gentil, que sempre tinha um sorriso no rosto e tempo de sobra para quem precisasse. Ela nunca perdeu um evento com seus filhos, e ela estava sempre pronta com um abraço e um beijo para eles, não importa se eles queriam ou não. Ela era uma daquelas pessoas raras que não tinham um inimigo.

Owen deixou cair o queixo no peito.

—Não havia sangue, mas a morte não precisa dessas exibições para deixar sua marca. Estávamos sentados nos degraus da varanda quando papai chegou. Ele estava voltando para casa de licença. A tempestade começou

novamente. O relâmpago era horrível e a chuva torrencial. Ele passou correndo por nós e entrou na casa, nem mesmo nos vendo. Ele estava procurando por mamãe, mas eles já haviam levado o corpo dela.

Ela rapidamente enxugou outro par de lágrimas que escaparam.

—Foram necessários seis deputados para contê-lo. Ele quebrou o nariz do xerife e o braço de outra pessoa.

Owen ficou quieto, contemplativo por um momento.

—Há algumas coisas que nunca esquecerei naquele dia. O silêncio, o cheiro da morte, a visão da minha mãe com as contusões. E o som da tristeza de meu pai quando ele berrou o nome dela repetidamente.

A essa altura, ela não conseguia segurar as lágrimas. Eles fluíam livremente. Ela fungou baixinho, incapaz de se mover, seu olhar fixo em Owen. Ele levantou a cabeça e estendeu a mão para enxugar as lágrimas em uma das bochechas dela.

—Apenas alguns dias atrás, cheguei à mesma quietude, ao mesmo cheiro da morte. A diferença era que havia sangue dessa vez. Muitos disso. A morte mais uma vez deixou sua marca nesta casa, e foi horrível demais. Perdi mais dois membros da minha família. Então eles foram atrás de você. Eu digo tudo isso, Nat, para que você entenda por que eu

preciso de você em segurança. Por que farei o que for preciso para impedir que esses homens cheguem até você. Porque não posso perder mais ninguém. Especialmente você.

Ela piscou, sua garganta entupida de emoção muito grossa para trabalhar. Sem palavras disponíveis, ela colocou a mão em cima da dele e apertou.

Ele ficou ereto e olhou para ela com seus olhos castanhos escuros.

—Eu não vou deixá-los perto de você.

—Eu sei que você não vai.

Sua palavra não era algo que Owen deu de ânimo leve, e uma vez que você a teve, foi tão vinculante quanto uma promessa.

Ele se virou e caminhou da sala de conferências para o arsenal. Ela ficou de pernas trêmulas e caminhou até o quarto de dormir antes de afundar na cama e enterrar a cabeça nas mãos enquanto chorava.

Agora que sabia detalhes do assassinato de Melanie Loughman, bem como do envolvimento de Wyatt e Owen, ela chorou ainda mais. Os meninos sofreram muito.

Explicou muito sobre os Loughmans. Especialmente Owen.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O resto do dia foi gasto reunindo as armas. Natalie nunca esteve longe, mas Owen estava muito consciente do muro que havia erguido ao seu redor.

Ele verificou o Glock 19, movendo o slide para frente e para trás algumas vezes antes de devolvê-lo ao coldre. Ele então mexeu nos cartuchos e os colocou ao lado da pistola. Além do Glock, ele também tinha uma Beretta M9 e uma Colt que seriam colocadas em sua bota. Sem mencionar as duas facas escondidas em seu corpo.

Ele também testou a mira em um rifle sniper e três outros rifles semiautomáticos. Enquanto ele trabalhava nas armas, ele pensou no que havia dito a Natalie. Ele não sabia ao certo por que compartilhou as memórias daquele dia de mudança de vida. Ele nunca tinha falado com seus irmãos sobre isso.

Voltar ao rancho trouxe tudo de volta em cores vivas. Um lembrete de quanto a vida tinha sugado após o assassinato de sua mãe.

Sabendo o que ele fez agora, ele ficou surpreso com o fato de Orrin não ter ido atrás dos responsáveis pela morte de sua mãe. Por outro lado, pelo que sabia, seu pai tinha. Não era como se ele mantivesse contato com Orrin.

Ele começou a colocar balas nos cartuchos Foi fácil ficar longe do rancho e das lembranças. No entanto, também trouxe para casa um lembrete doloroso - ele só tinha um pai.

E Orrin estava nas mãos dos militares russos. Não havia dúvida de que ele e seus irmãos haviam errado com o pai. Todos eles haviam lidado com o assassinato de Melanie à sua maneira, mas os separou em vez de reuni-los.

Se a mãe dele estivesse viva, ela ficaria desapontada com todos eles. E ele descobriu que estava decepcionado consigo mesmo. Ele largou os cartuchos e fechou os olhos. Se ele e seus irmãos sentiram a perda de Melanie, então o pai deles foi atingido ainda mais.

Não apenas ele havia perdido sua esposa, mas também a mãe de seus filhos. O pai deles se tornara pai solteiro enquanto lidava com o próprio sofrimento. Owen nem queria pensar em como ele poderia lidar com as coisas no lugar do pai.

—Nós vamos encontrá-lo.

Seus olhos se abriram ao som da voz de Natalie. Ele virou a cabeça para encontrá-la em pé na porta do arsenal, mas ele não conseguiu segurar seu olhar verde. Ele olhou para o clipe do cartucho na mão, agora cheio. Ele colocou de lado e começou a carregar um segundo.

—Voltar é difícil, não é? — Ela perguntou.

—Sim. Eu acho que é por isso que fiquei longe por tanto tempo.

—Não foi só por causa do seu pai?

Ele sacudiu a cabeça.

—Eu tenho pensado muito nele. Crescendo, eu estava perdido na minha miséria. Só agora estou compreendendo que ele teve seu próprio sofrimento para superar enquanto tentava nos criar.

—Eu não consigo imaginar.

—Odiá-lo foi fácil. Ele nos deixou com Virgil e Charlotte para voltar ao SEAL. Eu sei que era o trabalho dele, mas tornou fácil culpá-lo por tudo. Ele raramente estava aqui.

Ela se encostou na porta.

—Você ainda o considera responsável pela morte de sua mãe?

—Eu sempre acreditei que ele era a causa disso. Eu sei disso com certeza depois de ser um SEAL. Não importa o quão disfarçado ou invisível pensamos que somos, alguém sempre descobre nossas identidades.

Owen terminou o segundo cartucho e começou outro. Para sua surpresa, Natalie caminhou até ele e colocou a mão sobre a dele, acalmando-o. Ela pegou o clipe e começou a preenchê-lo.

Ele procurou seu rosto, mas ela simplesmente deu um pequeno sorriso. Não foram apenas as lembranças do passado que despertaram algo dentro dele. Foi Natalie também.

Estar com ela novamente, lembrando o quão quente a paixão queimava entre eles e o quão bem eles se encaixavam, puxou a cortina de sua vida. E ele não gostou do que viu.

Ele pensou que não precisava de ninguém, mas a verdade estava diante dele agora. Foi Natalie. Sempre fora ela. Como sua vida estava vazia sem ela, como tudo não tinha sentido.

Sem dúvida, ele sabia que a queria em sua vida - para sempre. Ele a queria ao seu lado, vivendo, lutando e amando como só eles podiam.

As chances de isso acontecer eram pequenas, mas, independentemente do resultado, ela tinha o direito de saber o verdadeiro motivo pelo qual ele a deixou catorze anos antes.

—Foi por causa de minha mãe, — disse ele.

As sobrancelhas de Natalie se levantaram.

—O que era?

—Eu vou te deixar na noite da formatura.

As mãos dela pararam. Ela piscou para ele, seus olhos não revelando nada. Finalmente, ela largou as balas e o cartucho e passou a mão pelas longas madeixas castanhas.

Owen tomou isso como sua sugestão para continuar.

—Eu nunca duvidei que o amor existisse. Eu vi isso com meus pais. Vi também como meu pai sofreu após a morte dela. Mais do que tudo, eu sabia o que era entrar em uma sala e encontrar alguém que amava assassinado. Os militares foram onde eu nasci para estar. Eu reconheci e aceitei isso desde tenra idade. O que eu não aceitava era trazer meu trabalho para casa e isso afetava minha família.

Seu olhar baixou para o chão por um batimento cardíaco.

—É um trabalho perigoso que eu faço. Eu nunca quis me preocupar que alguns vermes viessem atrás de você enquanto eu estava em uma missão. Recusei-me a ter meus filhos em casa e encontrar você como encontrei minha mãe. A única maneira de garantir que isso não acontecesse era partir.

Por longos minutos, Natalie não respondeu. Então ela voltou a carregar o cartucho. —Agora que sei como você encontrou Melanie, agora entendo tudo. Você deveria ter conversado comigo, no entanto. Partir como você fez foi um movimento covarde.

—Foi, — disse ele, tentando esconder seu sorriso. —Eu sinto Muito.

—Como eu já disse, é no passado.

—É isso? Parece que ainda faz parte das coisas atuais.

Ela olhou para ele.

—Só porque você continua trazendo à tona.

—Você não vê que temos uma segunda chance aqui?

Ela largou o cartucho mais uma vez e o encarou.

—Você me quer agora? Agora que você passou a vida como desejava?

Ele hesitou porque sabia pelo tom dela que qualquer maneira que ele respondesse estaria errado.

—Sim.

—Nem vem. Houve um tempo em que eu rastejava pelo inferno e voltava para recuperá-lo. Eu não sou mais aquela garota.

Ela se virou e o deixou parado ali, desejando que ele pudesse mudar o passado.

Tudo o que ele tinha era o aqui e agora. Nem mesmo o futuro estava garantido em sua linha de trabalho. Não importava se ele tinha cinco minutos ou cinquenta anos, ele queria aquele tempo com Natalie.

Tudo o que ele precisava fazer era encontrar uma maneira de convencê-la disso, compensando os erros que ele havia cometido antes.

Uma hora depois, ele caminhou até o celeiro e ficou olhando a terra. Com o sol quase se pondo, o céu era uma variedade vívida de laranjas, vermelhos e rosa.

Estar no rancho era tão difícil quanto ele sempre soube que seria. Não eram apenas as lembranças, mas a tristeza de não ter a mãe lá para compartilhar.

Do piquete, a égua riu para ele enquanto a potra sacudia seu rabo, observando-o atentamente com olhos escuros e comoventes. Ele parou quando ouviu Natalie subir os degraus.

Ela passou por ele sem dizer uma palavra e foi direto para a égua. Enquanto ele observava, ele viu o sorriso no rosto de Nat enquanto ela sussurrava para os cavalos, esfregando a cabeça da égua o tempo todo.

Aqueles lábios dela eram mais tentadores agora do que nunca. Ele ansiava por Natalie com um fogo que ameaçava devorá-lo. Todos esses anos pensando que ele estava vivendo a vida que ele queria não passavam de uma piada.

O que ele queria - o que ele precisava - era Natalie.

E ele tinha seu trabalho cortado para ele, se ele pretendia mudar de ideia sobre eles. Não havia como ela

responder ao toque dele como ela tinha e não sentir algo. Ela poderia não o amar mais, mas ainda havia sentimentos lá. Isso deu a ele toda a esperança que ele precisava para que ela pudesse se apaixonar por ele novamente.

A potra pulou em volta do curral, ficando fora do alcance de Natalie. Ele caminhou lentamente até eles, parando a alguns metros da cerca.

—Ela está gostando, — disse ele a Natalie.

Nat virou a cabeça levemente para ele.

—Ela é a coisa mais linda que eu já vi.

—O mestre Ben fez o seu trabalho, mas são as éguas que realmente nos dão essas belezas.

Natalie se agachou e estendeu a mão, assobiando baixinho. Ele prendeu a respiração enquanto o potro hesitantemente deu alguns passos em direção a Natalie antes de se afastar apressadamente.

Mas Nat não desistiu. Ela assobiou de novo. Desta vez, a potra chegou perto o suficiente para esticar o nariz e cheirar a mão de Natalie. Depois de mais um minuto, o potro deu o último passo.

Ele ouviu Natalie falar com a potra enquanto acariciava seu pescoço e cabeça.

—Você sempre teve jeito com os cavalos.

—Eu esperava me sentir estranha aparecendo aqui pela primeira vez depois de tantos anos, mas não foi. Este lugar sempre foi... — ela parou.

—Como em casa, — ele terminou.

Ela assentiu, lançando lhe um breve olhar.

—Por que você ficaria longe de um lugar tão bonito?

—Recordações. Eles estão em todas as facetas deste rancho.

Natalie ficou de pé quando o potro virou-se para a égua para se alimentar.

—Boas e más lembranças. Não se concentre apenas no ruim. Não faz justiça à sua mãe. Seu pai precisa de você. Lembre-se disso.

—Estou tentando.

—Tente mais.

Ele hesitou quando a viu olhando para o carvalho. Ela estava se lembrando da história que ele lhe contou de assistir seus pais lá? Ela pensou que era romântico, e era.

Ele não fez nada disso por ela e se arrependeu tremendamente. Agora não era hora de fazer esse gesto com tudo acontecendo. Mas isso não significava que Owen não pudesse planejar algo quando tudo terminasse.

Ele não queria pensar nas chances deles ganharem. Sim, eles tinham a arma biológica, mas por quanto tempo?

Quem traiu seu pai logo descobriria que estava em suas mãos. E então eles - junto com os russos - procurariam.

Já era ruim o suficiente ter os assassinos atrás deles, mas também um inimigo desconhecido? Depois, encontrou Orrin antes de ser morto.

As probabilidades estavam contra eles a cada turno. E, verdade seja dita, assustou Owen porque Natalie estava envolvida.

—Você está pensando em Orrin, — disse ela.

Owen assentiu, mantendo seus pensamentos sobre ela para si mesmo.

Ela enfiou as mãos nos bolsos traseiros do jeans.

—Amanhã pode nos dar algo novo.

Ou acabar com tudo com a morte dela. Mas ele manteve isso para si mesmo também. —Devemos descer agora que está escurecendo.

Ele caminhou até as escadas enquanto Nat dava um tapinha na égua e no potro. Ele desceu com Natalie atrás dele. Ela escorregou no último degrau. Instintivamente, ele a agarrou, puxando-a contra ele.

Seus olhos verdes colidiram com os dele quando os rostos se aproximaram. Ele queria tanto beijá-la que precisou de toda sua força de vontade para se segurar. Ela não tinha ideia do quanto ele ansiava por outro gosto dela,

como ele desejava afundar em seu corpo tenso mais uma vez.

Ele relutantemente a soltou. Então prendeu a respiração, esperando que ela o alcançasse. Em vez disso, ela caminhou ao redor dele em direção à área da cozinha para começar a preparar o jantar.

Seria uma noite longa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Natalie engoliu o nervosismo na manhã seguinte enquanto olhava no espelho. Ela não fez mais do que cochilar a noite inteira, pensando em confrontar Irina Matveev - e a presença de Owen.

Ela estava em conflito. Ela queria odiá-lo pelo que ele havia feito. O tempo havia entorpecido a dor no coração, de modo que ela precisava se lembrar de como havia sido ferida. Ela poderia realmente responsabilizar um homem por suas ações quando adolescente?

Não havia dúvida de que ela queria, mas não era tão fácil assim. Dormir com Owen só complicou as coisas ao extremo. Ela disse a ele que eles eram adultos concordantes, mas a realidade era que ela o queria.

Após o beijo, ela sabia que iria ceder à paixão entre eles. Quando se tratava de Owen, ela nunca foi capaz de resistir aos beijos atraentes ou ao toque dele. Ele tinha poder sobre o corpo dela que parecia quase de outro mundo desde o começo. E nada mudou isso.

Se ela não estivesse olhando para o traseiro dele, ela nunca tropeçaria e acabaria nos braços dele novamente. Tudo o que ela queria fazer era permanecer lá. Mas nada de bom poderia reuni-los novamente.

Ela conseguiu se afastar, mas estava perto. Com ele tão perto, era tudo em que ela conseguia pensar.

Suas mãos, sua boca. Seu pênis grosso a encheu.

Ela fechou os olhos e apertou as mãos, tentando controlar seu corpo. Seu sexo palpitava, ansioso por ter Owen dentro dela novamente, empurrando forte e rápido.

Natalie balançou a cabeça para afastar tais pensamentos - ou pelo menos os afastou por um momento. Ela abriu os olhos, olhando-se no espelho.

A jaqueta de veludo marrom se encaixava como se tivesse sido feita sob medida, e era uma de suas peças favoritas. Ela combinou com uma camisa creme, jeans e botas marrons - sem salto. Ela estaria preparada se tivesse que correr.

Satisfeita, ela saiu do banheiro e encontrou Owen checando sua pistola na bolsa.

—Pronta? — Ele perguntou.

—Como eu sempre estarei.

—Você tem a faca na sua bota?

Ela se inclinou e puxou a faca o suficiente para que ele pudesse ver a maçaneta antes de empurrá-la de volta.

Ele assentiu.

—Não pegue sua arma a menos que precise.

—Já discutimos isso.

—E estamos revendo isso novamente. Eu terei você coberta. A arma está lá para uma emergência.

Ela lançou lhe um olhar irônico.

—Se você precisar abrir fogo, eu diria que é uma emergência.

Ele deu a ela um olhar igualmente engraçado.

—Você deveria correr, lembra?

—Eu vou. Não se preocupe com isso.

Satisfeito com sua resposta, Owen verificou os monitores mais uma vez.

—Vamos lá.

Eles saíram no escuro mais uma vez. Ela ansiava pelos dias em que podia sair de casa e entrar no carro sem ter que caminhar por uma hora primeiro. Ela ficou feliz por eles não terem conversado no caminho para a caminhonete. O silêncio permitiu que os dois ouvissem tudo, mas ela também não precisava se preocupar em acompanhar a conversa.

Depois que ela subiu na caminhonete, suas mãos tremiam quando ela apertou o cinto de segurança. Quando ela levantou o olhar, Owen estava olhando para ela.

—Você ficará bem, — ele disse. —Vou protegê-lo.

—Eu sei.

Ele ligou a caminhonete e o pôs na marcha. Ela olhou para trás enquanto eles se afastavam.

—Diga-me as saídas, começando em A, — disse Owen.

Ela respirou fundo, agradecida por ter algo em que sua mente pudesse se concentrar. Um por um, ela passou pelas estratégias de saída e onde esperaria por ele. Antecipando sua próxima pergunta, ela passou por cada cenário, se estivesse presa em uma saída e como escapar se isso acontecesse. Quando ela terminou, o horizonte de Dallas já estava à vista.

—Se algo acontecer, você não terá tempo para pensar, — disse ele.

—É por isso que eu queria que você memorizasse tudo isso. Você precisa confiar em si mesmo para saber para onde ir.

—E se eu esquecer.

Ele pegou a saída em direção ao centro de Dallas.

—Vá para a caminhonete. Espere aí por uma hora. Se eu não consegui voltar, vá embora e ligue para Wyatt.

—Você vai voltar.

Owen olhou para ela e saiu da estrada.

—Claro que eu vou.

Ele estava apenas dizendo isso para acalmá-la. De repente, ela quis dar a volta na caminhonete e voltar. Essa foi uma ideia estúpida. Um ou os dois podem ser mortos.

—Vamos esquecer isso e voltar ao rancho, — disse ela.

Owen estendeu a mão e agarrou a mão dela, apertando-a.

—Chegamos até aqui. Além disso, você estava certa, precisamos de informações.

Eles se viraram bruscamente e diminuíram a velocidade antes de virar novamente para entrar na garagem. Owen dirigiu o caminhão para um local no térreo, perto da saída, e desligou o motor. Eles deixavam o caminhão lá e seguiam para seus lugares separadamente.

Ele puxou as chaves e suspirou. Então ele virou a cabeça para ela.

—Se você quiser voltar porque está com medo de mim, eu vou sentar aqui e falar com você sobre isso. Se você quiser voltar porque tem medo da sua vida, eu vou dar partida na caminhonete e voltaremos à estrada.

Ela abriu a boca para responder, depois hesitou. Seu pai morreu de um ataque cardíaco quando ela tinha cinco anos. Ela não tinha uma figura paterna por perto, mas isso não significava que ela não entendia a conexão.

Ela pensou em como se sentiria se fosse o pai dela que tivesse sido sequestrado. Não havia nada que ela não faria para encontrá-lo, e ela não tinha o conjunto de habilidades que Owen possuía.

Sua reação inicial ao encontrar Irina Matveev e falar com ela foi porque eles tinham que saber quem controlava os assassinos. Partir agora significaria que eles ainda não tinham nada.

Em resposta, ela alcançou a porta. A mão de Owen a deteve antes que ela pudesse abri-la. Ela olhou para ele, sobrancelha levantada em questão.

—Aqui, — ele disse e entregou a ela o fone de ouvido.

Ela havia se esquecido completamente daquele pequeno pedaço de tecnologia. Ela pegou e enfiou no ouvido.

—Teste, — disse Owen depois de colocar o seu.

Ela levantou o polegar para ele e sorriu. —Alto e claro.

A risada de Owen a ajudou a relaxar. Ela soltou um suspiro e abaixou a viseira para verificar seus cabelos. Quando ela terminou e levantou a viseira, ela apertou as mãos no colo e olhou para ele.

Com um aceno de cabeça, Owen saiu do veículo. O plano era que ele entrasse primeiro e verifique tudo antes de ela caminhar para a posição designada. Ela o viu sair, subitamente se sentindo mais apreensiva do que nunca.

Natalie fechou os olhos depois que ele dobrou a esquina e respirou fundo, até respirando, para se manter calmo.

Levaria cerca de quarenta e cinco minutos para colocar todas as armas no lugar. Ele carregava a mochila preta casualmente, como se tivesse feito esse tipo de coisa um milhão de vezes.

Natalie tamborilou com os dedos, tocou I Spy With My Little Eye (que era difícil de fazer com apenas uma pessoa), e cantou Bohemian Rhapsody by Queen duas vezes.

Então ela inclinou a cabeça para trás e percorreu cada uma das rotas de fuga uma a uma, como havia feito no caminho para Dallas. Não havia espaço para erros, nem chance de ela tomar a decisão errada.

Finalmente, a voz de Owen veio pelo ouvido dela. — Estou no lugar.

Agora era a vez dela. Ela sentou-se, seu estômago palpitando violentamente. Ela ia ficar doente. A aventura não era sua xícara de chá. Ela gostava de serena e cautelosa. Este era o oposto em todos os sentidos.

—Nat?

—Estou aqui, — ela se apressou em responder.

Houve uma pausa. Então ele perguntou:

—Você está prestes a ficar enjoada?

—Como você sabia?

—Isso é uma merda séria. Eu ficaria preocupado se você não estivesse.

Isso a fez sorrir. Owen estaria em seu ouvido o tempo todo, olhando-a através de um escopo. Se havia uma pessoa em quem ela confiava acima de todas as outras - era Owen.

Não importa o que, quando ele deu sua palavra, ele não voltou atrás. E ele prometeu que a manteria segura.

—Você quer ir embora? — Ele perguntou.

Ela pegou as chaves e abriu a porta.

—Absolutamente não.

—Boa.

Ela colocou a alça da bolsa no ombro e fechou a porta antes de esconder as chaves atrás do pneu traseiro do motorista. Então ela se endireitou e começou sua longa caminhada até seu lugar.

O sol nasceu no céu azul claro. O beliscão no ar duraria até ao meio-dia, quando o calor do Texas o levaria de volta até o anoitecer.

Seus passos foram longos e seguros quando ela atravessou rua após rua, serpenteando em direção ao centro da cidade. Conforme planejado, ela pegou o trem da Dallas Área Rapid Transit ou DART e viajou um pouco.

Depois que saiu, ela andou mais quatro quarteirões antes de estar no centro da cidade. Ela viu o local designado à frente e diminuiu a velocidade.

Ela virou-se para tomar um café em frente a alguns prédios de escritórios. Ela pediu um café com leite e sentou-se em uma das mesas, dando-lhe uma vista da área. Ainda faltava muito tempo para Irina aparecer. Natalie se acomodou e tomou um gole de café.

—Você está na minha mira, — disse a voz de Owen em seu ouvido.

—Certamente, obter um café com leite não estava no plano.

Ela manteve o copo pelos lábios e sorriu.

—Eu não ia ficar parada sem fazer nada. Todo mundo toma café.

—Ponto levado.

Ela olhou para o relógio. Quarenta minutos até Irina aparecer. O dia lindo, as temperaturas frias e o sol fizeram Natalie querer relaxar. Mas era a coisa mais distante de sua mente.

Os assassinos podem estar escondidos atrás de qualquer prédio. Eles poderiam estar olhando para ela agora. Qualquer uma das pessoas ao seu redor poderia estar atrás dela. Isso deixou seus nervos à flor da pele. Como

diabos os espiões faziam isso para viver? Todo som a fazia pular. Ela observou todos ao seu redor, esperando que eles fizessem um movimento errado ou parecessem que estavam vindo em sua direção.

—Calma, Nat. Você está segura.

Ela bufou. —Não minta para mim. Estou longe de ser segura.

—Ninguém vai chegar a menos de dez metros de você se eu pensar que por um instante eles significam que você está prejudicando.

O tom frio em sua voz disse a ela que ele quis dizer cada palavra.

—Eu queria que você estivesse ao meu lado.

E ela quis dizer isso. Ela percebeu que havia tomado a presença dele nos últimos dias como garantida. Ele poderia estar olhando para ela, mas ela ainda se sentia totalmente sozinha.

—Eu estou do seu lado. E acima de você. Eu vejo tudo. Você é o meu foco.

Ela apertou a mão dela, desejando que seus dedos estivessem enfiados nos dela. Droga! Owen estava de alguma forma abrindo caminho de volta ao coração dela? Não. Isso não foi possível. Ela estava assustada. E quando ficou

assustada, ela se agarrou ao que sabia que era seguro - Owen.

Ele foi o único homem que a fez se sentir completamente segura. Ela sabia que ele a protegeria, a protegeria com a própria vida. Ele sempre a fazia sentir como se pudesse conquistar o mundo enquanto ele estivesse com ela.

Ela tentou pensar em todas as estratégias de saída mais uma vez, mas sua mente continuava retornando à noite que passara nos braços de Owen.

Foi celestial. Feliz. Surpreendente.

Mas ela não precisava dele, nem de nenhum homem. Ela estava em um bom lugar.

Por que ela continuou dizendo isso a si mesma? Ela estava declarando um fato ou tentando se convencer?

Essa foi a pergunta, e ela não conseguiu encontrar uma resposta.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Owen olhou através da mira do rifle sniper, estudando todos na área. Até agora, ninguém parecia uma ameaça para Natalie, mas ele sabia por experiência própria que isso poderia mudar em um piscar de olhos.

Antes de voltar ao Texas, ele não conseguia pensar em fazer nada além de ser um SEAL. Agora, ele estava pensando seriamente em se demitir para poder estar com Natalie. Eles pertenciam juntos. Ninguém podia tocar seu coração e alma do jeito que ela fazia sem esforço.

Ele sempre assumiu que se aposentaria das forças armadas, mas Natalie o fez repensar tudo. Ele estava cansado de ficar sozinho. Embora ele nunca gostasse de falar sobre isso, ele estava sozinho. Às vezes, o atingia particularmente forte e, quando isso acontecia, sua mente sempre trazia lembranças de Natalie.

Por tanto tempo, ele mentiu para si mesmo que a solidão não importava. Mas sim. Ficar cara a cara com Natalie novamente provou isso. Ela o fez sentir novamente. Seu amor por ela, que ele havia enterrado no fundo há tanto tempo, correra para a superfície, consumindo-o. Exigia que ele sentisse, que se abrisse para isso.

Agora que ele tinha, não havia como se virar. Olhando para trás agora, ele se perguntou como a havia deixado. À medida que chegava a hora de Irina aparecer, mais vigilante ele se tornava. Ele tentou acalmar seu coração acelerado. Nem mesmo durante sua primeira missão ou primeira morte ele se sentiu tão apreensivo. O motivo estava em uma cadeira, fingindo beber um café com leite.

Sempre voltava para Natalie. Não é à toa que todos o chamavam de tolo. Ele foi o maior deles a deixar algo tão precioso quanto ela para trás. Ele sempre achou que sua vida era gratificante, mesmo que fosse perigosa. Talvez fosse porque ele estava de volta ao rancho. Pode até ser porque Orrin foi sequestrado. Talvez fosse porque Natalie precisava dele.

Seja qual for o motivo, seu futuro sombrio de missões intermináveis sem ninguém para voltar para casa parecia desolado e sombrio agora.

O que ele queria - o que ansiava - era Natalie.

Se algo não mudasse, ele sabia exatamente o que seu futuro lhe reservava.

E ele se recusou a ser como seu pai e acabar sozinho.

CAPÍTULO TRINTA

Sklad...

—Orrin.

Melanie. Ele sentia muita falta dela. A morte dela havia deixado um buraco dentro dele que nunca poderia ser preenchido. Mas ela estava diante dele agora.

Ela se inclinou sobre ele, um sorriso suave nos lábios quando seus longos cabelos negros caíram sobre um ombro. Havia uma luz atrás dela, fazendo parecer como se um brilho envolvesse sua cabeça. Ele rapidamente se esqueceu disso quando olhou nos olhos castanhos dela.

—Você voltou, — disse ele.

—Shhh. — Ela colocou o dedo nos lábios dele.

—Deixe-me cuidar de você.

—Melanie, nossos meninos estão com problemas.

O sorriso desapareceu.

—Você também, meu amor.

—Eu falhei com você. Eu não vou falhar com eles.

As mãos dela alisaram o rosto dele. Os dedos dela pentearam os cabelos dele.

—O destino me levou de você. Sempre foi destinado a ser assim.

—Não. Nós deveríamos envelhecer juntos. Comprei aquelas cadeiras de balanço para a varanda, lembra? Nós estávamos sentados lá, assistindo nossos netos.

Ela se inclinou e colocou os lábios nos dele para um beijo carinhoso.

—Nós vamos.

Orrin não entendeu como Melanie estava com ele, mas isso não importava. Seu toque gentil o acalmou, o confortou para que sua mente pudesse clarear. Ela sempre teve esse efeito nele.

—Diga-me quem te machucou, querida, — ele implorou.

—Eu preciso me vingar.

—Você vai, — ela assegurou. —Ainda não é a hora.

—Eu já esperei muito tempo.

—Você precisa prestar atenção, Orrin. Ouça.

Ele franziu a testa, sem entender. —Estou ouvindo você, querida.

—Não para mim. Todo mundo. A verdade está bem diante de você.

—Eu sei que Yuri me traiu.

Seus olhos estavam tristes quando ela olhou para ele.

—Eu sinto muito.

—Eu deveria ter visto. Por que eu não vi? Ele não é tão bom. E geralmente não confio assim.

—Escute Orrin. Olhe nas entrelinhas. Ouça o que não está sendo dito.

As mãos dele se estenderam e agarraram seus braços enquanto ela se sentava.

—Baby, não me deixe.

—Nunca te deixarei.

—Você fez.

—Eu estava sempre ao seu lado. Cada passo do caminho.

O olhar de Orrin ficou nublado com as lágrimas. Quantas vezes ele gritou por ela durante a noite? Quantas vezes ele implorou a Deus que desse algum sinal de que Melanie estava em paz?

O aperto no peito dele diminuiu quando ela descansou a cabeça nele. Ele deixou os cabelos grossos dela correrem entre seus dedos, como ele já havia feito milhares de vezes antes, quando eles estavam deitados nessa posição.

—Ainda não é hora de você deixar este mundo, Orrin. Nossos filhos precisam de você. Callie precisa de você.

Ele olhou para o teto.

—Nossos meninos nunca precisaram de mim.

—Eles são teimosos, assim como o pai deles. Eles também são honoráveis e dedicados. Eles estão procurando por você.

—Mas eles são inteligentes, — argumentou.

—Eles foram ensinados bem. Eles não cometerão os mesmos erros que eu cometi.

Melanie respirou fundo. —E Callie?

Callie. A filha que eles nunca tiveram. Ela tinha uma casca dura, mas por baixo, ela mal era mantida unida. Ela era tão sensível, sempre pensando nos outros antes de si mesma.

—Ela vai precisar de você, — disse Melanie.

Os meninos podiam cuidar dela. Depois, pensou na maneira terrível como Wyatt a tratara antes de partir para a faculdade. Talvez supondo que seus filhos iriam ajudar e Callie estava errada. Eles não tinham ideia de como ele havia levado Callie há anos.

—Yuri não está apenas mirando nossos filhos. Ele está indo atrás de alguém próximo a eles.

Ele franziu o cenho para as palavras dela.

—Os meninos nunca deveriam ter sido arrastados para isso. Esta é a minha missão, o meu dever.

—Mas eles são nossos filhos.

—Sim, eles são.

—Seus inimigos irão atrás de Mia.

Ele sentiu o peso de tantas vidas pelas quais era responsável. Ele já carregava o peso dos membros de sua

equipe assassinada. Nem mesmo a vingança pelo que lhes foi feito liberaria seu fardo. Mas foi o que aconteceu com homens como ele.

Os braços dele a apertaram.

—Estou tão cansado.

—Você consegue fazer isso.

—Não tenho mais tanta certeza.

Ela beijou o peito dele. —Você não tem escolha.

Não, ele não fez. Ele abriu o caminho e colheria as consequências.

—Lembre-se, meu amor. Ouça.

Ela desapareceu, enquanto Orrin lutava para segurá-la. Ele gritou, raiva e medo o consumindo mais uma vez.

* * *

Yuri estava de pé sobre a forma propensa de Orrin com dois homens de cada lado dele.

—Ele tem febre. Encontre um médico imediatamente. Não permitirei que Orrin morra até que ele tenha visto o que planejo para seus filhos.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Muito cedo, os quarenta minutos se passaram para Natalie. Sua linha de pensamento em relação a Owen morreu quando viu Irina Matveev.

Irina parecia muito com sua foto. Ela era uma mulher alta, com olhos ferozes e cabelos pretos na altura do queixo, começando a ficar grisalhos. Irina caminhou com propósito do prédio, vestindo uma jaqueta esbranquiçada e um tanque de ouro combinando com calças pretas. Irina tinha uma figura impressionante para a idade dela.

Natalie se levantou e caminhou até o lixo para jogar fora o café que não havia bebido, que havia esfriado há muito tempo. O plano era que ela esbarrasse em Irina, mas quanto mais pensava, mais percebia que isso não daria certo.

Ela ajeitou a bolsa e caminhou diretamente em direção a Irina com passos determinados.

—Natalie, — disse Owen em seu ouvido.

—Confie em mim, — ela sussurrou.

E então ela estava no caminho de Irina.

—Olá, Srta. Matveev, — Natalie chamou com um sorriso.

O olhar de Irina era inabalável, penetrante.

—Eu conheço você?

—Não.

Ela baixou o olhar para o chão antes de olhar de volta para Irina, recatadamente, o tempo todo, procurando ver se havia um pingo de reconhecimento no rosto da mulher.

—Me perdoe. Meu nome é Natalie Dixon. Eu ouvi tanto sobre você que tive que conhecê-la.

—Eu? — Ela perguntou desconfiada.

Ela assentiu.

—Adoro idiomas e aprendi russo primeiro.

—Ti govorish po russkie? — (Você fala Russo?)

Ela falou russo? Natalie queria bufar.

—Kogda mogu. (Sempre que posso.)

Irina sorriu. —Ti ochen horosho govorish.

Claro, o russo dela era muito bom. Passar esses anos na Rússia só havia desenvolvido sua habilidade ainda mais.

—Spacibo, obrigado.

No ouvido dela, a voz de Owen falou.

—Ou ela não conhece você, ou está escondendo muito bem.

Em outras palavras, não havia como dizer. Ela olhou em volta, mas não viu nenhum russo corpulento à espreita. Ela teria que se arriscar e rezou para que funcionasse.

—Diga-me novamente por que você queria me conhecer, — exigiu Irina.

—Trabalhei em São Petersburgo por alguns anos antes de voltar para casa. Eu gosto de acompanhar os russos na área. Eu sei como você se imergiu em tudo o que é Dallas. Você é respeitada e admirada. Estou curiosa para saber por que você escolheu o Texas como sua casa depois de deixar a Rússia.

—Normalmente não gosto de responder a essas perguntas, mas você me intrigou, Natalie. Ande comigo um momento.

Como se conhecesse seu medo, Owen foi rápido em dizer:

—Eu aqui com você.

Natalie lançou um sorriso para ele. Ela realmente teria que ter cuidado ou ela poderia se apaixonar por ele novamente.

—Viajei um pouco quando era mais jovem,— disse Irina enquanto passeavam devagar. —Já visitei os Estados Unidos em Nova York e novamente em Chicago. Mas sempre sonhei em ver o Texas.

—Então foi uma decisão natural? — Natalie pressionou.

Irina sorriu suavemente e assentiu.

—Isso foi. Olhei para Austin, mas estava muito seco lá para mim. Também visitei Houston, mas quando cheguei a Dallas, sabia que essa seria minha casa.

—Onde você morou na Rússia?

—A vila onde cresci estava muito longe das cidades. Era pequeno e isolado. Quando eu tinha dezessete anos, mudei-me para Moscou para encontrar um emprego.

Natalie sorriu, caminhando lentamente para suas verdadeiras perguntas.

—Que tipo de trabalho você fez em Moscou?

—Qualquer coisa que eu pudesse encontrar para comprar comida. Até trabalhei na KGB por um curto período de tempo.

Ela não podia acreditar que Irina iria admitir isso tão livremente.

—Você parecia chocado, querida, — disse Irina com uma inclinação de cabeça.

—É interessante. E assustador.

Irina riu quando parou e a encarou. O olhar de Irina era intenso e sondador.

—Isso foi durante a Guerra Fria. Todo dia, pensava que iríamos à guerra com a América.

—E ainda assim você escolheu morar aqui.

—Eu trabalhei para um governo comunista. Qualquer um que pudesse sair, foi. Havia uma nova vida esperando aqui na Terra dos Livres.

—Mesmo com seu país se tornando democrático?

—Nada acontece da noite para o dia, como todos sabemos. Só porque a URSS se tornou a Rússia com uma simples mudança de nome não significava que o governo mudaria tão rapidamente.

—Muito verdadeiro.

Pelos cinco minutos seguintes, Irina falou de sua infância e procurou comida com o pai no frio. Era conversa fútil, mas Natalie a deixou falar em vez de interromper.

—Parece que sua vila era muito unida. Você ainda tem laços com alguém na Rússia? Ela perguntou.

—Sim, — respondeu Irina.

—Você realmente nunca deixa a Mãe Rússia. Mas Dallas é minha casa. Eu amo isso aqui. Os invernos são amenos, com apenas alguns centímetros de neve que desaparecem rapidamente. As pessoas são acolhedoras e eu criei raízes. Qualquer russo ficaria feliz aqui.

—E a multidão russa? — Perguntou Natalie.

Irina sorriu educadamente, uma sobrancelha escura erguida.

—Não tenho nada a ver com esse grupo. Enfim, duvido que eles estejam no Texas.

—Nat, — disse Owen em seu ouvido.

—Um Mercedes CLS preto parou à sua esquerda.

Ela viu - e o motorista, que havia saído e estava olhando diretamente para eles. Natalie se mexeu e virou as costas para o carro.

—Sinto muito, mas tenho um compromisso que não posso perder. Eu gosto de você, Natalie Dixon. Deixe-me dar-lhe alguns conselhos. Suas perguntas foram inteligentes, mas não eram as que você realmente queria fazer.

Ela olhou para Irina, sem saber como responder. Finalmente, ela decidiu a verdade. —Não, eles não eram.

—Você me encontrou por causa de uma confusão que ocorreu no meu país.

—O que você sabe disso?

—Não tanto quanto você imagina. O problema é que você está olhando na direção certa, apenas para a pessoa errada. Não sou responsável pela equipe enviada para cá.

—Por que eu deveria acreditar em você?

O sorriso de Irina foi triste.

—Há muito tempo, eles queriam que eu continuasse trabalhando para eles, mas eu queria sair. Em troca, eles mataram meu marido. Eu consegui escapar, ou assim eu pensei. Mas como eu disse, ninguém realmente sai. Então agora eu faço o que preciso. Assim como você é. Você entende o que estou dizendo?

—Acredito que sim — respondeu Natalie.

—Há algo que você possa me dizer?

—Eu já falei demais. Tenha cuidado, mas saiba que você está olhando na direção certa. Não me encontre de novo.

Então ela sorriu largamente e acenou para Natalie. Irina disse baixinho:

— Afaste-se agora, querida. Dasvidaniya.

—Dasvidaniya.

O coração de Natalie estava batendo forte porque ela tinha a sensação de que quem estava no Mercedes estava de alguma forma envolvido. No entanto, ela não queria ficar por aqui e descobrir.

—Saída quatro, — disse Owen em seu ouvido.

—Fique calma. Espere até você dar a volta no prédio e depois correr.

Seus joelhos estavam batendo quando ela saiu para as quatro. Graças a Deus Owen a fez memorizá-los, porque sua cabeça estava muito cheia do que aconteceu para lembrar exatamente o que ela precisava fazer. Mas seu subconsciente, exatamente como Owen havia previsto.

—Quase, — disse ele em sua voz suave.

Assim que ela chegou à esquina e virou, Natalie começou a correr.

* * *

Owen esperou até que Natalie se fosse antes de ele balançar o rifle de volta para o CLS e Irina Matveev. Quando Irina se aproximou do carro, a porta se abriu e um homem de terno azul saiu - junto com o gigante loiro que Owen havia lutado em Baylor.

—Porra, — Owen murmurou quando viu o rosto do homem de terno.

Seu estômago apertou, um sinal de que as coisas estavam prestes a piorar. Ele desejou poder ouvir o que eles estavam dizendo, mas sem dúvida a dupla estava falando em russo. Um momento depois, Irina entrou no carro e eles partiram.

Mas o gigante russo ficou para trás. Ele não ficou sozinho por muito tempo. Mais dois se juntaram a ele. Owen poderia pegá-los de lá. Isso eliminaria três riscos para Natalie, mas, no processo, ele seria perseguido por todos os ramos da aplicação da lei que existiam.

Ele tirou o dedo do gatilho. Ele os observou conversando entre si por um momento antes de se ramificarem em direções diferentes.

Nenhum seguiu Natalie, mas isso não significava que eles não estavam atrás dela. Ele rapidamente pegou o rifle e

o colocou na mochila antes de sair do prédio. Uma vez lá fora, ele parou, olhando em volta.

Parte dele queria seguir Natalie, caso a prendessem. Mas ela teve um avanço. Ela sabia onde se esconder, onde as armas estavam localizadas e onde esperar por ele. Owen tinha que confiar que ele a treinou bem o suficiente na pequena quantidade de tempo que eles tiveram. Ele virou à direita e se afastou.

Não havia tempo suficiente para recuperar todas as armas que ele havia deixado, mas Wyatt poderia reunir o resto uma vez que tivesse Natalie de volta ao rancho. Ele soltou um suspiro. Natalie estava certa. Procurar Irina Matveev tinha sido inteligente. Eles aprenderam algo. A parte mais difícil agora seria sair de Dallas sem que os homens localizassem Natalie.

—Owen? — Ela perguntou através da comunicação.

Ele mergulhou em um beco e recuperou uma arma, que depois jogou em sua mochila. —Sim.

—Você disse porra.

—Sim. — Ele realmente não queria ter essa conversa com ela durante o trabalho.

—Você não vai me dizer, vai?

Ele voltou para a calçada e aumentou seus passos.

—Nat, me escute com atenção. Há três homens andando pelas ruas. Um é aquele gigante de Baylor.

—Oh maldito.

—Eles não seguiram você, mas continue vigilante.

—OK.

Ele percebeu que ela estava correndo de novo pelo som da respiração dela. Ele perguntou:

—A que distância você está da caminhonete?

—Ainda longe, — ela bufou.

Ele virou uma esquina e ficou cara a cara com o gigante. Owen olhou em volta e descobriu que aquela parte da rua estava praticamente deserta.

—Chegue lá o mais rápido que puder. Se não puder, encontre um dos esconderijos e arme-se até que eu possa chegar lá.

—Owen?

Não houve tempo para responder quando o gigante o atacou. Owen se abaixou, jogando a bolsa de lado e rolando. Ele se levantou e soltou dois socos no rim esquerdo do gigante.

O russo resmungou e bateu com o joelho no rosto de Owen. Ele cambaleou para trás e puxou uma das facas. O gigante foi bom o suficiente para bloquear muitos de seus

ataques, mas sofreu vários golpes profundos que encharcaram o russo de sangue.

Em resposta, o gigante soltou um grito e agarrou a faca. De repente, eles estavam tentando empurrar a lâmina no intestino do outro. O russo pode ter influência por causa de sua estatura, mas Owen tinha algo mais - ele tinha motivação.

Ele estava com Natalie.

Owen torceu para o lado, fazendo o gigante avançar. Direto na lâmina. Owen sentiu isso afundar no corpo do bruto. Ele viu a vida drenada do homem. Havia um a menos dos bastardos caçando Natalie. Ele se levantou, puxando a faca e limpando a lâmina nas roupas.

Owen olhou em volta e encontrou dois homens sem-teto assistindo de um beco. Ele pegou sua bolsa e foi até eles.

—Cavalheiros.

—Não vejo movimentos assim desde o meu período na Guerra do Golfo, — disse um dos homens.

Um veterano. Owen tirou a carteira e entregou a cada um dinheiro para comida.

—Se você encontrar o caminho para o sul de Dallas, vá para o Loughman Ranch. Veteranos são sempre contratados.

—Não vamos dizer nada sobre isso, — disse o segundo homem e acenou para o morto.

—Agradecido.

Então Owen se endireitou e foi em direção a caminhonete mais uma vez.

—Eu também deveria chutar sua bunda, — disse a voz de Natalie em seu ouvido.

Ele sorriu para si mesmo.

—Você parece irada.

—Eu estou chateado. Eu ouvi todos aqueles grunhidos. Você estava brigando e não me contou.

—Não havia exatamente hora.

—Sim. Hum, hum. O problema é Owen. Um desses homens parece saber que estou aqui.

Isso o deteve.

—Onde você está?

—Local do esconderijo número dois. Eu posso ver o DART, mas nunca vou conseguir. Ele me viu.

—Você ainda tem uma arma?

—Sim.

Owen começou a andar novamente.

—Fique ai. Estou indo para você.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Natalie não conseguia tirar os olhos do russo. Ele se destacava entre os texanos como uma zebra em um rebanho de gado. Ela segurou a arma contra o peito enquanto se escondia atrás de um conjunto de lixeiras, observando-o através de um espaço. Seu coração disparou uma milha por minuto. Não havia nada que pudesse prepará-la para este momento. Sem quantidade de descrições, sem cenários gerados por computador, sem treinamento.

Nada se compara à dormência que a envolve ou ao gelo em suas veias. Isso foi tudo porque o homem que a procurava queria acabar com sua vida. Colocou as costas contra a parede de tijolos do prédio e fechou os olhos com força. Onde estava Owen? Por que estava demorando tanto?

Ela só queria voltar para a segurança do rancho, onde podia assistir tudo, desde as câmeras. Ela abriu os olhos e soltou um suspiro. Owen chegaria e, quando o fizesse, não a encontraria chorando. Ela estaria pronta para o que ele planejasse tirá-los.

Ela virou a cabeça para olhar para o russo. Quando ela não o viu, ela começou a sorrir, pensando que ele se foi. Então ela ouviu passos se aproximando. Eles eram lentos, medidos. Como se alguém considerasse que alguém poderia

estar escondido atrás das lixeiras. Ela apontou a arma, seu coração batendo contra o peito.

—Ei, senhor! — Uma voz profunda gritou.

—É melhor você não estar mexendo com minhas coisas. Essa é minha casa ai atrás!

Ela olhou pela brecha e viu um homem com cabelos grisalhos, roupas não combinadas e botas militares que tinham visto melhores dias.

—Não estou mexendo nas suas coisas, — veio o forte sotaque russo, rolando r's e tudo.

—Então vá embora antes que eu ligue para meus amigos.

Ela não podia acreditar que o mendigo tivesse se livrado do assassino. E ele não estava parando por aí. Ela os perdeu de vista, mas ainda podia ouvir o homem repreendendo o russo alto o suficiente para que todos na plataforma DART os observassem.

Alguém apareceu atrás dela. Ela pulou e virou a cabeça. Assim que viu que era Owen, ela abraçou-o.

Ele a abraçou com força.

—Está tudo bem. Eu estou aqui com você.

—Ainda não estamos fora disso.

—Meus novos amigos ficaram encantados em ajudar.

Ela se afastou.

—Amigos?

—Quando saímos, você verá cerca de quatro homens mantendo seu possível agressor ocupado demais para nos ver entrar no DART. — Ele entrelaçou os dedos nos dela.

—Pronta?

—Sim. — Ela colocou a arma de volta na bolsa e ficou de pé.

Owen estava calmo enquanto os caminhava do beco, nem mesmo se preocupando em olhar para a direita onde o russo estava. Mas ela fez. Assim como Owen disse, havia quatro homens sem-teto, todos atormentando tanto o assassino que ele estava fazendo o possível para fugir.

Ela e Owen entraram no DART e se afastaram da cena. Owen levantou as mãos para um dos homens em agradecimento. Discretamente, pegou o fone de ouvido e entregou a Owen. Eles não disseram uma palavra até chegarem à garagem e entrarem na caminhonete.

Quando ela abriu a boca para falar, Owen virou-se para ela. Ele agarrou a parte de trás da cabeça dela e levou a boca à dela para um beijo que a deixou sem fôlego. Os braços dela envolveram o pescoço dele enquanto os dedos afundavam na pele dele. Ela não pensou, não se preocupou. Ela apenas se deixou sentir. E foi maravilhoso.

Quando o beijo terminou, os dois estavam respirando com dificuldade. Ele acariciou sua bochecha enquanto olhava nos olhos dela. Ela queria saber o que ele estava pensando, simplesmente porque ela se recusava a se perguntar sobre sua resposta ao beijo dele.

Owen suspirou e recostou-se. Depois de um momento, ele ligou o caminhão e o colocou em marcha à ré para sair do lugar. Não foi até eles saírem da garagem que ele disse:

—O Mercedes que eu te falei?

—O que tem isso?

—Um homem chamado Egor Dvorak saio dele.

—O consulado russo? Você tem certeza?

Owen assentiu.

—Sem dúvida. Acredito que Irina estava sugerindo em seus comentários.

—Bem, isso faz sentido. Ele seria capaz de rastrear o que eu fiz no meu computador na embaixada. Conexões, poder e autoridade. Todos os ingredientes certos.

—Ele também teria os contatos para comandar uma equipe militar russa aqui.

—Não vamos esquecer a imunidade diplomática, — acrescentou.

—Como você o conhece?

—Por causa das conversas que ele teve com a Casa Branca.

—Eu o conheço, mas não tive nenhum contato com ele. O homem me dá arrepios, no entanto.

—O envolvimento de Dvorak muda tudo.

Ela franziu o cenho para ele.

—Quão? Sabíamos que alguém estava gerenciando a equipe de homens. Por que Dvorak deveria ser diferente de Irina?

— Dvorak era um general no exército russo. Sua reputação de enraizar insurgentes e conseguir quem ele está caçando é bem conhecida. Ele também foi o procurador do FSB quando eles tiveram dificuldade em encontrar pessoas, porque ele sempre encontra o que pediu.

—Ótimo. Agora ele está usando seus homens para me encontrar. Quanto tempo antes de ele vir atrás de mim?

—Isso não vai acontecer.

Ela suspirou e balançou a cabeça.

—Não posso me esconder para sempre.

—Nem você precisa.

—O que você está pensando, então?

Owen passou a mão pelo rosto quando ele entrou na interestadual e voltou para o rancho.

—Ainda estou colocando isso na minha cabeça.

—Dvorak poderia estar trabalhando para o FSB?

—É adorável.

Ela deixou cair a cabeça no banco.

—E eu procurei no computador por qualquer coisa no Ragnarok.

—Não se importe com isso, — disse ele, olhando para ela.

—Eles provavelmente estavam monitorando seu computador doméstico também.

Os olhos dela se arregalaram.

—O que?

—Nat, não me diga que você é tão ingênua para acreditar que eles contratariam um americano e confiariam em você informações classificadas.

Bem, quando ele colocou dessa maneira, ela parecia ingênua.

—Eles se aproximaram de mim.

—Não importa. Você acreditava que, vivendo e trabalhando na Rússia, você se encaixaria.

Então ela tinha. Lamentavelmente. Foi por isso que ela voltou para casa em primeiro lugar.

—Foi diferente na embaixada. Havia outros americanos trabalhando lá.

—Quantos? — Ele perguntou.

Ela hesitou. —Três.

—Eles tinham o seu nível de autorização?

—Não.

—Ai está.

Como se isso dissesse tudo. E, ela supôs que sim. Ela se sentiu tão idiota.

—Se nada disso tivesse acontecido, você nunca saberia, — acrescentou Owen.

—Isso não me faz sentir melhor.

Ela não se afastou quando a mão dele pousou sobre a dela. Na verdade, ela gostou.

—Conheço Dvorak de um ângulo diferente do seu. Diga-me tudo o que você sabe dele — insistiu Owen.

Ela pensou em Egor Dvorak.

—Para um homem de quase cinquenta anos, ele tem o rosto e o corpo de um homem muito mais jovem. Ele tem muito orgulho em manter a forma. As mulheres se reúnem para ele, não apenas por quem ele é e por sua riqueza, mas também porque ele é considerado bonito.

—Mas ele te dá arrepios? — Owen perguntou com um sorriso.

Ela riu quando levantou um ombro em um encolher de ombros.

—Ele apenas parece falso para mim. Mas ele ama mulheres. Todas as mulheres.

—Homens como ele sempre fazem.

— Que dia é hoje? — Ela perguntou e pegou o telefone para verificar a data.

—É amanhã.

Owen levantou uma sobrancelha escura para ela, seus olhos de chocolate curiosos.

—O que é amanhã?

—A festa de gala que mostra alguns dos artefatos que a Rússia está emprestando ao museu por alguns meses.

—Interessante.

—Nós poderíamos ir atrás de Dvorak lá.

—Ele é muito diferente de Irina, Nat. Ele estará cercado por segurança. Sem mencionar que todos conhecerão seu rosto.

Droga. Ela esquecera isso por um momento.

Ela podia ver que Owen estava trabalhando na cabeça dele, então olhou pela janela, deixando o ritmo da estrada levá-la a dormir.

* * *

Owen estava exausto, tanto mental quanto emocionalmente. Natalie tinha chegado muito perto de ser

descoberta pelos russos. Ela ficou aterrorizada, e isso foi algo que o atingiu particularmente difícil.

Ele ainda podia sentir como seu corpo tremia quando ela jogou os braços em volta dele. E, no entanto, ela estava falando sobre confrontar Dvorak agora. Natalie era uma contradição ambulante. Por outro lado, ela sempre esteve. Era uma das coisas que o atraíam para ela, para começar.

Quando ele entrou na propriedade do rancho, perdeu a atividade de todas as mãos do rancho. Callie os notificou assim que Virgil e Charlotte foram mortas de que tinham tido algum tempo de folga.

Não parecia certo dirigir com ninguém lá. Deixando Nat dormindo no caminhão, ele fez uma verificação rápida da casa e dos celeiros. Quando viu que era seguro, desligou o caminhão e a acordou.

Natalie sentou-se, piscando.

—Estamos em casa?

Aqueceu seu coração ouvi-la dizer isso. Provavelmente era apenas um deslize da língua, mas ele esperava que, no fundo, ela quis dizer isso.

—Vamos entrar na base,— disse ele e pegou a mochila.

Uma vez abrigada na base, Natalie soltou um suspiro alto.

—É bom estar de volta.

Ele sorriu e largou a mochila perto do arsenal.

—Eu preciso ligar para meus irmãos e atualizá-los. Sinta-se livre para ouvir.

—Realmente?

Ela pareceu surpresa com a oferta dele.

—Claro. Hoje foi sua ideia. Você teve outra que eu gostaria de conversar com eles. Quanto mais cérebros, melhor.

—Conte comigo, então.

Ele entrou na sala de conferências com ela nos calcanhares. Ele discou Wyatt primeiro antes de tentar se conectar com Cullen. Começou a surgir uma preocupação de que ele ainda não conseguia falar com seu irmão mais novo. Wyatt? Callie?

—Sim, se Wyatt mudar de posição, —resmungou Callie.

Natalie riu. —Tudo bem, vocês dois.

—Ainda não consigo entrar em contato com Cullen, —disse Owen.

Ele não se preocupava com Cullen há muito tempo, mas essa preocupação estava de volta - dez vezes. Wyatt deu um suspiro alto.

—Nós também. Vamos dar a ele um pouco mais de tempo.

—Acordado. Algum progresso?

—Ainda não conseguimos localizar para onde Orrin pode ter enviado a fórmula. E quanto a você?

Owen trocou um olhar com Natalie.

—Começou bem. Nat falou com Irina, que nos disse que não estava controlando as forças armadas russas aqui, mas que estávamos no caminho certo.

—Ela disse quem era o caminho certo? — Callie perguntou.

—Eu vi ele. — Owen caiu em uma cadeira. —Egor Dvorak.

Wyatt estava desconfiado em silêncio.

Owen sabia como se sentia.

—Havia três homens lá. Eu matei um, e outro ficou muito perto de encontrar Nat.

—Ela está bem? — Callie perguntou.

Natalie estava sorrindo enquanto se inclinava na direção do alto-falante.

—Estou inteira.

— É bom ouvir — respondeu Callie, com um sorriso na voz.

—Você obviamente pediu mais do que uma atualização,— disse Wyatt a Owen.

Antes que ele pudesse responder, Natalie disse: —Há uma gala amanhã à noite em Dallas, e eu sei que Dvorak estará presente.

—Nat quer confrontá-lo, — explicou Owen.

—Porque Irina me levou a acreditar que Egor está controlando os assassinos.

—Com a chance de Egor não administrar as coisas, aposto que ele sabe quem é, — afirmou Wyatt.

Callie fez um som.

—Um homem como Egor gosta de se manter conectado a tudo. Ele saberá de um jeito ou de outro. A ideia de Nat é boa.

—Mas também sei por que Owen está hesitando, — acrescentou Wyatt.

Natalie sustentou o olhar de Owen. —Eu.

—Sim, é você. — Não adiantava negar. Ele queria que ela soubesse o quanto ele se importava - o quanto a amava.

—Isso pode salvar seu pai, — disse ela.

—Ou matar você.

Ela deu de ombros, sorrindo.

—Poderia salvar o mundo.

Ele se levantou e passou a mão pelos cabelos enquanto se afastava. Natalie não entendeu. Ele morreria se algo acontecesse com ela. Seu pai sabia as chances de ser pego.

Todo membro militar fez. Isso não significava que ele queria deixar Orrin para trás, mas Natalie não estava no exército. Ela era uma civil apanhada no meio de uma guerra que já havia chegado muito perto dela várias vezes.

—Owen, — Wyatt chamou.

—Você também pode pensar em quantas vezes saiu do rancho.

Ele parou e voltou para a mesa.

—Eu verifiquei todas as câmeras. Ninguém veio ao rancho.

—Eles não precisam.

—Tomei precauções para esconder a caminhonete.— Exceto por hoje. Ainda estava lá fora.

—Você acha que o grupo pode invadir o rancho novamente?

Wyatt soltou um suspiro. —É o que eu faria.

—Conheço alguns homens que poderiam vir ao rancho e assistir, — ofereceu Callie.

—Eles já trabalharam com Orrin antes.

— E se um deles estiver com os russos? - perguntou Natalie.

—Vocês disseram que alguém traiu Orrin.

Owen tamborilou com os dedos sobre a mesa.

—Ela tem razão. Se aqueles homens trabalhavam com Orrin, eles sabem sobre a base. Continuar deixando o frasco seria inútil.

—Droga, — disse Callie.

—Jurei ao seu pai que, enquanto ele estivesse vivo, não revelaria isso a você, mas ele tem um cofre secreto na base. Coloque a arma biológica lá. Até agora, apenas eu e Virgil sabíamos disso.

Owen se perguntou por que ele estava tão surpreso. Se ele construísse uma base como essa, ele se certificaria de ter vários pontos que ninguém sabia.

—Cadê? — Ele perguntou.

—O quarto de beliche.

Agora isso foi um choque.

—A sério? Não é o escritório do papai?

Havia um sorriso na voz de Callie quando ela disse:

—Perguntei a ele a mesma coisa. Sua resposta foi que todos procurariam em seu escritório. Ninguém procuraria onde estão os beliches.

—Onde exatamente?

—Terceiro beliche à esquerda, — disse Callie.

—Levante o lado direito do estribo três vezes.

Owen esperou que ela terminasse. Quando ela não disse mais nada, ele perguntou:

—Isso é tudo?

—Isso é tudo. Espero que vocês entendam o significado dos três.

Ele fez, mas não ia entrar nisso agora.

—Se formos, temos o rancho e Ragnarok cobertos. Ainda não muda o fato de que todos conhecerão o rosto de Natalie.

Natalie lançou lhe um sorriso largo.

—É perfeito, na verdade. Eles nunca esperam que eu esteja lá.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Natalie deixou Owen sozinho por um tempo depois da ligação. Ela sabia que ele não estava interessado em confrontar Dvorak, mesmo que fosse um plano sólido. Foi porque ela estava envolvida. Talvez ela devesse ficar para trás.

Ela encontrou Owen alimentando os cavalos. Por longos minutos, ela o observou interagir com os animais. Como ela poderia ter esquecido como eles gravitavam nele?

Eles adoraram o som da sua voz. A potra que ela trabalhou tão duro para persuadir apenas para cheirar a mão caminhou até Owen e o deixou acariciá-la de volta. Por outro lado, ela não conhecia muitas mulheres que poderiam recusar Owen Loughman e sua voz sedutora.

Ela se inclinou contra o lado do celeiro quando a luz começou a desaparecer. O amor de Owen pelo ar livre, pelo rancho, mostrava a maneira como ele tratava os animais e cuidava da terra. Ele pertencia àquele rancho.

Onde ela pertencia?

Ao mesmo tempo, ela pensou que estava ao seu lado. Então ela pensou na Rússia. Depois na embaixada. Agora? Ela não tinha certeza. Sua vida circulou de volta ao mesmo

lugar em que tudo começou. O destino estava tentando lhe dizer algo? Ela continuou a trancá-lo?

Ela se atreveu a abrir seu coração novamente?

Tinha sido consertado tantas vezes que ela não tinha certeza de que poderia ser montada corretamente.

Como se soubesse que ela estava pensando nele, Owen ergueu os olhos dos cavalos. Ele sorriu e terminou de servir o resto da comida.

Antes que ela percebesse, ele estava na frente dela.

—Você parece pensativa.

—A vida acabou como você queria?

Ele chutou a terra.

—A vida acaba como alguém quer?

—Por favor, responda a questão.

—Sim e não. Sou um SEAL, como sempre quis. Eu salvei vidas e chutei o traseiro do terrorista.

Ela engoliu em seco. —Mas.

—Eu não tenho você.

Era isso que ela queria ouvir? Porque parecia muito bom. A maneira como seu coração acelerou, disse que era exatamente o que ela precisava ouvir.

—E você? A vida acabou como você queria? — Ele perguntou em voz baixa e rouca enquanto fechava a distância entre eles.

—Sim e não. Eu saí daqui e vi parte do mundo.

Ele deu outro passo, seu corpo pressionado contra o dela.

—Mas?

As palavras não viriam. Ela abriu a boca, mas eles trancaram em sua garganta.

A decepção que brilhou nos olhos escuros de Owen foi como um chute no estômago. Ele não a pressionou. Em vez disso, ele abaixou a cabeça lentamente.

Os olhos dela se fecharam enquanto ela aguardava ansiosamente o beijo dele. Pouco antes de seus lábios se tocarem, ele se afastou. Os olhos dela se abriram para encontrá-lo estendendo a mão para ela.

—Eu quero você, — disse ele.

—Quero tanto você que dói. Mas não vou forçá-la a dizer qualquer coisa que não esteja pronta.

Ela olhou para a mão dele. —E isto?

—Venha comigo e descubra.

Ela não hesitou em colocar a mão na dele. Ele a levou até a base, trancando a porta atrás deles. Então ele continuou no quarto de beliche - ou assim ela pensou. Ele passou por eles para uma sala atrás deles, que devia ser de Orrin.

Ela pensou mais cedo naquele dia em que o assassino quase a encontrou. Tudo o que ela queria era Owen. E quando ele chegou, ela se agarrou a ele como se ele fosse a única coisa que poderia salvá-la.

Já não sabia ao certo o que fazer. A única coisa que ela sabia era que queria Owen.

Natalie caminhou até ele, passando o braço em volta do pescoço dele. No instante seguinte, seus lábios estavam trancados quando o fogo de seu desejo disparou.

As roupas foram rasgadas em um esforço para ficar nu. Ele a levantou para que suas pernas enrolassem na cintura dele. A respiração dela veio mais rápida, as mãos arranhando para aproximá-lo.

Seu beijo foi selvagem e, no entanto, terno ao mesmo tempo. Ele a segurou com força, mas gentilmente. Havia algo diferente agora. Não foi um desespero, mas... a necessidade frenética e muito real de se unir.

Para se tornar inteiro.

Owen terminou o beijo, sua respiração forte e forte.

—Eu preciso dentro de você.

—Sim. Agora — ela ofegou.

Ela sentiu a cabeça grossa dele contra seu sexo. Então ele deslizou para dentro. Ela gritou seu nome quando ele a encheu completamente.

E então ele estava bombeando rápido e com força. Tudo o que ela podia fazer era se segurar enquanto ele a levava em um passeio selvagem de êxtase como só ele podia. Nos braços dele, o mundo fazia sentido. Ela não estava procurando nada, porque tinha os braços presos em volta dele. Não havia necessidade de mentiras ou meias-verdades - porque seu coração sabia o que queria.

Uma lágrima escorregou dos olhos de Natalie quando a verdade se desenrolou diante dela. Uma verdade para a qual ela não estava preparada.

Esses pensamentos derreteram quando seu corpo se apertou e o clímax se aproximou. Quando ela entrou em êxtase, ela o ouviu gritar seu nome quando ele se juntou a ela.

Por longos momentos depois, eles permaneceram trancados juntos, imóveis. A cabeça dele estava enterrada no pescoço dela quando ela alisou a mão pelos cabelos dele.

—Leve-me para a cama, — ela sussurrou.

Ele se inclinou para trás para olhá-la. Então ele se virou e a levou para a cama. Eles se arrastaram sob as cobertas juntos, e quando ela estava envolvida nos braços dele, ela fechou os olhos, contente.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Owen não tinha certeza do que aconteceria quando Natalie acordasse. Ele estava relutante em deixá-la, porque a mulher em seus braços era a Natalie de antigamente. Ele sorriu ao pensar em fazer amor. De jeito nenhum ela poderia negar a paixão entre eles ou o quanto ela gostava. Mas não é assim que ele teria que chegar ao coração dela.

O sorriso dele caiu. Como ele chegou ao coração dela? Ao mesmo tempo, ele sabia tudo o que havia para saber sobre ela. Agora, ele não podia dizer isso. Uma olhada no relógio mostrou que passava pouco das quatro da manhã. Depois de vários episódios de amor, ela dormiu como se estivesse morta.

O SEAL nele queria se levantar para ver se Callie havia trabalhado sua mágica e conseguiu um convite para ele e Natalie para a gala, embora com uma mudança de nome para os dois.

Em vez disso, ele permaneceu na cama, segurando sua mulher.

Ele pensou no dia anterior. Por mais perigoso que isso tivesse sido, a festa tinha potencial para ser ainda mais. É aí que Callie e Wyatt entram com as plantas do Ritz-Carlton.

Daria a ele tempo para examinar as saídas e onde esconder as armas. Callie também estava reservando um quarto em um hotel próximo para eles com outro nome, para que não pudessem ser facilmente rastreados.

Owen não estava preocupado com o rancho. Os seis homens de quem Callie havia falado estariam lá muito antes de ele e Natalie partirem. Dois eram atiradores de elite e montariam longas distâncias. Os quatro restantes estariam espalhados.

—Eu juro que posso ouvi-lo pensar, — disse Natalie sonolenta. Ela suspirou e levantou a cabeça para olhar para ele.

Ele sorriu. —Hábito.

—Estou morrendo de fome de qualquer maneira. Vamos lá — ela disse, tirando as cobertas e vestindo a camiseta dele.

Owen conteve um gemido quando ela caminhou na frente dele com os seios balançando e um vislumbre de sua bunda espreitando. Ele se levantou e puxou as calças, não se incomodando em abotoá-las enquanto a seguia. Enquanto ela foi à cozinha buscar comida, ele verificou o e-mail. O convite para a gala seria entregue por correio para o hotel. Embora Owen não tenha ficado surpreso. Callie era

um verdadeiro gênio quando se tratava de computadores em funcionamento.

—Alguma coisa nova?

Ele olhou para Natalie quando ela entrou com um copo grande de leite e um pacote de Oreo minis. Ela estendeu o pacote para ele e ele pegou um punhado.

—Nosso caminho para a gala está confirmado, assim como o nosso quarto de hotel. Ele checou outro e-mail para descobrir que Callie havia enviado as plantas do hotel.

Natalie se inclinou e os viu. Ela sentou-se com uma risada.

—Isso deve mantê-lo entretido por horas.

—Eu não posso evitar. Eu amo descobrir essas coisas. — Sem mencionar, estava mantendo Natalie segura.

Seis horas depois, eles estavam voltando para Dallas. Embora tenha sido planejado às pressas, tudo estava em ordem. Mas ele sabia melhor do que a maioria que as coisas poderiam dar errado a qualquer momento.

Ele e Natalie mantiveram uma conversa fácil a caminho da cidade, enquanto ocasionalmente examinavam os detalhes da noite. Quanto mais eles chegavam a Dallas, mais nervosa ela parecia. E ela tinha todo o direito de estar.

Quando eles pararam no Hilton, ele a acompanhou até o quarto e a deixou para se arrumar. Como os russos estavam por toda parte, e Natalie não podia sair para fazer compras, ele fez as compras chegarem a ela.

O tempo todo, Owen ia procurar o Ritz por si mesmo. Além disso, ele precisava ver como era a segurança antes de eles chegarem.

* * *

Não havia tempo para pensar em suas emoções sobre Owen agora que ela estava em Dallas. E uma parte de Natalie ficou agradecida por isso. Era demais para absorver quando ela lutou tanto para mantê-lo longe.

Ele se foi há horas, mas ela esperava isso. Ela se olhou no espelho de corpo inteiro e alisou as mãos pelo vestido preto que se encaixava na perfeição.

O vestido sem mangas atingiu sua coxa com uma pequena fenda de dez centímetros mostrando mais de sua perna esquerda. O vestido mergulhou baixo, mas delicada renda preta cobriu seu peito e subiu até o pescoço.

Seu cabelo comprido estava puxado para trás em uma série de torções com apenas mechas de cabelo em volta do pescoço para parecer bagunçado. Ela estava terminando o visual com um par de brincos de diamantes quando a porta do hotel se abriu e Owen entrou.

Ele parou imediatamente, seu olhar viajando para cima e para baixo duas vezes.

—Eu nunca vi nada mais bonito na minha vida.

—Obrigado. — Ela não poderia estar mais satisfeita com a reação dele. Ela pode ter tido que se vestir para a gala, mas queria impressioná-lo.

—A segurança é tão rígida quanto o esperado. Vai ser perigoso, — alertou.

—Você estará ao meu lado desta vez, certo? Não só no meu ouvido?

Ele veio para ficar diante dela e a puxou contra ele.

—Ao seu lado.

—Então nós podemos fazer isso. É melhor você se vestir — ela disse e acenou para onde estava o smoking, esperando.

Com uma piscadela, ele se afastou. Ela o seguiu até o quarto e ficou na porta.

—Encontrei um lugar onde podemos esconder Dvorak enquanto conversamos,— disse Owen.

Ela ergueu as sobrancelhas.

—Serio? Isso é bom. Você já descobriu como o levaremos lá?

Ele fez uma pausa, olhando para ela abotoando a camisa.

—Estou relutante em dizer isso, mas você.

—Ele me quer morta. Mas por que ele não mandou seus homens?

—Você promete dar a ele algo que ele quer.

Ela riu quando percebeu o plano. —A arma biológica.

—Exatamente. Quando estivermos sozinhos com ele, faremos o que for necessário para obter informações.

Ela pegou o paletó e estendeu para ele enfiar os braços nas mangas. Então ela passou as mãos pelos ombros dele quando a jaqueta estava no lugar.

—Pronto?

—Você está?

—Eu gostaria de ter uma arma.

Ele assentiu em entendimento.

—Eles estarão verificando.

Ela olhou para o relógio. Já era tempo. Owen achou sensato que eles chegassem bem antes de Dvorak para conseguir a posição certa - e esperar que ninguém tenha visto nenhum deles.

Owen enfiou os dedos nos dela. Então eles saíram da sala. Em dois quarteirões, eles chegaram ao Ritz. Owen entregou aos guardas os convites. Com um aceno de cabeça, outro guarda os apontou através de detectores de metal. E

então eles estavam dentro da gala com a crosta superior da sociedade de Dallas.

Ela pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava enquanto caminhavam pelo perímetro, fingindo olhar as exposições pelos próximos vinte minutos.

—Contei seis guardas de smoking, enquanto os outros estão de terno preto, — disse Owen.

Ela assentiu para os casais que passavam.

—Vi um segurando algum tipo de dispositivo na mão.

—Um jammer. Não haverá telefones celulares funcionando.

O que significava que não havia como pedir ajuda. Ela e Owen realmente estavam por conta própria. Ela procurou alguém que pudesse conhecer da embaixada. Até agora, a sorte estava do lado dela.

Owen a levou pelas escadas. Ela ficou grata por ter segurado o braço dele, porque a cada guarda russo que eles passavam, esperava que alguém o alcançasse e a agarrasse. Foi a força tranquilizadora de Owen sob sua mão que a manteve firme.

Eles pararam perto do parapeito em um local semi-isolado com vista para o andar de baixo. Ela se inclinou para perto de Owen, um sorriso no lugar.

—Até agora, tudo bem, — ele murmurou.

—Você já esteve em situações como essa?

Ele olhou para ela, uma riqueza de significado em seu olhar de chocolate.

—Algo semelhante, mas eu não tinha uma carga tão preciosa para cuidar.

Dois dias atrás, ela recusou as palavras dele. Agora ela não podia. Ela passou os dedos pelas profundas mechas marrons de sua têmpora. Assim que ela começou a falar, houve um murmúrio que percorreu a multidão em constante crescimento.

—Acho que Dvorak chegou, — disse Owen.

Ela fechou os olhos brevemente. Era isso. O tempo de não retorno havia chegado. Isso era para Owen, Orrin e os outros.

Não apenas porque eles a salvaram dos assassinos. Mas porque eles eram da família.

As pessoas andavam em volta deles, querendo dar uma olhada em Dvorak enquanto ele passeava na gala com uma mulher linda em cada braço. Ele sorriu e acenou, gostando da atenção.

Alguém esbarrou em Natalie na tentativa de chegar ao parapeito. Instantaneamente, Owen os conduziu para fora da multidão. Ela bebeu o champanhe para ajudar a acalmar os nervos.

Owen pegou o copo vazio sem dizer uma palavra e o entregou a um garçom. A mão dele permaneceu nas costas dela, reconfortante e quente. Ele se inclinou para perto, a boca perto da orelha dela.

—Dance Comigo.

Suas palavras foram tão inesperadas que ela virou a cabeça para ele. Era aquele sorriso torto dele, aquele que sempre fazia seu coração pular uma batida que dizia que sua reação era exatamente o que ele queria.

—Sim, — ela respondeu sem fôlego.

As luzes foram diminuídas, exceto pelos holofotes das exposições, enquanto a música ficava mais alta. Juntos, eles desceram as escadas para onde outros casais já dançavam.

Owen a levou ao chão. E então ela estava nos braços dele, movendo-se lentamente com a música.

—Meu Deus, você é linda, — ele sussurrou.

Ele deu a James Bond uma corrida pelo seu dinheiro em um smoking. E fora disso. Ela nunca se sentiu tão especial como naquele momento, nos braços dele.

—Eu nunca vi você parecer mais bonito.

—Eu quero você.

Ela deixou as pálpebras fecharem enquanto o sangue esquentava.

—Não me tente.

Ele se inclinou para perto, então seus lábios roçaram sua orelha.

—Por que não? Existem muitos cantos escuros.

Era difícil para ela se lembrar de onde estavam, enquanto imaginava o que ele faria com ela naqueles cantos escuros.

—Eu posso ouvir sua respiração, — disse ele com voz rouca.

—Meu Deus, o que você faz comigo.

Ela ofegou quando ele a trouxe para perto e ela pôde sentir sua excitação.

—Sim, — ele disse. —Eu sou duro para você.

Como ela deveria pensar com ele dizendo essas coisas? Ele a estava seduzindo. Ela sabia disso ontem à noite. E ela não lutou contra isso. Talvez ela estivesse cansada de lutar contra isso. Por que não ceder? Por que não permitir que alguém se feche novamente?

Ele a puxou para mais perto, de modo que suas bochechas estavam pressionadas juntas. Ele então sussurrou:

—Você brilha mesmo no escuro.

Ela saboreava o momento. A música sedutora, seus corpos balançando, os braços de Owen segurando-a com

firmeza, e sua proximidade. Era encantador, fascinante. Foi perfeição.

—Nos meus piores momentos, — ele disse, —quando eu estava preso em algum país esquecido por Deus, com todas as probabilidades contra mim saindo vivo, eu sempre pensava em você. Não importa em que você acredite, saiba que sempre esteve em minha mente. O coração dela se aqueceu com as palavras dele. Isso lhe deu coragem para fazer o mesmo.

—Eu comparei todos os homens com você. Mesmo no meu casamento. Ninguém nunca chegou perto de rivalizar com você. Sempre.

Ele se afastou para que ela não tivesse escolha a não ser encontrar seu olhar sombrio. A sala escura tornava difícil para ela vê-lo claramente. Ele moveu as mãos unidas entre eles e tocou sua bochecha com um dedo.

—Eu não tenho um relacionamento desde você.

Os olhos dela se arregalaram em choque. —Por quê?

—Porque ninguém era você.

A música chegou ao fim, mas eles não pararam de se mexer. Logo outra música começou a tocar.

—Eu quero você. Não apenas hoje à noite ou enquanto estou aqui. Eu quero você para sempre.

Para sempre. Quanto tempo ela sonhava em ouvir essas palavras dele? Ao mesmo tempo, ela moveria o Céu e a Terra para ouvi-los. E agora? Ela não tinha certeza do que pensar ou sentir. Ela não estava tão confusa com Owen como antes.

—Não diga nada, — insistiu Owen.

—Eu quero que você seja feliz. Mas saiba disso. Não desisto quando quero alguma coisa.

E ele a queria. Uma emoção a atravessou.

Ela olhou para os lábios dele, uma boca que ela queria se inclinar e beijar. Tudo o que ela sempre quis estava sendo oferecido.

A mão dele espalhou nas costas dela, puxando seus quadris contra ele.

—Você foi feito para mim, — disse ele. —Você sempre vai ser minha.

Segundas chances. As pessoas raramente as pegavam, e praticamente caíra no colo dela. Ignorar isso seria tolice, mas ela estava assustada. Seu coração já havia pisado o suficiente.

—Você disse que não me queria na vida militar, — disse ela.

Owen sacudiu a cabeça.

—Eu disse muitas coisas estúpidas em um esforço para mantê-lo fora dessa mesma situação. Isso me fez perceber como eu fui idiota. Eu quero passar meus dias com você.

—Por que você está me dizendo isso agora?

—Porque você não pode fugir.

Ele realmente achava que ela faria? Ela deu um beijo suave nos lábios dele. —Precisamos conversar sobre isso...

—Mas não aqui, —Owen terminou, sua voz mudando mais profunda.

—Fomos vistos.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Owen não tirou os olhos dos dois guardas russos que os observavam. Estava na hora de colocar o plano em ação.

—Nossa diversão acabou, Nat.

Ela soltou um pequeno suspiro.

—Vamos acabar logo com isso.

Ele os virou até encontrar o alvo.

—Dvorak está à sua direita e cercado de mulheres fazendo coisas muito ultrajantes para chamar sua atenção.

—Mulheres estúpidas, — ela resmungou.

Ele escondeu seu sorriso. —Leve-o para o corredor, e eu farei o resto.

Natalie deu-lhe outro beijo antes de saírem da pista de dança. Ele a conduziu diretamente na frente de Dvorak, que franziu o cenho ao passar.

Owen os colocou atrás de um grande grupo de pessoas para escondê-los dos guardas.

—Está tudo nas tuas mãos.

—Estamos aqui. Nós vamos fazer isso.

Natalie ergueu os ombros antes de se afastar.

Ele queria chamá-la de volta, jogá-la por cima do ombro e sair. Tanta coisa poderia dar errado, e eles não tinham

backup. Ele nunca se questionou antes. Francamente, ele não gostou.

Mas foi o que Natalie fez com ele.

Ele se mudou para assistir sua mulher. Homens a olhavam. E por que não? O vestido preto sem mangas que se agarrava a suas curvas excepcionais a deixava com água na boca. O vestido baixou o suficiente para mostrar provocativamente os seios, cobertos com renda preta, que subiam para envolver a fina coluna do pescoço. A saia curta mostrava suas pernas lindas. Ela era linda de se ver.

A sorte estava do lado deles quando os dois guardas que os observavam tiveram suas atenções desviadas por outra pessoa. Natalie também viu e a fez se mover.

Owen se aproximou dela porque Dvorak tinha dois guarda-costas em pé a poucos metros de distância. Os dois se endireitaram quando Natalie parou na frente de Dvorak.

O consulado parou de falar e simplesmente a encarou. Ela se aproximou para sussurrar em seu ouvido. Naquele momento, Owen empurrou um homem para um dos guarda-costas. O segundo ele chutou na lateral do joelho, derrubando-o.

Em toda a comoção, ninguém viu Dvorak partir com Natalie além dele. Ele manteve os olhos nos outros guardas e conseguiu escapar atrás de Natalie.

—Cadê? — Dvorak exigiu.

Ela fez um gesto com a mão, levando-o.

—Por aqui.

Owen veio atrás de Dvorak e bateu na parte de trás da cabeça dele, para que ele estivesse com frio. Então ele apressadamente jogou Dvorak por cima do ombro enquanto Natalie tirava os sapatos e corria pelo corredor até o quarto.

Assim que ele entrou, Natalie fechou e trancou a porta. Owen jogou Dvorak na cadeira e amarrou os pulsos atrás do encosto.

—Fique atrás dele. Não quero que ele saiba que você está aqui - disse Owen.

Natalie fez o que ele pediu, colocando os sapatos ao lado dela.

—Você acha que ele vai falar?

—Temos que fazê-lo. Também não temos muito tempo. Seus guardas estarão procurando por ele.

—Talvez você não devesse ter nocauteado ele, — disse ela com um sorriso.

Ele deu um tapa em Dvorak duas vezes - com força. Dvorak sacudiu a cabeça e abriu os olhos. O consulado olhou para Owen antes que ele sorrisse.

—Para um homem mantido em cativeiro, você é muito confiante, — disse Owen.

—Você vai pagar por isso, — afirmou Dvorak, irritado.

—Sinceramente, não me importo.

—Você sabe quem eu sou? Eu sou um embaixador da Rússia!

Ele estudou Dvorak enquanto falava.

—Nós sabemos exatamente quem você é. Apesar de se aposentar das forças armadas russas, você ainda parece ter uma grande influência em manobrar homens - especialmente aqui nos Estados Unidos.

—Não sei nada do que você fala, — respondeu Egor. Seu desdém se desvaneceu ao de tédio.

—Meus homens estarão me procurando.

—Eles não vão te encontrar até que eu queira. — Owen puxou outra cadeira diante de Dvorak. Ele sentou e disse:

—Onde está Orrin Loughman?

—Eu não conheço esse nome. — Foi o aperto sutil da boca de Dvorak que denunciou a mentira.

Owen assentiu enquanto se inclinava para a frente e colocava os antebraços nos joelhos.

—Você tem que dizer isso, mas eu sei que você está mentindo. Você pode sair daqui do jeito que está ou aguentar e obter o melhor da sua vida.

Dvorak começou a rir, seu sorriso arrogante.

—Eu tenho imunidade diplomática. Você não pode me tocar.

—Eu sei exatamente onde acertar isso não deixará nenhuma evidência. Fui treinado para colocar os mais difíceis de joelhos, embaixador. E eu tenho todo o tempo do mundo.

—Você não receberá nada de mim. — Dvorak cuspiu depois de entregar essa declaração.

—O rancho desaparecerá quando você voltar.

Owen levantou-se devagar e empurrou a cadeira para trás com o pé.

—Você acabou de confirmar que está comandando os russos no Texas.

—Em todos os EUA,— declarou Dvorak, triunfante.

—Se algo acontecer comigo, há outro pronto para tomar o meu lugar. No instante em que desapareci, ele entra em cena.

—Então eles não se importarão se você estiver morto.

Isso fez com que Dvorak fizesse uma pausa, a verdade afundando.

—Eles virão para mim.

Owen riu.

—Você não parece tão confiante. Diga-me, embaixador, você se emocionou ao matar minha tia e tio?

Dvorak levantou o queixo, o sorriso frio. —Sim.

Owen apreciou o som do grunhido de dor de Dvorak quando ele acertou o primeiro golpe.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Sklad

Orrin acordou em uma cama macia, mas manteve os olhos fechados. Algo não estava certo. A última coisa que ele lembrou foi... Melanie. Seu estômago apertou dolorosamente. Melanie. Sua Melanie estava lá, em seus braços.

Anjo ou fantasma, ele falou com ela. Isso fez seus olhos arderem com lágrimas não derramadas, mas essa era uma fraqueza que ele mal podia permitir que outros vissem.

—Ele vai viver?

A raiva o invadiu ao som da voz de Yuri.

Havia um movimento próximo a ele, e então uma voz feminina com sotaque americano disse:

—Ele deveria. Sua febre se foi. Coloquei o ombro dele de volta no lugar, mas deixei a fratura no pulso dele, de acordo com suas instruções.

—Bom, — disse Yuri. —Você pode ir.

O som de passos rápidos logo desapareceu. Orrin permaneceu imóvel. Ele não queria que Yuri soubesse que estava acordado. Ainda não, pelo menos.

—Você pensou que poderia escapar da tortura que eu tenho. — Yuri riu.

—Eu não vou deixar isso acontecer. Eu tenho muito mais planejado, amigo.

A mão grande de Yuri repousava sobre seu pulso quebrado. Orrin sabia o que estava por vir. Foram anos de treinamento que mantiveram a respiração calma e o rosto impassível - mesmo quando Yuri apertou.

Ele pensou em Melanie, ele pensou em seus filhos. Ele imaginou o que seus filhos estavam fazendo para manter a arma biológica segura e fora do alcance de todos.

—Então você ainda está dormindo, — disse Yuri e soltou o aperto. —Que pena.

Ele contou até cem depois que Yuri partiu para permitir que a dor diminuísse. Só então ele abriu um olho. Ele não estava mais na pequena cela úmida. Ele ainda estava no mesmo complexo se a tinta descascando e as luzes amarelas fossem alguma indicação.

Ele segurou a dor do braço. Era tudo o que ele tinha. Se isso o manteria consciente e preparado para o que Yuri lhe reservasse a seguir, ele o acolheu.

Lentamente, ele moveu os dedos em seu braço bom antes de tentar com o braço quebrado.

—Você vai causar mais dor a si mesmo.

Seu olhar saltou para a porta onde ele encontrou uma mulher. Seus cabelos ruivos escuros estavam separados

para um lado e caíam retos para escovar a parte superior dos ombros.

Ela olhou para o chão antes de entrar na sala e verificar o IV no braço dele.

—Você quase morreu, — afirmou ela em um tom cortante.

—Você deveria me deixar.

Os olhos dela se voltaram para ele. Eles eram de um cinza suave, mas mantinham toda a cautela de alguém ser forçado.

Ela voltou a examinar o IV. Depois de um minuto, ela disse:

—Eu não tinha escolha.

—Yuri raramente dá uma. — Ele engoliu em seco, com a garganta ferida e dolorida.

A mulher segurava um copo com um canudo diante dele. —Aqui.

Ele tentou levantar a cabeça e ficou chocado com o quão fraco ele era. Ela levou a mão atrás da cabeça dele para levantá-lo e segurá-lo antes que ele pudesse beber.

Quando ele terminou, ele deixou a cabeça cair no travesseiro. Se ele iria passar por Yuri e por muitos homens com ele, Orrin teria que ser muito mais forte.

—Eu pensei que você era russo, — disse a mulher.

Orrin virou a cabeça na direção dela. —Onde estamos?

Sua testa franziu como se ela se perguntasse a pergunta dele. —Virgínia.

Graças a Deus. Ainda não o levaram para a Rússia. Ele ainda tinha tempo de fugir, porque uma vez naquele avião, isso foi o fim dele.

Ele lambeu os lábios secos.

—Eu trabalho para o governo dos EUA. Yuri matou meu time. Preciso que você alerte as autoridades.

Ela desviou o olhar, recusando-se a encontrar o olhar dele enquanto balançava a cabeça enquanto ele falava. —Eu não posso.

Era como parecia magoá-la ouvi-lo falar que finalmente chegou em casa.

—Quem Yuri ameaçou para que você o ajudasse?

—Meu filho.

—Faça o que Yuri pedir. Não faça perguntas e não olhe muito para ele ou seus homens. Você e seu filho devem sair disso bem.

—Eu tentei ajustar seu pulso.

Agora isso o surpreendeu.

—Eu posso fazer isso agora que minhas mãos não estão atadas.

Ela não disse mais nada enquanto tirava algo do bolso. Owen viu a garrafa e a seringa. Ele ergueu o olhar para ela e franziu a testa.

—Eu sinto Muito. Isso é tudo o que posso gerenciar agora - ela sussurrou enquanto colocava no seu IV. Sem outra palavra, ela saiu da sala.

A mulher não era uma assassina, então ele sabia que ela não o envenenara. Mas o que ela havia lhe dado? Não eram analgésicos, com certeza.

Ele levantou o pulso quebrado e respirou fundo. Então ele colocou o osso de volta no lugar. Era a mão mais fraca, mas se ele não saísse logo, o intervalo poderia se curar errado, o que poderia impedi-lo mais tarde.

Ele pensou em Melanie e ela pedindo que ele ouvisse. Então Orrin fechou os olhos e abriu os ouvidos. Estava quieto, fazendo-o pensar que ele era o único no edifício, mesmo sabendo o contrário.

Então ele ouviu o barulho distante de vozes. Homens. Ele não conseguiu decifrar quantos. Eles ficaram mais altos quando de repente riram. Um momento depois, uma porta se abriu. Parecia pesado, provavelmente feito de aço.

Foi quando ele as ouviu - gaivotas. Eles estavam na água.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Owen enviou um soco forte no lado direito do embaixador, diretamente no rim. Dvorak se inclinou, ofegando. Nos últimos cinco minutos, Owen bateu no corpo de Dvorak sem dar um único soco no rosto. Embora isso fosse mais difícil de se abster do que ele esperava. Ele enviou outro soco no rim de Dvoark.

—Tudo bem, — Dvorak ofegou. —O que você quer saber?

—Tudo, — afirmou Owen.

Ele se inclinou para que seu rosto estivesse igual ao de Dvorak. Ele queria bater nele mais um pouco, mas não ficou surpreso com o fato de Dvorak ter cedido tão facilmente. Homens como Dvorak gostavam de exercer poder, mas eram fracos.

—Onde está o meu pai?

—Eu... eu não sei, — respondeu Egor enquanto lutava para respirar.

Owen se levantou e pegou um punhado dos cabelos pretos de Dvorak e jogou a cabeça para trás.

—Você sabe, e você vai me dizer.

—Mantido longe de mim por esse motivo, — disse Dvorak apressado.

—Ele ainda está nos Estados Unidos?

—Eu não sei!

Owen não acreditou nele. Como ele pode? Dvorak era conhecido por seu subterfúgio. —Eu acho que isso é besteira. Você gostaria de conhecer todos os detalhes.

Dvorak tentou balançar a cabeça, mas o aperto de Owen se apertou.

—Se os filhos de Orrin mantiveram sua reputação, eu queria estar preparado. Estudei ele e todos vocês.

—Este é um jogo maldito para você, não é?

Ele olhou para Natalie e viu que ela estava olhando para Dvorak. Seus olhos tinham uma riqueza de raiva e propósito. O olhar dela levantou para encontrar o dele. Havia algo diferente nela, como se ela visse a cena de outra maneira. Natalie o jogou de volta com as mãos. Ele a olhou longa e duramente antes de soltar Dvorak.

A cabeça do embaixador caiu para a frente. Ela se aproximou dele. As mãos dela pousaram sobre os ombros dele, antes de lentamente alisá-las sobre o peito dele. Dvorak tentou se virar e ver quem era. Owen recuou o máximo que pôde para permitir que Natalie mantivesse toda a atenção de Dvorak. Se uma surra não funcionasse, talvez a sedução funcionasse.

Dvorak fechou os olhos e tentou desviar a cabeça. Owen observou Natalie passar os lábios pelo pescoço de Dvorak até a orelha dele e beliscá-lo.

—Você gosta disso? — Ela perguntou com uma voz rouca.

Owen com certeza não.

Dvorak assentiu.

Ela desabotoou a camisa de Dvorak e a abriu. Em seguida, cravou as unhas na pele dele e juntou os dedos.

—Eu posso lhe dar prazer para remover a dor, — ela sussurrou.

—Da. Por favor — ele implorou.

—Você gosta de controle, não é?

—Sim.

—Você gosta de comandar os outros e tirar vidas.

—Sim, — ele respondeu, com a respiração presa quando Natalie mordeu o lóbulo da orelha.

Ela encontrou o olhar de Owen. Foi quando ele percebeu que essa era a maneira dela de voltar a Dvorak para os homens em sua casa. Owen deu-lhe um aceno de segurança.

* * *

Natalie dobrou seus esforços. A revoltada por estar tocando um homem tão vil dessa maneira, mas a surra não os levava a lugar algum. Dvorak era um homem. Ele

precisava de um incentivo diferente. E o que um homem como Dvorak ansiava? Mulheres.

Ela se moveu para ficar diante dele, com um sorriso no rosto. Ele não parecia mais se importar que ela fosse um alvo. Seus pensamentos estavam em outro lugar. Ela se agachou na frente dele, certificando-se de colocar as mãos perto de seu pênis.

O gemido dele encheu a sala quando as mãos dela correram vagarosamente para cima e para baixo nas coxas, aproximando-se cada vez mais da haste dele. Ela segurou o olhar dele e mordeu a língua para não amordaçar quando o segurou, apertando seu pênis e fazendo-o gemer alto.

—Mais, — ele insistiu.

Assim que as mãos dela pararam de tocá-lo, Dvorak abriu os olhos. Ela sorriu e levantou a saia enquanto montava em seu colo.

Ela então agarrou os braços da cadeira e se inclinou para trás, empurrando os seios para a frente. Dvorak tentou se inclinar para a frente para enterrar o rosto em seus seios, mas ela se afastou antes que ele pudesse.

—Eu estou no comando, — ela ordenou.

Ele estava ofegante, os olhos fixos nela enquanto os quadris dela batiam nele.

—Sim.

Natalie se endireitou e se moveu como se fosse beijá-lo. No último minuto, ela agarrou o rosto dele na mão.

—Você quer me beijar?

Dvorak assentiu, além das palavras.

—Eu posso permitir isso. Se você responder minhas perguntas.

Seus olhos estavam dilatados, sua excitação evidente.

—Qualquer coisa.

—Onde está Orrin Loughman?

O rosto de Dvorak se contorceu como se lembrasse que não deveria falar. Ela redobrou seus esforços moendo em seu pênis.

—Sim! — Ele gritou. —Mais por favor.

—Tem mais, — disse Natalie. —Diga-me onde está Orrin.

—Beije-me primeiro.

Ela não tinha certeza se poderia fazê-lo, mas então pensou em Owen e tudo o que ele havia feito por ela. Ela se inclinou para a frente e beijou Dvorak como se fosse tudo o que ela desejava no mundo.

Depois, ela passou as mãos pelos cabelos pretos de Dvorak e colocou os lábios perto da boca dele novamente.

—Você quer outro beijo?

Ela sussurrou sedutoramente e moeu contra seu pênis mais uma vez.

—Sim.

—Vou te dar quantas quiser, mas quero algo em troca.

Dvorak estava ofegante.

—Qualquer coisa. Pergunte qualquer coisa.

—Conte-me sobre Orrin.

—Virginia, — respondeu Dvorak.

—Ele está na Virgínia. Agora me beije de novo.

Ela marcou o peito dele com as unhas, tomando cuidado para não quebrar a pele. —Eu dou as ordens.

—Por favor, — implorou Dvorak. —Posso ter outro beijo?

Natalie não conseguia acreditar em quão eficaz isso era. Por outro lado, Dvorak achou que era mais esperto do que a maioria. Para ele, ela era apenas uma mulher. O que ela poderia fazer? Bem, ela estava indo mostrar a ele como ela era capaz. Talvez ela o lembrasse de que não estava sozinha na sala.

Natalie se abaixou e desabotoou sua calça. Dvorak gemeu alto, seus olhos selvagens de luxúria.

—Quem fez a arma biológica? — Ela perguntou enquanto esfregava os seios no peito dele.

Dvorak gemeu alto, seus quadris subindo da cadeira para moer nela. —Não posso dizer.

Quando ele hesitou, ela lhe lançou um olhar severo e deu um tapa nele.

—Você vai se submeter a mim.

Este ato foi bastante gratificante. Ter alguém como Dvorak disposto a fazer quase qualquer coisa por sexo. Isso a fez querer revirar os olhos.

Dvorak assentiu ansiosamente. —Eu vou.

—Não, você não está. Quem fez a arma biológica?

Mais uma vez, ele hesitou. Ela agarrou seu pau e apertou.

—Konrad Jankovic. Ele desertou dois dias atrás. Mas você sabe disso — disse Dvorak e tentou beijá-la.

Ela o esquivou e colocou a mão em volta da garganta dele.

—Eu digo quando você pode me tocar e me beijar.

—Eu te disse, — ele disse de mau humor.

Natalie acariciou seu rosto antes de lhe dar um tapa.

—Você não me disse nada.

—Jankovic deve ser encontrado. Meus homens o procuram agora.

Ela levantou a saia mais alto. Isso fez Dvorak gemer alto.

—Existe um antídoto para a arma?

Dvorak balançou a cabeça.

—Jankovic é o único que pode criá-lo.

Ela passou o dedo pelo lábio inferior de Dvorak.

—Você fez o bem.

—Vale outro beijo? — Ele perguntou esperançoso.

Ela riu e balançou os quadris contra ele.

—Se você me contar como Jankovic desertou.

—Seu governo.

Owen agarrou Natalie, afastando-a. Ela ficou aliviada por eles terem todas as informações necessárias. Só então Dvorak percebeu o que havia ocorrido.

Ela acenou com os dedos para ele.

—Você é um filho da puta doente que merece a morte mais dolorosa que se possa imaginar.

—Uma que dura meses,— acrescentou Owen.

Então ele caminhou atrás de Dvorak e o deixou inconsciente com um golpe na nuca de novo. Com isso, eles saíram da sala.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Natalie ficou feliz em deixar o Ritz para trás. Ela quase pediu a Dvorak para cancelar o golpe, mas sabia que não adiantaria nada.

Eles chegaram ao Hilton sem incidentes. Ela queria voltar com um par de jeans e a caminho do rancho nos próximos cinco minutos.

—Vou verificar a área e pegar a caminhonete. — disse Owen.

Ela assentiu devagar.

—Vou pegar nossas coisas no quarto.

Natalie chegou lá em cima. Ela rapidamente colocou as roupas nas sacolas e decidiu não se trocar ainda. Quanto mais rápido eles estivessem na estrada, melhor.

Pareceu uma eternidade antes do elevador chegar. As portas se abriram e ela entrou, pousando as malas antes de pressionar sem pensar no botão do saguão. Ela se inclinou contra a parte de trás do elevador enquanto pensava em Owen. As portas estavam se fechando quando alguém colocou a mão entre elas e as impediu de fechar.

Seu estômago ficou de pé quando dois russos entraram na pequena caixa com ela. Ela conheceu um momento de verdadeiro pânico. O rosto de Owen brilhou em sua mente,

e ela desejou que ele estivesse com ela. Mas ele não estava. Ela estava sozinha.

A arma dela estava na bolsa, que estava na bolsa e não adiantou. Seus poucos movimentos de autodefesa só fariam tanto contra dois homens corpulentos.

—Onde ele está? — O mais baixo dos dois homens perguntou.

Natalie deu de ombros.

—Quem?

—Dr. Jankovic.

Ela olhou entre os dois homens. Foi por coincidência que eles acabaram de aprender esse nome com Dvorak?

—Eu não sei quem é.

O homem maior zombou dela.

—Você mente.

—Deixe isso para trás.

Os dois homens a encurralaram. O elevador apitou quando alcançou outro andar. Ela viu as portas se abrirem, mas nunca conseguiria sem elas a agarrarem. Foi o baixo quem disse:

—Konrad Jankovic. Diga-nos onde ele está, e permitiremos que você viva.

De repente, o grande russo caiu de joelhos com um grito alto de dor. Natalie olhou por cima da cabeça do homem e

viu Owen. Owen colocou um braço em volta do pescoço do grande russo e deu um soco no segundo com tanta força que ele bateu contra a lateral do elevador.

A adrenalina a sacudiu, e ela chutou o grande maluco, fazendo com que ele berrasse de dor. Owen agarrou seu braço e puxou. Ela pulou sobre o homem, que agora estava ao seu lado, segurando suas bolas. Ela saiu cambaleando e se virou para assistir, com o coração na garganta.

Houve um flash de luz na lâmina de uma faca na mão de Owen. Owen era rápido e letal quando esfaqueou o russo duas vezes no lado antes de chegar atrás dele e estalar o pescoço.

As portas do elevador continuavam tentando fechar, mas a perna do grandalhão o impediu. Ela gritou o nome de Owen quando viu o homem menor levantar uma arma. A mão dela cobriu a boca enquanto observava horrorizada o homem e Owen lutarem um segundo. Havia duas retortas suaves de um silenciador, e então o russo caiu de costas, vermelho florescendo sobre o peito.

Ela mal conseguia respirar enquanto observava o sangue. Owen estava vivo, e por isso ela estava agradecida, mas havia muita morte. Ela forçou o olhar para Owen. Ele se levantou e ajeitou as mangas da camisa por baixo do paletó. Ele pegou as malas e apertou um botão dentro antes

de chutar a perna do russo de volta para o elevador antes de sair. As portas se fecharam atrás dele.

Então ele veio ficar diante dela.

Ela olhou nos olhos escuros dele enquanto ele passava a mão pelo cabelo para recolocá-lo no lugar. Ele nem sequer suou.

Ele era aterrorizante. E brilhante.

—Nunca mais me assuste assim, — afirmou, pegando a mão dela e dando-lhe um beijo.

Ela assentiu, porque não havia palavras. Seu coração ainda batia forte no peito com a força de uma britadeira enquanto Owen a descia um lance de escadas e fora para a caminhonete. Eles partiram antes que mais alguém pudesse detê-los.

—Vou ter que pedir um favor, — disse Owen.

—Existem câmeras no elevador. Eles verão os nossos rostos.

Oh Deus. Ela nem tinha pensado nisso.

—Você vai ser preso?

—Esse é o favor que estou pedindo. Os homens disseram alguma coisa?

—Estranhamente, eles perguntaram onde estava Jankovic.

—Interessante.

—Sim.

Ela continuou revivendo a cena no hotel várias vezes em sua cabeça enquanto voltavam para o rancho. Ela colocou os braços em volta de si mesma. Seria necessário um bourbon para tirar o gosto de Egor Dvorak da boca. Nem uma vez ela se arrependeu de ter feito o que tinha feito para ajudar Owen. Surpreendeu-a a facilidade com que tinha chegado.

Com que esforço ela usou seu corpo para obter informações. Porque eles tinham que obter respostas.

A mão grande de Owen cobriu a dela e apertou. Ela piscou e olhou em volta quando o caminhão diminuiu a velocidade e virou. Eles já estavam de volta ao rancho? Ela olhou para Owen para encontrar a luz do painel mostrando uma parte do rosto dele. Ele sorriu tranquilizadoramente, seu aperto firme.

—Estamos em casa.

Casa. Ela gostou do som disso. —E ainda está de pé.

—Vou me arrepender de não ter matado Dvorak quando tive a chance.

—Deixá-lo vivo era inteligente.

Owen bufou.

—Não demorará muito para descobrir que ele revelou seus segredos. Dou a ele uma semana para viver.

Ela estava feliz que ele ainda segurava a mão dela. Com Owen, ela se tornou uma pessoa diferente. Mais forte. Equilibrado. Feliz.

Estar com Owen parecia tão natural quanto respirar. Ela temia que pudesse se apaixonar por ele novamente, mas isso não a assustava como costumava. Se ela já parou de amá-lo.

Talvez seja por isso que ela pensou que conseguiu esquecê-lo. Embora ninguém desconsiderasse um homem como Owen Loughman. Ele era totalmente inesquecível, inteiramente extraordinário.

Absolutamente surpreendente.

Ele parou o caminhão na frente da casa e desligou o motor.

Era bom estar de volta ao rancho. Era um lugar que ela sabia que era fortemente vigiado. Os russos teriam dificuldade em chegar até eles. E, esperançosamente, eles não tentariam.

Houve muita morte e brigas no rancho. Estava na hora da paz. Tempo de amar.

Ela olhou para Owen. Sim, estava na hora do amor. Estava na hora de admitir o que ansiava, o que precisava mais do que tudo - Owen.

Natalie pigarreou, subitamente nervosa.

—Parece quieto.

—Acho que estamos bem nessa parte.

—Você esperava um ataque hoje à noite?

Ele assentiu.

—Eu faria. Era a hora perfeita. Eu teria feito isso.

—Talvez eles saibam que não faz sentido.

—Eu espero. Deveríamos entrar e descansar um pouco.

—Acordada.

O sorriso dele a deixou sem fôlego.

—Venha, então.

Ela observou quando Owen abriu a porta e saiu da caminhonete. Soltando um suspiro, ela abriu a porta e deslizou para o chão. A temperatura caiu, fazendo-a tremer. Ela queria uma xícara de café na mão o mais rápido possível.

Foi quando ela lembrou que eles estavam quase na base.

—Vou pegar um café da casa.

—Seja rápido.

Ela estava na varanda quando ouviu o nome dela. Natalie virou a cabeça por cima do ombro e encontrou o

olhar de Owen. Seu sorriso era lento, sedutor. Isso fez seu estômago palpitar e seu coração perder uma batida. Estava na ponta da língua para dizer que o amava, mas ela hesitou. Era algo que ela queria dizer enquanto via o rosto dele, não algo para gritar no escuro. Ainda não, de qualquer maneira.

O sorriso dela era enorme quando ela entrou na casa. O que quer que tenha acontecido, não havia como negar seus sentimentos. Ela tentou isso. Ela até tentou ignorá-lo, e isso foi uma piada. Não havia mais negação, nem mais mentira. Ela estava indo atrás do que queria.

* * *

Owen deu uma volta na casa, com a mente ocupada com todas as coisas de Natalie. Ele comandou o leque de emoções hoje à noite, do desejo, ciúme, fúria, medo e espanto à admiração. Por outro lado, Natalie sempre teve uma maneira de afetá-lo dessa maneira.

Ela não tinha ideia de como era notável em tudo que fazia. Ela tinha uma espinha de aço que a fazia defender o que ela achava certo.

Quando Owen olhou para o celeiro, ficou surpreso com o quão calmo tudo estava. Então ele ouviu. Não havia som - nem mesmo o vento soprava. Ele não tinha como comunicar com os homens que Callie havia enviado. Ele pensou brevemente em ir para a base. Então ele olhou para a casa.

Natalie.

Todo instinto gritava com ele para levá-la à base imediatamente.

Seu sangue correu frio. Ele se manteve baixo e correu para o caminhão para pegar uma arma. Seu coração bateu dolorosamente no peito quando ele arrancou o paletó.

Ele rastejou em direção à casa, ouvindo algo fora do comum. Ele deveria ter notado o silêncio quando eles chegaram, em vez de estar muito preocupado com Natalie. Isso poderia muito bem matá-la.

Ele estava quase na varanda quando viu uma luz acender no andar de cima. Então ele viu uma figura sombria se mover dentro da casa. Um momento depois, a sala se iluminou com o flash de balas e balas semiautomáticas pulverizando o ar.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Os pés de Natalie eram como gelo. Ela correu escada acima e encontrou um par de meias felpudas na gaveta de Callie. Depois de puxá-los, ela se levantou, se preparando para ir para a cozinha quando algo a deteve.

Ela fez uma pausa, ouvindo. Não havia som dentro da casa. Nem um guincho das tábuas do assoalho ou o guincho da porta de tela. Então, por que ela sentiu que não estava sozinha?

Natalie olhou pela janela. Tudo parecia normal no celeiro. Owen não estava correndo em direção a casa. Não houve tiros. Sem gritos.

Ela suspirou e mentalmente balançou a cabeça. Depois da noite em que ela sofreu, não era de admirar que ela tivesse imaginado coisas que não estavam lá. Rindo de si mesma, ela se virou em direção à porta quando viu de relance o cano de uma arma. Sem pensar, ela caiu no chão quando o atirador abriu fogo. Balas pulverizaram a sala. Ela cobriu a cabeça com os braços, apertando os olhos fechados. Algo passou zunindo por sua cabeça, movendo seus cabelos. Uma bala

Foi assim que chegou perto de atingi-la. Ela ficou ensurdecida com o som dos tiros. De alguma forma, ela

conseguiu chegar à cama e ficar embaixo dela. Ofereceu uma medida de proteção, mas isso não durou muito. O atirador deve tê-la visto, porque a próxima coisa que ela soube foi que as balas atingiam o colchão - e passavam por ele.

Natalie rapidamente rolou debaixo da cama em direção à janela. Não havia lugar para ela se esconder, nenhum lugar para ela ficar em segurança. Foi apenas uma questão de tempo até que o atirador a atingisse.

Ela olhou para o atirador e encontrou o olhar dele nela, um sorriso de prazer no rosto. Pequenas penas brancas flutuavam no ar dos travesseiros. Um monte de balas veio em sua direção. Natalie tentou voltar para debaixo da cama para poder rolar para o outro lado e sair correndo do quarto. Suas meias continuavam escorregando na madeira. Seu vestido apertado impedia seus movimentos.

Parecia que eras antes que ela pudesse voltar para debaixo da cama, mas ela não parou. Felizmente, o atirador foi até onde ela estava para matá-la.

Ela viu a porta e liberdade. Ela teve uma chance. Quando ela se levantou, o atirador teria o momento perfeito para abrir fogo, mas para ela permanecer na sala era a morte certa.

Havia apenas uma opção.

Owen.

Ela esperava que onde quer que estivesse, ele estivesse seguro. Se havia um assassino no rancho, havia mais. Os instintos de Owen estavam certos. Os russos estavam atacando.

Natalie respirou fundo e segurou-a enquanto se afastava debaixo da cama e se levantou. Ela escorregou assim que suas meias atingiram o chão nu. Ela agarrou a porta para se manter de pé, e uma bala bateu em onde sua cabeça estava um segundo antes. Natalie não olhou para trás. Ela saiu correndo da sala.

E nos braços de quem ela sabia muito bem.

Owen não disse uma palavra. Ele colocou uma pistola na mão dela e a colocou atrás dele. Ela viu muitos rostos dele. Anteriormente, ela pensou ter visto a raiva dele com os homens no elevador, mas isso não era nada comparado à violência que via nos olhos dele agora, a ferocidade que endureceu seu rosto.

Ela se afastou quando ele se moveu em direção ao quarto. Natalie gritou quando uma bala lascou o batente da porta perto do rosto de Owen, mas ele não se encolheu. O atirador ficou sem balas e apressou Owen. Ela assistiu enquanto eles lutavam entre si com punhos, pés e até dentes. Foi uma luta brutal com Owen não segurando nada.

A fera havia sido desencadeada. E ela ficou hipnotizada.

Um rangido soou atrás dela. Ela se virou e viu outro homem subindo as escadas, a arma levantada e apontada para Owen. Natalie não hesitou em puxar o gatilho, colocando duas balas em seu coração. Ela assistiu em câmera lenta quando o homem parou, seus olhos arregalando enquanto a olhava. Então ele caiu para trás da escada.

Um grunhido atrás dela a fez girar, pronta para matar qualquer um que ousasse machucá-la ou àqueles que amava. Ela se viu olhando nos olhos de chocolate.

—Nat?

Ela abaixou a arma e entrou nos braços de Owen. Lá fora, ela podia ouvir mais tiros. Estava longe de terminar. Os russos estavam determinados a encontrar a arma biológica e matar quem estivesse no caminho.

—Siga-me, — disse Owen.

Ela deu um passo atrás dele enquanto desciam as escadas e saíam pela porta. Ela olhou para trás e viu os destroços que os russos haviam feito na casa. Isso machucou seu coração e nem era sua casa. Ela não conseguia imaginar como Owen se sentia.

Colocou-se contra o lado da casa e agachou-se para que Owen pudesse olhar ao virar da esquina. Ele deu dois tiros

rápidos. Então, com a arma ainda levantada, ele foi para a caminhonete

Ela ficou vigiando atrás deles. Ele os aproximou cada vez mais do celeiro, onde os cavalos gritavam com o som das armas.

Houve um grito trêmulo quando um dos atacantes caiu morto do telhado do celeiro.

— Já era hora dos atiradores se juntarem à diversão - murmurou Owen.

Mais dois russos se aproximaram do celeiro.

—Droga, —Owen murmurou quando os notou.

No segundo seguinte, os homens caíram mortos por tiros vindos de diferentes direções. Owen fez sinal para que ela o seguisse. Eles correram para o celeiro, e ela esperava sentir uma bala atingi-la a qualquer minuto. Owen estava abrindo o alçapão para ela descer quando outro atacante os atacou por trás.

Ela virou ao mesmo tempo que Owen, com as armas levantadas, mas o inimigo já estava atirando. Atrás deles veio um tiro, matando o atirador. Natalie se virou e encontrou um homem de preto.

Ele assentiu. —Peguei.

A frase nunca foi terminada quando um dos russos pulou do palheiro e enfiou uma faca no peito do soldado. Natalie foi rapidamente derrubada por Owen.

Owen ficou de pé e, com um tiro, matou o suposto assassino. Natalie olhou para o cadáver do homem que os salvara esparramado a poucos metros dela. Seus olhos estavam abertos, olhando pelas portas abertas do celeiro, mas estavam vazios, completamente desprovidos de vida.

Owen fez uma busca completa no celeiro. Ela se sentiu doente. Tanta morte naquela noite e para quê? Uma arma que poderia acabar com o mundo? O que havia de errado com as pessoas?

O celeiro começou a girar, as luzes lá dentro a cegando. Ela fechou os olhos e tentou encontrar o equilíbrio. Foi o som da voz de Owen que chamou sua atenção.

—Nat? Olhe para mim.

Ela piscou para ele.

—Está acabado?

—Sim, querida. Acabou.

Por enquanto, não foi dito.

—Vamos levá-lo para casa, — disse uma voz que Natalie não reconheceu.

Ela olhou para cima e viu cinco homens ao seu redor. Eles estavam de preto sólido com todo o equipamento tático

que ela estava acostumada a ver Owen e seus irmãos. Então, esses eram os homens de quem Callie havia falado.

—Eu sou Tony, — disse o mais próximo a Owen.

—Orrin é nosso amigo. Se você precisar de alguma coisa, Callie sabe como chegar até nós.

—Obrigado, — disse Owen.

—Eu e os meninos podemos ter certeza de ficar de olho no lugar sempre que precisar de nós.

Owen assentiu.

—Todos nós respeitamos Orrin. Traga-o de volta para nós.

Tony apertou a mandíbula.

—Nós vamos, — Owen prometeu.

Natalie aceitou sua ajuda. Ela não queria mais café. Ela queria uma bebida forte. Ou três.

Quando Owen virou-se para ela, ela viu o sangue na camisa branca dele. Seu coração caiu em pé. Ele não poderia se machucar. Não Owen.

—Você está ferido.

Ele tocou o peito e olhou para o corpo.

—Não é o meu sangue. É seu.

Ela franziu o cenho quando ele a encarou.

—O que?

A próxima coisa que ela soube foi que ele a levantou nos braços e apressou-a até a base. A porta se fechou, selando-as novamente.

Mais uma vez seguro.

Ele gentilmente a sentou na cama. Então ele se agachou diante dela e pegou as mãos dela. Ele sorriu para ela.

—Acabou, querida. Os russos se foram.

—Eles voltarão.

De repente, ela estava muito cansada. Ela fechou os olhos, querendo dormir.

—Hoje não, eles não vão.

Por que sua voz soou tão longe? E o que foi essa raquete? Ele estava resmungando consigo mesmo com raiva. Natalie se encolheu de lado.

—Natalie, querida. Olhe para mim. Abra seus olhos e olhe para mim.

Foi preciso muito esforço para ela fazer o que ele pediu. Quando ela o fez, havia linhas de preocupação ao redor dos olhos dele.

—O que está errado?

—Você levou um tiro.

Tiro? O que ele estava falando?

Algo tocou seu braço então, e ela sibilou de dor, tentando se afastar dele. Agora bem acordada, seus batimentos cardíacos dobraram.

—Foi um tiro certeiro, passou direto pela carne, — disse ele.

—Dói, — disse ela entre dentes. Como ela estava agora sentindo isso?

—Eu sei, Baby. Estou chegando a isso.

Ela fechou os olhos com força. Por um instante, ela sentiu a picada de uma agulha.

—Morfina, — disse Owen.

A dor começou a desaparecer quase instantaneamente. Ela conseguiu ficar quieta enquanto ele terminava de limpar a ferida. A droga estava puxando-a para baixo, rápido. Ela não sabia quanto tempo dormiu. Quando ela acordou, Owen estava lá ao seu lado. Havia uma pontada em seu braço, mas não era nada como antes.

A mão dele estava com a dela.

—Sinto muito por você estar sozinha no andar de cima. Eu deveria estar lá. Eu deveria ter verificado a casa.

—Não é sua culpa.

—Isso é sim. Eu sei melhor.

Ela conhecia aquela veia teimosa. Não adiantava discutir com ele quando estava decidido.

—Como os russos chegaram à propriedade sem serem vistos?

—Eles não fizeram. Os homens de Callie mataram dez antes de chegarem a casa. Foi enquanto eles estavam ocupados com os outros que esses poucos chegaram à propriedade principal, — explicou.

Ela assinou. —Descobrimos muito pouco.

—Na verdade, conseguimos uma grande vitória. Enquanto você dormia, liguei para Wyatt e Callie. Eles vão encontrar o cientista. Também enviei a Cullen uma mensagem de que Orrin está na Virgínia.

—Mas ainda não tem fórmula?

Ele balançou sua cabeça.

—Se encontrarmos o cientista, não precisaremos.

— E quem traiu Orrin?

Owen estremeceu.

—Nós vamos lidar com isso depois que encontrarmos o papai. Até lá, Ragnarok permanecerá aqui conosco. Estamos segurando o forte pelos outros.

—Eu gosto do som disso.

A esperança em seus olhos brilhava intensamente.

Já não podia negar que amava Owen. Ela precisava contar a ele. Ela mordeu o lábio e balançou as pernas sobre a cama. Owen foi imediatamente para ajudá-la a se sentar.

Quando o quarto parou de girar, ela olhou nos olhos dele.

—Eu te amo. Eu sempre te amei. Mesmo quando tentei parar, não consegui. Você sempre esteve no meu coração, Owen Loughman. Sinto muito por te afastar.

—Querida, — ele murmurou e levou as mãos aos lábios dele.

—Fui tolo por deixar você quatorze anos atrás. Só havia uma pessoa para mim, e você. Eu te amo, Nat. Eu faria qualquer coisa para tê-la como minha novamente. Vou até sair do serviço.

Lágrimas se juntaram e caíram quando ela balançou a cabeça. Ela sabia o quanto servir o país dele significava para ele. O fato de ele estar disposto a desistir por ela lhe disse o quão profundo era o amor dele - se ela já duvidara disso antes.

—Você não pode desistir. Você não seria você se não estivesse servindo, — disse ela.

Ele olhou nos olhos dela.

—Quatorze anos atrás, eu queria pedir que você fosse minha. Não ouvi o meu coração, mas estou agora. Natalie, quer se casar comigo?

—Deus, sim.

Owen a segurou em seus braços, mais feliz do que ele jamais imaginou ser possível. Quando ele foi enviado de volta para casa, ele não sabia o que esperar, mas com certeza não tinha sido Natalie.

Ele poderia ter ficado furioso em um momento para saber em que seu pai estava envolvido, mas agora ele se sentia diferente. Orrin fez o que todos fizeram - proteger seu país da melhor maneira possível. A raiva pela morte de sua mãe havia pressionado seu relacionamento com o pai.

Não foi justo com nenhum deles. Orrin não tinha sido mais culpado pela morte de Melanie do que Owen pelos russos que queriam Natalie morta. Ele tinha vergonha de ter ficado longe do rancho. Durante todos esses anos, ele pôde conhecer o homem que Orrin era, mas esse tempo se foi.

Tudo o que ele podia esperar era que eles encontrassem Orrin vivo. Owen tinha muito o que compensar, tanto com o pai quanto com Natalie, mas essa foi a primeira vez em muito tempo que ele se lembrava de ter esperança em relação ao futuro.

Ele não era bobo. Ir contra o grupo de russos poderia ser uma das missões mais perigosas em que ele já participara, mas valeu a pena pelo seu pai. Isso o fez pensar em seus irmãos. Cullen ficaria feliz em ser uma família novamente. Wyatt era outra questão.

O ódio de Wyatt pelo pai era profundo. Tão profundo que Owen não tinha certeza se Wyatt poderia perdoar Orrin. A certa altura, Owen não queria perdoar Orrin, mas a mulher em seus braços mudou de ideia.

Ele entendeu como o envolvimento em sua vida colocava as pessoas ao seu redor em perigo. Natalie não pediu nada, mas aceitou o risco. E quase a matou.

Foi quando ele percebeu como seu pai deveria ter se sentido todos aqueles anos atrás, quando sua esposa foi brutalmente tirada dele. Owen sabia quem era o responsável pela lesão de Natalie - os russos.

Mas quem foi o culpado pela morte de sua mãe? Pela primeira vez, ele olhou para ele com novos olhos. Afogar alguém até a morte era pessoal. Eles tiveram que se aproximar de Melanie. A pessoa poderia atirar nela a jardas de distância e teve o mesmo efeito. Então, por que o estrangulamento?

Porque eles queriam chegar a Orrin. Há muito que cada um deles suspeitava da morte de Melanie tinha algo a ver com uma das missões de Orrin. O fato de a pessoa nunca ter tocado ele ou seus irmãos disse que a morte de Melanie foi suficiente para ferir Orrin.

Owen olhou para Natalie e afastou os cabelos do rosto enquanto sorria para ele.

—Eu finalmente tenho você, — disse Natalie.

Ele a segurou mais apertado.

—Você sempre me teve, querida.

Ela enroscou os dedos nos dele e olhou para ele com tanto amor que o deixou sem fôlego. Ninguém jamais a machucaria novamente. Ela sabia atirar, e aprenderia também combate corpo a corpo porque ele a queria preparada. Porque ela era dele.

—Eu te amo.

Ela sorriu. —Eu te amo.

Com essas três pequenas palavras, seu mundo foi corrigido mais uma vez.

EPÍLOGO

O som estridente do telefone fez Natalie pular na cadeira diante do computador. Ela olhou para cima quando Owen caminhou em sua direção do escritório de seu pai, o celular na mão.

—É Callie.

Natalie assentiu para o telefone. —Responda.

Ele colocou no viva-voz e disse: —Ei, Cal.

—Natalie está aí?

Ela franziu a testa e deslizou do banquinho ao som de angústia na voz de Callie.

—Eu estou bem aqui.

—Você não vai gostar disso, Owen, — a voz de Wyatt apareceu.

Natalie trocou um olhar com Owen. Mesmo tendo vencido contra o grupo que os atacava novamente, ela sabia que essa era apenas uma das muitas escaramuças. Ragnarok ainda estava na posse deles - e ainda seguro.

Por enquanto. Mas o perigo estava aumentando a cada dia. Natalie entendeu isso, e ela entendeu sua parte em tudo isso.

—Diga-nos, — Owen solicitado.

Callie soltou um suspiro.

—Finalmente pude fazer uma busca nos santos. Gente, isso é ruim. Muito mal. Eles são uma organização-sombra.

—Owen, — Wyatt disse, sua voz baixa em preocupação.

—Não conseguimos encontrar o chefe deste grupo. Os santos parecem fazer parte de todas as posições de elite na Rússia.

Natalie sentou-se no banquinho. Ela não era estranha a organizações secretas, tendo ouvido o suficiente sobre elas na faculdade. Quase todo mundo tinha ouvido falar dos Illuminati ou da Nova Ordem Mundial.

A maioria das pessoas desconsiderou tudo isso como teorias da conspiração que não tinham um grão de verdade. Mas sempre havia verdade neles.

—Nós pensamos, — Callie se apressou a dizer.

—Não há muito nesse grupo. Eles são muito secretos. Muitos dos blogs ou artigos que li foram rápidos em descartar os santos como boatos ou inventados.

—Mas você não? — Owen perguntou.

Callie hesitou por um batimento cardíaco.

—Eu não. Existem muitos casos de mudanças de poder na Rússia que imitam alguém planejando todo o caso. Eu poderia listar tudo, mas é muito longo.

—Um exemplo pode ser esquecido, — disse Wyatt.

—Um casal pode ser uma coincidência. Mas quando visto como um todo, não há dúvida.

—Portanto, não é Egor Dvorak controlando os russos aqui, — disse Natalie. —São os santos.

Callie fez um som.

—Não tenho provas, Nat. Esse é um pressentimento baseado no que encontrei - e não encontrei. Eu descobri um artigo com quase sessenta anos sobre uma aliança dos principais membros da KGB, os militares e a elite da Rússia que se chamavam santos. Alguém tentou remover todas as instâncias desse artigo.

— Mas Callie encontrou - disse Wyatt, com uma nota de orgulho em sua voz.

—Dê a ela mais tempo. Ela pode descobrir mais.

Natalie apoiou o cotovelo na mesa enquanto sua mente girava com as possibilidades do que esse grupo - os santos - poderia fazer com eles. Ou com Ragnarok.

—Cullen precisa saber, — disse Owen.

Wyatt disse: —Já tentei ligar para ele. Ainda não consigo encontrá-lo, mas enviei uma mensagem. Vamos torcer para que ele entenda.

— Que tal ligar para Mia? - ofereceu Natalie.

—Já fiz isso, mas também não recebi uma resposta dela.

A carranca de Owen se aprofundou quando ele olhou para o telefone.

—Quando vamos atrás dele?

—Isso pode ser a coisa errada a se fazer, — disse Callie.

—Especialmente se ele e Mia estão se escondendo.

—E se não estiverem? — Wyatt perguntou.

Natalie estendeu a mão enquanto Owen caminhava até ela. Seus dedos entrelaçados. Ela viu a apreensão por Cullen em seu olhar.

—Cullen é um Loughman, — disse Natalie.

Houve um trecho de silêncio onde Owen sorriu para ela.

—Vamos dar a ele mais alguns dias.

—Então vamos encontrá-lo, — afirmou Wyatt.

Sklad

Orrin não ficou surpreso quando Yuri o acorrentou à cama. O bastardo estava parado na porta, observando a médica ruivo checar seus sinais vitais. O olhar dela nunca se moveu para Orrin, e ele não a olhou. Ele queria ter certeza de que Yuri acreditava que eles não haviam se falado. Porque se Yuri pensasse por um momento que a mulher o ajudara, seu filho estaria morto.

—Você parece.... Bem, — disse Yuri.

Orrin suspeitava que tivesse algo a ver com o que a médica injetou no seu IV a cada seis horas.

Yuri cruzou as mãos atrás das costas e caminhou para o lado oposto da cama da mulher. Ele sorriu para Orrin e disse:

—Sua casa foi destruída.

Ele manteve o rosto passivo. A casa e os edifícios podem ser reconstruídos. Gado e cavalos substituídos. Seus filhos e Callie, no entanto, não puderam.

Ele esperou que Yuri lhe dissesse quem havia sido morto. Orrin não tinha certeza se poderia manter a calma se algo tivesse acontecido com sua família.

—Nada a dizer? — Yuri perguntou com um sorriso.

Orrin apenas o encarou. Ele não daria nada a Yuri.

Yuri deu de ombros.

—Houve uma briga por lá. Muitos tiros foram trocados. Sei que pelo menos um foi morto e outro ferido.

Não importava como Orrin escondia suas emoções do rosto, ele não conseguia controlar sua pressão arterial. O monitor ao qual ele estava ligado começou a emitir um sinal sonoro com o bater do coração.

Yuri riu e girou nos calcanhares.

— Acho que vou esperar para lhe dizer quem morreu mais tarde. Estou gostando muito disso.